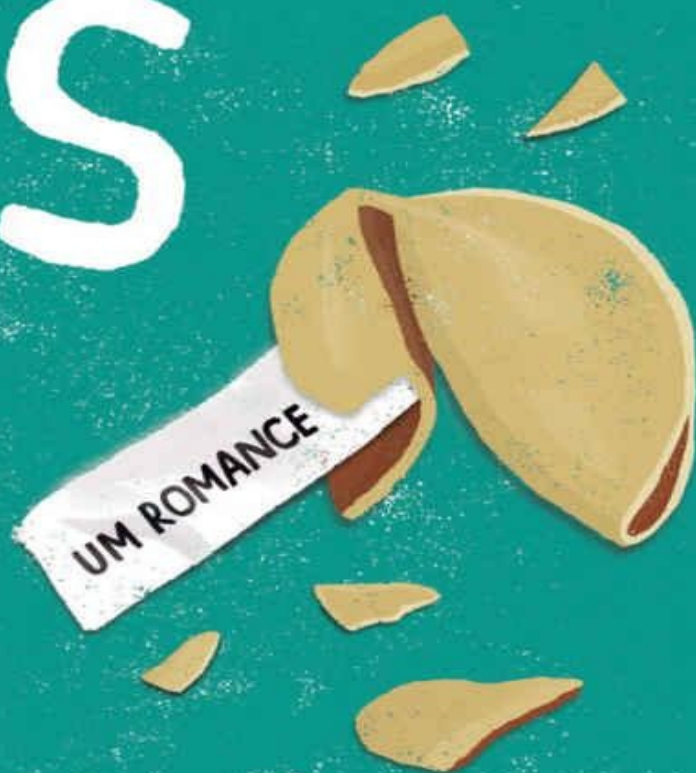


OS CRIADORES DE COIN- CIDÊNCIAS

**YOAV
BLUM**





OS CRIADORES
DE COIN
CIDÊN
CIAS

OS CRIADORES
DE COIN
CIDÊN
CIAS YOAV
BLUM

Tradução
Fal Azevedo

 Planeta

Copyright © Yoav Blum, 2015

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017

Todos os direitos reservados.

Título original: *The coincidence makers*

Preparação: Luiza Del Monaco

Revisão: Giovana Bomentre e Opus Editorial

Diagramação: Márcia Matos

Capa e ilustração de capa: André Stefanini

Ilustrações de miolo: Sudowoodo/Shutterstock

Adaptação para eBook: Hondana

Esta é uma obra de ficção. Todas as personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são ou produto da imaginação do autor ou usados de forma ficcional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Blum, Yoav

Os criadores de coincidências / Yoav Blum ; tradução de Fal Azevedo. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2017.

320 p.

ISBN: 978-85-422-1140-5

Título original: *The coincidence makers*

1. Ficção estrangeira I. Título II. Azevedo, Fal

17-1184

CDD 892.43

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção israelense

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

“Deus não joga dados com o universo.”

(Albert Einstein)

“Einstein, pare de dizer a Deus o que fazer com seus dados.”

(Niels Bohr)

De Introdução às Coincidências - Parte I

Olhe para a linha do tempo.

Claro, é apenas uma ilusão. O tempo é um espaço multidimensional, não uma linha reta.

Mas, para nossos propósitos, olhe para a linha do tempo. Preste atenção. Identifique como cada evento na linha é, ao mesmo tempo, causa e efeito. Tente localizar seu ponto de partida.

Você não terá sucesso, é claro.

Todo agora tem um antes.

Este é, provavelmente, o problema principal – embora não o mais óbvio – que você encontrará como um criador de coincidências.

Portanto, antes de estudar teoria e prática, fórmulas e estatísticas, antes de começar a criar coincidências, vamos iniciar com o exercício mais simples de todos.

Olhe de novo para a linha do tempo.

Encontre o local correto, coloque um dedo sobre ele e simplesmente defina: “Este é o meu ponto de partida”.



Aqui também, como sempre, o *timing* era tudo.

Cinco horas antes de pintar a parede sul de seu apartamento pela ducentésima quinquagésima vez, Guy sentou-se na pequena lanchonete e tentou dar um gole em seu café, de um jeito atento e cuidadoso.

O corpo dele estava um pouco afastado da mesa, inclinado numa posição que deveria sugerir uma calma criada por anos de autodisciplina, com a xicrinha de café gentilmente protegida entre os dedos, como se fosse uma concha preciosa. Com o canto dos olhos, acompanhava o progresso do ponteiro dos segundos no relógio acima da caixa registradora. Como sempre acontecia nos momentos antes da implementação, ele sentiu a consciência frustrante de sua respiração e das batidas de seu coração, que por acaso abafavam o tique-taque dos segundos.

A cafeteria estava meio cheia.

Ele observou as pessoas ao redor. Mais uma vez, conseguiu enxergar em sua mente as teias de aranha cruzando o ar, a delicada e invisível rede de conexões.

Sentada de frente para ele, na outra ponta do salão, estava uma garota de rosto redondo, com a cabeça apoiada no vidro da janela, permitindo que a música nos fones de ouvido, desenvolvida por alquimistas do marketing especializados em

romances juvenis, inundasse seus pensamentos. Seus olhos fechados, suas feições relaxadas – tudo irradiava tranquilidade. Guy não sabia o suficiente sobre aquela garota para entender se ela de fato se sentia assim. A jovem não era parte da equação naquele momento. Ela não deveria se envolver no processo; estava ali apenas como elemento do cenário.

Um casal hesitante, em seu primeiro ou segundo encontro, ocupou a mesa em frente à garota, tentando avançar no que talvez fosse uma conversa amigável, ou uma entrevista de emprego para a posição de cônjuge, ou uma guerra silenciosa de gracinhas camuflada por sorrisos e olhares desviados, de modo a evitar um contato visual prolongado que pudesse criar falsa sensação de intimidade. Na verdade, o casal era um exemplo daqueles relacionamentos apressados que giravam aflitos ao redor deles mesmos. O mundo estava cheio de casais assim, independentemente do esforço que se fizesse para evitá-los.

Um pouco mais ao fundo, no canto, um estudante parecia ocupado em apagar um antigo amor do coração, sentado a uma mesa tomada de papéis cheios de anotações à mão. Ele olhava para uma xícara grande de chocolate quente, fingindo concentração acadêmica para disfarçar seus devaneios. Guy sabia o nome dele, o histórico médico e emocional, as reflexões, os sonhos, os pequenos medos. Guy tinha tudo arquivado em algum lugar... Tudo de que precisava saber para prever as possibilidades e organizá-las de acordo com as complexas estatísticas de causas e efeitos.

Por fim, duas garçonetes de olhos cansados – que ainda estavam, sabe-se lá como, sorrindo e em pé – conversavam

intensa e discretamente junto à porta da cozinha. Ou melhor, uma delas falava enquanto a outra ouvia, assentindo de vez em quando, comportando-se conforme o protocolo “estou prestando atenção”, ainda que, para Guy, parecesse que ela estava com a cabeça em outro lugar.

Ele também conhecia a história dela. Ao menos esperava que sim.

Apoiou o café na mesa e contou os segundos em sua mente.

Faltavam dezessete minutos para as dezesseis horas, de acordo com o relógio acima da caixa registradora.

Ele sabia que cada pessoa ali teria uma hora ligeiramente diferente em seu relógio. Meio minuto a menos ou a mais não chegava a fazer diferença.

Afinal, as pessoas não se distinguiam umas das outras apenas por ocuparem espaços diferentes. Elas também atuavam em tempos diferentes. Até certa medida, moviam-se dentro de uma bolha de tempo pessoal criada por elas mesmas. Parte do trabalho de Guy, como o General dissera, era unir esses tempos diferentes sem que o encontro parecesse artificial.

Guy nem sequer tinha um relógio. Ele havia se dado conta de que nunca usara um. Tinha tanta consciência do tempo que não precisava de relógio.

Ele sempre havia adorado a sensação acolhedora que tomava conta de seu corpo no minuto que precedia a execução de uma

missão. Era a sensação de saber que estava prestes a esticar um dedo e cutucar o mundo ou o céu. A noção de que desviaria as coisas de seu caminho natural e familiar, coisas que um segundo antes se moviam em uma direção completamente diferente. Ele era como um homem pintando grandes e complexas paisagens, mas sem tinta ou pincel – apenas com o giro preciso e delicado de um enorme caleidoscópio.

Se eu não existisse, pensou mais de uma vez, precisariam me inventar. Teriam de fazer isso.

Bilhões de movimentos assim aconteciam todos os dias, correspondentes entre si, compensando um ao outro e flutuando numa dança tragicômica de futuras possibilidades. Nenhum dos protagonistas estava ciente desses movimentos. E ele, numa simples decisão, percebia a mudança que estava prestes a acontecer e então a executava. De forma elegante, tranquila, discreta. Mesmo que fizesse tudo às claras, ninguém acreditaria no que havia por trás. Ainda assim, antes de agir, ele sempre tremia um pouco.

— Em primeiro lugar — havia dito o General, quando eles começaram —, vocês são agentes secretos. Exceto pelo fato de que todos os outros são, antes de qualquer coisa, agentes, e só depois secretos, enquanto vocês são em primeiro lugar secretos e, de certa maneira, também agentes.

Guy respirou fundo, e tudo começou a acontecer.

A garota sentada à mesa em frente fez um movimento contido quando uma música de sua playlist terminou e outra

começou. Ela afastou a cabeça do vidro da janela, abriu os olhos e olhou para fora.

O estudante balançou a cabeça.

O casal, ainda medindo um ao outro, sorriu constrangido, como se não houvesse outro tipo de sorriso no mundo.

O ponteiro dos segundos estava quase completando um quarto do seu ciclo.

Guy expirou.

Tirou a carteira do bolso.

No momento exato, uma breve e irritante campainha separou as garçonetes, enviando uma delas à cozinha.

Ele colocou a conta sobre a mesa.

O estudante começou a recolher sua papelada, ainda agindo lentamente e parecendo pensativo.

O ponteiro dos segundos atingiu metade do ciclo.

Guy apoiou a xícara, ainda meio cheia, a exatos dois centímetros da borda da mesa, sobre o dinheiro. Quando o ponteiro no relógio alcançou a marca dos quarenta e dois segundos, ele se levantou e acenou para a garçonete que ainda estava no salão, fazendo um movimento que significava tanto “obrigado” quanto “até logo”.

Ela acenou de volta e começou a andar na direção da mesa.

Enquanto o ponteiro passava a marca dos três quartos, Guy caminhou na direção da rua banhada de sol e desapareceu da vista de todos os que estavam na cafeteria.

Três, dois, um...



O estudante bonitinho do canto se preparava para ir embora.

Ainda que Julia estivesse atendendo aquela mesa, Shirley, pelo jeito, teria que terminar de tomar conta dela, já que a colega estava na cozinha. Não que se importasse. Gostava de estudantes. Gostava de garotos bonitinhos. Um estudante bonitinho era mesmo uma ótima combinação.

Shirley balançou a cabeça.

Não! Pare com esses pensamentos imediatamente! Já chega de caras bonitinhos e encantadores e todos os outros adjetivos que você costuma procurar por aí.

Você já caiu nessa, você já fez isso. Você tentou, você testou, você se jogou, você se ferrou. Mas agora aprendeu. Chega. Acabou. Você está dando um t-e-m-p-o.

O outro cara, o de olhos melancólicos, acenou para ela enquanto saía.

Ela o conhecia, se é que era possível conhecer alguém por suas visitas semanais e silenciosas. Ele geralmente tomava seu café até o fim, deixando uma borra densa no fundo, como se esperasse por uma vidente que nunca viria, e o dinheiro cuidadosamente dobrado embaixo da xícara.

Ele deixou a cafeteria e ela ficou com a impressão de ter percebido certa tensão em seus passos. Aproximou-se da mesa agora vazia e conseguiu não olhar para o estudante.

Afinal, ela era um ser humano como qualquer outro. E já tinha se passado um ano inteiro. Era óbvio que sentia a

necessidade de algum tipo de carinho. Não conseguia se acostumar com a ideia de que estar sozinha era o novo ficar junto. De que precisava ser forte, autêntica, uma linda e solitária loba na neve, ou um leopardo no deserto, ou qualquer coisa do tipo. Anos e anos de filmes água com açúcar, canções pop melosas e livros bobinhos tinham conseguido construir um mundo de ilusões românticas em sua mente.

Mas tudo vai ficar bem.

Tudo vai ficar bem.

Ela esticou a mão, um tanto perdida em seus pensamentos.

Ouviu um barulho discreto e virou a cabeça para trás. Era a garota com os fones de ouvido, cantarolando para si mesma.

Mesmo antes de virar a cabeça, soube que havia cometido um erro.

Seu cérebro agora percebia todos os movimentos ao redor conforme iam acontecendo, prevendo-os, sincronizando-os com a precisão de um relógio atômico, mas sempre um milionésimo de segundo atrasado.

Agora, sua mão estava apenas esbarrando na xícara em vez de segurá-la.

Agora, a xícara, que por algum motivo estava perto demais da beira da mesa, perdia seu equilíbrio.

Agora, Shirley esticava a outra mão para tentar apanhar a xícara que caía; não conseguia, e o objeto se espatifava no chão, e ela dava um grito agudo de frustração.

E, agora, ali estava o estudante – ou melhor, um jovem

rapaz, um jovem rapaz nem um pouco interessante – erguendo a cabeça em direção ao grito, movendo a mão na direção errada e, acidentalmente, derramando o chocolate quente sobre seus papéis.

E, agora, Bruno saía da cozinha.

Merda.



— Vocês vão precisar ser um pouco cruéis, às vezes — diria o General. — Acontece. É necessário. E eu gosto disso, na verdade. Mas vocês não precisam ser pequenos sádicos para entenderem o que eu digo. O princípio é bastante simples.

Guy caminhava pela rua, contando os passos, até que se permitiu virar e olhar de longe. A xícara já devia ter caído. Ele daria uma olhada, apenas uma rápida espiada, para ter certeza de que tudo estava bem, só para confirmar. Não era imaturidade, era apenas uma curiosidade saudável. Ninguém ia notar. Ele estava do outro lado da rua, afinal. Tinha permissão de fazer isso.

E, então, ele iria sabotar o encanamento.



Shirley viu o estudante praguejar, agitando-se para resgatar as páginas escritas à mão.

Ela se abaixou rapidamente para recolher os pedaços quebrados da xícara e bateu a cabeça na mesa. Merda de novo.

Tentou recolher os cacos maiores sem se cortar. Seus sapatos estavam salpicados de manchas de café, tipo onça pintada.

Será que mancha de café saía fácil? Será que aqueles sapatos sequer podiam ser lavados?

Sem mover os lábios, xingou tudo e todos. Aquilo já tinha ocorrido duas vezes com ela na cafeteria, e Bruno tinha deixado bem claro o que aconteceria na terceira.

— Deixe isso aí — ela ouviu uma voz séria dizer.

Bruno se agachou do lado dela, roxo de raiva.

— Mil desculpas — Shirley disse. — Mesmo. Foi... um acidente. Eu só perdi a concentração por meio segundo. Eu juro.

— É a terceira vez — resmungou Bruno, irritado. Ele não gostava de gritar na frente dos clientes. — Na primeira, eu disse que não tinha problema. Na segunda, eu avisei.

— Bruno, me desculpe.

E, então, ele olhou para ela.

Ah, que erro.

Ele detestava ser chamado pelo primeiro nome. Shirley não costumava cometer esse tipo de erro. O que havia de errado com ela hoje?

— Deixe isso aí — disse ele, em voz baixa, pausadamente. — Devolva o uniforme, pegue a sua parte das gorjetas de hoje e vá embora. Você não trabalha mais aqui.

E, antes que ela pudesse dizer uma palavra, ele se virou e

voltou para a cozinha.



Agora Guy corria.

Ainda tinha muito a fazer. Nem tudo podia ser preparado com antecedência. Algumas coisas precisavam ser feitas no último momento, ou pelo menos era preciso verificar se estavam funcionando como deveriam.

Ele ainda não tinha alcançado o ponto no qual, depois de deixar as xícaras caírem, podia apenas se sentar para observar a sequência de acontecimentos. Ele ainda precisava dar um empurrãozinho neles, em tempo real.



Ele teria que xerocar a maioria do material outra vez.

Uma das garçonetes – não a que estava recolhendo os cacos do chão e parecia prestes a explodir em lágrimas – foi até ele com toalhas de papel e o ajudou a secar o chocolate quente que as páginas ainda não tinham absorvido. Os dois limparam a mesa em silêncio e com rapidez. Ele acabou deixando a maior parte dos papéis lá.

— Pode jogar esses fora. Eu vou xerocar tudo de novo.

— Ah, que chato — disse ela, franzindo os lábios, com pena.

— A conta, por favor — disse ele. — Eu já estou de saída.

Ela assentiu e se virou, e ele sentiu o aroma de seu perfume. Um antigo alarme ressoou baixinho em sua cabeça: o perfume de Sharon.

Aquilo era tudo de que ele não precisava agora.

Piscou para afastar o pensamento e continuou a enfiar os papéis que conseguira salvar em sua pasta. Então, com a mesa já limpa, a garçonete entregou a conta.

Ele nem percebeu que havia parado de respirar quando ela se aproximou, apenas para não correr o risco de sentir seu cheiro novamente.

Quando ela se afastou, ele ergueu os olhos da conta e viu a segunda garçonete, a que tinha derrubado a xícara, deixando a cafeteria, já sem o uniforme.



Guy se sentou no ponto de ônibus e abriu a caderneta.

Ele estava num lugar onde ela não conseguiria vê-lo, mas, só para garantir, fingiu estar lendo as anotações.

Ele tinha aberto a caderneta numa das primeiras coincidências em que trabalhara. A missão era fazer com que um funcionário de uma fábrica de sapatos perdesse o emprego. O sujeito era um compositor brilhante que nunca havia descoberto seu talento para a música. No primeiro estágio, Guy precisara

arranjar as coisas para que o homem fosse demitido; no segundo, teve de colocá-lo em contato com a música de forma a estimulá-lo a tentar compor alguma coisa.

Tinha sido uma tarefa bastante complicada para um criador de coincidências novato, e bem menos emocionante do que as missões com as quais havia sonhado.

Guy lembrou que tinha sido bastante pretensioso na época. Tinha tentado fazer algo muito além de sua capacidade de planejamento. Lendo o caderno, recordou ter precisado lançar mão de uma cabra particularmente agitada, vacinas contra gripe e uma queda de energia que paralisara a fábrica inteira.

Ele falhou, é claro. Acabaram demitindo outra pessoa porque Guy não tinha calculado corretamente a hora da chegada dos funcionários. Isso acontecera no tempo em que só levava em conta a pessoa em questão, em vez de perceber as conexões dela num cenário mais amplo. Guy não tinha atentado para o congestionamento comum nas manhãs de terça-feira na vizinhança do compositor, e havia outra pessoa na fábrica bem na hora em que Guy pensara que seu alvo estaria presente.

Toda a manobra que tentara executar estava esboçada em quatro páginas do caderno. Quatro páginas! Quem diabos ele pensava que era?

Outro criador de coincidências acabou por providenciar que o homem fosse demitido cinco meses depois. Também deu um jeito para que o outro, o que fora demitido por engano, preenchesse a vaga recém-desocupada. Guy não fazia ideia de quem havia feito aquilo. Mas ele tinha consciência de que várias músicas poderiam jamais ter sido escritas por causa do erro que

cometera.

Nem todos os seus erros tinham sido corrigidos como daquela vez. Nem sempre havia uma segunda chance.

Do outro lado da rua, ele viu a garçonete que derrubara a xícara chegar ao ponto de ônibus.



Naquele momento parecia que o mundo inteiro girava em torno de seus passos ritmados na calçada, do leve roçar dos braços no tecido da roupa e da etiqueta que lhe pinicava as costas. Quando estava irritada, ela prestava atenção em detalhes irrelevantes.

Não fazia muito tempo que tinha descoberto isso.

Era estranho, mas não tinha sido a demissão abrupta o que a incomodara, e sim a sensação de que as coisas não haviam seguido o esperado. De uma hora para outra, em questão de segundos, tudo mudar? A vida não devia tratá-la desse jeito. Devia apresentar as novidades com mais calma, fossem elas boas ou más. Não devia jogar pedras no seu lago e achar graça dos círculos que se formavam. Por que ela tinha a impressão de que o que acontecera tinha sido como trombar num conhecido distante ao virar uma esquina?

Tinha chovido mais cedo e, apesar do sol brilhante e quente que agora banhava a rua, havia um cheiro diferente no ar. Um

pequeno córrego marrom fluía no meio-fio em direção ao esgoto, o que fez com que um ônibus malcriado espirrasse água nela enquanto passava, molhando outra vez seus sapatos. E ela perdeu seu ônibus, é claro. Esse era um daqueles dias.

Ela só precisava conseguir chegar ao fim dele sem nenhuma lesão grave nem nada parecido, e o dia seguinte seria mais tranquilo. O dia seguinte seria dedicado à avaliação dos danos, a uma inspeção meticulosa do que alicerçava sua vida e à tomada de uma decisão racional sobre como seguir em frente, e para onde.

Repreendeu a si mesma pelo melodrama. Tinha sido demitida, grande coisa. Não era uma experiência transformadora que pudesse vir a contar aos netos ou a um psicólogo. Aquele estava sendo apenas um péssimo dia. E você já está bem familiarizada com dias assim. Já são amigos íntimos. Sem drama, por favor.

Ela estendeu a mão. Poderia demorar uma hora até o próximo ônibus. Seria melhor pegar um táxi, tomar um longo banho e ficar na cama até o dia seguinte. E, então, vamos ver o que vai acontecer. Vamos procurar trabalho em outro lugar. Vamos ver o que faremos quanto ao aluguel do próximo mês. Vamos ver quais são as instruções para lavar esses sapatos.



Guy estava preocupado. Ela não parecia desanimada o suficiente.

Ele esperava um nível médio-alto de desânimo.

Pensando bem, podia ser bom que ela não estivesse tão desanimada. Permaneceria aberta a novas ideias.

Por outro lado, uma leve frustração, aliada a uma pontinha de tristeza, poderia fazê-la ansiar por alguém em quem se apoiar.

Ou poderia simplesmente encorajá-la a ficar longe das pessoas.

Eu devia ter considerado essa hipótese, pensou Guy. Sou tão idiota. Devia ter calculado o grau de tristeza com antecedência, com mais precisão. Você precisa minimizar as chances de erro em tudo o que diz respeito à escolha. Essa é a primeira lição. Tudo bem, não a primeira, talvez seja a quinta.

Não, a décima. Não lembro mais.

De todo modo, ela não parece desanimada o suficiente.



— O que está acontecendo? — perguntou ele, de dentro do carro. Um homem que ia pela calçada parou.

— O quê?

— O que está acontecendo? — perguntou outra vez. — Por que os carros não andam?

— Um cano estourou mais à frente — disse o homem. — A rua está bloqueada.

— Ah, obrigado.

Ele daria a volta. Se virasse à direita aqui e depois à esquerda, dava para alcançar a paralela e então... Não, sem passagem ali. Talvez virando duas à direita e depois à esquerda, indo por aquela rua de mão única. Mas e se aquela não fosse uma rua de mão única, e sim uma rua sem saída?

Sharon sempre ria dele naquelas situações.

— Como você completou o treinamento militar se nem consegue circular pela cidade?

— Andar pelo centro é mais difícil — ele reagiria.

— Deveria ser ainda mais fácil — responderia ela.

— Se você não ficasse perturbando — diria ele. — Você acaba com a minha concentração.

Ela sorria aquele sorriso só dela e inclinaria um pouco a cabeça. Era um sorriso meio descrente de Monalisa.

— Não, não, estou falando sério — diria ele. — Mapas, ruas, gráficos, direções. Eu confundo tudo. Agora, por exemplo. Só tem dois lugares onde posso estar: ao seu lado ou longe de você. Como posso conseguir lembrar o caminho até o cinema assim, hein? Me diz.

E ela se inclinaria um pouco e sussurraria ao seu ouvido:

— Esquerda, depois direita no final do quarteirão, e, por fim, siga reto até a rotatória, comandante.

Então as páginas estavam arruinadas. E daí? Ele não ia deixar aquilo estragar o seu dia... ou qualquer outro dia. Não mesmo.

Ele iria para casa, enfiaria aquela papelada nojenta no canto

mais escuro do apartamento, baixaria uma comédia, a comédia mais tosca que pudesse encontrar – alguma com estudantes universitários ou britânicos neuróticos ou mulheres espanholas falando rápido demais – e então se sentaria em frente à TV com cerveja e amendoins e aproveitaria o momento sem nenhum sentimento de culpa.

Ou iria até a praia. Essa também era uma possibilidade.

De todo modo, a cerveja era um elemento importante. A cerveja ficaria ofendida se não fizesse parte daquilo. Não se brinca com cerveja – e ele tinha aprendido isso do jeito difícil.

Ele inclinou a cabeça para trás e gritou de alegria. Sempre que adia uma tarefa relacionada aos estudos, ficava de bom humor. Se sentia tão vivo. Ele adorava aquela sensação de felicidade e contentamento, que permitia que enxergasse a vida para além das obrigações, algo por que você precisa se deixar levar.

Um dia serei um guru zen, pensou. Vou libertar as pessoas, fazer com que elas gritem e sorriam para a vida.

Mas até lá, continuarei sendo pelo menos uma pessoa de bem: ajudando uma velhinha, dando carona a alguém, comprando flores para entregar a uma desconhecida na rua.

E logo ele gritava de alegria outra vez.



As pessoas reagem às coisas de formas diferentes.

As pessoas também tinham fraquezas diferentes. Guy descobriu as fraquezas do estudante em algum momento durante sua pesquisa.

Nenhuma das fraquezas em particular preocupava Guy, exceto a dificuldade do estudante em se orientar pela cidade.

Então, deu um jeito de o rapaz assistir a um documentário militar no dia anterior. Ele adorava influenciar os pensamentos das pessoas mudando a programação da televisão. Aquilo era relativamente fácil e fazia a coisa toda parecer uma aposta. E ele já não se atrevia a arriscar uma aposta maior do que aquela.

Guy sentiu que havia uma chance de que, depois de assistir ao filme, quando o estudante perguntasse a si mesmo para onde ir ao sair da cafeteria, alguma coisa parecida com “esquerda, direita, esquerda” surgisse em sua mente. Só para garantir, as outras ruas estariam impedidas.



Tinha passado muito tempo. Ela precisava pegar um táxi. Sem muita vontade, fez sinal com a mão outra vez e tentou calcular as chances de conseguir um novo emprego naquela semana.

Chegou à conclusão de que não havia chance, e foi quando um carro popular azul parou ao lado dela e abriu a janela.

Distraída, ela informou ao motorista o seu destino e entrou no veículo. Assim que fechou a porta, percebeu que aquele não era um táxi. Sem querer, havia pedido uma carona, e agora

estava sentada ao lado do estudante da cafeteria, que tinha certeza de que ela havia acenado para ele...

Ele engatou a marcha, sorriu para ela e voltou a dirigir.

E agora, com o carro em movimento, ela não tinha como se enfiar num buraco no chão.



Ela era bonitinha, e quieta também. Uma combinação perigosa, na avaliação dele.

Parece que você não consegue deixar de fantasiar um relacionamento com qualquer criatura que use saia, ele repreendeu a si mesmo. Apenas siga com a sua vida, meu amigo.

Mas, pensando bem, se vou à praia tomar uma cerveja...



Ele se esforçou de verdade, é preciso que se diga.

Ela contou quase um minuto mentalmente antes de ele romper o silêncio.

— Espero que ele não tenha gritado muito com você — ele arriscou, esboçando um sorriso.

— Não, ele não é de gritar. Quando está irritado, só fala de um jeito muito enfático.

— Enfático?

— Diz cada palavra lentamente. Uma de cada vez.

— E quão enfático ele foi dessa vez?

— Ele me demitiu. — Ela deu de ombros.

Ele olhou de relance para ela, com ar preocupado.

— Sério?

— Sério.

A palavra “sério” não podia soar mais dura e brusca. Essa foi a última palavra aqui, meu amigo, ela pensou. Espero que tenha ficado claro.

Parte dela era assim. Adorava ser desaforada em conversas fiadas. Para quebrar a sequência já estabelecida de perguntas e respostas óbvias, nada como uma palavra inapropriada ou uma frase capaz de silenciar, gerar constrangimento, causar desconforto e fazer pensar: “Bem, pelo jeito ela não quer m-e-s-m-o conversar”.

Não fale sobre trabalho. Não fale sobre nada. Dirija. Estou aqui por acaso. Apenas dirija.

— Eu, é... sinto muito por isso.

— E eu sinto muito pelos seus papéis. Vi que espirrou tudo

nas suas anotações.

— Não foi nada. Eu xeroco de novo. — Agora era a vez dele de dar de ombros.

— Tá bom.

— Não foi nada, mesmo.

— Já entendi. Então eu não sinto muito. — Sorriu para si mesma.

— É, isso.

— Meu nome é Dan.

— Shirley.

— Tenho uma prima chamada Shirley.

E daí?

— É mesmo? Olha só.

— Pois é.



Guy contou sua respiração de novo. Ele sabia que isso deveria ser mais eficiente do que contar os segundos, mas virava um problema quando o ritmo da respiração ficava irregular.

Ele tirou o celular da bolsa e esperou um pouco.

E mais um pouco.

Você poderia chamar essa ligação de “desencargo de consciência”, não?

Ele discou o número.



— Vou te deixar na esquina antes da sua rua, tudo bem? Lá na frente ela vira uma rua de mão única... Digo, eu acho.

— Ótimo. Sem problemas. — Ela se permitiu um sorriso breve.

— Seu apartamento fica perto da praia, né?

— Sim, bem perto. — Um passo para a frente.

— Você vai bastante à praia? — sondou.

— Às vezes. Não muito. — Dois passos para trás.

— Eu vou de vez em quando. É bom pra relaxar um pouco.

— Eu não acho, na verdade. O barulho das ondas quebra a minha concentração.

— Você não precisa se concentrar pra relaxar.

— É, pode ser.

Ela sorriu. Um bom sorriso. Quer dizer, em geral um sorriso é uma coisa boa, não?

— Acho que vou à praia essa tarde. Quer vir comigo?

— Olha...

— Nada demais, sério. Eu levo cerveja e você pode levar alguma coisa se quiser comer. Só sentar e conversar. Sério.

— Acho que não.

— Olha, normalmente eu esperaria até a gente conversar mais, é claro. Ia tentar impressionar você com um monte de

comentário inútil. Não sou desses que apressam as coisas, mas é que a gente já vai chegar e...

— Não estou a fim dessas coisas.

— Do quê?

— Relacionamentos.

— De nenhum tipo?

— De nenhum tipo.

— Como uma freira?

— Mais como uma espécie de greve.

— Por quê?

— É complicado.

— Há quanto tempo está em greve?

— Olha, acho que não vale a pena... Que barulho é esse?

— Acho que vem da sua bolsa.

— Ah, é meu celular, merda. — Ela vasculhou a bolsa até encontrar. — Alô?

— Oi.

— Sim?

— É a Donna?

— Não — Sentiu sua sobrancelha se levantar por conta própria, irritada.

— Alô?

— Não, não é a Donna.

— Donna?

— Não tem nenhuma Donna aqui. Foi engano.

— Alô?

— Foi engano! Engano! — gritou.

Desligou o celular e o jogou na bolsa, no chão do carro, junto a seus pés.

— Argh, que dia!



Guy guardou o celular no bolso.

Bom, agora tudo o que podia fazer era ir para casa e torcer para dar certo.

E pintar a parede.



— Pronto, chegamos.

— Ótimo. Obrigada.

— Então a gente não se vê mais?

— Não, eu fui demitida.

— E não tem chance de você furar essa greve?

— Não.

— Eu não sou maluco. Eu juro. Já fui examinado por especialistas.

— Posso apostar nisso.

Um último sorriso, sobrancelhas erguidas.

— Nem uma chancezinha?
Ele já devia ter desistido fazia tempo.
— Não, obrigada.
Estou fora.



Um grande e detalhado esquema da última missão estava esboçado na parede. Havia um círculo com o nome “Shirley” escrito dentro, um segundo círculo com o nome “Dan” e incontáveis linhas saindo de cada um deles.

Ao lado havia longas listas de traços de caráter, aspirações e desejos.

E havia muitos círculos ligados uns aos outros com linhas azuis (ações a serem executadas), linhas vermelhas (situações arriscadas), linhas tracejadas (coisas que poderiam acontecer) e linhas pretas (conexões a serem levadas em conta). Havia uma única anotação dentro de cada círculo, em linhas curtas e hesitantes: “Bruno”, “Julia”, “encanamento”, “Ônibus nº 65” e dúzias de outros elementos que, aparentemente, não tinham conexão nenhuma entre si, como “treinamento básico e sonhos: documentário”, “David, técnico da TV a cabo” e “Monique, esposa de David”. No canto inferior esquerdo havia um espaço para cálculos. A quantidade de café que tornaria espetacular a queda da xícara, quanto perfume deveria sobrar no frasco de Julia, a quantidade de água que fluía por hora no cano, a

profundidade desejada da poça que o ônibus encontraria em sua rota, as músicas que as garotas gostavam de cantarolar.

Havia também uma lista de técnicos de ar-condicionado, tópicos de conversa relacionados a pelicanos, senhas de ao menos nove contas bancárias, ingredientes de cervejas irlandesas, programações de TV de três países, como dizer “boa sorte” em várias línguas, fusos horários, possíveis conexões a serem criadas entre o Peru (o país) e leite de cabra, além de centenas de outros detalhes escritos em letras pequenas e em diversas cores, com linhas que se estendiam para lá e para cá em direção a todas as possibilidades e subpossibilidades, e ainda os contextos, pensamentos e combinações que poderiam conduzir tudo a um único ponto.

Sim, definitivamente, ele havia passado fazia tempo do estágio de trabalhar só com um caderno de anotações.



- Alô.
- Alô.
- Dan, não é?
- Sim.
- Parece que deixei meu telefone com você.
- Sim, no chão do meu carro.
- Devo ter deixado cair quando fui pôr na bolsa.
- Pois é. Então parece que, no fim das contas, você me

deixou mesmo seu telefone. O aparelho, pelo menos.

— Parece que sim.

Um meio silêncio, um quarto de calma, um décimo de tensão.

— Ah... Será que você podia trazer pra mim?

— Sim. Claro.

— Ótimo.

— Mas tenho uma ideia melhor.

— Diga.

— Estou na praia. Você é bem-vinda se quiser vir buscar.

— Ah, tudo bem.

— Ótimo.

— Vou demorar uns quinze minutos.

— Não estou com pressa.

— Tudo bem, então. Até já.

— E... Shirley?

— Sim?

— Tenho bebida aqui, então traz alguma coisa pra comer se puder.

Ângulos cuidadosamente calculados para um telefone jogado com raiva, longas rachaduras nas barreiras finas da solidão, risadas de prazer ecoando num carro por minutos – tudo convergindo a um único ponto.

— Tá bom.



Noite. O mar. Outro cara e outra garota sentados, conversando. Nada em especial. Sorrisos de leve, discretamente protegidos pela escuridão. Jornais espalhados pelo piso e outra camada de tinta aplicada a uma parede que tinha visto o mundo por todos os lados.

Num painel eletrônico, em algum lugar de um aeroporto inexistente, outra entrada foi adicionada em “Amor – Chegadas”.

Sob a coluna Razão, as palavras “coincidência de segundo grau” se iluminaram.

E outro dia acaba.



Quando Guy acordou na manhã seguinte, ainda restava no ar um leve cheiro de tinta, apesar das portas da varanda abertas a noite toda para ventilar o ambiente.

Ele se congratulou mentalmente. Acordar de forma natural é outro bom sinal. Você está se tornando um profissional.

Profissional o bastante para conseguir dormir depois de uma missão bem-sucedida. Profissional o bastante para saber que não deve estender o seu tempo em cena depois de terminar sua parte, nem voltar para verificar como está o cliente. Profissional o bastante para não ficar a noite toda deitado na cama de olhos abertos, apenas para estar acordado no momento em que o envelope aparecer por baixo da porta.

Não que alguma vez ele tivesse conseguido presenciar esse momento.

Mais cedo ou mais tarde, ele sempre adormecia. Algumas vezes, apenas por alguns instantes, mas era o suficiente. Quando acordava, descobria que alguém tinha aparecido e passado um envelope pardo por baixo da porta de seu apartamento.

Ele se lembrava de uma vez em que estava deitado na cama, tomado por adrenalina depois de criar, com sucesso, uma coincidência que evitara que uma mulher traísse o homem que amava. O apartamento estava escuro, mas ele deixou acesa a luz

do hall de entrada e posicionou sua cama de modo que pudesse ver o envelope sendo deixado.

Ele se lembrava de ter olhado o relógio quando marcava quatro e cinquenta e nove. Deu uma piscadela exausta e cochilou por um momento. Quando abriu os olhos, eram cinco e três, e um grande envelope pardo tinha aparecido na sala. Estava lá, bem na parte iluminada, como se risse dele com desprezo.

Ele pulou da cama, tropeçou e torceu o pé. Mesmo assim conseguiu dar um jeito de correr até a porta e escancará-la. Olhou rapidamente em todas as direções. A escadaria estava vazia. Tentou escutar alguma coisa. Silêncio. Num impulso, largou a porta aberta e correu escada abaixo, mancando, dois degraus de cada vez, agarrando-se ao corrimão e tentando não gritar de dor a cada passo, até chegar à rua e começar a procurar por todo lado, como um louco.

A rua estava vazia. Os primeiros raios brilhantes de sol começavam a esquentar o ar gelado da madrugada.

Guy ficou lá, tremendo um pouco, seu cérebro meio entorpecido, em choque pela rápida transição do repouso sonolento para a corrida frenética e dolorosa naquela manhã fria. Pequenos arrepios percorriam seu corpo, numa mensagem que ele decifrava muito bem: “Ei, cara, você perdeu o juízo?”.

Ele se virou e voltou para casa. Quando terminou de subir a escada, já tinha decidido que, na verdade, não se importava em saber quem colocava os envelopes sob a porta.

Ele era um profissional, não era?

Não devia se preocupar com nada além de seu trabalho. Precisava apenas executar suas missões para que os eventos sob sua responsabilidade transcorressem da forma mais simples e natural possível. E ponto-final.

Lentamente, ele se sentou na cama, saboreando aqueles últimos momentos antes de conhecer sua nova missão.

Logo sairia do quarto e iria para a sala, onde encontraria, esperando por ele ao pé da porta, o envelope com as instruções. A primeira página incluiria uma descrição geral do trabalho. Promover o encontro de dois futuros amantes era uma tarefa que ele vinha recebendo com alguma frequência. Talvez dessa vez fosse algo diferente.

A missão podia ser mudar a visão mundial sobre algum assunto, unir famílias, garantir a paz entre inimigos, plantar a semente da inspiração para uma obra de arte, uma nova teoria, uma grande inovação científica, se ele tivesse sorte... quem poderia saber? A primeira página conteria essa descrição, detalhes sobre os envolvidos, o pano de fundo geral da situação, o círculo imediato de pessoas com as quais ele precisaria interagir e os costumeiros lembretes sobre a importância de cumprir todos os prazos.

Haveria ainda relatórios com informações sobre os personagens relevantes. Nomes, lugares, influências, estatísticas sobre tomadas de decisão em várias situações, crenças conscientes e inconscientes. Também estariam no envelope as especificações da coincidência a ser criada, bem como das repercussões a serem evitadas. Numa de suas missões mais recentes, que visava promover o encontro entre dois futuros

amantes, ele fora informado de que a mulher não deveria esbarrar em nenhum membro da família do homem antes de conhecê-lo, e também de que o processo de aproximação dos dois não poderia envolver o consumo de álcool.

Meses antes, ele fora instruído a não recorrer a emergências médicas para facilitar a criação de uma coincidência, cujo objetivo era levar o cliente a chegar a um novo entendimento sobre a morte. Isso complicou um pouco a tarefa.

As últimas páginas especificariam a que atividades “gerais” os criadores de coincidências poderiam recorrer em curto prazo. A explosão do cano de água no dia anterior, por exemplo, tinha sido uma atividade desse tipo. Na verdade, naquele caso as instruções praticamente exigiam a explosão, pois ela havia sido projetada para facilitar uma série de coincidências mais complexas (de nível quatro, pelo jeito) que ocorreriam ao mesmo tempo. Guy talvez pudesse ter cumprido sua missão sem explodir o cano. Há mil maneiras de se bloquear uma rua.

Essas atividades gerais eram sempre problemáticas. Era difícil prever o alcance de suas repercussões se elas não estivessem muito bem definidas nas instruções. Talvez fosse possível prever, mas os diagramas necessários para isso cobririam todas as paredes de um prédio de dez andares. Guy ainda não estava nesse nível. Mais algum tempo na ativa e ele chegaria lá.

E havia, claro, o costumeiro formulário de demissão, no qual ninguém prestava muita atenção. “Declaro para os devidos fins que, em perfeito gozo de minhas faculdades mentais, renuncio ao meu posto... e blá-blá-blá.”

Foi para a sala, onde o envelope esperava.

Permitiu-se ignorá-lo por um momento e foi para o banheiro, com os olhos ainda cansados.

Tivera o mesmo sonho na noite anterior. Cada vez um lugar diferente, mas sempre a mesma coisa. Imagens borradas dele em pé no meio de uma floresta, no centro de um campo de futebol, dentro de um imenso cofre de banco, em cima de uma nuvem macia...

No sonho da noite anterior, ele estava em um deserto. Quilômetros e quilômetros de chão duro e quebradiço se estendiam diante dele, linhas sedentas que se esfacelavam numa superfície marrom-amarelada sem fim. Ele moveu os olhos de um lado para o outro e viu apenas aridez no horizonte, enquanto o sol queimava o topo de sua cabeça.

Nesse sonho, como sempre, sabia que ela estava parada bem atrás dele. Suas costas encostadas nas dele. Sentia a presença dela ali. Só podia ser ela.

Tentou desviar os olhos do terreno estéril e virar-se para ela, frente a frente. Mas, como sempre, seu corpo não o obedeceu. Sentiu uma brisa suave na nuca, tentou dizer o nome dela e acordou.

A cada dois ou três dias, como um amigo inconveniente e incapaz de entender que atrapalha, o sonho voltava, sempre com uma pequena variação. Ele estava começando a ficar entediado.

Quando é que ele teria sonhos normais?

Enquanto escovava os dentes, permitiu que o leve cheiro de tinta

e a sensação de formigamento diante de uma nova missão o deixassem desperto. Ele sempre gostava de esperar um pouco antes de abrir o envelope. Só uma hora depois, quando o ritual matinal estivesse completo e Guy se sentisse alerta e lúcido, ele se sentaria no sofá, colocaria sua xícara de café sobre a mesa e, com uma coceira familiar nos dedos, abriria o envelope.

O envelope da vez era excepcionalmente leve e fino. Ele se perguntou a razão, mas quando o abriu descobriu que continha apenas uma folha de papel. Uma data, um horário, um endereço e uma frase: “Por acaso você se importaria se eu chutasse sua cabeça?”.

De Métodos e Técnicas de Criação de Coincidências – Parte A

Entre os historiadores que pesquisam o assunto, existe o consenso de que a Menção de Clichês é um dos três métodos mais antigos de criação de coincidências, e que provavelmente já existia antes mesmo de Jack Brufford desenvolver o projeto oficial dos métodos clássicos de produção de coincidências.

A Menção de Clichês é considerada uma das técnicas mais simples e baratas, e também uma das manobras mais seguras para estudantes e iniciantes no processo de criação de coincidências. Sendo assim, você praticará M.C. já no primeiro mês do curso. Entretanto, devido às complexidades inerentes ao processo, como demonstrado nos estudos de Florence Bunshet, é comum que os clichês sejam determinados previamente pelos professores, enquanto os alunos do curso praticam principalmente os aspectos técnicos da menção, tais como a ênfase, a dicção, as pausas e espaços ou o posicionamento em relação ao objeto.

Durante as próximas semanas, você aprenderá várias expressões e deve praticá-las à exaustão, para então mencioná-las no local e no momento determinados pelo instrutor.

Durante o curso, estudaremos os três métodos tradicionais de M.C. Para começar, executaremos os exercícios em um ambiente de treinamento. Depois, passaremos a praticar em locais com bastante gente, como salas de espera de hospitais, filas de cinema ou de banco, casas de shows lotadas ou

restaurantes nos horários de pico. O estudante deve treinar até ser capaz de se posicionar no local exato, dentro do alcance auditivo do objeto escolhido, e no momento preciso. Em geral, o objetivo da menção é plantar ideias que não chegariam ao objeto por meio de seus caminhos normais de raciocínio e, assim, instigar nele novos processos mentais. Claro, o clichê deve ser dito para uma terceira pessoa, de modo que o objeto pareça tê-lo escutado por coincidência.

M.C. Clássica. Na M.C. Clássica (M.C.C.), são utilizados os clichês tradicionais. “Querer é poder”, “Quem espera sempre alcança” e “Não adianta chorar sobre o leite derramado” são alguns exemplos. Atualmente, a M.C.C. é usada quase que exclusivamente em treinamentos, pois poucas pessoas ainda se deixam influenciar por clichês clássicos. Estudos demonstraram que o público em geral já se tornou imune a eles.

M.C. Pós-moderna. Uma M.C.P.M. costuma utilizar clichês contraditórios. “Ele não tem a menor chance, o fracote” foi a primeira M.C.P.M., e foi testada, com sucesso, em um jóquei antes de uma corrida de cavalos pelo criador do método de M.C.P.M., Michel Clatiere. Afirmativas negativas têm grande potencial para gerar reações fortes em um objeto que não esteja completamente desesperado. O praticante, obviamente, tem de ter estudado seu objeto antes de recorrer a uma M.C.P.M.

M.C. Personalizada. Essa é a forma predominante de M.C. hoje. O criador de coincidências deve levar a cabo um estudo aprofundado da personalidade do objeto para descobrir palavras-chave, eventos e associações que possam influenciá-lo. Os estudantes só começarão a praticar M.C.P. na segunda etapa

do curso, após terem completado as aulas introdutórias sobre análise de personalidade.

Instruções de segurança para a Menção de Clichês:

1. Sempre trabalhe em dupla. As pessoas tendem a não acreditar em quem fala sozinho. Dessa forma, você e seu parceiro também podem trocar comentários, corrigir e encorajar um ao outro. No começo da conversa, fale em voz baixa, mas diga o clichê em um tom mais alto. A execução de M.C. por uma única pessoa (durante uma conversa falsa ao celular, por exemplo) deve ser realizada apenas por criadores de coincidências certificados.

2. Atinja apenas o alvo. Se perceber que outra pessoa nas proximidades pode ouvi-lo, certifique-se de que a afirmação não afetará aquela pessoa. Vinte por cento dos acidentes com coincidências derivadas de clichês se devem à absorção da afirmação pela pessoa errada.

3. Utilize cinismo e sarcasmo de maneira inteligente. A adoção do cinismo e do sarcasmo como forma de comunicação de mensagens é uma tendência entre os praticantes de M.C.P.M. Assegure-se de que seu cliente é capaz de entender essas nuances da linguagem e utilize-as com cautela.

4. Verifique o resultado. Não considere a ação finalizada antes de uma verificação. Sempre confirme se as suas menções tiveram o impacto desejado e faça correções, caso necessário, antes de prosseguir.



O avião fez uma aterrissagem quase perfeita e parou completamente alguns minutos depois.

O sinal de “Proibido fumar” se apagou, e os passageiros se levantaram e se lançaram numa corrida sem sentido rumo à saída, ansiosos para voltar ao mundo em que a luz se acende automaticamente em geladeiras, não em banheiros.

O matador mais discreto e eficiente do hemisfério norte permaneceu em seu assento e esperou, com paciência, todo mundo desembarcar. Sempre fora paciente, e não havia razão para que aquele voo mudasse isso. Ele tinha dado um jeito de ignorar aquela excitação que sentia. “Excitação” talvez seja uma palavra forte demais. Digamos “prontidão”. Um assassinato por encomenda num lugar que ele nunca havia visitado era sempre uma experiência renovadora, e ele se perguntou se aquela estranha sensação em sua barriga, o pequeno nó que se instalara ali durante a decolagem, recusando-se a desaparecer depois de horas de voo, decorria mesmo da ansiedade que antecedia a missão – um sentimento que já não experimentava havia um bom tempo – ou da preocupação com a segurança de sua bagagem.

Talvez tivesse a ver com alguma coisa que ele comera.

As almôndegas de sua tia sempre o faziam se sentir estranho,

desde que era criança. Mas, naquela época, isso se manifestava na forma de gases, e não como um nó muito bem atado no estômago. O que ele sentia agora parecia algum tipo de ansiedade. Só esperava que uma boa cochilada de meia hora em frente a uma luta de boxe na TV acalmasse sua mente.

Ou melhor, seu estômago.

Levantou-se, sorriu para as comissárias, que sorriram para ele numa resposta automática, e parou por um segundo para espiar o dia do alto da escada. O sol pairava bem no meio do céu, e estava quente. Talvez ele precisasse comprar óculos escuros.

Ao descer a escada, perguntou-se como tinha conseguido viver tanto tempo sem óculos escuros. Óculos escuros eram uma espécie de símbolo de status na profissão dele. Como você pode ser um matador respeitável se anda por aí sem óculos escuros?

Ele se perguntou, já dentro do ônibus que dividia com as outras cinquenta pessoas que tinham corrido para alcançar o veículo antes dele, se era um matador respeitável. Nunca tinha sido tratado como um assassino comum. Isso fazia parte de seu estilo – o fato de não ser como os outros. Ele tinha um jeito diferente de trabalhar. E se não se comportasse como um matador respeitável, mas como, digamos, um agente de viagens metido a besta? Será que agentes de viagens metidos a besta usavam óculos escuros? E um canivete na meia, como ele? Aquilo não era nada confortável; atrapalhava na hora de andar e tirava sua atenção. Se começasse a pensar em si mesmo como um agente de viagens, em vez de como um matador de aluguel,

será que poderia se livrar daquela porra de canivete, usando meias como uma pessoa normal?

Era assim que as coisas funcionavam quando você era escolhido pela profissão em vez de escolhê-la. Normal era apenas uma palavra.

Poucas pessoas o conheciam pelo nome. Não necessariamente por uma questão de sigilo, mas sim porque, em uma profissão como a dele, os envolvidos não estavam interessados em nomes. Atinham-se mais a apelidos. O Peste Negra, O Viúva Negra, O Açougueiro Cantor, O Carrasco Silencioso – eram esses os tipos de nomes que usavam. Ter um apelido fácil de ser lembrado era uma vantagem. Pouquíssimas pessoas poderiam falar dele com base num contato pessoal. Eram essas pessoas que costumavam convencer os outros a contratá-lo. O trabalho de persuasão, em geral, começava com uma espécie de resumo do plano executivo, voltado a indivíduos que nem eram executivos de fato, ainda que alguns deles, às vezes, se considerassem como tal.

O resumo começaria com:

— Ele é muito, extremamente eficiente.

Sem sombra de dúvida, uma declaração positiva. Então, aquele que se definia como executivo perguntaria, por exemplo:

— Mas como ele conseguiu esse nome?

E quem tentava convencê-lo acrescentaria, em vez de dar uma resposta direta:

— E ele é muito, extremamente discreto.

O executivo viraria a cabeça de um lado para outro, deixaria

de lado por um momento a pergunta que o incomodava e tentaria esclarecer se “esse cara” era realmente capaz de realizar “o trabalho”. E, só depois de se sentir satisfeito com os detalhes, perguntaria mais uma vez:

— Mas como ele conseguiu esse nome?

E receberia uma resposta como:

— É só um apelido. Talvez esteja ligado a um trabalho que ele fez no passado.

Havia verdades que não precisavam ser expostas, ou, pelo menos, que só poderiam ser ditas depois que “o trabalho” estivesse terminado.

Ele se sentou na cama de seu quarto de hotel, no décimo quinto andar, com o mar reluzindo à frente de seus olhos.

A mala estava à sua direita, a gaiola à esquerda.

— Aquele é o mar, Gregory. Não é lindo?

Gregory não respondeu.

— Espero que você não tenha sofrido muito lá embaixo.

Gregory estava ocupado. Ele não parecia a fim de conversar.

— Bom — continuou ele —, vou trazer algo pra você comer.

Gregory farejou o ar. Estava mesmo com um pouco de fome.

Eles poderiam tê-lo chamado de O Matador Mais Discreto do Hemisfério Norte, mas aquele apelido jamais pegaria. Talvez porque fosse longo demais, talvez porque as pessoas gostassem de alguma coisa diferente, mais intrigante. Então, em algum momento, ele se tornou O Homem com o Hamster.

Não que ele se importasse com isso. Ele amava Gregory.

Tirou o bichinho da gaiola para acariciá-lo, e o nó em seu estômago se tornou cada vez mais imperceptível, até quase desaparecer.



Emily e Eric esperavam por Guy à mesa de sempre.

Emily estava sentada com as costas voltadas para a janela, porque “desse jeito a luz que vem de fora ilumina todo mundo pra mim”, e Eric estava numa posição da qual podia ver tanto quem entrava na cafeteria quanto as garotas que passavam pela calçada.

— É só uma questão profissional — diria ele. — Estou praticando.

— Praticando? — responderia Guy, sorrindo. — Ah, claro.

— Ah, homem de pouca fé. — Eric se recostaria e levantaria seu suco de laranja como se fosse um dry martíni batido, não mexido. — Numa profissão como a nossa, temos que manter os instintos afiados, notar as interações secretas e inconscientes entre as pessoas, ver como detalhes podem interferir nos processos. Bom, você sabe.

— É — diria Guy, dando de ombros. — Eu sei.

— Além disso — completaria Eric —, há tanta beleza no mundo. É uma vergonha ignorar.

— Soube que você conseguiu uma boa coincidência ontem — disse Eric, quando Guy se juntou a eles.

— Parece que sim — resmungou Guy.

— Pelo que entendi foi outro encontro entre amantes — disse Emily.

— Algo assim — falou Guy.

— Você é muito previsível às vezes — disse ela. — Nunca chega na hora depois de uma missão romântica bem-sucedida. Eu pensava que, depois de tantas missões desse tipo, você se empolgaria um pouco menos com elas.

— É meu tipo preferido de missão — respondeu Guy. — Não posso evitar.

— Você é um populista barato — declarou Eric. — Missões de amor são do tipo mais reversível e, pelas estatísticas, são as missões em que a gente menos precisa investir pra ter mais resultados. Você só quer saber do custo-benefício. Pouco trabalho, lucro alto e frágil.

— Como exatamente você mede o resultado? — quis saber Emily.

— E desde quando você categoriza missões pela relação custo-benefício? — perguntou Guy.

Eric mexeu o garfo numa poça da calda que, vinte minutos atrás, envolvera uma grande pilha de panquecas.

— É bem essa a questão: eu não categorizo nada. Tento conduzir cada coincidência que criamos com as mesmas ferramentas, e até com o mesmo respeito. O caminho é mais importante que o resultado. É preciso elegância. É preciso estilo. O trabalho é mais ou menos como o de um mágico: você garante que seu alvo esteja olhando para um lado enquanto faz as coisas acontecerem no outro.

— Lá vem ele de novo — disse Emily.

— Lá vai ele — disse Guy, revirando os olhos.

— Digam o que quiserem, mas os grandes criadores são aqueles que conseguem realizar coincidências fluidas, elegantes. Coincidências que são obras de arte, não uma coleção de causas e efeitos que no final resultam em...

— Então agora a arte é a razão pela qual o “como” é mais importante do que o “o quê”? — perguntou Guy. E se virou para Emily — O que foi que ele disse da última vez?

— Acho que da outra vez falou aquela coisa da importância de variar — respondeu ela.

— Ah, foi isso mesmo: “Se você não quer acordar um dia e descobrir que odeia o que faz, precisa evitar fazer a mesma coisa o tempo todo”.

— Algo assim.

— Mas, claro, esqueci o movimento das mãos.

— Tudo bem, você conseguiu passar o espírito da coisa.

— Obrigado.

— De nada.

Eles sorriram para Eric.

— Vocês são patéticos — disse ele. — E eu desperdiço uma quantidade preciosa de energia com vocês, uma energia que podia estar gastando com uma coincidência esplêndida, que me uniria àquela garota ruiva de cabelos curtos ali no ponto de ônibus.

— Claro. E os patéticos somos nós — ironizou Guy.

— Não, falando sério — disse Eric. — Aquele criador de coincidências, Paul sei-lá-o-quê. Ele trabalhou três anos num

projeto artístico paralelo e conseguiu fazer com que o álbum *The dark side of the moon* fosse composto de forma a encaixar perfeitamente como trilha de *O mágico de Oz*. Isso sim é uma coisa maravilhosa!

— Mas, Eric, ninguém nunca encontrou esse Paul sei-lá-o-quê. Essa coincidência nunca aconteceu de verdade — disse Emily. — É só uma história que contam no curso pra motivar os alunos.

— Ah, fala sério, olha lá na internet. Aconteceu sim. É uma obra-prima. E o Paul sei-lá-o-quê planejou tudo sozinho. Um gênio.

— Com licença — disse a garçonete, surgindo atrás de Guy e colocando na frente dele um prato com omelete, pão, manteiga e um pouco de salada. — Já trago a limonada com hortelã — acrescentou.

Guy olhou para ela, surpreso. Ele sempre pedia a mesma coisa, mas não sabia que tinham percebido.

— Sabe, você é realmente previsível às vezes — disse Emily, sorrindo.

Ele balançou a cabeça e examinou seu prato. Cassandra estava de repente em sua mente, rindo, e uma lembrança surgiu: “Você? Não se preocupe, você nunca vai me impedir de enxergar. Posso ver através de você daqui até o fim do mundo”.

Guy, Emily e Eric tinham se conhecido no primeiro dia do Curso de Criadores de Coincidências, três anos antes. Dezesesseis meses trabalhando juntos sob a batuta do General podiam tornar íntimas quaisquer três pessoas, mesmo que tivessem personalidades tão diferentes, como eles tinham. Especialmente

quando a turma contava com apenas três alunos.

Durante aqueles dezesseis meses, estudaram juntos história e história alternativa, revisaram mais de quinhentos relatórios de criadores de coincidências do passado, passaram uma noite inteira sentados num carro na frente de um prédio para comprovar ou refutar a Teoria da Frequência da Abertura das Portas, de Moldani, e se perguntaram, uns aos outros, incansavelmente, sobre os padrões de causa e efeito de cada incidente noticiado na mídia naqueles meses.

Alguma coisa acontecia quando se estudava a melhor maneira de quantificar as chances de uma pessoa decidir agir de uma forma em vez de outra. Alguma coisa fazia com que quem estivesse próximo de você se tornasse excepcionalmente humano.

E então eles se apelidaram de Os Mosqueteiros (até que pararam de se chamar assim por acharem que era um nome meio idiota) e se divertiram apostando quais seriam as notícias do dia seguinte, baseados na análise das notícias mais recentes. De vez em quando, lançavam pequenos desafios uns aos outros. Uma vez, para vencer uma aposta que fez com Eric, Guy conseguiu levar um andar inteiro de um prédio a pendurar roupa para secar no mesmo dia. Depois de dois meses de tentativas frustradas, certo dia Emily conseguiu criar uma situação na qual, por meia hora, apenas ônibus de linhas com números divisíveis por três estivessem parados no terminal rodoviário central. Isso aconteceu depois de Guy afirmar que ela levaria pelo menos seis meses só para entender o padrão das chegadas e partidas dos ônibus, as conexões complexas entre eles e a relação deles com o

resto do sistema de transporte da cidade.

Eric conseguiu resolver quase todos os desafios que os outros dois lhe lançaram em menos de uma semana. E ele não parava de falar sobre cada um desses casos bem-sucedidos, até que eles decidiram parar de desafiá-lo e deixaram-no atuar apenas como juiz.

Quando o curso terminou, eles continuaram a se encontrar pelo menos uma vez por semana para um café da manhã. Conversavam sobre as últimas coincidências em que estavam trabalhando e trocavam dicas.

— E aí, o que você está fazendo agora? — perguntou Guy a Emily enquanto comia sua omelete.

— Ainda estou lidando com meu poeta — disse Emily. — Esse cara é muito difícil. Eu achava que poetas eram sonhadores que odeiam banalidades e têm sede de viver, pessoas pra quem cada momento da vida tem um sentido próprio.

— Você ficaria surpresa se soubesse como eles podem ser convencionais, tipo, sei lá, contadores — disse Guy.

— Mas é isso o que ele é agora, não? — perguntou Eric.

— Sim — respondeu Emily, dando de ombros. — Estou tentando colocá-lo numa situação que o faça sentir necessidade de escrever, mas não consigo. Ele é um tipo materialista... Bem, vocês sabem. Ele acha que somos todos máquinas genéticas resultantes de mecanismos evolutivos e blá-blá-blá. Sem inspiração ou idealismo.

— Você já tentou colocá-lo em alguma paisagem

extraordinária ou coisa do tipo? — perguntou Guy. — Alguma coisa que estimule as glândulas de empolgação dele?

— O cara mora num apartamento de três quartos, no centro — suspirou Emily. — Sai de casa pra trabalhar todos os dias às sete e meia da manhã, almoça sozinho, volta pra casa, sai pra andar por uma hora pela vizinhança, assiste à TV até as onze e lê livros de não ficção até dormir. Fala com os poucos amigos via e-mails lacônicos ou telefonemas que não duram mais de três minutos. Ele não viaja, não tem *hobbies*, não vai à praia ou ao teatro ou a lugar nenhum. Até come a mesma coisa todo dia no jantar. Como é que posso gerar uma mudança na consciência de alguém assim? Como posso fazer com que ele descubra seu destino se vive desse jeito tão automático?

— Parece um sujeito difícil — disse Eric.

— Não sei nem se algum dia ele chegou a pensar na ideia de “destino” — disse Emily, frustrada. — Eu sempre pego as missões mais difíceis.

— Quanto tempo você ainda tem? — perguntou Guy.

— Um mês. Já tentei armar encontros inesperados com mulheres lindas e deprimidas. Tentei fazer ele achar um livro de poesia esquecido numa escada. Até dei um jeito do pneu do carro de um poeta famoso furar bem na frente do prédio dele, pro poeta pedir ajuda a ele. O cara é incapaz de entender qualquer sinal. É como se não tivesse nenhuma inclinação natural para a poesia.

— É que ele está sempre muito ocupado — disse Eric.

— Como assim?

— Ele está sempre pensando em outras coisas. Números e

relatórios, quando está no trabalho, e as bobagens que vê na TV, quando está em casa.

— E então?

— E então, demita-o.

— Você sabe que não gosto desse tipo de solução — disse Emily.

— Sua função é executar a missão, não gostar dela. Faça com que ele seja demitido e deixe o cara sem TV por uma semana, por algum problema técnico. Se depois de uns dias olhando pras paredes ele não pegar um lápis e tentar escrever um poema, é porque não tem chance mesmo.

— Essa coisa de arruinar a vida das pessoas pra levá-las pra frente nunca foi a minha praia — observou Emily. — O máximo que consigo é fazer alguém perder a hora do dentista. Tenho pena de tirar o emprego dele.

— Você quer dizer que não tem coragem — retrucou Guy. — Mas Eric está certo. Do jeito que a coisa vai, no fim do mês você vai ter que fazer um relatório do seu fracasso, e o cara vai continuar numa vidinha que, daqui a cinquenta anos, vai perceber que foi puro desperdício. E isso, acredite, é muito mais doloroso que ser demitido.

— Mas...

— Na pior das hipóteses, se você for mesmo sentimental assim, você encontra outro emprego pra ele depois — disse Eric.

— Se tiver tempo pra isso — acrescentou Guy.

Emily lançou um olhar melancólico para o prato meio cheio à sua frente.

— Ah, eu odeio quando as coisas chegam a esse ponto.

— Então você odeia a maior parte das coisas que acontecem no mundo — disse Eric, voltando o olhar para a rua. — Aliás — acrescentou ele —, isso me fez lembrar de uma coincidência da qual ouvi falar uns seis meses atrás.

— Um poeta também?

— Não, um mecânico — respondeu Eric.

— Sabia que o meu primeiro era um compositor? — perguntou Guy.

— Sim, sim, sabia — disse Eric. — Mas agora eu estou falando. Quietamente. Foco em mim, por favor. A gente não está discutindo inclinações artísticas aqui. O homem tinha sessenta e cinco anos e trabalhava como mecânico. Era viúvo e tinha uma filha. Com toda a sua vasta sabedoria, resolveu cortar relações com a moça, porque, pra ele, ela tinha se casado com o homem errado. Ele morava num estúdio em cima da oficina, que nem era dele. Agora, tente planejar uma coincidência que faça com que alguém que trabalhou trinta e oito anos no mesmo lugar, que se acostumou a reclamar o tempo todo da péssima escolha da filha, de como o mundo é injusto, sentindo pena de si mesmo porque a vida lhe foi roubada ou coisa do tipo, que passa as noites bebendo e as manhãs dormindo, reconstrua a relação com a filha. E faça isso acontecer, e agora estou citando a descrição da missão, “por meio de um movimento ativo iniciado por ele e não como resultado de um encontro acidental com a filha”.

— E como fizeram isso?

— Se o que me contaram é verdade, eles tentaram quase tudo, seguindo rigorosamente as regras da missão. Estranhos mencionavam perto dele frases que deveriam despertar

saude; o rádio da oficina quebrou e só transmitia uma programação melancólica, repleta de mães chorosas contando histórias de partir o coração sobre crianças perdidas; alguém levou pra ele consertar um carro com o porta-malas cheio de livros infantis. Nada.

— E no fim fizeram ele perder o emprego? — perguntou Emily.

— Não — disse Eric. — O criador dessa coincidência era um cara conservador. Ele concluiu que nenhuma mudança normal na vida desse sujeito o levaria a reavaliar suas decisões. Nem mesmo uma demissão. Ele só arrumaria outra oficina pra se distrair da solidão ou ficaria em casa sem fazer nada.

— Então o que ele fez? — perguntou Guy.

Eric tomou um gole de seu suco e disse:

— Câncer.

— Câncer! — exclamou Emily, espantada. — Ele não foi longe demais?

— Talvez — disse Eric —, mas os fatos são esses: o homem teve câncer e passou por um tratamento que durou quase um ano e meio. Após o estágio da depressão, o estágio da raiva e o estágio da dor enlouquecedora, ele começou a conversar com as pessoas próximas e a perguntar sobre seus sonhos. Desenvolveu uma obsessão pela concretização dos sonhos dos outros e por tudo aquilo que fazia as pessoas quererem continuar vivendo. Passou a escrever um diário e começou a se dar conta de como tinha sido idiota. Um dia antes de ser informado de que estava curado, viu uma voluntária de dezessete anos chegar ao hospital e o rosto dela o fez lembrar da filha. A voluntária era sua neta,

claro. E então, um dia depois de ser informado que estava curado, fez duas coisas: entrou no carro e foi até a casa da filha, e também pediu em casamento a enfermeira que havia cuidado dele durante todo o processo.

— Caramba! — disse Guy.

— Pois é — concordou Eric. — Profissionalmente, no fim das contas, o caso não resultou muito bem. O criador de coincidências foi advertido pelo uso excessivo de força e, como o prazo determinado era de dois meses, chegaram a classificar a missão como um fracasso.

— Mas e depois que ele foi visitar a filha?

— O status da missão foi alterado, mas não tiraram a advertência do registro. Como punição, ele teve de criar outra coincidência para fazer com que esse idiota com câncer publicasse a história de sua vida. Eles achavam que métodos similares poderiam ser desnecessários no futuro, já que clientes na mesma situação poderiam ler o livro em vez de passar por essa experiência angustiante. Uma suposição idiota, na minha opinião.

Emily e Guy se ajeitaram em suas cadeiras.

— Que história — disse Guy.

— Sim — concordou Emily —, se ignorarmos o fato de ser apenas ficção.

— Ei, você me respeite — disse Eric.

— “Criadores de coincidências são proibidos de causar doenças sérias, danos físicos permanentes ou mortes clínicas em missões que não sejam parte de um processo histórico de nível cinco e que tenham sido aprovadas pelo Formulário 57” — citou

Emily.

— Como você consegue lembrar essas coisas? — perguntou Eric.

— É impossível que essa história seja verdadeira — disse Emily.

— É possível que ele tenha recebido uma advertência — replicou Eric, dando de ombros.

— Sério, é impossível — continuou Emily. — Se você tivesse dito que ele sofreu um acidente ou algo assim, seria uma coisa, mas fazer com que alguém desenvolva um câncer? Como? Como alguém faria algo assim? Tecnicamente, nem temos como fazer isso no nosso nível. Não trabalhamos no nível das células.

— Talvez eu tenha confundido algo, ou exagerado um pouco. Talvez ele tenha produzido um erro nos resultados dos exames, fazendo com que o cliente pensasse que tinha câncer durante certo tempo, quando na verdade ele não tinha nada — disse Eric.

— Exagerado? — perguntou Guy.

— Talvez — respondeu Eric.

Guy e Emily olharam para ele. Eles tinham um olhar específico para situações como aquela.

— O que foi? — perguntou ele, acrescentando: — De todo modo, continuo achando que você precisa fazer ele ser demitido.

— Vou pensar sobre isso — disse Emily.

Guy se recostou na cadeira e perguntou a Eric:

— E em que coincidência você está trabalhando agora?

— Estou em duas — Eric respondeu. — Uma delas eu recebi

faz dois dias. Tenho que fazer um fracassado qualquer arranjar um emprego em três semanas. Essa é bem chata. Estou proibido de usar agências do governo, não posso causar demissões e precisa ser um emprego que o obrigue a sair de casa todos os dias. É o tipo de missão que me faz imaginar se os caras lá em cima não estão só tentando me aborrecer. Talvez eles estejam fazendo apostas às nossas custas.

— E a segunda missão? — perguntou Emily.

— A gente não falou, minutos atrás, daquela garota ruiva de cabelos curtos? — sorriu Eric.

Emily e Guy balançaram a cabeça, sem acreditar.

— Você é maluco — disse Guy.

— Talvez — disse Eric —, mas me divirto.

A garçonete voltou à mesa deles trazendo a limonada com hortelã de Guy.

— Desculpe a demora — falou, colocando outro pratinho na frente deles. Ela se voltou para Emily e disse: — Esse brownie é pra você.

Emily ergueu as sobrancelhas, surpresa.

— Eu não pedi brownie.

— Eu sei — disse a garçonete, apontando para o lado com o queixo. — Foi o cara ali no canto que te mandou.

Eles se viraram. O rapaz, meio envergonhado, pois esperava só um par de olhos em sua direção, fez um movimento tímido com a cabeça.

— Ele mandou isso também — disse a garçonete, colocando um pedaço de papel dobrado junto ao prato.

Emily olhou para o bilhete.

— Ele é bonitinho — disse a garçonete.

— Sim, Emily — comentou Eric, com um leve sorriso —, bem bonitinho.

— Obrigada — disse Emily à garçonete antes de voltar um olhar furioso para os dois amigos.

— Vamos lá — murmurou ela, com raiva —, qual de vocês é o responsável por isso?

Ambos levantaram as mãos por instinto, declarando inocência.

— Por que você acha que fomos nós? — perguntou Guy.

— Acusações falsas não fazem bem pra pele — disse Eric.

— Olha — falou Emily —, eu sei que um de vocês criou uma coincidência praquele cara me mandar um brownie. Tenho certeza.

— É tão difícil acreditar que alguém esteja dando em cima de você? — perguntou Eric.

— Com um brownie?

— E por que não? É delicioso, não é? — perguntou Guy. Emily se levantou, pegando o prato.

— Tá bom. Vou dar um jeito nisso.

— Ah, Emily, dê uma chance a ele — disse Eric. Ela se afastou rapidamente, sem responder.

— Foi você quem fez isso? — perguntou Guy.

— Não. Foi você?

— Não.

Eles ficaram em silêncio por alguns segundos e Eric suspirou.

— Bem, é uma pena. O cara parece legal.

— Sim.

— Minha conta está certa, né? Este é o décimo cara que ela rejeita desde que a gente terminou o curso?

— Pelo menos dos que a gente sabe — concordou Guy.

— Bem, talvez porque ela esteja apaixonada por outro cara...

Guy olhou fixamente para seu prato.

— Cala a boca.

— Eu só estou dizendo ...

— Eu sei o que você está dizendo. Só cala a boca.

Eric ainda estava dando um sorrisinho quando Emily voltou e se sentou.

— E aí — ela perguntou a Guy —, qual sua próxima missão?

— É uma das coisas mais estranhas que já vi — disse ela, alguns minutos depois.

Eles haviam passado de mão em mão a nota que Guy tinha recebido naquela manhã dentro do envelope.

— “Por acaso você se importaria se eu chutasse sua cabeça?”

— recitou Eric. — Taí uma descrição intrigante para uma missão.

— Eu não tenho ideia do que isso quer dizer — disse Guy.

— Você tem certeza de que era um envelope? Do tipo padrão? Um dos nossos? — perguntou Emily.

— Sim — respondeu Guy.

— “Por acaso você se importaria se eu chutasse *sua* cabeça?”

— disse Eric, gesticulando para dar ênfase à pergunta.

— Mas cadê a descrição da missão? Onde estão as restrições?

— perguntou Guy. — Desde quando começaram a enviar

enigmas no lugar das missões?

— “Por acaso você se importaria se eu *chutasse* sua cabeça?”

— disse Eric. — Não, ainda não soa bem.

— Acho que alguém cometeu um erro — disse Guy.

— Não acho que cometeriam um erro assim — disse Emily.

— PAV SISECSC — disse Eric.

— O quê? — perguntou Guy.

— São as iniciais das palavras da pergunta — disse Eric. —

Não significa nada pra vocês, né?

— Não.

Eric voltou o olhar para a folha e deu de ombros.

— Você tem um pequeno mistério aqui. Divirta-se.

— E o que eu faço?

— Acho que você deve ir ao lugar especificado, na hora marcada — disse Eric.

— E...?

— E decidir se você se importa ou não.

— Me importo ou não com o quê?

— Com alguém chutando sua cabeça.



Eric olhou em volta, esperando um táxi aparecer.

— Engraçado — disse ele. — Nos últimos anos, dei um jeito de que pelo menos quinze táxis chegassem bem no momento certo, mas, quando preciso de um, tenho que esperar meia hora até um deles aparecer. E, quando aparece, está ocupado.

Guy riu.

— Casa de ferreiro, espeto de pau.

— Não sou ferreiro — disse Eric. — E, de uns tempos pra cá, decidi que não suporto mais as ironias do destino.

Três segundos se passaram e um táxi parou perto deles.

— E como você fez isso, exatamente? — perguntou Emily, com ar de surpresa.

— Quem disse que eu fiz algo? — Eric sorriu. — Às vezes as coisas simplesmente acontecem, né?

— Você planejou que um táxi chegasse agora só pra poder usar essa frase de efeito, “não suporto mais as ironias do destino”? — perguntou Guy. — Você não tem nada melhor pra fazer com seu tempo?

Eric entrou no táxi e acenou para eles.

— A partida é uma dor tão doce.

— Se é o que você diz... — disse Guy com um sorriso, e o táxi partiu.

— Você lembra a nossa aposta, né? — perguntou Emily.

— Hum... Há uma pequena chance de eu não lembrar — disse Guy.

— Quantas vezes preciso repetir? — suspirou Emily.

— Somos criadores ocupados o bastante — disse Guy, forçando um tom de seriedade. — Não temos tempo para essas bobagens.

— Não tente se safar disso. Nós combinamos... Quando você quiser e, por no mínimo quinze minutos, você precisa conseguir que dez meninas chamadas Emily estejam reunidas no parque. E eu preciso providenciar que dez garotos chamados Guy estejam lá também.

— Tá bom, tá bom.

— Ei, não precisa levar a sério se não quiser, não tem problema. Mas é uma aposta que vale um jantar, você sabe.

— Posso levar garotos também?

— Chamados Emily?

— Ou Emil.

— Desde que eu possa levar uma Gaia. Ele assentiu, sorrindo.

— Fechado.

Ela sorriu de volta, com um velho brilho em seus olhos.

O “parque”, é claro, era o lugar onde tudo tinha começado, do ponto de vista deles.

O primeiro dia do Curso de Criadores de Coincidências tinha começado num banco avermelhado no parque. Guy tinha sido o segundo a chegar; Emily já estava lá. Ele se aproximou devagar,

meio hesitante, e ficou parado perto da jovem de cabelos pretos e curtos.

— Hum, aqui é...?

— Acho que sim.

Emily tinha grandes olhos azul-escuros e um rosto pequeno cor de mármore pálido. Ela deu um sorriso tímido e se apresentou:

— Emily.

— Guy — disse ele, e se sentou perto dela.

Só um segundo depois ele se deu conta de que teria sido mais educado pedir licença. Mas ela não parecia ter se importado.

Crianças jogavam futebol no gramado em frente. Mais adiante, algumas mães e babás estavam sentadas com crianças pequenas, tentando insistentemente impedi-las de comer grama ou de examinar um cocô de cachorro particularmente intrigante, embora não deixassem de falar em seus celulares enquanto se dedicavam a essas tarefas.

Emily segurava um pequeno saco de farelo de pão e espalhava as migalhas no chão ao redor. Alguns pássaros sortudos se aglomeraram por ali, bicando o concreto com ares de especialistas em vida urbana.

— Ao menos agora ambos sabemos que este é o banco certo — disse Guy, tentando quebrar o gelo.

— É — disse Emily, espalhando outro punhado de migalhas.

— Você veio de onde?

Emily se ajeitou no banco e olhou para ele.

— O que você quer dizer?

— Qual era sua posição anterior? — perguntou ele.

Ela o encarou por um tempo.

— Você primeiro — disse ela. — O que você fazia?

— Eu era um A.I.

— Hum, iniciais. Ótimo. E elas significam...?

— Amigo imaginário. Eu era um amigo imaginário. De crianças pequenas, principalmente. É um trabalho interessante.

— Tenho certeza disso.

— E é mesmo.

— Então, do seu ponto de vista, isso é uma promoção? — perguntou Emily. — Esse é considerado um cargo melhor?

— Sim. Eu me acostumei a existir apenas pra uma criança por vez. Uma existência regular e contínua vai ser um desafio interessante pra mim. Estou bem animado.

— Você enviou um pedido de transferência ou simplesmente foi convocado?

— Fui convocado, para ser honesto. Não sabia que era possível enviar um pedido de transferência.

— Parece lógico que exista algo assim, né?

— Talvez. Não conheço muito bem toda a...

— Entendi.

Distraída, Emily espalhou outro punhado de migalhas.

— Esse é o banco para o Curso de Criadores de Coincidências? — uma voz atrás deles perguntou.

Ambos se viraram.

— Você não deveria dizer isso assim — disse Guy. — E se duas pessoas quaisquer estivessem sentadas aqui?

O ruivo magro atrás deles os olhou com uma expressão divertida no rosto.

— Elas pensariam que sou meio doidinho e diriam que não — disse ele. — Vocês não acham que alguém acreditaria que um curso desses existe, né?

— Existem regras... — começou Guy.

— Desculpe, mas nunca ouvi falar de uma regra contra fazer perguntas. E, ainda assim, vocês sabem pra que regras são feitas. O curso é aqui, né?

— É... Mas...

— Ótimo. — Ele deu alguns passos rápidos e se sentou no banco entre os outros dois, cruzando os braços para estender as mãos em ambas as direções. — Prazer. Eric, um homem de muitos talentos.

— Prazer. — Emily ergueu uma sobrancelha e sorriu.

— Gosto de seu cabelo. Seu sorriso também é adorável — disse Eric, antes de se virar para Guy. — Você não sorri?

— Não apenas sorrio como também posso lhe oferecer um aperto de mãos. — Guy estendeu a mão. — De onde você vem?

Eric apertou a mão dele.

— Se você explicar a pergunta, acho que posso responder.

— Ele quer saber o que você fazia antes do curso — disse Emily.

— Eu era um iniciador — disse Eric. — É um trabalho maravilhoso, mas cansa depois de algumas décadas. Ou séculos, depende.

— O que é um iniciador? — perguntou Emily.

Antes que Eric pudesse responder, seu rosto foi coberto pela

sombra da pessoa que havia acabado de parar na frente deles, cuja chegada fez com que os pássaros levantassem voo.

— Bom dia, Classe 75 — disse a figura.

— Bom dia — disse Guy.

— Bom dia — disse Emily.

— Faço as palavras deles as minhas — disse Eric.

De pé, na frente deles, estava um homem de meia-idade, de cabelos curtos e grisalhos e olhos verde-claros, cuja íris lembrava feixes de grama num campo de hipnose. Pela camiseta branca e justa de algodão que ele usava, os estudantes podiam dizer que era alguém que cuidava do corpo. E que seu corpo, em silencioso agradecimento, cuidava dele de volta.

— Esse — disse o homem — é o estágio no qual vocês me seguem e me ouvem.

Os três o obedeceram no mesmo instante. Levantaram-se e o seguiram.

O homem começou a caminhar devagar, a cabeça altiva e as mãos cruzadas nas costas.

— Bom, prestem atenção. Meu nome não importa, mesmo, mas vocês podem me chamar de General. Na verdade, vocês devem me chamar de General, porque esse será o único nome que vão conhecer e ao qual vou responder. Por favor, apaguem de suas mentes, enquanto ainda podem, quaisquer palpites que tenham sobre meu verdadeiro nome, porque logo vou encher suas

cabeças com tanta informação que será difícil para vocês sequer organizarem seus próprios pensamentos. Que nem um louva-a-deus tentando nadar numa piscina de mel. Tudo certo até aqui?

— Certo — disse Eric.

— E vocês dois? — o General voltou os olhos para Guy e Emily.

— Certo, certo — responderam, apressados.

— Quando eu perguntar se está tudo certo — disse o General —, meus três aprendizes imbecis vão ter que fazer o maior esforço de suas vidas, dar um pulo sobre a confusão mental causada por aquela coisa complicada chamada *timing* e responder todos juntos, ao mesmo tempo.

Ele parou e olhou com um interesse fora do comum para o topo de uma das árvores.

— Tudo certo?

— Certo — responderam os três.

— Ótimo. Estou impressionado. Vocês são bem talentosos. Estou até um pouco emocionado. Ah, acho que vou chorar — disse ele, continuando a andar.

— Durante os próximos dezesseis meses, vou lhes ensinar a criar coincidências. Vocês acham que entendem o que isso significa de verdade, ou o motivo pelo qual fazemos isso, mas provavelmente estão enganados.

“Em primeiro lugar vocês são agentes secretos. Exceto pelo fato de que todos os outros são, antes de qualquer coisa, agentes, e só depois secretos, enquanto vocês são em primeiro

lugar secretos e, de certa maneira, também agentes. Sua existência é regular e contínua, como a de qualquer ser humano. Vocês comem, bebem, peidam às vezes, e de vez em quando pegam uma virose, mas, com a ajuda das ferramentas que receberão nesse curso, vão entender a maneira como causa e efeito funcionam nesse mundo e como explorar essa compreensão de modo a criar eventos pequenos e quase imperceptíveis que ajudam as pessoas a chegar às decisões que transformam suas vidas. Certo?”

— Certo.

— Muitas pessoas acham que criar coincidências é determinar o destino, conduzir as pessoas a novos lugares pelo poder dos acontecimentos. Essa é uma visão infantil, sem perspectiva e cheia de arrogância.

“Nosso papel é ficar bem na divisa, na área cinzenta entre o destino e o livre-arbítrio, e jogar pingue-pongue por ali. Criamos situações que criam outras situações que criam mais situações que, por fim, podem criar pensamentos e decisões. Nosso objetivo é acender uma fagulha no lado do destino dessa fronteira, de modo que alguém no lado do livre-arbítrio possa vê-la e, então, decidir fazer algo a respeito. Não acendemos fogueiras, não violamos limites e, com toda a certeza, não acreditamos que nosso papel é dizer às pessoas o que elas devem ou não fazer. Somos criadores de possibilidades, fornecedores de dicas, piscadores de piscadelas tentadoras, descobridores de opiniões. Vocês fiquem à vontade para elaborar outras descrições em seu tempo livre, mas não se enganem: independentemente do que qualquer um de vocês tenha feito antes, é bom ficar claro

que todos acabaram de ser promovidos. Porque há muitos trabalhadores por aí que atuam nos bastidores da realidade, amigos imaginários, tecedores de sonhos, distribuidores de sorte, entre tantos outros, mas, depois de terminarem esse curso, vocês vão ver que seu novo cargo toca a essência em si.”

— O mundo está cheio de coincidências. E a maioria esmagadora delas é apenas isso: uma coisa que acontece por acaso no mesmo momento em que outra coisa também acontece, situações maravilhosamente comuns que ganham contexto por conta de um ótimo *timing*. E o contexto as enche de significado, e o significado, por sua vez, as torna relevantes. Não precisa ser uma sala cheia na qual todas as pessoas vestem a mesma camisa, ainda que isso seja divertido. Pode ser só uma situação em que alguém diz alguma coisa enquanto outro alguém vê alguma outra coisa, e a combinação dessas informações acaba por gerar um novo pensamento. E isso é tudo. Sem drama. Ninguém presta atenção a isso. A ideia é simples. Às vezes, as coisas acontecem de modo a fazer as pessoas pensarem que alguém está lhes enviando uma mensagem. Às vezes, as coisas acontecem de modo a fazer as pessoas simplesmente pensarem, sem necessariamente tentarem atribuir a ocorrência a uma entidade qualquer que queira lhes provocar alguma reação. E, às vezes, as coisas acontecem de modo a impelir as pessoas a olharem para a realidade por um novo ângulo, a tentarem transformar esse Teste de Rorschach^[1] chamado vida, olhando para ela de um jeito diferente. Nós somos responsáveis por esses

três tipos de circunstâncias. Não determinamos destinos. Somos mão de obra do público em geral, e até mesmo escravos dele, se quiserem. Vocês terão vidas particulares, praticamente comuns, mas serão capazes de observar outra camada da vida, ao contrário de outros.

“Criar coincidências é uma arte delicada e complexa, cheia de detalhes que exigem a habilidade de manipular acontecimentos, avaliar situações e reações, e atuar com uma falta de estupidez básica que às vezes é difícil de encontrar. Vocês precisarão usar matemática, física, psicologia... Vou falar aqui sobre estatística, sobre associações e o inconsciente, sobre a camada adicional por trás da existência comum das pessoas, uma camada da qual elas estão absolutamente inconscientes. Pretendo encher os cérebros de vocês com análises de personalidade e teorias de comportamento. Pretendo exigir de vocês um nível de precisão que, de longe, vai superar o de qualquer físico quântico ou químico neurótico ou aprendiz de confeitiro com obsessão por gemas de ovos. Vou obrigá-los a ficar acordados até que entendam por que certos pássaros pousam numa árvore em particular e outros pousam em fios de eletricidade. Vou levá-los a memorizar tabelas de causa e efeito até que se esqueçam do nome do amor de suas vidas, se é que algum dia tiveram um amor ou uma vida. Vou explicar coisas que, de início, vão fazer com que vocês olhem sobre seus ombros para conferir se não há mesmo ninguém conduzindo suas vidas quando estão desatentos, mas que, no fim, vão lhes permitir dormir melhor do que jamais dormiram. Vou transformar vocês, reorganizar tudo o que têm em suas vidas, exceto seus rostos e a disposição de

seus órgãos internos, e vou ensiná-los a fazer as pessoas mudarem sem que elas imaginem, sequer por um momento, que alguém possa ser responsável por isso.”

Ele parou e se virou na direção deles, os olhos verdes um pouco sorridentes, apenas um pouco.

— Perguntas?

— Hum, só uma pequena dúvida — disse Guy. — Com relação à agenda...

— Na realidade, eu não esperava que vocês fizessem perguntas agora — disse o General. — Foi só uma pausa de cortesia. A resposta correta era “não”. As perguntas devem vir só depois. Tenham um pouco de noção, francamente.

— Então... então, não — disse Guy. — Não temos perguntas.

— Ótimo — disse o General. — E agora virem-se.

Eles se viraram. Haviam chegado ao ponto mais alto da caminhada e, dali, era possível ver quase todo o parque. Lá embaixo, no meio do gramado, alguém tinha pendurado uma placa gigante entre as árvores. “Boa sorte, Turma 75”, era o que dizia.

— Vejam isso — disse o General. — Por acaso, hoje haverá aqui uma festa para um grupo de soldados que completaram o treinamento básico. Que coincidência, hein?

O sol avançou por trás do grupo lançando a sombra deles morro abaixo, e os quatro contiveram um sorriso, cada um por uma razão um pouco diferente.



Guy observou enquanto Emily se afastava. Ela ainda lhe parecia pequena e frágil, exatamente como no primeiro dia do curso. Mas, se havia algo que aqueles meses de aprendizado tinham deixado claro para ele, era que não se pode, de jeito nenhum, tentar definir alguém com uma única palavra. Pessoas são complexas. Cair na armadilha dos adjetivos é o primeiro passo para distorcer sua percepção da pessoa para quem se está criando uma coincidência. Palavras são sempre pequenas armadilhas de definição, mas adjetivos são especialmente perigosos, como pântanos. De início, Guy costumava olhar para Emily e pensar apenas na palavra “frágil”. Ele havia amadurecido um pouco desde então.

Ele se deu conta de que sempre havia algo de estranho nela. Algo de misterioso, se ele se permitisse arriscar uma definição.

Guy sempre falava sobre seu emprego anterior, e Eric também não escondia nada sobre seu passado, ainda que algumas vezes inventasse coisas que nunca tinham acontecido. Mas Emily... toda vez que tentavam descobrir o que fazia antes de entrar no curso, ela dava um jeito de se esquivar da pergunta.

— É segredo — disse ela, quando Guy enfim a colocou contra a parede.

— Você tecia sonhos? — ele tentou. — Ouvi dizer que o

departamento psicológico deles exige uns termos de confidencialidade bem estranhos.

— Guy... — disse ela, desconfortável.

— Não vou contar pra ninguém, juro.

— Eu não posso — disse ela.

Em outra ocasião, Emily saiu da sala do General com os olhos vermelhos e um pequeno envelope branco na mão.

— O que foi? — perguntou Eric. — O que você tem aí? É uma missão ou algo do tipo?

— Não é nada — disse ela.

— Está tudo bem? — perguntou Guy.

— Sim, tudo ótimo — ela respondeu, e foi embora rapidamente.

— Pra mim, ela era da unidade especial de distribuição de sorte — disse Eric certa vez. — Eles são bem mais discretos que nós. Lidam com materiais perigosos e tal, e andam com aquelas roupas de proteção especial pra não correrem o risco da boa ou da má sorte respingar neles. Eles não podem nem confirmar que a unidade existe.

— Nunca ouvi falar disso, nem me parece provável que seja verdade — replicou Guy.

— Isso só demonstra o quanto esses caras são bons — disse Eric.

— Você está delirando.

— Ah, não enche.

Então Guy entrou no jogo. Emily e ele eram bons amigos, tirando aquele pequeno assunto sobre o qual não falavam. Que dupla de amigos não tinha algo assim? Mas ele sempre soube que havia algo mais em Emily do que sua aparente gentileza.

“Frágil”... certo.

Ele se virou e começou a caminhar. Talvez o melhor a fazer fosse voltar para casa, ouvir uma boa música, sentar-se na varanda e tentar entender o que o envelope daquela manhã queria dizer.

Ou talvez... talvez fosse melhor evitar a todo custo pensar naquilo, dedicar o dia só a descansar a cabeça. Ler um bom livro ouvindo um pouco de jazz para acalmar (se é que isso era possível) à tarde, comendo um croissant com café naquela pequena cafeteria com uma linda vista. Ah, as vantagens da existência contínua, pensou consigo mesmo. Você tem a oportunidade de fazer coisas não relacionadas ao trabalho.

Ele gostava tanto disso.

Antes de se tornar um criador de coincidências – antes de receber essa vida contínua, esse corpo, essa habilidade de experimentar o presente como algo que era o futuro até um momento atrás, mas que já começava, aos poucos, a se tornar passado –, quando ainda era um A.I., Guy não teria conseguido imaginar que tudo isso era possível.

Naquela época, ele tinha existido só como um personagem na cabeça das pessoas. Era totalmente real para elas, tinha uma

personalidade, nuances sutis de comportamento e um humor limitado ou amplo, conforme o caso.

A experiência como criador de coincidências era completamente diferente.

Guy uma vez tinha feito uma lista e se dado conta de que, durante aqueles anos, tinha sido amigo imaginário de duzentos e cinquenta e seis seres humanos, dos quais duzentos e cinquenta eram crianças com menos de doze anos. Outros cinco eram adultos em vários estágios de declínio mental ou senilidade, tão solitários que não tinham opção a não ser criar alguém para lhes fazer companhia e notar que eles existiam. E o último tinha sido um homem com olhos sem vida, mantido prisioneiro numa solitária por anos, e, por conta disso, forçado a sacrificar um pouco da sanidade que lhe restava inventando o personagem desempenhado por Guy. Só assim ele conseguira não enlouquecer. Ele se esqueceu de Guy no momento em que foi libertado.

Sim, era isso o que Guy fazia. Representava personagens. Ou talvez expressasse várias facetas de si mesmo. Quando você é amigo imaginário de uma criança triste ou solitária, não pode se dar ao luxo de estar de mau humor ou aparentar desânimo, mesmo que não esteja num bom dia. Você tem de cavar fundo no solo firme de sua personalidade até encontrar a água que vai oferecer a outra pessoa, ainda que você mesmo esteja morrendo de sede.

Quando você era o amigo imaginário de alguém, precisava seguir

algumas regras bastante claras.

A primeira determinava que você existia apenas para aquela pessoa. Os discursos irritantes, as tentativas de reeducação, a pregação moral – tudo isso devia ser guardado para o futuro, se e quando você se tornasse uma pessoa real. Quando você era um amigo imaginário, tinha de estar sempre disponível para a sua criança, e tinha de levá-la a um lugar melhor, mas escolhido por *ela* própria, não para onde *você* gostaria de ir. E não era fácil. Muitas vezes, Guy queria segurar a criança que o estava imaginando e gritar: “Não! Não vá por esse caminho!” ou “Vamos, fale logo!” ou “Você precisa parar de fazer isso!”, mas tinha de respirar fundo e se lembrar de que a criança é quem tinha as rédeas da situação, e ele era apenas o cavalo.

A segunda regra dizia que você não podia adotar a mesma aparência externa para mais de um cliente. Guy tinha mudado inúmeras vezes suas características físicas e sua personalidade durante aqueles anos, isso sem mencionar os nomes. Algumas vezes, mudava apenas um detalhe ou outro, só para obedecer às regras mesmo. Ele já tinha sido alto e sisudo, baixinho e rebelde; personificado ursinhos de pelúcia graciosos e soldadinhos de chumbo cheios de energia; assumido a aparência de celebridades, personagens de desenhos animados e bonecos famosos. Guy já tinha sido fazendeiro, mágico, piloto, capitão de navio, cantor, jogador de futebol. Usara vozes doces e tímidas, vozes tempestuosas e autoritárias, vozes afáveis e vozes murmuradas antes da hora de dormir.

A terceira regra, por fim, determinava que, se algum dia você deixasse de trabalhar como A.I., jamais poderia se revelar para

as crianças que o haviam imaginado. O conceito era claro: se uma criança conhecesse alguém no mundo real que só tivesse existido antes em sua imaginação, alguém que pudesse se aproximar e contar a ela segredos dela própria que ninguém mais sabia, alguém que tivesse familiaridade com lugares dentro dela que ninguém mais conhecia – isso poderia gerar dúvidas nas barreiras da imaginação das crianças do mundo todo. No instante em que você se demitia, você estava fora. Fim de papo.

Guy não concordava muito com isso. Algumas vezes ele se perguntava o que poderia acontecer de errado se reencontrasse um de seus clientes. Afinal, as pessoas crescem, mudam, aprendem. Mas não havia exceções. A terceira regra era bastante explícita.

Guy se lembrava da maioria das pessoas que o tinham imaginado.

Ele se lembrava da menina de dez anos que queria alguém que a olhasse e dissesse que ela era bonita. O lado direito de seu rosto era todo vermelho e enrugado, cicatriz de uma queimadura séria. Cada vez que ela olhava no espelho, precisava que ele – no papel de um ator de cinema muito famoso – olhasse por cima de seu ombro e sussurrasse:

— Você é linda. Hoje só eu consigo notar. Mas algum dia os outros vão perceber também.

Por quatro anos, ele se esgueirou por trás dela toda vez que ela se olhava no espelho e a consolou com palavras simples de encorajamento. Até que, certo dia, ela o imaginou enquanto

estava sentada na sala de aula, fazendo um trabalho de escola com outro menino. Os dois estavam sentados a uma mesa e discutiam sobre a resposta de um exercício que tinham que fazer. Guy observava à distância, encostado na parede. Em determinado momento, ouviu o coração da menina acelerar, e eles trocaram um olhar furtivo. Ele sorriu para ela, tentando tranquilizá-la. A menina brincou com o lápis entre os dedos e, com um ar casual, perguntou ao menino a seu lado se ele não se incomodava de fazer trabalhos da escola com ela.

— Não — respondeu o menino, surpreso. — É claro que não. Ela continuou.

— Minha aparência não incomoda você? Você deve me achar horrível, eu sou horrorosa.

Ele olhou para ela, pensou por um segundo e respondeu, sério:

— Feia, você? Nossa, não! Você é bem bonitinha. É legal estar com você.

— Mesmo? — sussurrou ela.

— É... Mesmo — disse ele, envergonhado, evitando encará-la.

A garota olhou mais uma vez para Guy e ele sentiu seu personagem desvanecer, para nunca mais voltar à vida dela.

Ele se lembrava do menino loiro que vivia preso a uma cadeira de rodas, e que imaginava Guy vestido com o uniforme do Super-Homem.

— Eu quero voar — o garoto dizia a ele. — Você me ensina? Ele se lembrava das crianças que o levavam para suas casas na árvore e o imaginavam como um pirata que prendia uma

princesa a quem elas precisavam salvar. E daquelas que o transformavam em seu personagem favorito de desenho animado, colocando em sua boca as frases feitas e de efeito que já tinham ouvido centenas de vezes. Se ele tivesse ganhado um centavo para cada vez que se fez de coelho falante ou de galinha cantora...

E havia aquelas que sempre faziam com que ele se perguntasse o que estaria passando por suas cabecinhas. As que cresceriam para se tornar gênios ou que simplesmente eram estranhas. As que o usavam como um pincel para acrescentar uma camada de cor à realidade ao redor, oferecendo um nível de possibilidade para além de suas vidas, e depois outro e mais outro... As que o imaginavam apenas como uma presença sonora, afinando-o, ajustando-o no ar e fazendo com que ele cantasse para si mesmo. Aquelas que ficavam deitadas na cama à noite, imaginando-o como números abstratos e formas geométricas complexas flutuando sobre si, combinando-se umas às outras e dando a Guy as piores dores de cabeça possíveis, mas que ele suportava em silêncio em nome do senso de harmonia matemática da criança.

Mas a maioria era apenas crianças querendo ter alguém com quem brincar. As solitárias ou aquelas obrigadas por algum motivo a ficar sozinhas, e que acabavam por requisitar os serviços de Guy num breve desejo mental.

Ele se lembrava de uma menina pequena e frágil que o vestia de príncipe e lhe dava um cavalo branco não menos imaginário, que cheirava mais a xampu que a cavalo.

— Me diz alguma coisa romântica, que nem gente grande —

ela pensava em seu coração com tanta força que ele era capaz de ouvir.

Muitas meninas queriam ouvir “alguma coisa romântica” ou experimentar algum conto de fadas particular. No início, Guy improvisava, já que ele mesmo ainda se aventurava nas questões do amor. Ele citava frases preparadas com antecedência, sem entender de verdade as engrenagens da maquinaria complexa que envolve um romance. Mas tudo ficou mais simples depois que conheceu Cassandra.

Sim, ele também se lembrava de Cassandra. Ela não era uma criança, de jeito nenhum.

Seu tempo como A.I. fora uma época maravilhosa de sua vida. Por vezes dolorosa, às vezes monótona e, no caso de alguns clientes, enlouquecedora. Mas fora uma experiência fantástica. Ser um criador de coincidências também era maravilhoso. Era lindo poder se sentar em frente a uma árvore cujas folhas balançavam ao vento, com uma xícara de café e um croissant nas mãos, tendo para si um passado, um futuro e um presente.

Teorias Clássicas de Criação de Coincidências e Métodos de Pesquisa para Aumento da Potência de Causas e Efeitos

Exame Final

Duração do exame: duas horas em sala de aula + uma semana de prática

Instruções: responda às seguintes questões. Você deve descrever o método no caderno de respostas, mesmo no caso de questões de múltipla escolha, se a pergunta exigir o uso de uma fórmula ou incluir uma prova de nível B ou superior.

Parte A: múltipla escolha

Responda a todas as questões.

1. De acordo com o Teorema de Kinsky, quantos criadores de coincidências são necessários para trocar uma lâmpada?
 - a) Um.
 - b) Um para trocar a lâmpada e três para promover a criação de uma companhia elétrica.
 - c) Um para trocar a lâmpada e dois para fazer com que o primeiro chegue até ela.
 - d) O Teorema de Kinsky não permite responder a essa questão.

2. De acordo com os métodos de Fabrik e Cohen, a partir de qual fator na cadeia de causas e efeitos surge a “nuvem de incerteza”? Faça um diagrama

explicativo e exponha o desenvolvimento da prova no caderno de respostas.

- a) A incerteza aparece desde o primeiro instante.
- b) A incerteza aparece quando o objeto decide seguir a razão.
- c) A incerteza aparece quando o objeto decide seguir o coração.
- d) De acordo com o modelo determinístico de Cohen, não há incerteza enquanto existirem desejo ou esperança.

3. De acordo com o método clássico de cálculo, quais as chances de dois homens dentro de um grupo de dez mil amarem a mesma mulher?

- a) Menos de 10%.
- b) Entre 10% e 25%.
- c) Entre 25% e 50%.
- d) Acima de 50%, mas eles vão superar o problema rapidamente.

Parte B: questões dissertativas

Responda a pelo menos três das quatro questões a seguir.

1. Um trem parte da cidade A em direção à cidade B ao mesmo tempo em que outro trem parte de B em direção a A. Sabemos que pelo menos 25% dos homens e mulheres em cada cidade são solteiros, com uma distribuição de personalidades de acordo com o método de Fabrik e Cohen. Calcule a chance de duas pessoas se avistarem no momento em que os trens se cruzam, e dessa troca de olhares fazer com que o coração delas acelere.

2. Mostre como é possível comprovar, através da expansão da fórmula de Wolfzeig e Ibn Tareq, que a partir de certo grau de proximidade social a felicidade age da mesma forma que uma doença contagiosa. Calcule o grau

de proximidade social necessário para que isso aconteça.

3. Explique a prova da existência da imaginação de Darwill. Um ponto extra será atribuído à resposta que também explicar como a imaginação comprova a existência de Darwill.

4. Escolha um dos casos abaixo e demonstre como a ordem de apresentação das possibilidades afeta a escolha.

a) Um vendedor que sugere ternos para um cliente em uma loja de roupas masculinas.

b) Uma vendedora que sugere vestidos para uma cliente em uma loja de roupas femininas.

c) Um garçom que oferece vários tipos de bebidas em um restaurante.

d) A ordem de apresentação dos candidatos em uma cédula eleitoral.

Parte C: exercício prático

Execute uma das duas coincidências a seguir.

1. Faça com que três conhecidos de infância embarquem num mesmo avião, táxi ou trem. Apresente provas de que essas pessoas estudaram juntas na mesma instituição de ensino por pelo menos três anos.

A viagem de avião/táxi/trem será arranjada com antecedência e não deve ser um evento único organizado apenas para essa coincidência. A inclusão de uma viagem não programada resultará na desqualificação do aluno. Um ponto extra será atribuído ao aluno se dois ou mais dos conhecidos de infância conversarem entre si.

2. Crie um engarrafamento no qual mais de 80% dos veículos sejam da mesma cor; a cor é irrelevante.

O engarrafamento não deve durar mais de vinte minutos. Você não pode utilizar acidentes de trânsito ou semáforos quebrados. Um engarrafamento no qual, adicionalmente, mais de 80% dos veículos sejam do mesmo fabricante valerá um ponto extra.

Boa sorte, se você merecer!



O Homem com o Hamster parou na esquina e observou o lugar designado para a morte de seu próximo alvo.

Ele se sentia dividido – mais precisamente, dividido em três.

Uma parte dele estava ciente de que era impossível executar um bom crime sem antes examinar, preparar e planejar. Não podia tratar tudo como um “simples acontecimento”. Ele precisava conferir a agenda da vítima (não, não, não a vítima, o alvo, lembrou a si mesmo). Precisava calcular os ângulos para o disparo, identificar as rotas de fuga, conferir as condições do vento. Era assim que o trabalho tinha de ser feito.

Outra parte tentava persuadi-lo de que tudo isso era supérfluo. Que, no caso dele, era mesmo uma questão de “simples acontecimento”. Que todo esse negócio de calcular o tempo necessário para desmontar a arma e voltar ao carro era bobagem, sem sentido. Quem tivesse de viver viveria, e quem tivesse de morrer morreria. Era assim que as coisas funcionavam com ele. E era por isso que todos o achavam tão bom.

E a terceira parte dele queria apenas voltar para o quarto, se jogar na cama com uma boa garrafa de uísque, acariciar Gregory até ele parar de farejar com nervosismo e se aninhar em suas mãos, e então assistir, na TV, a um programa num idioma que não entendia.

Essas ideias contraditórias haviam antecedido quase todas as suas missões mais recentes. Ele começava a ficar cansado daquilo.

As duas últimas partes tinham forjado uma aliança e lançado uma ofensiva contra a primeira – a única racional, adulta e responsável das três. Não era fácil. Ele tinha um argumento convincente contra as partes que atrapalhavam, em particular contra a terceira, que soava como nada mais que: “Sério, por que você se importa? Vai ser divertido”. No fim, o matador dava de ombros e saía andando. Ele se posicionaria no telhado e usaria um rifle de longo alcance. Lá estava ele, o que planejava.

O único problema era que ele possuía duas armas assim, ambas apropriadas para a missão. Um cálculo cuidadoso da informação era necessário para decidir qual dos rifles usar. A análise envolvia aspectos relacionados ao tempo, às condições de visibilidade de cima do telhado, à sensibilidade do gatilho e à umidade do ar.

Ele parou de andar e voltou a olhar para a esquina. Colocou a mão no bolso e tirou uma moeda. Jogou-a para cima, apanhou-a e espiou o resultado.

O problema do rifle estava resolvido.



Você não é boa o bastante.

Você não é boa o bastante.

Você não é boa o bastante.

Silêncio!

Em casa, de pé em frente à parede toda rabiscada, Emily tentava aquietar seus pensamentos.

Por que ela sempre tinha aquela sensação de fracasso iminente diante das missões? Não havia nenhuma razão concreta para isso, afinal.

Ela era boa. Muito boa. Até Eric dava o braço a torcer e elogiava as coincidências sutis e delicadas que ela conseguia criar. Então por que, cada vez que recebia um novo envelope, ela tinha certeza de que dessa vez – sim, dessa vez – ia fracassar?

E, na verdade, pouca diferença fazia. A média geral de missões bem-sucedidas entre criadores de coincidências era de sessenta e cinco por cento. A dela era de oitenta por cento. Ela não devia nada a ninguém. E daí se esse contador continuasse a ser um contador? Se ele realmente queria seguir por esse caminho, que fosse! Ela não era mais uma estudante. Não precisava impressionar o General, nem Eric, nem Guy...

Emily se sentou no chão.

Ali estava ela de novo, fazendo de tudo para impressionar os outros. Essa era a razão pela qual se sentia tão pressionada, prisioneira de uma busca incessante, olhando para si mesma o tempo inteiro pelos olhos de todos ao redor. Ela sentia essa necessidade de ser maravilhosa, extraordinária, tão encantadora e formidável e bem-sucedida e bem-humorada que ele finalmente cairia aos seus pés na beira da praia, deixando para trás todos os navios arruinados, o mar aberto e as ninfas sedutoras.

Havia algumas palavras que ela não suportava.

“Tique-taque”, por exemplo. A palavra sempre a deixava ansiosa; dava a sensação de algo se aproximando do fim, de asfixia por falta de oxigênio, de uma bomba prestes a destruir tudo. “Sozinha” era outra palavra que conseguia fazê-la perder o sono, passar as noites se revirando e se debatendo, num esforço inútil para escapar dos cenários imaginários nos quais continuava deitada numa cama vazia enquanto o mundo seguia adiante. Emily podia passar dias tentando fugir de “fracasso” ou ignorando “razoável”. E, por alguma razão desconhecida, também não tolerava “biscoitos”.

Mas, nos últimos tempos, poucas palavras a irritavam tanto quanto “amiga”. Ela estava cansada de ser uma “amiga”, de estar na beira do abismo do flerte, das conversas profundas nas quais só podia falar do que não dissesse respeito diretamente a ele, das tentativas frustradas de interpretar se existia um algo

mais no sorriso dele, da dança nauseante de se aproximar por um instante e então se afastar sem olhar para trás, por medo de arruinar o pouco que ainda restava.

Ela odiava ser amiga de Guy.

E havia sempre aquele algo a mais também. Um sentimento diferente. Uma coisa tão verdadeira. E aquela necessidade. Ah, aquela necessidade de vê-lo feliz por pequenas coisas. Aquele desejo incontrollável de se entregar ao outro só para saber se você era capaz de acender alguma coisa dentro dele. Como era possível? Como aquele menino perdido e tímido conseguia fazer isso com ela?

Toda vez que Emily pensava nele, sua cabeça se enchia de imagens que pareciam fragmentos de um sonho.

Momentos de luz e sombra, dias de felicidade e desapontamento. Ela se lembrava com orgulho do momento em que o frio na barriga desaparecera, quando sorriu para si mesma ao perceber que não era um caso de paixão, era amor. Ela não era uma colegial deslumbrada com a ideia de um romance; era uma peça de quebra-cabeça que tinha encontrado a outra peça na qual se encaixava perfeitamente. E estremecia cada vez que se lembrava de quando percebeu que ele, por sua vez, não correspondia ao sentimento.

Para o inferno com esse poeta.

Aquele era o dia. Emily tinha aguardado por um momento exatamente como aquele – um dia de folga, quando Guy estivesse livre.

Ela tinha que fazer isso acontecer. E podia.

Ela se levantou e foi até o cômodo ao lado. Na parede perto da porta havia outro esquema, não menos importante. Tinha sido o próprio Guy quem havia sugerido a ela que usasse as paredes para planejar as coincidências. Por que então não usar isso “contra ele”?

Havia dezenas de círculos desenhados ali, eventos que ela vinha cultivando fazia tempo, esperando o dia em que pudesse deixá-los florescer, numa pequena jornada revolucionária. No topo estava escrito “nós”, e logo abaixo um novelo caótico de linhas e formas e palavras se espalhava. No meio daquela confusão saltavam dois círculos com os nomes “Guy” e “Emily”.

O esquema era imenso. Ia até o limite da parede, contornava a janela na parede ao lado e seguia para o teto, alastrando-se como um derramamento de petróleo e preenchendo quase todo o quarto. Emily às vezes ficava admirada com a quantidade de detalhes. Mas precisava dar o seu melhor, não podia condenar ninguém a nada nem correr riscos. Tinha uma única chance para pegar todas as armas de seu arsenal e usá-las para vencer na coincidência mais importante de sua vida.

Era comum Emily acordar naquele quarto depois de ter se deitado no chão e tentado mais uma vez absorver com o olhar o plano que a cercava nas quatro paredes e no teto. Quando adormecia ali, sonhava que o diagrama continuava a se alastrar

e a crescer durante seu sono, movendo-se pelo chão, numa tentativa de chegar até seu corpo, escalá-la e embrulhá-la em todos aqueles dados, aquelas possibilidades e velhas esperanças.

Emily ia executar o plano. Naquela noite.

Ela era boa o bastante.

O diagrama fora rascunhado pela primeira vez anos antes.

Durante as aulas do curso, em vez de desenhar corações com flechas ou de misturar as letras dos nomes deles como uma garota normal, Emily criava esquemas complexos de correspondência amorosa em folhas arrancadas de seus cadernos ou desenhava círculos conectados por setas em guardanapos. Os rascunhos sempre começavam com dois círculos, um nome dentro de cada um. Aos poucos, aquilo ia crescendo e se transformando num sistema mais e mais complexo de linhas e conexões, até fazê-la desistir para não enlouquecer. Então ela picava o papel em pedaços bem pequenos antes de jogar tudo no lixo.

E, como não poderia deixar de ser, na primeira e única vez que ela deixou de rasgar uma dessas folhas em minúsculos pedacinhos, Eric a encontrou.

Foi numa das noites em que os três estudavam juntos na casa dela, antes de uma prova.

Guy adormecera no sofá, com um volume grosso de *Introdução ao acaso* aberto sobre o peito e com a boca aberta, o

que o fazia parecer um leão-marinho velho e cansado. Eric e Emily tinham decidido deixá-lo dormir e continuar com a chamada oral de história.

Naquela época, ela já sabia que Eric era um narcisista, apesar de ter um bom coração. Mas não estava preparada para enfrentar a curiosidade do amigo. Emily saiu da sala por dois minutos, para buscar café e biscoitos. Quando voltou, Eric tinha nas mãos um dos esquemas dela, e o estudava com grande interesse.

— Eric! — gritou ela, quase acordando Guy. — Por que você mexeu no meu lixo? — Com lágrimas nos olhos, ela foi até ele e arrancou o papel de suas mãos. — Seu filho da p...

— Ei, isso estava bem em cima — disse Eric, levantando as mãos defensivamente. — E vi meu nome escrito aí. O que esperava que eu fizesse?

— O que eu esperava? Esperava que você soubesse respeitar a privacidade em vez sair bisbilhotando as coisas dos outros na primeira oportunidade. Pelo jeito, eu esperava demais de você.

Eric ficou em silêncio e voltou para suas anotações. Emily começou a rasgar a folha de papel.

— Espero que você não esteja pensando seriamente nisso — disse ele.

— Não te interessa.

— O cara é comprometido — disse ele, apontando para Guy com a cabeça. — Isso só ia fazer você sofrer.

— Comprometido? — Isso era novidade para ela.

— Talvez não fisicamente — disse ele. — Mas emocionalmente, sem nenhuma dúvida.

- Com quem?
- Uma A.I. do passado. Cassandra alguma coisa.
- Guy está apaixonado por uma amiga imaginária?
- Sim. Bem infantil da parte dele, né?
- Isso não tem graça — disse Emily, irritada. — Não tem graça nenhuma.
- Seja como for, essa é a real. E, mesmo que ele estivesse disponível, se eu fosse você não tentaria criar uma coincidência pra juntar vocês dois.
- Por que não?
- Porque não é a sua praia. Você é melhor em coincidências de inspiração, não em coincidências românticas.
- Eu nem sei por que estou falando disso com você.
- Tá bom, esquece. Eu já falei o que tinha pra falar.
- E eu consigo criar qualquer tipo de coincidência.
- Com certeza. Você lembra, por acaso, quem criou a coincidência da descoberta da penicilina? Baum ou Young?
- Não mude o assunto. Eu posso criar correspondências amorosas tão bem quanto qualquer um.
- Verdade, mas não pra você mesma. Você está envolvida demais na situação. Acho que foi Young. As coincidências dela são uma coisa incrível.
- Por que não pra mim mesma? Você só gosta da Young porque ela fez o McCartney e o Lennon se encontrarem. Baum produziu muito mais que ela.
- Baum é técnico demais pra mim. A descoberta do LSD, do eletromagnetismo, tudo muito sério. Young coordenou a descoberta dos sucrilhos. Isso é o que eu chamo de um evento

histórico na criação de coincidências.

— Eric.

— E o teflon também, se não me engano. Um segundo, deixa eu checar...

— Eric!

Ele levantou os olhos das suas anotações.

— O que foi?

— Por que você acha que não posso criar coincidências românticas para mim mesma?

Ele colocou as folhas de volta sobre a mesa.

— Em, você pode criar a coincidência que quiser. Mesmo. Tenho certeza de que você vai criar muitas coincidências amorosas e facilitar a descoberta de um monte de invenções e mudar o mundo, minha querida. É só que cada um de nós é melhor em certas áreas. E no seu caso... envolvimento emocional não é seu forte. Sempre prejudica seu equilíbrio, você fica ansiosa, tende a usar força demais. Não que eu seja especialista no assunto, mas é o que parece, pra quem olha de fora.

— Você arruma encontros pra você mesmo o tempo todo.

— Sim, é verdade — disse Eric. Ele parecia um pouco envergonhado, se é que isso era possível para alguém como ele.

— Mas nós não somos iguais. Meu envolvimento emocional com esse assunto é diferente. Eu sou um pouco, hum, como dizer... Eu danço conforme a música. Você é mais, digamos... dramática.

— Eu não sou dramática! — disse ela, batendo o pé no chão. Ele apontou para Guy, ainda adormecido ao lado deles.

— Sabe esse cara aqui?

— Sim.

— Ele é um criador clássico de coincidências românticas. Não acredita que exista uma mulher perfeita, mas não está disposto a aceitar ninguém que não seja ela. Guy é um verdadeiro romântico, alguém que não espera que o amor exista no mundo real. É a combinação certa para tornar alguém capaz de conectar pessoas sem ficar ansioso demais com isso. Você não é assim. Não tente criar uma coincidência pra você mesma. As coisas podem ficar complicadas demais.

— Tá bom, tá bom — respondeu Emily. — Já entendi. Mas agora chega.

Mas uma parte dela já estava começando a maquinar um plano. “Um verdadeiro romântico que não espera que o amor exista no mundo real?” Talvez essa informação fosse útil...

— Onde você colocou minhas anotações sobre sincronicidade? — perguntou Eric.

— E você nunca mais ouse remexer na minha lixeira, entendeu?



De um jeito ou de outro, ele sempre acabava no calçadão.

Guy não tinha muitos dias de folga. Recebia sempre um envelope depois do outro, e só nas raras ocasiões em que terminava um caso de criação de coincidências logo pela manhã era que tinha a chance de caminhar por aí e desfrutar as possibilidades do ócio – até chegar o envelope na manhã seguinte. Esses dias de folga podiam ser contados nos dedos de uma mão.

Para começar, voltou para a cama por umas duas horas. Depois encontrou um bom restaurante de carnes para almoçar e, à tarde, lembrou-se de como era bom sentar de frente a árvores cujas folhas balançavam com o vento, varrendo todos os pensamentos de sua mente. O pequeno clube que descobrira dois meses antes era a próxima parada; um pianista calmo e de olhos sonhadores e uma taça de vinho tinto que faziam tudo para que ele se sentisse um jovem sofisticado. E por fim, como sempre, ele acabou no calçadão, para assistir ao sol se pôr no horizonte e deixar a brisa salgada bagunçar seus cabelos.

Guy se sentou num dos bancos e olhou para o mar enquanto o vinho respirava um pouco e o aroma da noite gelada tomava conta de suas roupas. Não havia quase ninguém na praia. Só um garoto e seu cachorro pulavam e brincavam perto da água, bem

na frente dele, demonstrando como *Amizade* - versão do diretor deveria ser.

Talvez tivesse chegado a hora de ter um animalzinho, também. Não precisava ser um cachorro. Podia ser um gato, um furão ou mesmo um peixinho dourado. Ele até aceitaria se comprometer com um bonsai, se não houvesse alternativa. O garoto e o cachorro na praia se provocavam de um jeito que só se faz com alguém que se ama de verdade. Guy sentiu uma pontada de inveja que logo desapareceu. Inspirou profundamente a brisa do mar e a soltou com um sorriso amargo. Talvez fosse bom não ter muitos dias de folga. Eles o faziam lembrar o quanto era sozinho.

Guy se levantou lentamente e foi andando para casa.

Alguém na prefeitura tinha convencido outro alguém, depois de uma discussão exaltada, que as noites de verão eram o momento de levar as pessoas para a rua, e então todas as árvores da avenida foram decoradas com pequenas lâmpadas coloridas que transformavam o crepúsculo num festival de luzes.

Guy deixou seus olhos vagarem pela rua, o corpo absorvendo a atmosfera enquanto caminhava. Alguns minutos se passaram antes que ele se desse conta, mas, a partir do momento em que percebeu, não pôde mais ignorar. Um casal, abraçado e sorrindo, caminhava à sua frente; no banco próximo a ele, um casal mais velho estava de mãos dadas; um garoto e uma garota, que não pareciam ter mais que dez anos, correram e cortaram seu caminho.

Talvez fosse sua imaginação. Assim como mulheres grávidas veem carrinhos de bebês em todo canto e ex-fumantes só enxergam cigarros por todos os lados, pessoas que se sentem solitárias, pelo jeito, veem casais em toda parte.

Guy olhou ao redor tentando achar mais alguém pela rua sem uma companhia. Nada. Só casais, de todos os tipos, andando rápido, concentrados em seus destinos, caminhando devagar e abraçados, arrastando os pés em uníssono, parados e sussurrando numa esquina.

É, ele precisava de um cachorro.

Por fim, entre todos os casais, ele viu, de repente, um homem andando sozinho e apressado. Guy estava quase agradecendo a ele em silêncio por não ser o único solitário quando o homem trombou numa mulher que deixava uma lojinha de brinquedos, derrubando todas as caixas que ela equilibrava cuidadosamente nos braços. Guy não pôde evitar ouvir a voz do General ecoando em sua cabeça.

— Sei que vocês têm esperado essa lição com ansiedade — ele disse. — Os alunos sempre pensam que Introdução à União de Casais é uma disciplina muito romântica. Também acham que vai ser simples. Tudo o que precisam é de um cara, uma garota e uma esquina, certo? Façam com que um venha de uma direção e o outro de outra, deixem com que trombem assim que virarem a esquina e *voilà*: os livros caem, contato visual, amor à primeira vista, blá-blá-blá. A quantidade de besteiras nesse cenário poderia resolver o problema da fome nos países em

desenvolvimento.

Guy riu para si mesmo enquanto seu novo amigo se desculpava com a mulher em choque e se apressava para seguir seu caminho. Esse tipo de encontro dava certo uma vez em cada mil; em todas as outras novecentas e noventa e nove, era preciso trabalhar mais no caso. Ele esperava que aquilo não fosse uma coincidência criada por alguém. Esse baixo nível de profissionalismo seria bem embaraçoso.

Mas Emily estava certa no que dissera a ele pela manhã. Ele realmente adorava as coincidências românticas. Não por causa do romance; ele não acreditava nisso.

As pessoas costumavam tratar o amor como algo em que se deve ou não “acreditar”, como se fosse uma religião. E, nessa religião, você acreditava que em algum lugar havia entre as pessoas um tipo de conexão cósmica essencialmente diferente de qualquer outro tipo de conexão, e que, na estrutura dessa conexão, você se dedicava a venerar outro alguém. As pessoas precisavam acreditar em algo maior do que elas, ponderou Guy. A religião nem sempre lhes fornece isso, então o conceito de amor lhes oferece tudo aquilo que sempre estiveram à procura: um significado profundo que não é racional e transcende a vida comum. Sem que se percebesse, o amor se tornara outra coisa da qual as pessoas sentiam necessidade num mundo que substituíra a entrega pela posse. Uma casa grande, um carro bonito, um amor incrível. Você não amou? Então sua vida foi desperdiçada.

Um dia, Guy também pensara assim. Mas as coisas haviam mudado. Ele tinha provado daquela fruta e estava familiarizado com ela. E o amor não era assim – era muito mais. Guy já havia

recebido sua porção de amor, e agora ela se fora. Aquele capítulo estava encerrado e trancado. Para seu desalento, Guy aceitara aquilo muito tempo atrás. Agora era hora de tomar conta dos amores dos outros. Por isso as coincidências românticas eram tão importantes para ele. Ao ajudar alguém a alcançar a felicidade que ele não poderia mais experimentar, talvez fosse possível também sentir um pouquinho daquela felicidade. Afinal, ela estaria registrada em seu nome.

Ele se aproximou da mulher na entrada da loja e, com um sorriso, ajudou-a a recolher os pacotes.

— Obrigada — disse ela.

— Sem problemas — respondeu ele.

O chão estava coberto com pequenas caixas de tamanhos variados, jogos infantis clássicos em novas embalagens atraentes.

— São para meus sobrinhos — disse ela, ajeitando as mechas de cabelo vermelho atrás da orelha. — São gêmeos. Eles fazem aniversário na semana que vem, e resolvi comprar algo que talvez os arranque da frente do computador.

Guy ergueu uma caixa de soldadinhos verdes de plástico.

— Sim — falou ele, sem prestar atenção no que ela dizia.

Os soldadinhos na caixa transparente o olhavam de volta com uma expressão inocente.

— Posso? — disse ela.

Em um sobressalto, Guy saiu de seu devaneio.

— Como?

Ela estava ali parada, sorrindo, os brinquedos novamente equilibrados de alguma maneira contra o peito, e apontou para a caixa que ele segurava nas mãos.

— Os soldadinhos, posso?

— Ah, sim, claro. — Ele entregou a caixa a ela. — Desculpe.

— Você tinha quando era criança? — perguntou ela. — Fazem lembrar muita coisa, né?

— Não, não. — Ele tentou sorrir. — Acho que só me perdi em meus pensamentos.

Ela agradeceu de novo e se afastou. Guy ficou ali por alguns momentos e depois continuou caminhando para casa pela rua cheia de casais. Precisava comprar pão, geleia, açúcar, café e algumas outras coisas que ele tinha certeza de que faltavam em casa. Ele passaria no supermercado.

Emily estava sentada na sala de casa.

Então era assim que generais se sentiam enquanto esperavam pelas notícias do front, pensou ela.

Meses de planejamento, paredes cheias de esquemas, semanas de premeditações, até que chegou o dia em que pôde colocar tudo em prática, e no final estava ali sentada, esperando um telefonema.

Se ela ao menos estivesse fazendo qualquer outra coisa nesse meio tempo, seria menos patético. Mas estava apenas sentada, esperando o telefone tocar. E era bom que tocasse.

Guy percorreu as prateleiras tentando descobrir onde haviam escondido seu café.

Sim, ele sabia bem por que aqueles soldados de plástico fizeram o mundo parar por alguns instantes. Era embaraçoso o quanto aquilo era evidente. Na verdade, estava até documentado em algum lugar, em algum caderno velho com as bordas dobradas.

Tinha acontecido ainda na segunda semana do curso. A lição de casa de Introdução às Associações era mapear as linhas de pensamento um do outro. O General afirmou que poucas ferramentas da profissão deles eram tão importantes quanto compreender o modo como “algumas coisas criavam a lembrança de outras” – o que quer que essa afirmação vaga significasse. Guy precisou mapear as associações de Eric, que mapeou as de Emily, e Emily mapeou Guy.

Mapear Eric foi bem simples. De algum modo, tudo estava associado a mulheres, conquistas e comédias dos Irmãos Marx. Às vezes, Guy precisava ir mais além para entender por que um drinque de papaia fazia Eric se lembrar do Vietnã, ou por que ele pensava em saxofone quando alguém falava em chocolate. Mas, no fim das contas, as explicações eram razoáveis, e o mapa da sua trilha de pensamentos chegou a um nível que satisfez o General.

A ideia de ter os pensamentos mapeados por outra pessoa era bastante perturbadora.

Emily era minuciosa. Não permitira que Guy se safasse com explicações parciais. Fazia sentido que associasse livros a prateleiras, argumentou ela, mas por que diabos prateleiras o

faziam pensar em *Duro de matar 2*? Guy também precisou explicar a estranha conexão que sua mente fazia entre pantufas e porcos-espinhos, entre um sorriso e morcegos, entre tacos de madeira e robôs de cor pastel. Mas, de algum modo, Emily pareceu se esforçar ainda mais para descobrir por que soldadinhos de brinquedo o faziam pensar em amor.

— Você precisa me explicar isso — disse ela, com os olhos brilhando.

Eles se sentaram no chão do apartamento dele. Ao lado deles, uma caixa aberta de biscoitos da sorte que Emily encontrara em algum lugar. Toda vez que Guy sentia que precisava de uma pausa eles apanhavam um biscoito, abriam-no e tentavam pensar sobre as coincidências nas quais poderiam usar a frase que ele continha. A caixa já estava meio vazia àquela altura.

— Tem a ver com um primeiro encontro que tive — disse ele, tentando fugir da pergunta. — É só isso.

— Detalhes — disse ela, esfregando as mãos —, quero detalhes.

— Você está descontando em mim só porque o Eric enlouqueceu você com a investigação dele?

Emily sorriu com malícia.

— Só estou me esforçando na lição de casa — disse ela, com uma sobrancelha erguida, sem conseguir disfarçar a mentira.

E então ele contou tudo a ela. Sobre Cassandra, sobre como se conheceram, sobre como se separaram e sobre tudo o que acontecera enquanto estiveram juntos. Emily o ouviu, e perguntou uma ou outra coisa, hesitante, curiosa, como se soubesse que nunca mais falaria daquilo de novo.

Esse foi o começo de uma tradição. Durante o curso, eles se encontrariam com frequência para uma xícara de café e uma caixa de biscoitos da sorte. Eric se juntava a eles algumas vezes, mas no geral cancelava dando desculpas como “uma oportunidade única de ficar preso no elevador com alguém”. Por fim, restaram apenas eles dois. Discussões inteiras surgiam de um pedaço de papel enroscado num biscoito. Não falavam sobre Cassandra. Não falavam sobre o trabalho anterior de Emily. Não falavam sobre o curso. Mas conversavam sobre música, sem abordar seu poder de suscitar associações num cliente. Conversavam sobre filmes, sem discutir cenas que despertavam emoções reprimidas nem tentar descobrir quais roteiros tinham sido escritos seguindo a intervenção de um criador de coincidências. Conversavam sobre seus programas de TV favoritos, sem mencionar a lição do curso sobre Aumentar a Audiência Causando Quedas de Energia. E até conversavam sobre política, ignorando o que ambos sabiam sobre o verdadeiro modo como a popularidade é construída.

A verdade era que Guy sentia falta daquilo. Desde o final do curso eles não tinham tido muitas oportunidades de conversar, só os dois. Suas agendas eram bem malucas, e um deles estava sempre ocupado com alguma nova coincidência. Eram novos naquele negócio e ainda não sabiam como gerenciar bem o tempo sem se deixarem ser engolidos por suas missões. Foram dois, três cancelamentos, e logo aquela tradição se encerrou. Depois de vários meses, quando Eric insistiu em estabelecer uma nova tradição de encontros matutinos entre os três, e depois que encontraram um modo de coordenar suas agendas ocupadas,

aquelas noites com biscoitos da sorte pareceram desnecessárias. Guy pensou mais uma vez no garoto com seu cachorro na praia. Seria ótimo ter uma amizade como aquela agora. Uma taça de vinho nem sempre era uma amiga satisfatória.

O café que costumava comprar estava no terceiro corredor, ao lado de um café especial, um pouco mais caro. Colocou o pote em seu carrinho vazio e, depois de dar mais três passos, viu biscoitos da sorte na prateleira, em promoção.

Dois pelo preço de um.

Emily deixou o telefone tocar três vezes e meia, e então atendeu.

— Só um momento — disse ela.

Segurou o telefone longe da orelha e contou até dez no ritmo de seus batimentos cardíacos. Seu coração estava acelerado, então ela contou mais alguns segundos, dessa vez só na cabeça.

— Alô — Emily colocou o telefone de volta na orelha. — Desculpa, eu estava resolvendo uma coisa.

— Oi — disse Guy. — Como você está?

— Estou bem — disse ela.

— Lembra aqueles biscoitos da sorte que a gente comia?

— Sim, claro — disse ela. — Acho que eles até traziam umas previsões bem precisas às vezes.

— Você lembra de que marca eles eram?

— Não... Mas vinham numa caixa tipo de metal, não era?

— Marrom com uma faixa vermelha, certo?

— Isso.

— Estou no mercado agora e topei com eles. Parece que faz

anos desde a última vez que vi uma caixa assim.

— Uau, que nostalgia — disse ela. — Compre uma pra mim também.

— Hum, sabe de uma coisa? — disse ele.

É claro que sei de uma coisa. Está claro que sei de uma coisa. Espero que você saiba de uma coisa!

— O quê?

— Quer vir em casa? A gente pode comer uns biscoitos, que nem nos velhos tempos.

— Bom, acho que posso deixar umas coisas pra amanhã... — disse ela, devagar o bastante para parecer que estava tentando se decidir.

— Venha, venha, vai ser divertido — insistiu ele.

— Quer saber? Eu vou, sim — disse Emily. — E vamos ver um filme, também. Você escolhe!

— Combinado.

— Ótimo. Vou me trocar e saio em alguns minutos.

Eles terminaram a conversa e Emily se sentiu como se tivesse acabado de pendurar a cabeça do urso que havia caçado na parede de seu esconderijo. Começou a pular pelo apartamento, tentando não gritar demais. Os vizinhos, você sabe. Então ela saltou para o outro cômodo, como uma garotinha, parou perto da parede, ficou na ponta dos pés e beijou a parede no local onde o nome de Guy estava escrito.

Poderia ser legal, pensou Guy, terminar o dia conversando com outra criatura viva. Ele olhou os títulos recomendados em seu

aplicativo do Netflix.

Um sonho possível

A vida é bela

Justin Bieber: never say never

A felicidade não se compra

Uma linda mulher

Aconteceu naquela noite

Ele balançou a cabeça. Sentiu-se meio estranho.

Não estava acostumado a ver comédias românticas nas suas listas de recomendados, mas não era só isso. Havia algo mais. Ele ignorou a sensação e selecionou um filme aleatório, com os olhos fechados enquanto apertava o botão.

Prenda-me se for capaz

Emily adoraria a escolha. Ela amava Tom Hanks.

Só quando voltou para casa foi que Guy se deu conta do que havia feito.

Fazia séculos desde que tinha recebido visitas pela última vez. E agora, quanto tempo tinha, dez minutos?

Roupas estavam espalhadas pela sala, uma velha mancha na toalha de mesa lançava um olhar reprovador para ele, e uma grande pilha de livros, panfletos e cadernos do curso continuava largada num canto, como um monumento à procrastinação. Sem falar dos jornais espalhados perto da parede que ele havia pintado na noite anterior.

Guy apanhou as roupas e empurrou os livros para trás de um dos sofás. Deu uma olhada pela janela e viu que Emily já estava

na sua rua. Ele se apressou. Apanhou os jornais e jogou-os em outro cômodo. Sem pensar, largou-se no sofá e ligou a TV, para que parecesse que era isso o que fazia quando Emily chegasse.

Na tela, apareceu um sorridente homem barbudo contra a encosta nevada de uma majestosa montanha. Seu rosto estava vermelho e queimado do sol, e um casaco grosso o cobria até o pescoço, mas seus olhos brilhavam num tom profundo de azul.

— Em primeiro lugar, parabéns — disse o entrevistador, que estava fora do alcance da câmera, exceto pela mão que segurava o microfone. — Sei que essa é sua segunda tentativa de chegar ao topo.

— Sim — disse o barbudo. — Não deu muito certo da última vez. Foi um horror, pra dizer a verdade. Quebrei a perna... Um pesadelo.

— Mas você decidiu tentar de novo.

— Você sabe como é — disse o barbudo, com um sorriso ainda mais largo. — É por isso que as segundas chances foram inventadas. Não dá pra desistir de algo que você sabe que deve fazer. Era óbvio pra mim que eu precisava tentar de novo. E dessa vez ainda tive um incentivo. — Ele esticou a mão e uma mulher bronzeada de cabelos curtos entrou no enquadramento da câmera, embrulhada num casaco tão grosso quanto o do homem.

Ela acenou e riu quando o cara amassou a barba contra a testa dela.

Emily bateu na porta.

Sentaram-se juntos no sofá e tentaram lembrar como a brincadeira funcionava. Depois de todos os encontros dos quais Eric também participara, sempre dizendo a frase idiota certa na hora certa, alguns ajustes pareciam necessários. Estavam um pouco enferrujados em ficarem juntos a sós.

— Ainda dá pra sentir o cheiro da tinta — disse Emily, o piloto automático ligando a amiga que existia dentro dela, ainda tentando controlar as coisas.

— Sim, ele... ele fica no ar — disse Guy.

Na televisão à frente deles, o alpinista barbudo continuava a mexer os lábios sem emitir qualquer som.

Emily se levantou e abriu as cortinas um pouquinho. Na volta, apanhou a lata de biscoitos da sorte e estendeu para Guy.

— Um pra você... — disse ela, e ele apanhou um biscoito, sorrindo — ... e um pra mim. — Ela pegou outro.

Emily se sentou de frente para ele no sofá, com as pernas cruzadas.

— Fiquei feliz porque você me convidou — disse Emily. — Faz tanto tempo que a gente não faz isso. Senti falta.

Guy sorriu para ela, abriu seu biscoito da sorte e tirou de dentro uma tirinha de papel. No breve instante antes da queda de energia, ele conseguiu ler a frase e erguer os olhos para Emily.

Não olhe para longe. A resposta para a pergunta mais importante provavelmente está na frente de seus olhos.

A escuridão os cobriu em um silêncio cheio de expectativas. Emily ajustou a postura e segurou a respiração.

Ela sabia que o brilho pálido das luzes da rua que entrava pelas cortinas cairia exatamente sobre seus olhos em um feixe branco e diagonal, fazendo-os faiscar. Ouvia batidas de coração e se perguntou se eram dela ou dele. Quando a energia voltou, Guy ainda a olhava nos olhos, e os dois permaneceram em silêncio por um tempo.

Por fim, ele abandonou o biscoito quebrado e disse:

— Acho que me dei conta agora de algo que devia ter percebido faz tempo.

Emily estremeceu de leve.

— Sim? — disse ela, baixinho.

— Não quero que o nosso encontro seja que nem os de antigamente — disse Guy, e ela notou um rubor se espalhando pelo rosto dele. — Quero que esse encontro seja diferente, completamente diferente. Quero que a gente tente uma coisa nova.

— Parece ótimo. — Ela ainda não conseguia falar sem que a voz tremesse.

— Vivi muito tempo preso ao passado.

— Sim...

— E não percebi certos sentimentos até hoje.

— Guy...

— E pro inferno com Cassandra. É você que eu quero.

— Ah, Guy.



Quando as luzes tornaram a se acender, Emily se surpreendeu e voltou à realidade, despertando para o mundo real, um mundo no qual Guy estava sentado a sua frente, encarando o biscoito quebrado e o papel em sua mão. Ele ergueu os olhos para ela e perguntou:

— Emily, o que está acontecendo aqui?

— O que você quer dizer?

Algo dentro dele parecia ter endurecido. Ele se levantou e foi para trás do sofá, mexeu em algo ali e pegou um caderno desbotado caindo aos pedaços. “Técnicas de Seleção de Objetos – Parte B” era o que estava escrito nele. Ele o folheou até achar a página que procurava, e então pôs o caderno sobre a mesa. O título era: “Nº 73 – Escolhendo de uma Caixa Preparada com Antecedência: uma Variação do Exercício de Viton”. As ilustrações explicavam como virar a caixa para que o sujeito pensasse que apanhava um objeto de forma aleatória, mas, na verdade, ele apanharia um objeto predeterminado.

Sem dizer nada, Emily observou o caderno aberto.

— Você preparou o biscoito para que eu o apanhasse, certo?

Ela continuou em silêncio e esmagou seu biscoito entre os dedos.

— Certo?

Emily não respondeu. Guy jogou o caderno para o outro lado da sala e se sentou na frente dela.

— O que está acontecendo aqui?

— Alguém, um grande amigo de um curso que fiz uma vez, me contou sobre seu primeiro amor — disse Emily, baixinho. — Disse que uma vez ele pensou que o amor fosse um tipo de admiração, só que com cheiro bom. Uma situação na qual você vira escravo da ideia que faz de alguém, na qual você se torna fã de alguém por todos os motivos possíveis, e na qual esse alguém se torna seu fã também. Afinal, é assim que todos falam do amor, né? Um relâmpago ofuscante que atinge alguém num dia claro, ou a admiração que brota em seu peito, a percepção, como uma luz branca brilhante, da conexão entre dois espíritos gêmeos, e toda aquela idiotice.

— Você também deu um jeito de que os biscoitos estivessem no supermercado? Arranjou aquela mulher na loja de brinquedos? — Ele não conseguia ficar bravo de verdade com ela, não com ela, mas precisava fingir que estava. Emily tinha de entender que isso não podia acontecer. Não. Podia. Acontecer.

— E então, quando alguém apareceu na vida dele, meu amigo entendeu que tinham mentido pra ele, e que ele também tinha mentido pra si mesmo. Não era admiração, nem perto disso. O princípio era similar, mas logo essa admiração superficial cresceu e virou outra coisa, algo mais verdadeiro. Ele sentia como se tivesse voltado pra casa de novo. Parecia ter chegado ao lugar onde era desejado, em que se encaixava, e sentia que a caminhada tinha valido a pena. Em particular, aquele era um lugar ao qual ele pertencia. Sentia, como ele disse, como se já tivessem se encontrado ou feito algo juntos há muito tempo, e tivessem sido forçados a interromper “aquilo” pra, então, certo dia, retomar, ainda que ele não tivesse ideia de o que “aquilo”

fosse. Ele me contou que nunca sentiu como se fosse o começo. Pra ele sempre pareceu ser uma continuação.

— Emily, escute...

Ela se esforçou para não parecer que estava implorando. Tudo menos isso.

— Guy... Você olha ao redor — disse ela — e nunca vai encontrar um amor que te sirva simplesmente porque não está procurando por ele. Você está procurando por Cassandra, mas já desistiu dela antes. Você está procurando alguém que um dia esteve por aí e não existe mais. É prisioneiro de uma coisa que já acabou, que se foi. E é triste pra mim te ver assim, tentando colorir uma figura cujos traços se apagaram há tanto tempo, imaginando alguma coisa que não...

— Não estou imaginando nada. Estou lembrando. Só as memórias ficaram pra mim — interrompeu ele. — Há uma diferença entre...

— Ainda assim, você é um prisioneiro — interrompeu ela, de novo.

— Eu estou bem assim.

— Mas eu não.

Ficaram sentados em silêncio.

Devagar, todos os círculos de compreensão foram se juntando. Tique-taque, tique-taque, tique-taque. Guy sabia o que Emily queria, o que ela estava tentando preparar, e ela sabia que ele sabia. E ele sabia que ela sabia que ele sabia... e assim por diante.

Que diabos Emily estava pensando?

— Quando foi que começou...

— Faz tempo que venho pensando em como dizer isso, em como oferecer isso, em como... — Ela estremeceu.

Preciso de um abraço, disse o corpo dela. Não, disse o dele.

— Hoje, quero dizer. Quando você começou a criar coincidências pra mim hoje? — perguntou ele, com cautela.

— Na praia — disse Emily.

— O garoto com o cachorro?

— Sim.

— A rua cheia de casais.

— Sim, e algumas outras coisas... — E preciso de um abraço, não consegue perceber?

Ah, que diabos, põe logo pra fora.

— Tenho a sensação de que começamos algo juntos e interrompemos, e agora podemos continuar — disse Emily. — Você não sente isso às vezes? Nem um pouco? Porque eu sim. Toda vez que você está perto, toda vez que você está junto de mim, eu me sinto em casa. Quero continuar de onde paramos. Eu...

— Emily — disse ele.

— acredite em mim — disse ela. — Existe esse lugar.

Emily deveria ter preparado uma queda de energia mais longa, bem mais longa. Agora dava para ver que ela estava chorando.

— Sinto muito — disse ele. — Você é ótima, ótima de verdade. Sabe o quanto me divirto com você. Mas...

Tinha que ter um “mas”, certo? Algum impedimento.

Ele respirou fundo.

— As coisas não funcionam assim. Não comigo. Você não pode preparar uma coincidência pra nós quando o “nós” não pode acontecer.

Emily não ficou lá muito mais tempo.

Não fazia sentido.

Ela havia feito a pergunta e apresentado sua difícil tática de aproximação, a possibilidade na qual trabalhara tanto tempo. E ele havia dado a sua resposta. Um silencioso, mas retumbante, “não”.

Caminhando devagar pelo corredor, tentando não cair, Emily percebeu que o biscoito ainda estava em sua mão. Ela havia preparado várias coisas com antecedência naquele dia, mas seu biscoito era mesmo um completo acaso. Ela o quebrou e apanhou o pequeno papel que estava dentro dele.

“Às vezes”, o papel sussurrou para ela, “as decepções são novos e maravilhosos começos”.

— Sim, claro — disse ela. A luz na escadaria se apagou automaticamente e ela tateou para descer os degraus.



Que saco, entra logo!

Eddie Levy, o contador, estava plantado no corredor, curvado, tentando colocar a chave na fechadura.

Suas mãos estavam firmes, e os dentes cerrados de irritação. Por algum motivo, o simples ato de inserir a chave na fechadura e girá-la parecia complicado. Ele praguejou em silêncio.

Olhando para o relógio, se deu conta de que sua agitação interna já durava quase oito minutos. Era difícil para ele definir aquela sensação estranha, mas sabia que era a última coisa de que precisava no momento.

A chave, por fim, escorregou para dentro do cilindro e ele escancarou a porta. Ao entrar e acender as luzes, pensou nos pequenos arranhões que devia ter feito em volta do buraco da fechadura, como um bêbado vagabundo qualquer.

Tentou respirar fundo, se acalmar e clarear os pensamentos.

Respirar fundo levaria mais ar para seus pulmões e mais oxigênio para sua corrente sanguínea, fazendo com que o cérebro reduzisse a aceleração e voltasse ao normal. Ele se sentia como se alguém tivesse jogado uma daquelas bolinhas de borracha dentro da sua cabeça, e agora ela quicava sem parar,

para todos os lados.

Mas não havia razão para exagerar. Estava tudo bem. Ele não era uma pessoa emotiva e se orgulhava disso.

Enquanto as pessoas à sua volta se tornavam escravas de necessidades ilusórias, ele já tinha mapeado aquele território fazia tempo, não tentava mais explicá-lo. Não havia razão para isso. As pessoas queriam se convencer de tudo aquilo que “sentiam”. E reconhecer que sentimentos não são mais que reações químicas, pequenos impulsos elétricos entre neurônios, fazia com que elas se sentissem de certo modo muito mecânicas.

Eddie não via problemas em ser uma máquina. Era a verdade, e precisava admitir isso. Um pedaço de carne, uma cápsula de DNA, um sistema autoconsciente de órgãos. Bom, e daí? Era assim que as coisas eram.

Mas agora ele se pegava andando de um lado ao outro em seu pequeno apartamento, cruzando o ar pesado entre as paredes cheias de prateleiras, tentando localizar a origem do desconforto que sentia e enviá-lo de volta ao buraco irracional de onde tinha escapado.

Ele parou e balançou a cabeça.

Música. Ia ouvir um pouco de música. Em algum lugar, perdida entre as prateleiras, estava uma coleção empoeirada de CDs. Fazia tempo que não os escutava. Ele tinha um álbum de concertos de piano e orquestra, e tinha escutado só quatro faixas – faixas decisivas, com um tema musical estruturado, um desenvolvimento que podia ser entendido quase como uma

fórmula de duas incógnitas.

Sua música, era disso que precisava.

Encontrou um velho *discman* maltratado, envolvido pelos fones de ouvido como uma presa por uma cobra, e sentou-se na poltrona. Logo nos primeiros acordes, a ordem habitual do universo começou a se restaurar.

Eddie fechou os olhos e se deixou envolver pelo ritmo marcado, quase militar. Já não era mais um homem mal-humorado numa velha poltrona. Ele se via, e via o mundo todo, de longe e com um único pensamento; a poltrona se tornou uma nuvem de moléculas sintéticas, e sentado nela estava um sistema de bombas e tubos, foles e saídas de ar, alavancas e tecidos. Ele foi, em pensamento, para mais longe ainda, para o gélido espaço exterior, e viu uma pequena e patética bolinha azul circundando uma grande bola incandescente. E ainda mais longe, até que tudo fossem pontos imóveis num espaço vazio. Olhando de altura suficiente, tudo parecia igual – átomos organizados de forma complexa. Quer fosse um bloco de granito atravessando a galáxia, quer uma bomba de sangue feita de músculos que alguém, em algum momento, decidira ser o assento das emoções humanas.

A música terminou.

Não fazia sentido ouvir a faixa seguinte, que era lenta e irritante. Em qualquer outro dia, ele desligaria o som e prosseguiria com suas atividades noturnas. Mas, talvez devido ao cansaço da caminhada, ou talvez porque se sentia confortável

na poltrona e o *discman* tinha escorregado para longe no chão, Eddie se deixou envolver pelo resto do concerto. Aquela parte suave, sedutora e sentimental que ele não escutava fazia décadas.

Quando ele acordou, não havia mais música.

As pilhas do aparelho tinham acabado no meio do álbum, mas ele continuara a ouvir a sinfonia em sonho. Seu corpo estava pesado e, quando levou a mão ao rosto, sentiu que estava molhado.

Ele estava suando.

Espere um pouco – não, ele não estava suando.

Horrorizado, ele percebeu que aquilo era a trilha deixada por uma lágrima. Derramara uma lágrima enquanto dormia. Essa era a última coisa de que precisava.

Mas, agora, seus dedos tinham tocado essa terrível salinidade e, desvanecendo como o flash de uma câmera fotográfica, toda aquela preciosa distância que ele havia conseguido criar desaparecera. E o sistema complexo e aleatório sobre a poltrona foi substituído por um homem melancólico e solitário, sentado num apartamento com as persianas fechadas.

Tudo isso por causa dela.

Tudo o que ele tinha feito fora sair para sua costumeira caminhada noturna. Depois de um dia inteiro sentado no escritório, suas juntas precisavam de um pouco de movimento.

Contabilidade não era uma profissão que permitisse muita atividade física. Ele gostava de se cuidar, e a caminhada de cinco quilômetros em marcha acelerada tinha se tornado uma rotina.

Primeiro ele a viu de longe, saindo de um prédio, com os ombros caídos. Nada que chamasse a atenção. Mas ele apressou o passo, reduzindo a distância entre ele e as costas magras e aparentemente frágeis dela. Ela virou à direita na esquina. Quando ele chegou até lá, olhou para o lado e a viu se desmanchando em lágrimas, sentada no chão, devastada.

Não fora a primeira vez que Eddie Levy vira uma garota chorando. Afinal, pensou, durante o curso da evolução as mulheres tinham se tornado criaturas que choravam com certa frequência. Mas alguma coisa naquele momento, algo no modo como todo o corpo dela parecia querer escapar junto com as lágrimas, despertou uma verdade esquecida nele e o fez diminuir o ritmo da caminhada.

Por um instante ele pensou, a sério, em se aproximar e perguntar se ela estava bem.

Mas logo recuperou a razão e continuou a andar, se afastando, ainda ouvindo os soluços da garota e assustado com a forma como aquela cena melodramática lhe dera a sensação de que tinham lhe arrancado o coração e então recolocado o órgão de volta ao peito, só que de cabeça para baixo.

Fazia semanas que ele não se sentia “normal”. Não conseguia explicar exatamente o que era, mas de vez em quando um tipo de pensamento que ele acreditava já ter erradicado se infiltrava

em suas defesas. E agora essa lágrima.

Eddie tentou racionalizar as palpitações e a queimação interna em seus olhos com a ajuda de seu conhecimento sobre o funcionamento das causas e efeitos no corpo humano. Você não está tenso, disse a si mesmo. Está só afogado em excesso de cortisol. Assim como não existe isso a que chamam de “diversão” – existe apenas a liberação de dopamina. Cada emoção que se manifesta no corpo humano tem nome e componente químico.

Ele olhou para a grande estante à sua frente.

Fileiras e fileiras de livros, sobre todos os assuntos científicos do mundo. Cosmologia, física, biologia, neurologia. Vocês deviam ser minha âncora. Vocês deviam me proteger dessa bobagem.

Alguns dias antes, a estante o defendera contra um sujeito que tinha aparecido em sua porta pedindo para usar o telefone; o pneu de seu carro tinha furado bem na frente do prédio e ele precisava de um guincho. O homem não tinha celular, disse que odiava esses aparelhos. Ele poderia lhe fazer esse favor? Isso só lhe tomaria alguns minutos.

Eddie amaldiçoou em silêncio, pela milésima vez, o fato de morar no térreo. Sim, claro, como não. O telefone fica ali.

Em certo momento, logo antes de partir – era um homem magro, quase transparente, com os olhos de uma criança que tinha sofrido *bullying* na escola –, o desconhecido examinou as prateleiras e perguntou por que não havia ali livros de prosa ou

poesia. Eddie disse a ele que não sentia necessidade de nenhuma das duas coisas. O que interessava a ele era a verdade sobre o mundo.

O homem, que se definira como “poeta”, começou a falar todo tipo de coisas ridículas sobre amor e cultura e sobre o modo como nós “descobrimos verdades sobre nós mesmos” por outros caminhos além da ciência. Eddie nem sequer permitiu que ele terminasse. Jogou os fatos puros e simples na cara do sujeito, como um balde de água fria.

Se você estuda o bastante, o mundo se revela em toda a sua complexidade técnica e esterilidade emocional, disse ele. Era impossível ignorar isso. Por amor à verdade, a verdade preciosa e evidente, era preciso abandonar al-guns pontos de vista românticos. As pessoas amavam seus filhos, por exemplo, porque no curso da evolução, após anos de ajustes finos, tinha ficado estabelecido que o amor pelos filhos era um traço benéfico para a permanência da espécie. Olhos grandes, rostos pequenos – tudo isso era parte de um planejamento oculto cujo objetivo era despertar em nós um sentimento de proteção. Brilhante? Talvez. Excitante? Nem tanto. Amor era atração sexual disfarçada; religião era uma invenção projetada para consolar a humanidade, que se sentia ameaçada pela natureza; medo era um mecanismo de sobrevivência; ambição era uma convenção social sem a qual a raça humana sucumbiria à passividade existencial; a busca de sentido era o preço da autoconsciência, e estava fadada ao fracasso. Sistemas dentro de

sistemas. Sistemas que faziam com que nós digeríssemos a comida e a transformássemos em excreções, e sistemas que faziam com que nós (ele apontou para o visitante) nos definíssemos como “poetas” e achássemos que isso fazia alguma diferença.

Depois que você se acostumava, tudo ficava muito mais prático. Você não podia ser ferido por problemas nas amígdalas cerebelosas de alguém, ou ficar arrasado ao ser ignorado por uma pessoa que não se sentia atraída por seus feromônios. E, mais importante, você não podia fracassar se a vida não fazia sentido. Basicamente, nós tentamos sobreviver porque tentamos sobreviver. Todo o resto era decoração mental e autopersuasão. O poeta – Eddie nem sequer tinha ouvido o nome dele – encarou-o de um modo estranho e foi esperar o guincho perto do carro.

Mas agora nenhum daqueles livros o estava protegendo. Por um momento, Eddie quis atacar as prateleiras com raiva e jogar os livros no chão, com força o suficiente para que sentissem muita dor. Queria se livrar de toda a frustração gerada por aquela garota desesperada que tinha vomitado uma nuvem radioativa de compaixão, esburacado as paredes das visões de mundo e exacerbado uma solidão que ninguém seria capaz de entender. Queria jogar os livros no chão e colocar-se de pé sobre a pilha de páginas mortas, como o capitão de um navio naufragando.

Mas não ia fazer isso, claro. Ele não era assim.

Eddie foi para a cozinha, fechou a porta atrás de si e se sentou perto da mesinha.

Uma velha toalha vermelha, um vidro com um resto de pó de café, uma folha de papel e uma caneta azul esperavam por ele. No alto da página havia uma lista de compras escrita com sua letra elegante, uma seleção de coisas que precisava trazer de sua ida semanal ao supermercado.

Pessoas eram uma montanha de números, nada mais. Altura, idade, pressão sanguínea, velocidade de reação, pulso, número de células. Tudo podia ser medido, tudo. Por trás de cada melodia pungente estava a matemática; por trás de cada salto empolgante de um acrobata estava a física; por trás de cada coração partido estava a química. A noção de que a tristeza dela estava de alguma forma reverberando através dele – por meio de alguma ligação estranha, incomensurável, cósmica – era mesmo uma ideia completamente maluca.

Eddie pegou a caneta e começou a desenhar quadradinhos no canto da folha, como uma criança pequena tentando se conter para não atrapalhar a aula. Mas isso em nada ajudou quando, meia hora depois, ele se viu sentado à mesa da cozinha, olhando em estado de choque para a folha branca.

Na página à sua frente havia dez linhas escritas.

Três linhas sem rasuras, organizadas no canto superior

direito, listavam açúcar, toalhas de papel e sabão em pó. As outras sete linhas, no canto oposto – desajeitadas e ligeiras, cheias de rabiscos e correções –, tentavam esculpir com palavras alguma coisa que não podia ser descrita senão como uma emoção crua.

Caramba, ele pensou. Eu escrevi um poema.

Eddie pegou a folha de papel, amassou-a até virar uma bolinha firme e lançou-a na lixeira.

Não se lembrava do que havia acontecido nos momentos anteriores. Era como se alguém tivesse tomado o controle de seu corpo, pensado coisas que não faziam parte de seus pensamentos, sentido coisas que ele já não sentia mais e escrito aquele maldito poema, que ele mesmo não entendia nem queria entender.

Eddie não tinha nenhuma necessidade dessa fraqueza artística. Sentia apenas desprezo por esse tipo de coisa, sempre sentira. E não estava disposto a trazer aquilo para a sua vida só porque tinha ficado transtornado com uma garota frágil chorando numa esquina.

Ele decidiu ir dormir para levantar renovado no dia seguinte. Aquela bobagem ia se perder em seu subconsciente e ele acordaria para o mundo como a pessoa que tinha escolhido ser.

Deitou-se, com raiva de si mesmo, e um pensamento perdido de repente esclareceu por que ele tinha ficado tão irritado. E então ele já não podia mais evitar o problema.

Aquela sensação. Lá dentro. Era como algo que ele tivesse

criado, do nada. Mas não era como o resto de sua vida, que ele sentia como uma combinação dos mesmos elementos básicos, as mesmas coisas se repetindo de novo e de novo, apenas em ordem diferente. Era como se aquilo simplesmente emergisse dele. Uma resposta nova, fresca, desconhecida.

Chega dessa bobagem, disse a si mesmo. Não existe alma. Não existe nada além da sofisticação do organismo.

Não existe nada? Então o que era *aquilo*?

Milhares de fragmentos de seu antigo eu estavam horrorizados e correram para fechar aquela rachadura antes que acontecesse alguma coisa.

Isso não pode acontecer.

Porque, se isso acontecesse, ele olharia para a sua vida e a consideraria um erro. Olharia para trás, em pânico, para cada uma das escolhas que fizera desde sempre. Sua visão de mundo era tão clara – se ela abrisse espaço para uma ranhura ou um ponto de interrogação, tudo se transformaria numa atroz perda de tempo. Anos de oportunidades perdidas. Seria melhor apenas continuar a ser o que sempre fora. Não mude agora, amigo! Não mude!

Pessoas só mudam diante de crises, não por amadurecimento. Se você mudar, isso significa que está em crise. Você não pode se deixar levar por uma crise.

Mas lá dentro, sob todos os fragmentos ansiosos de ciência

correndo para lá e para cá, sua alma estava histérica, gritando pelas ruas. Ele já sabia que não sabia mais nada. Que tinha caído na armadilha daquela pergunta sobre o ovo e a galinha que ninguém podia responder: é a visão de mundo que forma a personalidade ou é o contrário? Ele sabia que, se quisesse, podia dispensar tudo aquilo como uma autoilusão complexa, mas também sabia que podia se render e aceitar que tinha dentro de si, talvez, algo além de um sistema de causas e efeitos. E, pior de tudo, percebeu que nunca poderia tomar a navalha da verdade e cortar a realidade para obter a resposta. Pela primeira vez, com um medo verdadeiro que também era capaz de trazer uma alegria verdadeira, ele aceitou a ideia de que, não importava o quanto tentasse, nunca olhava a realidade realmente de fora, com elegância e objetividade, mas sempre de dentro. Do seu mais profundo interior.

Por entre as lâminas da persiana, Eddie Levy viu a Lua. Ele agora podia oscilar de um lado a outro, intercalando entre duas maneiras de olhar para ela. Por um lado, via uma grande pedra orbitando no espaço, envolta em uma camada de vidro esmigalhado de asteroides desafortunados; por outro, via um lindo cenário para que sua amada encostasse a cabeça em seu ombro e fechasse os olhos.

Ele saiu da cama e foi até a cozinha.

Há certas rendições que enchem você de doçura. Ou talvez ele tivesse apenas perdido a cabeça. Bem, e daí? Era assim que as coisas eram.

Tirou a página amassada da lixeira, esticou-a e se esforçou para transformá-la de novo em uma folha de papel. Ele nem olhou para o primeiro poema que tinha escrito, virou o papel para o outro lado e começou a escrever o segundo. A página abraçou a tinta, e outro caminho se abriu diante dele na floresta.



Guy chegou à esquina indicada cinco minutos antes da hora especificada no envelope do dia anterior. Ainda era cedo e o trânsito apenas começava a dar sinais de que pretendia, mais uma vez, bloquear a cidade de uma ponta a outra, só para comprovar que isso era possível. Do outro lado da rua, uma vendedora de olhos cansados arrumava uma vitrine. Fazia um esforço enorme para pendurar um cartaz que dizia “Preços baixos! Baixos mesmo!”, com uma seta vermelha gigante apontada para baixo. Não muito longe dela, no cruzamento, um policial controlava o trânsito, porque o semáforo não funcionava bem. De forma lenta e contínua, a rua se encheu de pessoas, carros, barulho e um criador de coincidências preocupado.

Ele tentou entender o que aconteceria ali, mas aquela frase estranha sobre o chute na cabeça não parecia ter relação com qualquer tipo de instrução possível. A rua continuava a viver sua rotina diária enquanto Guy esperava que algum sinal ou pista aparecesse em... vejamos, quanto tempo restava? Dois minutos.

O encontro com Emily no dia anterior tinha terminado num silêncio cortante. Ele não disse as frases que passaram em sua cabeça; ela não as respondeu com frases dela mesma. Depois que

Emily foi embora, ele ficou debaixo do chuveiro por uma hora, a cabeça vazia, mas latejando. Gostaria de poder amar você, mas não posso. Esse lugar já está ocupado.

Ele deveria saber que aquilo aconteceria uma hora ou outra. Durante o curso, haviam começado aquela coreografia complexa na qual ela dava deusas para Guy, como se não fosse intencional, e ele desviava delas com pequenas doses de carinho, tentando manter o relacionamento que tinham. Emily só precisa conhecer outros homens, ele dizia a si mesmo. Ela só conhece a mim e ao Eric. Assim que novas pessoas entrarem em sua vida, ela vai seguir em frente. Por ora, vamos deixar tudo como está.

Porque as coisas eram assim: havia mulheres que só podiam ser boas amigas, certo? Você nunca vai se apaixonar por elas, porque não são a presença que ecoa em seu coração nem permanecem em você depois que vão embora. Era verdade. Emily era a coisa mais próxima de alguém capaz de ler seus pensamentos. Ela o fazia rir, ajudou-o quando ele teve de decorar centenas de listas de incidentes e reações possíveis durante o curso, e o ouvia se ele precisava abrir o coração quando a tentativa de criar uma coincidência dava errado porque ele havia falhado em calcular corretamente o que quer que fosse. Certo, mas e então? Não era com Emily que Guy sonhava à noite. Ela não o impressionava nem o fazia tremer. Ela não interrompia seus pensamentos a todo momento. Seu coração não disparava por ela.

E, lá no fundo, outra voz somava mais um pequeno motivo a essa lista: ela não era Cassandra.

Aquele *status quo* era preferível; ele estava acostumado a ele.

Percebeu que agia como um herói trágico e neurótico, mas era impossível explicar certas coisas. E uma delas era que Guy sabia que não aconteceria de novo. Isso não era assim tão terrível. Então por que era tão difícil para outra pessoa aceitar?

Deixe-me em paz, pensou ele.

E agora, o quê?

O que ia acontecer quando eles se encontrassem de novo?

Como poderiam preservar o fiapo que restava do que um dia foi amizade?

Eric perceberia, é claro. Ele percebia tudo. E ia se deliciar com aquela situação. Tudo fluía de maneira tão simples até aquele momento. Por que ela tinha que complicar as coisas?

Ok, chega. Concentração. Meio minuto para o encontro. O que ele deveria fazer?

Bom, voltando ao básico.

Às vezes, ele precisava lembrar a si mesmo que, no fim, havia diversas coisas muito simples que era preciso saber sobre a realidade para ser um criador de coincidências. Todo o resto eram detalhes. Olhe o panorama a seu redor e busque os contextos que ninguém mais vê. Tente se colocar um passo à frente da realidade e suponha o que ela planeja fazer um momento antes que isso de fato aconteça.

O General associava uma figura particular a cada regra que ensinava a eles, uma imagem que reverberava em suas mentes

enquanto ele lhes apresentava a explicação. Sabe-se lá como, aquilo funcionava. A cabeça de Guy estava cheia de gorilas empurrando barris do topo de penhascos, anões vestidos com camisola amarrando feixes de samambaia, acrobatas sem cabeça se alongando num trapézio feito de chocolate e, é claro, bolas de bilhar. O General adorava usá-las para ilustrar as coisas.

Não havia por aí muitos cursos nos quais a primeira aula prática acontecia na penumbra de um bar de sinuca. Mas, depois de conhecer melhor o General, Guy percebeu que aquela aula não poderia ter ocorrido em nenhum outro lugar.

O pequeno clube que o General havia escolhido estava meio vazio naquela noite. Dois caras jogavam num canto, alternando entre uma posição de profunda concentração, com os corpos tensos sobre a mesa, e uma posição indiferente e relaxada, com uma garrafa de cerveja gelada oscilando entre os dedos e o olhar voltado para a disposição das bolas sobre o feltro verde.

Um casal se sentou no bar, num encontro quieto que envolvia mais silêncio e olhares do que palavras realmente importantes. Eles esperavam um lugar cheio de pessoas às quais poderiam se misturar e não fazer muito mais que simplesmente ficarem juntos, para lembrarem a si mesmos, depois de tanto tempo, como era “sair de casa”. Agora, eram forçados a tentar criar interações de verdade – conversas, ideias, nuances de expressões faciais, essa coisa toda. E, num outro canto, com um dos últimos cigarros do maço nas mãos, uma expressão neutra e quatro dias e três horas de barba crescida no rosto, estava o cara

que sempre se sentava ali e fumava, uma vez que não tinha outro lugar para ir. Seus olhos pequenos não observavam nada em particular, e a mão que não segurava o cigarro estava pousada na coxa. A mão era tão apática quanto os olhos, e as unhas estavam ligeiramente roídas.

O General agrupou e posicionou nove bolas sobre a mesa, criando com elas um formato de diamante. Esticou a mão sem se incomodar em erguer os olhos.

— Taco — disse ele.

Eric se apressou para lhe entregar, e o General o apanhou com o olhar meio focado, meio alegre, fixo nas bolas. Deu a volta na mesa e colocou a bola branca em seu lugar. Em um movimento sutil e natural, ele se inclinou e mirou o taco por alguns segundos.

— Vamos começar. A bola quatro na caçapa mais distante da direita — disse ele, e acertou a bola branca com força, espalhando as bolas coloridas em todas as direções, como uma revoada de pássaros assustados. Algumas desviaram para as laterais da mesa, mas a bola roxa, a quatro, rolou devagarinho até cair suavemente na caçapa mais distante, à direita deles.

O General se levantou e olhou para os três alunos em volta da mesa.

— Certo — disse ele —, vocês acham que sabem o que é que vou falar. Estão certos de que pretendo explicar sobre ação e

reação, mencionar as leis de Newton, o Atrator de Lorenz, a Lei de Littlewood e as maneiras de calcular o resultado, isso tudo usando essa mesa de bilhar como metáfora. Mas metáforas são uma porcaria. Você nunca vai encontrar realmente duas coisas que sirvam de metáfora perfeita uma pra outra. Se duas coisas podem servir de metáfora perfeita uma pra outra, então, aparentemente, são a mesma coisa. O universo não costuma cometer desperdício.

Ele deu alguns passos para a direita ao longo da mesa e parou ao lado de Guy.

— Se me permite, Júnior — disse ele, erguendo a sobrancelha. Guy se afastou, rapidamente. O General voltou a posicionar o taco e mirou. — Sempre — disse ele —, sempre existe algum ponto numa metáfora que não está de acordo com a ideia original, ou vice-versa. Então, sim, é possível usar bolas de bilhar que batem umas nas outras como metáfora pra acontecimentos que têm efeitos uns sobre os outros, mas algumas coisas básicas são diferentes. Guy, o que vai acontecer agora?

Guy estremeceu de leve.

— O quê?

— Bom dia — disse o General. — É bom ver que você está aqui conosco. Antes mesmo de escovar os dentes e tomar seu café da manhã... O que vai acontecer agora?

— Na mesa, você diz? Com as bolas?

— Quero dizer “o que vai acontecer agora?”.

— Eu... é... — Guy deu uma olhada para a mesa, tentando entender o equilíbrio de forças entre as bolas e o impacto que a

tacada do General teria sobre elas. — Acho que você vai acertar a amarela, que vai acertar a laranja, que vai quase cair naquela caçapa do meio.

E então o General acertou a bola branca, que acertou a amarela, que rolou um pouco para a frente e acertou a laranja, que, por fim, moveu-se em uma curva e caiu direto na caçapa central, do outro lado da mesa.

— Vou lhe dar uma dica para o resto da aula — disse ele. — Não sou a favor do método “quase” de jogo.

Ele deu a volta na mesa, até o outro lado.

— E pare com esse negócio de “bola laranja, bola amarela”. Esse é um jogo de nove bolas. Cada uma delas tem um número por um motivo. A única coisa que quero ouvir é “a bola cinco na caçapa do meio do outro lado”. Então, aqui vai a primeira diferença entre as bolas de bilhar e a vida real: se você quer prever o que vai acontecer no próximo movimento, vai descobrir que no bilhar isso fica mais fácil conforme o tempo passa. Poucas bolas criam poucos acontecimentos. Há também regras claras. É permitido bater em algumas bolas, mas é proibido bater em outras. Não se pode lançar bolas pra fora da mesa, e assim por diante. Nesse jogo, na medida em que se avança, simplificam-se as estatísticas de que a física precisa pra explicar o que diabos acontece ali. Aqui vai um lembrete: como criadores de coincidências, o objetivo de vocês é descobrir em que bola bater, e como e onde fazer isso. Mas, na vida, nenhum elemento vai desaparecer e simplificar seu problema. Pelo contrário, quando instigamos uma ação, fazemos com que a situação se torne mais complexa, no mínimo. — Ele se inclinou sobre a

mesa. — Emily, o que vai acontecer agora?

Emily estava quase pronta. Quase.

— A bola um vai atingir a bola seis, que vai atingir a que está bem ao lado dela, que vai se chocar na lateral oposta da mesa e, então... Ah, vai tocar de leve na bola vermelha, digo, na bola três, que vai rolar devagar até cair na...

— Extenso demais. O que vai acontecer agora?

— Três bolas vão se chocar até que...

— Extenso. O que vai acontecer agora? Emily respirou fundo.

— A bola três vai cair na caçapa do canto.

O General bateu na bola branca, que atingiu a bola seis, que se chocou contra a bola ao lado e continuou seu caminho um pouco para a esquerda. No final, foi a própria bola seis que caiu na caçapa do canto oposto àquele em que Emily havia pensado. Ela fechou a cara.

— A segunda diferença — disse o General — é que, na vida real, não existem “teorias”. Sete bilhões de pessoas se chocam contra sete bilhões de bolas o tempo todo no planeta. E estou falando só dos seres humanos. Vocês ficarão surpresos quando descobrirem quantos outros elementos da realidade se relacionam uns com os outros e nos afetam a todo momento. Palavras, pensamentos, crenças, medos. E nós nem começamos a falar dos objetos que nos cercam. E ainda há os salmões. O salmão é um elemento poderoso, vocês vão se surpreender. Eric, o que vai acontecer agora?

Eric pigarreou.

— Você não vai se inclinar e colocar o taco onde o apoiou antes?

— Não — disse o General, levantando a sobrancelha com desdém.

— Certo — Eric respirou fundo e olhou a mesa. — A bola um vai bater na bola nove, que vai bater na três, que vai bater na borda da mesa e cair na caçapa central mais perto da gente.

Ele ergueu os olhos para o General.

— Digo, bola três na caçapa mais perto da gente.

O General balançou a cabeça, frustrado.

— Você está tirando conclusões baseado na minha posição, e não na das bolas. — Ele contornou a mesa, inclinou-se e, sem nem mirar, mandou a bola branca na direção da bola um, lançando-a diretamente para a caçapa oposta. — Suposições demais levam a erros de cálculo — disse ele.

— As bolas não se importam — continuou o General, apoiando-se no taco. — Elas não se importam com a caçapa em que vão cair ou a quantidade de força com que serão atingidas. Vocês nunca vão se sentir constrangidos de ficar cara a cara com a bola seis só porque a sete foi encaçapada antes dela. Nenhuma bola vai chorar se estiver sozinha no canto. É bem mais fácil lidar com acontecimentos quando vocês não se importam com eles. Mas as pessoas pras quais vão criar coincidências podem partir seu coração. Se não aprenderem a ser maldosos às vezes, se não perceberem que vez ou outra precisam dar um pequeno empurrão em alguém pra colocá-lo na direção certa, se não se dissociarem daquilo que está acontecendo, vocês não vão conseguir criar coincidências. Por outro lado, se não se

importarem minimamente ou se partirem do pressuposto de que o mundo é seu *playground*, serão criadores de coincidências ainda piores. Vocês sempre terão que lidar com pessoas. Essa espécie idiota e inútil talvez não seja bem aquilo que esperamos, mas é com ela que temos de trabalhar. Um dos papéis das pessoas é se reinventar. E elas merecem isso. Guy?

— A bola dois bate na sete, que cai na caçapa do canto. O General se inclinou sobre a mesa e bateu na bola dois. A sete caiu na caçapa do canto.

— Boa — disse Eric, com admiração.

— Obrigado — disse Guy e sorriu.

— Silêncio. A aula ainda não acabou — disse o General.

— Bola três no canto direito — disse Emily.

— Você está rápida, né? — perguntou o General. — E também está errada.

Emily voltou a olhar para a mesa.

— Então vai ser bola dois na caçapa de cá à esquerda. Mas tem de ser uma senhora tacada, porque você também precisa...

— Errado de novo — disse o General.

— Bola nove? No canto direito? Não está longe demais? E também está atrás da bola três, então...

— Não, não vai ser a bola nove.

Emily balançou a cabeça, em descrença.

— Oito? A bola preta? Mas você só pode bater nela no final.

O General ergueu o corpo e levantou o taco.

— Esse é um jogo de nove bolas, não de oito. Você escolheu

tirar conclusões tendo regras erradas como base. — Ele bateu na bola oito, lançou-a para a caçapa central oposta e encarou Emily, que torceu a boca. — De fato, todas essas bolas agem de acordo com as regras gerais às quais estamos familiarizados. Por exemplo, cada bola que exerce uma força se depara com outra força igual em sentido oposto. Mas elas também têm as regras que definimos pra elas: e, neste caso específico, é preciso bater primeiro na bola de número mais baixo. As coisas são ainda mais complexas quando lidamos com pessoas. Porque pessoas definem regras pra si mesmas que são mais confusas e difíceis de serem descobertas. Fantasias, hábitos, costumes sociais, o que quer que seja. E não acaba aí. Se você lida com alguém que não está disposto a permitir que, no prato em que come, a carne encoste nas ervilhas, alguém que confere se trancou a porta cinquenta vezes ou que tenta dispensar cada nova pessoa que conhece porque se sente inseguro, essas informações não podem passar batido. Todas as bolas de seu sistema possuem um mundo de regras exclusivo para si mesmas. Vocês precisam estar familiarizados com todas as regras e fazer uso de cada uma delas.

Três bolas permaneciam sobre a mesa: a azul, de número dois; a vermelha, de número três; e a branca e amarela, de número nove.

— Bom — disse o General —, quem quer prever o que vai acontecer agora?

Eric levantou a mão, cauteloso.

— O palhaço — disse o General.

— Bola dois na caçapa mais distante à esquerda — falou Eric.

— Mais uma chance — disse o General.

— Mas você precisa bater na dois primeiro — disse Eric. — E não pode usá-la pra bater nas outras duas porque elas estão na direção oposta.

— Quero colocar a bola três na caçapa inferior direita — disse o General.

Eric olhou para ele com o canto dos olhos.

— Não é possível... — disse ele, hesitante. — A vermelha, ou melhor, a bola três está na direção oposta à bola dois. E você precisa bater na dois primeiro porque é o número mais baixo.

— A menos que pretenda quebrar as regras — disse Guy.

O General contornou a mesa, pensativo.

— Não é uma sugestão que eu esperava ouvir de você — disse ele a Guy. — Pensamento inovador não deveria ser uma característica forte sua.

— Mas é o que você vai fazer, certo?

— Eu poderia — disse o General —, mas não preciso.

— E se precisasse? — perguntou Guy.

— Quebrar as regras? — perguntou o General.

— Sim — disse Guy.

— Dependeria do caso — explicou o General. — Algumas regras podem ser quebradas e outras não. Você pode prejudicar sua missão se quebrar algumas regras, mas isso não vale pra todas elas. Há regras que existem de verdade e há aquelas que só existem na sua cabeça. Pra saber se você pode ou não quebrar uma regra, primeiro precisa esclarecer algumas coisas sobre ela.

Você quebraria essa regra?

Guy pensou um pouco.

— Tenho permissão pra isso? — perguntou ele, por fim.

O General soltou uma risada curta e abafada. Quase uma tosse com crise de identidade.

— Sim. Foi o que pensei. Quando pretendem ignorar uma regra, as pessoas preferem, primeiro, receber permissão pra isso.

Ele se aproximou de Guy e olhou em seus olhos.

— Pense bem naquela que pretende quebrar e depois tome sua decisão — disse ele. — A maioria de suas regras é só uma invenção que você projetou pra se proteger. Quebrar essas regras em específico é um ato de coragem. Quebrar qualquer uma das outras é só preguiça.

O General ergueu o taco e o abaixou com força, atingindo a bola branca com sua extremidade mais grossa. Ela deu um salto e, quando caiu, chocou-se com a bola dois e desviou na direção oposta, atingindo a bola três e jogando-a na caçapa inferior direita.

— Lindo — disse o General. — Emily, você deve saber o que vem a seguir.

— Bola dois no canto superior esquerdo — respondeu Emily, com voz inexpressiva.

— Ah, quanta empolgação — falou o General, posicionando o taco no ângulo correto da mesa.

— Essa é fácil — disse Emily.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que, depois de eu ter errado as duas anteriores, você me deu algo fácil pra eu me sentir melhor comigo mesma. Bem, obrigada, mas está bem claro.

— E, por ser fácil, significa que é menos importante? — perguntou o General.

— Pra mim, sim — disse Emily.

— E pra bola dois? — perguntou o General. Emily enfiou as mãos nos bolsos.

— O que quer dizer?

— Quero dizer, com todo o respeito, que, se você classificar as coincidências apenas pelo nível de desafio que lhe oferecem ou pela maneira como se sente em relação a elas, vai esquecer que o importante é a mudança gerada na vida das pessoas, e, por fim, vai alcançar o estágio em que não saberá o que é essencial e o que não é. As pessoas que se encontram e se apaixonam graças a uma coincidência cuja criação lhe tomou cinco minutos fazem isso com a mesma intensidade e a mesma sensação de predestinação que aquelas cujo encontro resulta de uma coincidência que você demorou seis meses pra preparar. Negligenciar as coincidências simples e óbvias é sinal de que você não se importa com seu trabalho. Você se importa com sua imagem diante dele.

Ele se inclinou sobre a mesa.

— E você nunca deve achar que estou lhe fazendo uma pergunta pra que se sinta melhor. Não tente me analisar, nunca. Você não está nesse nível ainda. — Ele moveu o taco num movimento preciso. A bola dois caiu na caçapa superior

esquerda.

O General se endireitou e olhou ao redor, um meio sorriso quase aparecendo em seu rosto.

Duas bolas permaneciam sobre a mesa, encarando-se. Uma delas era a branca.

— O que vai acontecer agora?

— Bola nove no canto mais distante à direita — disse Emily.

— No canto mais distante à esquerda — disse Guy.

— Vai bater na beirada e saltar pro canto mais perto à direita — disse Eric.

O General se inclinou sobre a mesa e mirou com o taco.

— O que vai acontecer agora — disse ele — é que o casal perto do bar vai se beijar.

Eles se viraram na direção do bar e viram os rostos do casal se aproximando um do outro, lentos, hesitantes. O som do impacto das bolas foi ouvido e o casal se beijou.

O General estava atrás da mesa agora, segurando o taco na vertical. Só a bola branca permanecia sobre a mesa.

— E talvez essa seja a coisa mais importante — disse ele, quando os três alunos se viraram para a mesa de novo. — Sempre há um panorama maior. Sempre há algo além do sistema no qual você está concentrado. Nunca se esqueçam disso. Não há limites claros. A vida não para nos limites da mesa. E sempre há mais do que seis caçapas nas quais vocês

podem cair. Há sempre algo mais. Sempre, sempre, sempre.

Emily queria fazer uma pergunta, mas decidiu ficar quieta. Ela poderia esperar.

— A última pergunta — disse o General. — Onde foi que a bola nove caiu, no final?

Eles ficaram em silêncio. Nenhum deles havia percebido.

— Anotem sua primeira e última falha — disse o General, colocando o taco sobre a mesa. — Com todo o respeito ao panorama maior, não se presta atenção a um jogo inteiro pra acabar perdendo a última jogada. Comecem a se acostumar com isso. Vocês precisam perceber muito mais coisas para além daquilo que já têm consciência.

De Métodos para Definir Objetivos na Criação de Coincidências - Introdução

Ainda que nos limitemos apenas aos últimos quinhentos anos, não podemos resumir o desenvolvimento do campo da ciência da felicidade nesta pequena introdução. Entretanto, tentaremos destacar alguns pontos-chave. Você encontrará mais detalhes nas fontes apontadas na seção Apêndice. Recomendamos, em particular, *Desenvolvimento do modelo de felicidade - os primeiros mil anos*; *Desenvolvimento do modelo de felicidade - os últimos mil anos* e *Teorias da felicidade para iniciantes*, todas obras do teórico John Coochy.

O período clássico do mapeamento da felicidade foi primeiro caracterizado pelas tentativas de desenvolver uma única fórmula geral que abrangeria suas características principais.

De acordo com Vaultan, por exemplo, a felicidade sempre vai ser a razão inversa entre o potencial pessoal de felicidade e a diferença entre o que um indivíduo quer e o que ele realmente tem.

$$F = p / (q - t)$$

Onde **F** é a felicidade geral, **p** é o potencial pessoal de felicidade (também chamado de **ppf** em parte da literatura oficial), **q** representa o que o indivíduo quer e **t** representa o que ele tem.

Vaultan argumentou que o nível máximo de felicidade pessoal depende do potencial pessoal de felicidade de cada indivíduo e que, quanto menor a

diferença entre querer e ter, maior será o nível de felicidade geral. Assim, há dois modos principais de maximizar a felicidade: diminuindo o **q** (definido como “diminuindo expectativas” ou “baixas expectativas”) ou aumentando o **t** (definido como “ambição” ou “sorte”, dependendo da linha de pensamento).

Principais Problemas na Fórmula de Vaultan

O Problema de Alcance Máximo: uma situação utópica na qual uma pessoa tem tudo o que deseja não pode ser definida pela fórmula, ou levaria à felicidade infinita.

O Problema da Negatividade: uma situação na qual uma pessoa tem mais do que deseja é definida como felicidade negativa, o que é considerado particularmente problemático.

O Problema de Autoinfluência: o argumento mais forte contra a fórmula de Vaultan foi levantado por Muriel Fabrik, que demonstrou em seu livro Incluindo o também que o próprio **p**, se realmente existir, deve também ser influenciado por **q** e por **t**, e a ausência dessa correlação torna a Fórmula de Vaultan não linear e insolúvel com as ferramentas disponíveis.

A Fórmula de Fabrik

Fabrik também foi bem-sucedida em comprovar que é impossível definir unidades padrão para medir **q** e **t**, e que, por vezes, a mesma pessoa pode usar diferentes unidades de medida. Entretanto, a maioria de seus críticos argumentou que a Fórmula de Fabrik propunha uma simples variação da Fórmula de Vaultan. Em primeiro lugar, Fabrik propôs uma fórmula que trata a felicidade como um objeto relativo, medida apenas em relação a outros fatores – normalmente, a felicidade de outra pessoa. No entanto, já no final

da vida, a pesquisadora apresentou uma nova fórmula, que descreve a felicidade como um produto do prazer (**p**) ou da satisfação pessoal multiplicada pelo senso de significado (ou a ilusão de significado relativos, **s**) ao quadrado.

$$F = ps^2$$

Essa fórmula abriu caminho para que a felicidade fosse pensada em outros termos que vão além de ganhos e perdas, e enfatizou sua natureza subjetiva.

O Princípio da Incerteza de George George

O teórico islandês George George argumentou que é impossível medir tanto a qualidade quanto o tamanho de qualquer característica clássica de Vaultan sem influenciar seu valor pelo simples fato de olhar para cada uma delas. De fato, é impossível examinar a felicidade sem modificá-la, seja ela a felicidade unidimensional de Vaultan ou a felicidade multidimensional de Fabrik.

O problema notado por George George ainda é definido como o Princípio da Incerteza de George pelos principais acadêmicos, e a literatura também se refere a ele como O Problema da Autoanálise.

O Método Pós-Moderno de Felicidade

A crise na ciência da felicidade se tornou maior, e o campo quase chegou a um beco sem saída, quando Guynathan Fix levantou o argumento de que todas as fórmulas propostas por gerações de acadêmicos na verdade examinavam o conceito de “satisfação” em vez do de “felicidade”. Como resultado desse relevante argumento, pesquisadores foram instados a

redefinir a essência da felicidade que tentavam quantificar.

Foi nesse momento que surgiu o Método Pós-Moderno, que tenta se distanciar de tudo o que sugerem as teorias clássicas. Paul MacArthur foi quem lançou a base para tal método, definindo a felicidade como “algo que as pessoas apenas decidem que têm, e isso é tudo”.

Como em outros campos, a transição da definição clássica de felicidade para a visão moderna e depois para a pós-moderna teve um impacto decisivo nos métodos operacionais dos criadores de coincidências por todo o mundo.



Um ciclista acelerado passou por Guy, as rodas da bicicleta fazendo um som suave, e ele de repente entendeu tudo.

Você é um criador de coincidências. O que exatamente esperava encontrar?

Que na hora marcada alguém tocasse um sino? Que um carro chique parasse na sua frente e abrisse a janela? Que um helicóptero passasse voando baixo e mandasse um recado pelos ares?

Não, tudo isso seria muito óbvio.

Espera-se que você seja capaz de notar sutilezas, enxergar conexões tênues. Se esse envelope foi enviado a você, isso significa que na hora marcada haveria algo aqui que apenas alguém com o seu treinamento seria capaz de enxergar.

— Espero ser bom o bastante no que faço — disse ele certa vez a Cassandra, em outra vida, antes disso tudo acontecer.

— E se não for?

Ele ficou em silêncio por um momento, e então disse:

— Eu ficaria bem desapontado.

— Eu acho que você se sentirá satisfeito se ficar desapontado consigo mesmo — disse ela baixinho. — Isso sustentaria a

hipótese que você, de qualquer forma, já considera verdadeira. Reforçaria suas opiniões negativas sobre si mesmo. Você não se esforça o bastante, e então fica irritado consigo mesmo por não se esforçar o bastante.

— Preguiçoso — disse ela, em um tom carinhoso que o encheu de paixão.

Ele ergueu os olhos e observou a rua ao redor com a atenção de um criador de coincidências. Havia uma garota de aparelho nos dentes andando, com os olhos colados em seu iPhone, prestes a se chocar com um rapaz com *dreadlocks*; uma senhora idosa cochilando no ponto de ônibus e prestes a perder o ônibus; um barbeiro parado na porta de sua barbearia, olhando o movimento, sem perceber que havia deixado uma torneira aberta dentro da loja...

Cinco janelas abertas no prédio do outro lado da via. Numa delas, havia uma pessoa debruçada e olhando para a rua.

Meio cigarro aceso foi jogado à beira da calçada.

O motor de um carro que passava engasgou.

E então aconteceu.

Na hora marcada, no segundo exato, ele viu. Como se uma câmera dentro da sua cabeça tivesse tirado uma foto detalhada da rua.

A moça da loja ainda não tinha conseguido pendurar o cartaz na vitrine. Mas o anúncio estava posicionado ao seu lado, e a

seta vermelha apontava para a direita.

O policial no cruzamento ergueu os braços para a mesma direção, no mesmo instante.

E o rapaz com *dreadlocks*, que havia perdido o equilíbrio após trombar na garota, também levantou um braço para o leste durante a rápida coreografia que fez para não cair no chão.

O barbeiro olhava para a direita, e a ponta acesa do cigarro caído na calçada apontava na mesma direção.

E lá no alto, muito acima de sua cabeça, uma revoada de pássaros se movia em conjunto, desenhando uma seta que apontava para o mesmo lado que todo o resto.

Ele se virou e começou a correr.

E agora?

E agora?

Guy correu pela rua, procurando a próxima pista.

Para onde deveria ir agora?

E desde quando as instruções das missões eram transmitidas dessa forma?

Ele continuou a correr e viu um táxi parando no final da rua. A porta se abriu e uma mulher alta e bem vestida desembarcou, usando os brincos mais caros em que alguém podia desperdiçar dinheiro. Sim, decidiu ele, o *timing* estava correto.

Três passos, dois, um.

E ele entrou no carro um segundo antes de a mulher fechar a porta.

— Dirija! — gritou para o motorista.

Sem pressa, o taxista se virou para ele.

— Bem... para onde?

Guy correu os olhos ao redor, viu um carro azul saindo de uma vaga à sua direita e apontou:

— Siga aquele carro!

O motorista olhou para ele por um instante e depois se voltou para o volante.

— Taí uma frase que não se ouve todo dia — disse ele.

— Vamos!

Seguiram o carro azul por uns quinze minutos até Guy ver três ônibus, que traziam o mesmo anúncio na lateral, parados na faixa ao lado da deles. “É hora de mudar. Chá gelado diet sabor cereja.”

— É hora de mudar — murmurou Guy. — Agora — ele disse ao motorista, apontando para o Mitsubishi vermelho na faixa da esquerda —, agora siga aquele carro.

— O dinheiro é seu — resmungou o homem.

Depois de alguns minutos, o carro vermelho parou próximo a um pequeno mirante com vista para o mar. O motorista saiu do carro, subiu bem devagar os degraus, parou em frente ao parapeito e acendeu um cigarro.

Guy imediatamente mandou o taxista parar, e o homem olhou para ele, curioso.

— Posso ver o que você vai fazer agora?

— Não, pode ir embora.

O motorista suspirou, desapontado.

- Está bem. Se cuida, cara.
- Você também.

Uma agradável brisa matinal soprava no mirante.

Havia duas pessoas ali. O motorista do Mitsubishi, que fumava e olhava a paisagem, e um homem alto e magro, que ouvia música com fones de ouvido, cantarolando baixinho, fazendo mexer o bigode fino.

Guy avançou, parou ao lado do homem que fumava e pigarreou.

O fumante deu outra tragada rápida e olhou para ele.

Guy o encarou.

O fumante hesitou por um instante e encarou Guy de volta.

Guy continuou a olhar para o homem, esperando, paciente.

Os olhares deles se encontraram algumas vezes.

O fumante levantou a cabeça numa pergunta muda.

Guy sorriu em resposta.

— Posso ajudá-lo? — perguntou o homem, enfim.

— Eu sou Guy — disse ele.

O fumante ficou em silêncio por alguns segundos, jogou o cigarro no chão e o esmagou com a ponta do sapato.

— É mesmo? — disse ele.

— Mesmo — respondeu Guy.

O homem deu uma última olhada em Guy, virou-se e se afastou em direção à rua, resmungando:

— Caramba, como tem gente doida nesse mundo. — Ele entrou no carro, deu partida e foi embora.

Atrás de si, Guy ouviu o homem alto de bigode fino perguntar:

— Qual é seu problema? As pessoas vêm aqui apreciar a vista por uns minutos e espairecer. Será que você se importaria em não perturbá-las?

Guy começou a se desculpar, mas logo parou.

Ele olhou bem dentro dos olhos do bigodudo e disse:

— E você, por acaso, se importaria se eu chutasse sua cabeça?

O bigode fino se voltou de vez para Guy. E então começou a subir enquanto os lábios abaixo dele se curvavam num sorriso.



Pierre se apresentou como um criador de coincidências de nível cinco.

Guy entendeu no mesmo instante o que isso significava. Pierre era um Chapéu Preto – responsável por coincidências bastante complexas e com repercussões muito relevantes. As coincidências preparadas pelos Chapéus Pretos em geral pareciam terríveis à primeira vista, mas sempre continham as sementes de outras coincidências, e consequências fundamentais. Eles lidavam com doenças, tragédias, acidentes horríveis e coisas que só décadas mais tarde poderiam ser entendidas como eventos que haviam mudado o mundo para melhor – e, mesmo muito tempo depois, muitas vezes não eram compreendidos.

Os Chapéus Pretos eram admirados, mas também solitários. Seu trabalho precisava ser impecável, um nível de precisão comparável apenas ao trabalho dos criadores de coincidências de nível seis, responsáveis por mudanças que transformavam a história de povos inteiros. Quem é que gostaria de ser amigo de alguém que podia criar mudanças que só se revelariam positivas num futuro distante? Os Chapéus Pretos eram chamados assim não só porque eram praticamente invisíveis e muito eficientes em manejar os mínimos detalhes da realidade sem atrair

qualquer atenção, mas também porque o trabalho deles era muito obscuro. Ninguém queria ser aquele que gerava tragédias, mesmo que tivesse uma boa razão para isso. Eles se sentaram em uma pequena cafeteria, não muito longe do mirante no qual haviam se encontrado.

Pierre era alto e magricela, com o maxilar e o nariz pontudos, como se tivessem sido projetados por um engenheiro, e seu bigode fino, que dançava um pouco sempre que ele sorria ou falava, adornava seu delicado lábio superior. Ele usava um terno preto, com abotoaduras no formato de uma letra de um alfabeto que Guy não reconheceu, meias pretas e sapatos que deviam custar uns quinhentos dólares.

Pierre era um cavalheiro, ou era importante para ele parecer um. Mas isso era meio que a mesma coisa, Guy pensou consigo mesmo.

— Sabe o que é a coisa mais bonita? — Cassandra uma vez lhe perguntou.

— O quê? — devolveu ele.

— Eu não saber como você é de verdade e você também não saber como eu sou — ela disse, ajeitando o vestido.

— O que você quer dizer?

— Nós nos parecemos, soamos e cheiramos exatamente como minha menina e seu menino decidiram nos imaginar. Se eu o encontrar na rua um dia, imaginado por outra pessoa, não o reconhecerei.

— Porque me imaginariam de um jeito diferente, você diz?

— Sim — disse ela. — Estou com um pouco de sede — continuou.

Ele suspirou e ela tomou um gole do copo de suco gelado que apareceu de repente em sua mão.

Guy pensou por um instante.

— Acho que poderia encontrá-la em qualquer lugar, independentemente de sua aparência. Poderia identificar seu olhar, sua risada. Há coisas que nunca mudam.

— Duvido — disse ela, pensativa. — Mas, de qualquer modo, acho isso bonito.

— O fato de não parecermos com o que realmente somos?

— Não exatamente. O fato de não estarmos confinados à nossa aparência.

— Nunca tinha pensado nisso assim.

— Não houve um só momento em que eu tenha me sentido aprisionada ao modo como me imaginavam. Depois de tanto tempo nessa profissão, você não tem mais certeza de se você é você ou alguém que queriam que você fosse. Eu quase me perdi em meio a tudo isso. Se ninguém quisesse me ver como eu realmente sou, talvez eu não seja muito digna de ser vista, né?

— É claro que você é digna de ser vista — disse Guy.

— Nós internalizamos quem somos por fora muito mais do que externamos quem somos por dentro. Não acha? — perguntou ela. — Isso quase aconteceu comigo também.

— E o que mudou isso?

— Conheci você — disse ela. — Fui salva. Guy ficou em silêncio, envergonhado.

— Precisamos de você — disse Pierre.

— De mim? — perguntou Guy.

— Que outro “você” tem por aqui? — perguntou Pierre. — Sim, Guy, você.

— Acho que ainda não atingi o nível necessário pra fazer as coisas de que você precisa — disse Guy.

— Eu sei — assentiu Pierre —, mas preciso de você só pra uma parte bem específica de uma coincidência que estou tentando criar, e recebi aprovação especial pra usar um criador de nível dois na minha missão.

Isso era muito incomum. Criadores de coincidências como Guy não deveriam lidar com situações como as que um C.C. do nível de Pierre criava. Isto é, ele nem sequer devia ser capaz de entender o escopo da missão.

Era provável que uma missão em que Guy tivesse trabalhado por várias semanas fosse apenas um mísero detalhe em uma missão de nível cinco. As coincidências que Guy planejava numa parede inteira poderiam caber numa única página de caderno de Pierre. Pelo jeito, era assim que as coisas funcionavam depois que você se acostumava a ver a realidade com distanciamento. Tudo estava conectado a tudo; e o grande se tornava pequeno.

Guy tinha a impressão de que aquela não seria a primeira vez que uma coincidência planejada por ele faria parte de uma missão maior. Toda vez que o objetivo de uma missão não aparecia definido ou justificado o suficiente, eram grandes as chances de que fosse um trabalho terceirizado. Guy nunca saberia se a sua tarefa fazia parte de um panorama mais amplo, mas às vezes imaginava que sim. Afinal, se não fosse essa a

explicação, por que raios receberia um envelope mandando-o providenciar que uma pessoa específica atravessasse uma rua em particular, em um horário determinado, enquanto usava uma camisa azul?

Mas a abordagem direta por um criador de coincidências de nível cinco parecia muito estranha a Guy. Ele não se considerava capacitado para tal colaboração. Ele não sabia nem se desejaria um dia fazer algo no quinto nível. — Olha — ele disse a Pierre —, tem certeza de que quer alguém como eu? Acabei de completar a minha ducentésima quinquagésima coincidência...

— Eu sei.

— Mesmo que o que você precise seja uma missão de segundo nível, tenho certeza de que há criadores de coincidências melhores e mais experientes do que eu...

— É verdade.

— Não que eu seja assim tão ruim...

— Você não é.

— Mas talvez no que diz respeito a esse tipo de coisa...

— Olha — Pierre se inclinou na direção dele —, antes de começar a ficar todo confuso tentando achar o melhor jeito de me dizer que não é capacitado sem assumir que é um fracassado, talvez você devesse ao menos escutar o que tenho a dizer.

— E o que é? — perguntou Guy.

Pierre se recostou com um sorriso.

— Vamos chamá-la de A História de Alberto Brown.



Alberto Brown nasceu numa terça-feira bem chuvosa, depois de trinta e cinco horas de um trabalho de parto difícil. Ele não chorou, e o médico precisou bater cinco vezes em seu traseiro antes que ele se rendesse ao clássico método de comunicação dos bebês. Só depois do choro o médico se permitiu informar à mãe que ela dera à luz um menino maravilhoso.

Alberto era um bebê grande. Quase cinco quilos de uma doçura carrancuda e uma capacidade inusitada de, numa expressão de preocupação, erguer apenas uma sobrancelha, habilidade que se destacou desde as suas primeiras horas de vida. Seu pai não escolheu o nome Alberto para homenagear um avô ou um tio; ele apenas gostava do som. Talvez o fizesse se lembrar de algum filme ao qual tinha assistido. A mãe protestou um pouco no início, mas no fim concordou. Dois meses depois, o marido sumiu no mundo, deixando para trás uma pequena dívida, um cachimbo usado e uma criança cujo nome tinha uma origem que ela não sabia explicar.

A mãe pensou em mudar o nome do bebê, mas àquela altura ele já parecia fazer parte daquele rostinho que ela tanto amava. Ela também acreditava em numerologia, e tinha medo de que qualquer alteração o levasse a percorrer caminhos estranhos e impróprios pela vida. Talvez, se soubesse o que a vida reservava

para Alberto, ela tivesse optado por mudar.

Os anos se passaram e o menino cresceu.

Isto é, cresceu mesmo.

Quando Alberto tinha dois anos, todos achavam que tinha quatro.

Quando ele tinha cinco, parecia ter oito.

Era um menino grande. E extraordinariamente forte. Alberto era um garoto quieto e introvertido. Até apático, alguém poderia dizer. Não estava claro se seu temperamento tranquilo decorria do fato de ele ser tão forte que simplesmente não se preocupava com as crianças que tentavam desafiá-lo ou se estava tão perdido em seus próprios pensamentos que nem sequer as notava.

Alberto conheceu a violência na pré-escola.

Ele não tropeçou nela por acidente, na verdade. A violência estava ali, viu Alberto e correu direto na direção dele. Ela se materializou na forma de Ben, uma criança que também era muito grande e temia que o novato lhe roubasse o domínio que exercera até então. O fato de Alberto se dar bem com o resto das crianças e ser gentil e bondoso com todos não causou boa impressão em Ben. Para ele, Alberto era o inimigo. Ben empurrava as outras crianças, às vezes as mordida e, em casos extremos, atropelava-as com seu triciclo. Ele não era uma daquelas crianças dispostas a aceitar um “não” como resposta,

mesmo nos casos em que a realidade, em toda a sua grandeza, lhe apresentava a negativa.

Por ver Alberto como um “caso extremo” e uma ameaça real à frágil hierarquia na qual a pré-escola se baseava, Ben subiu em seu triciclo e, com um potente grito de guerra, pedalou a toda velocidade rumo ao inimigo. Alberto virou a cabeça, viu o outro se movendo rápido em sua direção e percebeu que, apesar de seu corpo poder absorver o impacto daquele choque sem nem se mover, aquilo ia doer. Sentiu uma espécie de medo, uma pontada de ansiedade, e teve certeza de que não queria ser atingido pelo triciclo.

Quando esse pensamento surgiu, no exato segundo, a roda dianteira do triciclo de Ben se soltou e o pequeno veículo assumiu outra rota, passando ao lado de Alberto e se chocando contra o muro atrás dele.

Ben fraturou um braço e teve uma torção no joelho. Ele faltou à escola por dois meses. Quando voltou, passou a ser gentil com Alberto.

No ensino médio, Alberto também era querido por todos. As meninas se impressionavam com seu físico e seu sorriso fácil. Os meninos o tratavam como sempre tratam alguém de quem devem ter medo, mas que ainda não lhes deu motivos para isso: eles o idolatravam. Os adolescentes da turma de Alberto tinham apenas um desejo: que alguém fosse idiota o suficiente para tentar bater nele.

Uau, o que será que aconteceria? Seria lindo, não seria?

Quando Alberto não estava perto, comentavam como ele poderia quebrar um pescoço com uma só mão, ou esmagar a garganta de alguém apenas com o mindinho, o polegar e um movimento sutil do pulso. E eles queriam muito ver isso acontecer.

Ninguém nunca o tinha visto fazer mal a uma mosca, mas era óbvio que, se ele quisesse, poderia matar alguém. Com discrição, os colegas instigavam disputas entre ele e qualquer aluno novo, na esperança de que um conflito, ainda que passageiro, trouxesse à tona as habilidades daquele simpático gigante. Mas o que acontecia era que Alberto logo ficava amigo do novato, ou o garoto logo percebia que não era aconselhável provocá-lo.

Sendo assim, era fácil entender a excitação que correu entre os alunos no dia em que Miguel entrou na biblioteca quando Alberto estava lá. Alberto adorava a biblioteca e costumava passar um bom tempo ali. Consequentemente, também ficava por ali um número considerável de garotas apaixonadas e garotos querendo ver o circo pegar fogo, esperando que alguém, quem sabe, aparecesse para provocar.

Miguel havia criado problemas em todas as escolas pelas quais tinha passado, e já tinha passado por várias. Teria material suficiente para publicar um pequeno guia turístico escolar abrangendo três distritos, se tivesse desenvolvido habilidades literárias adequadas e se disposto a usar um pouco de seu papel de seda para escrever em vez de enrolar tabaco. Somente quando, já adulto, foi preso por três assaltos a mão armada as autoridades entenderam, em retrospecto, quão perturbado ele era.

O problema de Miguel na adolescência – ou melhor, o maior deles – era o gosto por carros velozes e bebida alcoólica barata. Cada uma dessas coisas já era problemática por si só, mas a combinação de direção perigosa com vodca vagabunda era ainda mais delicada, em especial porque o álcool fazia Miguel esquecer a regra básica: não seja pego. O policial que o prendeu era mal-humorado e dedicado. Quando Miguel ficou sóbrio e percebeu o que tinha acontecido, ele lamentou sua má sorte.

E então, sem carro e sem carta, e depois de descobrir que seu lugar favorito para ficar à toa tinha se tornado um canteiro de obras, ele não conseguiu pensar em nada para fazer naquele dia a não ser ir à escola, e ficar furioso.

O jovem que mais tarde se tornaria um líder de gangue na prisão certamente não tinha intenção de assistir às aulas. Queria apenas um canto para ficar e sentir raiva do mundo. A biblioteca era ideal. Havia um monte de coisas para destruir e um monte de alunos inocentes a quem poderia agredir verbal e fisicamente. Miguel não frequentava a escola o suficiente para saber o que quer que fosse sobre Alberto, e não conseguiria, mesmo que tentasse, ficar mais que alguns minutos em silêncio na biblioteca. Ele não era de grandes pensamentos existenciais. Para chamar a atenção, não tinha alternativa senão tumultuar. Então, decidiu reordenar os livros da biblioteca de acordo com o sistema de indexação “todos os livros no chão”.

— Conhecimento para todos! — gritou. — Conhecimento para todos!

E começou a lançar os livros pelos ares.

Cerca de trinta alunos olhavam para ele, primeiro com

repugnância, depois com expectativa. Ele era louco o bastante e talvez até estivesse bêbado o suficiente para que houvesse um confronto entre ele e Alberto.

Até o bibliotecário ficou esperançoso.

Todos continuaram em seus lugares, esperando Alberto reagir ao que acontecia.

No momento em que Miguel dançava sobre uma pilha de livros no corredor entre duas estantes, Alberto ergueu os olhos. O rapaz tinha um isqueiro na mão. Alberto olhou ao redor e viu todo mundo imóvel, observando a cena. Ele se enganou ao interpretar a tensão no ar como um tipo de choque. Gritou para Miguel:

— Ei!

Uma onda invisível de excitação atravessou o ambiente.

Alberto se levantou e andou na direção de Miguel.

— O que você pensa que está fazendo? Miguel se virou para ele.

— Ah! — gritou. — Um ursinho de pelúcia aqui! Como vai, ursinho?

— Acho — disse Alberto — que você devia se retirar e procurar outro lugar pra se acalmar.

Miguel olhou para ele com desprezo.

— Ah, você acha?

— Sim — respondeu Alberto. — Você está destruindo o acervo da biblioteca. Saia daqui.

— Eu? Destruindo o acervo da biblioteca? — disse Miguel,

fingindo inocência. — Isso aqui, você quer dizer? — Ele falou, voltando a pisotear os livros.

— Sim — continuou Alberto, ainda calmo. — Dê o fora daqui.

— E quem é que vai me tirar daqui? Você, ursinho de pelúcia? Trinta alunos e um bibliotecário se encheram secretamente de alegria quando Alberto disse:

— Se for necessário, sim.

Um garoto com o rosto cheio de espinhas, sentado numa mesa lateral, ergueu os olhos para cima como quem agradece aos céus.

Miguel desceu da pilha de livros e apoiou os braços contra as estantes mais próximas.

— Você — disse ele, com a serenidade dos bêbados — pode se achar grande e forte, mas você é um merda, um idiota, com o saco do tamanho de uma ervilha. Acho bom você cair fora antes que alguém aqui se machuque.

— Não quero ter que usar a violência... — começou a dizer Alberto.

— Claro que não — disse Miguel, com um sorriso malicioso. — É para isso que estou aqui. — Enfiou a mão no bolso e sacou um canivete, que soltou um estalo metálico ao ser aberto. Miguel começou a mover o objeto de um lado a outro na frente de Alberto, como se fosse um espadachim. — Vem, ursinho — disse ele.

— Estou avisando pela última vez — disse Alberto. — Ninguém quer problemas aqui. Vá embora.

Miguel perdeu o pouco controle que ainda tinha.

— Vem aqui, seu maldito mutante! — gritou ele. — Venha defender seus preciosos livros! — E deu um soco na estante mais próxima.

Aquilo foi o bastante.

Ouviu-se um guincho suave, e depois outro. Uma estante caiu em meio a um tremendo estrondo.

Depois de um segundo de silêncio, a estante do lado oposto desabou sobre Miguel, enterrando o futuro líder de gangue na prisão sob uma pilha gigante de livros.

Alberto voltou ao seu lugar à mesa. O garoto com o rosto cheio de espinhas sentiu uma súbita vontade de chorar, mas se conteve.

Só quando era mais velho Alberto apareceu no radar de pessoas realmente perigosas. Tinha acabado de receber seu primeiro salário como garçom num restaurante perto de casa, e foi ao banco depositar o dinheiro. Quando chegou ao caixa e deu o cheque à moça do balcão, um homem mascarado invadiu o banco, brandindo uma pistola.

— Todo mundo pro chão! — gritou ele. — Todo mundo pro chão, agora! — Os outros clientes, duas velhas, uma garota de cabelo cor-de-rosa e um cara magricela, se jogaram no chão em pânico, como num filme, gritando.

O ladrão continuou conforme com o protocolo:

— Calem a boca! Falei pra calarem a boca, idiotas! — Ele mostrou a pistola para as caixas e estava prestes a mandar que levantassem as mãos quando notou que ainda havia alguém em pé.

Alberto olhava para ele com uma expressão séria.

— Por que você está se metendo numa coisa dessas? — perguntou Alberto, em voz baixa.

— Pro chão! — gritou o assaltante. — Ou vou estourar seus miolos e nem sua mãe vai reconhecer seu corpo.

— Você ainda pode parar com isso — disse Alberto, apontando para a cena ao redor. — A pena pra assalto a banco é bem longa. Você ainda pode ir embora sem causar problema e voltar à vida normal. Ninguém aqui sabe quem você é.

— Pro chão! Deita! Agora! — gritou o ladrão, com os olhos arregalados por baixo da meia de seda que pinicava seu rosto. — Não tente bancar o herói, ou o psicólogo!

— Você não vai atirar em mim — disse Alberto. — Você não é um assassino, não é mesmo?

— Sou sim! Sou sim! — Ele ergueu sua arma e a apontou para a cabeça de Alberto.

— Me dê aqui essa arma — continuou Alberto. — Vamos acabar logo com isso.

— Seu maldito imbecil filho da puta de merda! — berrou o assaltante. Ele já tinha estourado a cabeça de cinco pessoas antes, sem nem pestanejar. Uma cabeça a mais não faria diferença. — Vamos, sim, acabar com isso agora mesmo! Vamos pôr um ponto final nisso! — disse ele, puxando o gatilho.

O detetive que colheu o depoimento de Alberto e do resto das pessoas no banco disse que tinha sido um tipo raro de falha técnica da arma.

— A parte traseira da pistola simplesmente explodiu — explicou o policial. — Sabe-se lá como, a bala ficou presa e não foi projetada pra frente. A parte traseira da arma absorveu toda a energia da explosão, fazendo com que a bala fosse lançada pra trás.

— Interessante — disse Alberto.

— Sim — continuou o detetive —, nunca tinha visto acontecer. Só sabia que, em teoria, era possível. Pelo visto o cara não tinha sorte. — Ele olhou para o assaltante, que já não precisava da meia de seda para cobrir o rosto. Ninguém conseguiria identificá-lo.

Dois meses depois, dois homens de cara fechada e ternos baratos bateram à porta da casa onde Alberto morava com a mãe.

— Alberto Brown? — perguntou um deles.

— Sim — respondeu Alberto, de pijama.

— Venha conosco, por favor — disse o segundo homem.

— Pra onde? — perguntou Alberto.

— Dom Ricardo quer falar com você — respondeu o primeiro homem.

Alberto pensou por um instante e perguntou:

— Mas quem é dom Ricardo?

Os dois homens ficaram perplexos. Não costumavam lidar com gente que não conhecia dom Ricardo.

— Hum — murmurou um deles.

— Dom Ricardo é alguém que você não se recusa a atender quando é chamado — disse o outro, satisfeito consigo mesmo.

— Estou meio ocupado — disse Alberto.

— Não interessa — retrucou o mesmo homem.

— Um momento — disse Alberto, fechando a porta.

Os dois homens esperaram à porta, atordoados, e ouviram Alberto perguntar para a mãe:

— Mãe, você conhece algum dom Ricardo?

Eles não puderam ver os olhos da mãe se arregalarem, mas ouviram a conversa sussurrada do outro lado da porta. No momento em que o mais impaciente dos dois decidiu já ter esperado demais e que ia derrubar a porta e levar o idiota à força, ela se abriu. Alberto apareceu na soleira, desta vez mais apresentável.

— Por que não disseram que são da máfia? — perguntou. Os capangas se entreolharam. Não se fala de forma tão explícita, pensaram com seus botões. “Máfia” era a palavra usada pela polícia, por roteiristas e *barmen* querendo impressionar com alguma história. Nós “fazemos negócios”.

— Está bem, vamos — disse Alberto. — Mas só porque a minha mãe disse que tenho que ir.

Dom Ricardo estava à cabeceira da mesa. Alberto se sentou à sua frente, na outra ponta, a uns três metros de distância.

— Obrigado por aceitar meu convite — disse dom Ricardo.

— Pelo que entendi, recusar não era uma opção — disse

Alberto, dando de ombros.

— Recusar é sempre uma opção — disse dom Ricardo. — Mas as consequências fazem com que as pessoas em geral evitem dizer não.

— Acho que houve algum erro — falou Alberto.

— Erro é um termo genérico — dom Ricardo disse. — Quer explicar?

— Eu não devia estar aqui — respondeu Alberto.

— Ah, não?

— Não tenho nenhuma ligação com os seus negócios.

— Por que veio?

— Porque minha mãe mandou.

— Ah, o respeito pelos pais. Isso é importante.

— Sem dúvida.

— Meu filho, Johnny, era respeitoso.

— Hum.

— Sempre beijava minha mão, nunca falava palavrões perto de mim, não trazia pra casa mulheres que eu não fosse tolerar. Era muito respeitoso.

— Você deve ter orgulho dele.

Dom Ricardo abanou a mão como quem espanta uma mosca irritante ou tenta limpar o ar de uma nuvem de palavras sem sentido.

— Ele era um idiota que só sabia conseguir as coisas pelo uso da força. Nenhuma elegância, nenhuma criatividade. Estava sempre metido em confusão. Eu o salvei tantas vezes que em algum momento parei de contar. Drogas, prostitutas, tentativas de assalto. Uma vez ele foi comer no McDonald's depois de

assaltar uma loja de bebidas e esqueceu uma pistola com suas digitais. É isso aí, deixou a arma na mesa, com um resto de batatas fritas. Um completo idiota. Perguntei a ele: “Johnny, por que você não coloca barras de ferro na sua janela, só pra ir se acostumando?”. Mas, ainda assim, era meu filho.

— Sim.

— Quer dizer, pode ser que não fosse. Presumi que era meu filho, apesar de toda a estupidez em seus genes.

— Mas você o amava mesmo assim, claro.

— Claro. Havia algum tipo de amor, pelo menos. Fiquei de coração partido quando ele morreu.

— Ah, sinto muito. Como foi que aconteceu?

— O imbecil tentou roubar um banco. Até tinha escolhido bem o banco, mas um espertinho tentou fazê-lo desistir e no fim Johnny acabou dando um tiro em si mesmo.

Demorou um pouco, mas o olhar frio de dom Ricardo por fim atravessou a longa mesa e chegou até Alberto.

— Pelo que eu entendi — disse Alberto —, foi uma falha técnica rara.

— Sim, talvez — retrucou dom Ricardo. — Ainda assim, não posso deixar de imaginar que se o espertinho idiota que tentou se fazer de herói não estivesse lá...

— Sinto muito mesmo pela morte de seu filho — disse Alberto.

— Eu sei.

— Mas eu não tenho culpa pelo que aconteceu.

— Meu ponto de vista é diferente.

Alberto se contorceu na cadeira, sentindo-se desconfortável.

Dom Ricardo permaneceu imóvel.

— E do meu ponto de vista — retomou dom Ricardo —, você é o responsável pela morte de meu filho.

— Eu...

— E isso me deixa triste. Não gosto de envolver gente de fora dos negócios.

— O quê?

— Mas você certamente entende quando digo que não posso ignorar o que aconteceu — continuou dom Ricardo, coçando a têmpora acinzentada.

— O que quer fazer?

— Com você? Nada, meu amigo. Nada. Mas, de acordo com os meus princípios, se você me tirou um filho, então eu lhe tiro a mãe.

Alberto sentiu o coração acelerar.

— Eu...

— Meus dois colegas estão na casa de sua mãe neste exato momento. Se eu não telefonar pra eles em dez minutos, estaremos quites. Simples assim.

— Não é justo.

— Assim como a vida — retrucou dom Ricardo, torcendo os lábios, como se tivesse dito algo profundo. E então acrescentou — Mas talvez a gente possa encontrar outro jeito de resolver o assunto.

— Que jeito?

— Tenho um amigo. Um bom amigo. Um amigo tão bom que acabou virando um ótimo inimigo. Sabe, quando alguém atinge uma posição como a minha, de muito poder, é impossível evitar situações de conflito com pessoas de poder equivalente. É como yin e yang, preto e branco, João e Maria. É possível encará-las como colegas ou é possível encará-las como inimigas. De todo modo, são pessoas poderosas. Poderosas o suficiente para podermos jantar juntos num momento e batalharmos em outro. Nada pessoal; é só como esse negócio funciona. Você já ouviu falar em dom Gustavo?

— Nunca.

— Bom, acontece. Dom Gustavo foi uma das poucas pessoas capazes de bloquear a expansão dos meus negócios. Não que me falte algo. Minha vida é bem boa, eu admito. Os negócios vão bem. Mas podiam estar melhores. Você sabe, não é? É da natureza humana. A gente sempre quer mais, ou melhor, precisa de mais. É uma das coisas que faz a gente seguir. A gente quer tocar as estrelas, arranhar o céu. A gente quer ir ao infinito, apesar de saber que nunca vai chegar lá. Perfeccionismo, talvez. O espírito humano anseia pelo inalcançável, meu amigo. Eu, por exemplo, gostaria muito de ver dom Gustavo morrer. Seria vantajoso para mim.

— Vantajoso?

— Sim, vantajoso. A morte dele me permitiria fazer uma série de coisas que nos dias de hoje tem sido difícil realizar; coisas relacionadas a fronteiras e acordos. Se eu quiser expandir meus negócios, preciso que dom Gustavo passe para o status

“morto”. Mas acho que você entende. Não posso me permitir matá-lo. É perigoso demais; uma questão de honra e apertos de mão. Se a morte dele fosse de algum modo relacionada a mim, ia virar uma guerra. Ia ser desagradável. Desonroso. Não quero passar por isso.

— Entendo.

— Que bom que entende. Porque é aí que você entra. Alguém sem qualquer conexão com a família. A gente pode criar alguma justiça poética aqui. Johnny era um assaltante e você o matou, agora você será o assaltante e vai matar dom Gustavo. Você vai invadir a casa dele e vai matá-lo, fazendo parecer que foi um assalto normal que não saiu como o planejado. Você pode roubar o que quiser de lá. Posso fornecer uma planta da casa, é claro. Tenho até senhas de acesso e a localização das guaritas. Vai ser fácil. Mas, se por azar você for pego, e é claro que a gente não quer que isso aconteça, ninguém vai poder saber que a gente tem qualquer conexão. Em troca, vou deixar esta sala e instruir meu pessoal a não causar nenhum acidente trágico que possa atingir sua mãe. Dom Gustavo em troca de meu Johnny.

Alberto arqueou a sobrancelha direita, um movimento que ele sabia fazer desde bebê.

— Você quer que eu mate alguém pra você — disse, em voz baixa.

— É um jeito grosseiro de descrever meu pedido, mas não deixa de ser preciso — concordou dom Ricardo.

— E, se eu não concordar, você vai matar minha mãe.

— Você é um bom entendedor.

— Tenho alternativa?

— Claro. Como falei antes, recusar é sempre uma opção. São as consequências da negativa o que a gente quer evitar. Não é?

Alberto pensou por um instante e respondeu:

— É.

Dom Ricardo insistiu que o serviço fosse realizado naquela mesma noite.

A casa de dom Gustavo estaria praticamente vazia, disse ele, e aquela era uma oportunidade rara. Dom Ricardo queria resolver o assunto o quanto antes. Alberto mais tarde descobriria que a impaciência era uma característica comum a pessoas que desejam ver alguém morto. Ele teve uma hora para estudar as plantas e, duas horas depois, estava a caminho da casa de dom Gustavo. Antes de ele sair, dom Ricardo lhe deu uma meia de seda. Segundo ele, era igual à que Johnny usara no dia do assalto.

— Diga se isso não é, de fato, justiça poética?

Alberto ficou em silêncio, pensando se sua recusa em responder a uma pergunta retórica poderia ser usada contra ele.

— Está lavada, claro – disse dom Ricardo, por fim.

E foi assim que, às duas da madrugada, Alberto Brown entrou no quarto do chefe de uma das maiores famílias criminosas do país, com uma meia cobrindo a cabeça e uma pistola na mão – uma pistola que antes pertencera ao filho do chefe de outra grande família criminosa. Na frente dele, um homem velho e pálido

dormia com a respiração pesada. E Alberto tinha de matá-lo.

Era óbvio o que ele precisava fazer agora: barulho.

Um barulho alto o suficiente para acordar o velho à sua frente, fazer com que se sentasse na cama e gritasse qualquer coisa para que alguém ouvisse que um assalto estava em andamento. Era importante que ficasse claro para todos que era um assalto. E então Alberto atiraria no homem.

Alberto observou por um longo momento o velho deitado na cama, e sentiu falta de ar. Não queria fazer aquilo.

Alcançou o vaso que ficava sobre uma cômoda num canto do quarto, e, com a outra mão, apontou a pistola para o dom.

Estava prestes a jogar o vaso no chão quando ouviu um som vindo da cama. Ao virar a cabeça, viu o dom se mexendo. O homem engasgou um pouco e emitiu alguns sons estranhos. Outra engasgada e as mãos começaram a se contorcer, a boca do velho se abriu e Alberto ouviu uma respiração profunda e penosa.

E tudo ficou em silêncio.

Alberto tentou escutar com atenção, mas não havia mais som nenhum. Recolocou o vaso no lugar e se aproximou da cama devagar. Ele se curvou e colocou o ouvido perto do rosto do velho, então se aproximou um pouco mais, e ainda um pouco mais, antes de concluir que o velho não estava mais respirando.

Alberto endireitou o corpo e pensou um pouco. Estendeu o braço e tocou a mão do dom. Não houve reação. Ele colocou os dedos no pulso do homem e tentou sentir seus batimentos. A seguir, colocou os dedos no pescoço do homem. Sacudiu um pouco o velho e então sacudiu ainda mais forte.

Depois disso, ele foi embora.

Dom Ricardo ficou impressionado. Ele estava realmente feliz.

— Como você fez isso? — Ele segurou a cabeça, balançando-a, ainda sem acreditar. — Todos estão certos de que ele teve um derrame enquanto dormia e morreu. É extraordinário. É o serviço mais limpo que eu já vi.

Alberto perguntou, em voz baixa, se já estava dispensado.

— Você não entende? — disse dom Ricardo. — Você é um tesouro! Um tesouro! Você tem um talento natural. É maravilhoso.

— Acho que estamos quites, dom Ricardo.

— Claro, claro — disse dom Ricardo.

— Então vou embora.

— Sim, sim — dom Ricardo suspirou. — Que desperdício. Você poderia ser ótimo, sabe? Digo, realmente ótimo. O melhor. Matadores como você podem ficar muito ricos.

— Não estou interessado.

— Que desperdício.

— Bem, vou indo — disse Alberto, e saiu.

Duas semanas depois, dois homens apareceram de novo na porta da casa de Alberto. Dessa vez, dom Ricardo disse a ele que queria discutir uma proposta de negócios de verdade. Alberto respondeu que não estava interessado.

Dom Ricardo disse que o serviço não era para ele, mas para

um amigo.

Alberto insistiu que não estava interessado.

Dom Ricardo mencionou um valor.

Alberto se manteve firme.

Dom Ricardo fez um longo discurso sobre a importância de se aproveitar potenciais e explorar oportunidades, e chegou a citar Thomas Edison.

Alberto continuou recusando a oferta.

Dom Ricardo contou que a arma que Alberto levara consigo para a casa de dom Gustavo – a pistola que ele havia empunhado, deixando ali suas impressões digitais, e que tinha devolvido a dom Ricardo – era a mesma que Johnny usara para matar três pessoas.

Alberto ficou em silêncio.

Dom Ricardo disse que seria uma pena se a polícia encontrasse a pistola.

Alberto continuou em silêncio, e dom Ricardo mencionou o valor mais uma vez.

Três dias depois, Alberto estava deitado na lama, apontando seu novo rifle de alta precisão para uma curva na estrada, por onde o carro do contador de uma pequena organização criminosa deveria passar. O empregador de Alberto suspeitava que o homem estava prestes a falar com a polícia, e era preciso silenciá-lo.

Alberto estava ali escondido, esperando por um Toyota branco. De repente, a parte dianteira de um carro branco

apareceu na curva, mas, no momento em que seu dedo começou a puxar o gatilho, um coelhinho pulou para o meio da estrada e ficou paralisado na frente do carro que se aproximava. O motorista do Toyota, um vegetariano fervoroso e de alma frágil, virou a direção para evitar atropelar o coelho, perdendo o controle do veículo e batendo num grande carvalho.

O coelho pulou para o outro lado da estrada.

Alberto pegou seu rifle de alta precisão e foi embora dali.

As coisas continuaram assim.

Alberto plantou uma bomba no carro de um executivo. Mas, antes de chegar até o carro, o executivo caiu da escada e sofreu uma concussão fatal. Alberto desmontou a bomba o mais rápido que pôde e saiu dali.

Um policial veterano que planejava conduzir uma batida no dia seguinte estava na mira de Alberto quando o micro-ondas no qual esquentava frango explodiu. Um pequeno osso penetrou o olho direito do homem e se alojou em seu cérebro.

Alberto Brown se tornou o matador de aluguel mais bem-sucedido do hemisfério norte sem nunca ter matado sequer uma mosca. Com o tempo, ele simplesmente se acostumou. Tudo o que precisava fazer era montar a cena do crime – preparar a arma, providenciar a armadilha, organizar o ataque e quase

executá-lo. Suas vítimas morriam sozinhas. As pessoas que o contratavam ficavam felizes, e ele não tinha problemas para dormir à noite.

Era um trabalho maravilhoso para ele, e não exigia qualquer tipo de violência.

Às vezes, Alberto se sentia só. Então comprou um hamster para lhe fazer companhia.

— E agora — disse Pierre —, ele veio pra cá.

— Pra cá? — perguntou Guy.

— Sim — confirmou Pierre. — Ele veio com a missão de matar um executivo. O caso é meio estranho, porque não envolve nenhum outro crime. É um problema mais... pessoal.

— E qual a sua relação com isso? — perguntou Guy.

— Quem você acha que providenciou para que todas aquelas pessoas morressem no momento exato? — perguntou Pierre.

— Você está de brincadeira.

— É claro que não — disse Pierre.

— Mas, por quê? Qual a lógica disso tudo?

— Alberto tem um papel importante a cumprir impedindo que os planos de uma organização terrorista se concretizem daqui a quinze anos — disse Pierre. — Nós temos que guiá-lo da forma correta, para que ele possa chegar ao ponto em que toma a decisão que destruirá toda aquela organização.

— E todas essas pessoas sendo mortas?

— Essa é a parte interessante — respondeu Pierre. — Todas as pessoas que Alberto foi incumbido de matar iam morrer de

qualquer jeito. Dom Gustavo, o contador, todos eles. A coincidência que eu tinha de criar era a encomenda do assassinato. Ou seja, o meu trabalho era fazer com que as pessoas certas quisessem que alguém morresse exatamente quando a morte desse alguém estivesse prestes a acontecer.

— Parece complicado.

— E é — disse Pierre. — Mas eu prefiro esse tipo de complicação a ter de lidar com o caso que tenho em mãos agora.

— O que você quer dizer?

— O próximo alvo de Alberto, na verdade, não deveria morrer tão cedo.

— Não é algo que você tenha organizado?

— Não. É uma encomenda legítima — disse Pierre.

— E o que acontece agora?

Pierre balançou a cabeça, melancólico.

— Se não quisermos quebrar a corrente, precisamos organizar uma coincidência que mate o homem. E no momento certo, pra tudo acontecer como sempre aconteceu. Levei o problema às instâncias superiores. Temos todas as aprovações necessárias.

— E você quer que eu...

— Para que tudo aconteça, você precisa levar o homem a um lugar específico num momento específico.

— Você veio até mim pra pedir uma simples missão de sincronia temporal?

— Isso, podemos dizer assim.

— Por que você não faz sozinho?

— É meio complicado explicar — disse Pierre. — Mas vou

estar organizando outras coisas nesse mesmo momento.

— Mas por que eu?

Pierre limpou uma sujeira invisível de sua calça e evitou olhar para Guy.

— Você conhece o homem — disse ele. — Você foi o amigo imaginário dele por algum tempo. Acho que podemos usar essa ligação a nosso favor.

Guy engoliu em seco e tentou sorrir com indiferença.

— Quem é o homem? — perguntou.

— Você o conhece como Michael — disse Pierre.

Um pequeno tremor percorreu a espinha de Guy. Michael. Fora graças a Michael que ele conhecera Cassandra.



Era uma terça-feira.

Michael brincava no parque com dois de seus soldadinhos verdes, atribuindo-lhes tarefas não muito militares, como planar no ar ou ficar com a cabeça enfiada na terra por longos períodos de tempo. Guy se sentou no banco perto dele, com as pernas e os braços cruzados e os pensamentos vagando. Às vezes, a única coisa que Michael queria dele enquanto o imaginava era que ficasse ali sentado.

Quando os soldadinhos começaram a correr um atrás do outro, Guy não conseguiu entender quem perseguia e quem estava sendo perseguido – não que isso tivesse importância. Mas, quando Michael começou a se empolgar e a se afastar, fazendo sons heroicos, Guy o chamou e lhe disse para não ir longe demais.

Uma criança que vai longe demais esquece que você existe. E, quando uma criança esquece que você existe, isso significa que você não existe mais.

Guy só queria ficar sentado ali por mais algum tempo. Já fazia alguns dias que ele não experimentava a existência. De certa forma, estava com saudade de si mesmo.

E, além disso, queria ficar de olho em Michael para garantir que ele não fosse para o meio da rua. Ao menos foi o que disse a

si mesmo.

Uma garota e uma mulher entraram em seu campo de visão.

A garota era pequena e loira, o cabelo comprido quase alcançando a cintura; óculos roxos, de armação grossa, ficavam presos com um cordão vermelho atrás de sua cabeça. A mulher era alta e elegante. Longas tranças corriam por seu cabelo vermelho, cobrindo a cabeça como uma coroa, e os olhos, cheios de carinho, acompanhavam a menina.

Elas se sentaram no banco do lado oposto ao que ele estava. Não ficava longe, mas elas não podiam vê-lo, é claro.

Ele voltou a olhar a mulher. Algo em seus gestos fez o coração dele acelerar. Um pensamento ocupou sua mente: como era raro encontrar alguém que parecia mesmo saber o que fazia, no sentido mais amplo da expressão. Tantas pessoas moviam seus corpos apenas para ocupar espaço, para fazer algo que as levasse a sentir que faziam alguma diferença. Elas acenavam, sacudiam a cabeça, mexiam as pernas com ansiedade. Se movimentos emitissem sons, quanto barulho as pessoas criariam ao redor só para marcar presença? Ela, por outro lado, parecia tão verdadeira... a maneira como se sentava no banco, como inclinava a cabeça para a direita a fim de olhar sua menina, como permitia que seu vestido vermelho e branco envolvesse seu corpo sem esconder sua identidade. Por que as outras pessoas não conseguiam relaxar assim?

— Gosto do seu vestido — disse ele.

Ela não o ouviu, como era de se esperar. Mas aquilo nunca o havia incomodado antes. Ele falaria com as pessoas, diria coisas a elas, compartilharia seus pensamentos, mesmo que elas não fossem as crianças que o imaginavam, mesmo que elas não tivessem a chance de vê-lo ou ouvi-lo.

— Sei que você não sabe que estou aqui — disse Guy —, mas, quem sabe, de algum jeito misterioso, minhas palavras possam chegar até você. Ou talvez não. Isso não importa, na verdade. Às vezes, você precisa falar com alguém que não está ouvindo só pra não acabar ficando maluco.

A garotinha se sentou aos pés do banco, brincando com duas bonecas muitíssimo bem vestidas. De vez em quando, ela as levantava e dizia algo à mulher, que assentia com um sorriso e dizia algo em resposta.

Guy poderia ter ouvido o que elas diziam se quisesse. Estavam próximos o bastante. Mas de que adiantaria?

— Sou John — disse ele. — Pelo menos por ora sou John. Em outro momento posso ser François, depois Genghis Khan e amanhã Motke, o pintor. Talvez pareça confuso, mas são ossos do meu ofício. Porque não sou mais que um espelho do que alguém espera que eu seja. Meu nome, minha personalidade, minhas vontades... tudo é desenhado pra resgatar outras pessoas da solidão. Você nunca entenderá o que quero dizer — disse ele.

E, então, inclinou-se para a frente, diminuindo em alguns centímetros a distância entre ele e a musa inspiradora enquanto

ela olhava o topo das árvores.

— Você tem uma conexão muito forte consigo mesma. Eu invejo pessoas assim. Bom, a verdade é que invejo quase todo mundo. Vocês vivem suas vidas sem se esconderem no papel que outra pessoa escreveu pra vocês. Está vendo aquele garoto? Assim que ele se aproximar, basta que preste um pouco mais de atenção em mim e vou ter de voltar a ser apenas John. Não vou mais ser capaz de falar com você... ou melhor, não vou mais poder continuar com esse monólogo. Vou ser dele de novo, exclusivamente.

“Já vi tantas pessoas comuns fazerem o que eu faço. Elas eu não invejo. Elas estão numa situação ainda pior que a minha. Ao menos eu só preciso usar uma máscara por vez, porque só quem me imagina é que pode me ver. Mas essas pessoas são amigas imaginárias de todo mundo, cobrindo-se com máscaras oferecidas por todos que as olham, até que um dia se tornam pessoas vistas por todos, e na realidade elas não existem.

“Mas você é diferente. Posso ver isso. Você é exatamente quem você é. Pessoas como você são tão raras. Espero que você saiba a sorte que tem. E o quanto é diferente.”

Ele se levantou do banco, enfiou as mãos nos bolsos e encarou o chão, aproximando-se um pouco da mulher.

— E você também é bonita, se não se importa que eu diga.

— De todo modo, se algum dia você se sentir solitária e quiser imaginar alguém solitário como você, eu ficaria feliz de aparecer na sua frente pra conhecê-la melhor. Sabe, não é tão horrível ser

fruto da imaginação de alguém. Você tem a chance de fazer isso, por exemplo.

Guy tirou as mãos dos bolsos e as estendeu à sua frente.

— Tcharam! — disse ele.

Três pequenas bolas de fogo apareceram no ar e ele começou a fazer malabarismo com elas.

— Isso é bem fácil de aprender — disse ele, com o olhar grudado nas bolas. — O primeiro princípio é não desviar a atenção de suas mãos. Você precisa acompanhar as bolas no ar e tentar não olhar pro modo como vai apanhá-las. Também dá pra fazer com quatro — e, então, uma quarta bola apareceu —, não faz diferença. É claro, a parte de poder lidar com fogo é um privilégio de amigo imaginário. Todo o resto é habilidade adquirida. Pelo menos é o que eu acho. Não me lembro de tê-la adquirido um dia, é claro. Mas, de sua perspectiva, certamente é algo que se adquire.

Ele continuou com o malabarismo até sentir lágrimas brotando de seus olhos, sem saber se eram causadas pelas leves ondas de fumaça que subiam das bolas de fogo ou por alguma outra coisa que o corroía. As bolas de fogo foram se apagando e desapareceram no ar, e as mãos dele caíram ao lado do corpo.

— E é isso — disse ele, baixinho, olhando para o chão, envergonhado.

Quão estúpido era falar assim consigo mesmo? Ele ergueu os olhos. A menina ainda brincava com as bonecas na grama, organizando uma silenciosa sessão de chá, e a mulher

maravilhosa sentada no banco olhava para ele. Sim, ela olhava diretamente para ele.

Ele se sentiu congelar por um momento, e seus olhos passearam pelos dela.

Um momento antes de ele virar para ir embora, convencido de que era só coincidência o olhar fixo dela na direção dele, a mulher disse:

— Por que você parou? Estava lindo, de verdade.

Alguns segundos se passaram, e ele não conseguia dizer nada. Michael estava meio longe. Por favor, não pare de me imaginar agora, apenas não pare, Guy pensou.

— Você... você consegue me ver? — perguntou ele.

— Sim — assentiu ela, sorrindo. — E, pelo jeito, você também consegue me ver.

— Isso é...

— ... surpreendente — disse ela. — Eu não sabia como responder quando você começou a falar comigo.

— Mas por que...?

— Eu sou Cassandra — disse ela. — E essa é Natalie, a garota que me imagina — completou, apontando a menina que brincava a seu lado.

— É isso mesmo, isso é... Bem, eu não esperava...

— Eu também não — disse Cassandra. — Mas parece que a gente consegue ver um ao outro.

Ficaram em silêncio por vários segundos, e então Cassandra perguntou:

— Vocês vêm aqui bastante, você e seu menino?

— Não muito — respondeu ele. — Em geral, Michael prefere brincar em seu quarto.

— Seria legal se vocês comessem a vir mais — disse ela.

— Eles podem brincar, e nós podemos conversar um pouco.

— Sim — disse ele. — Eu vou tentar convencer Michael. Se puder.

— Ótimo. — Ela sorriu, e um calafrio correu por dentro da pele dele.

E foi assim que ele conheceu Cassandra.

— Sou John, a propósito — falou ele.

— Eu sei. Você já disse.

— Sim — ele conseguiu dizer antes de Michael parar de imaginá-lo, e ele desaparecer.



Emily ainda estava na cama, observando o feixe de luz projetado pela janela se mover lentamente em direção ao teto.

Por que ela ainda estava ali?

Naquele estágio, depois de passar quase dez horas deitada na cama, ela realmente continuava ali porque estava deprimida? Ou será que fazia isso porque ficar deitada na cama com os olhos abertos era algo que se esperava de pessoas deprimidas, sendo então uma declaração de depressão da parte dela?

E qual seria o próximo estágio? Começar a beber? Contemplar da varanda, com os olhos vermelhos de tanto chorar, os telhados dos prédios vizinhos, acendendo um cigarro atrás do outro? Em que momento você traça a linha que separa as ações realizadas por necessidade interna daquelas que não passam de uma versão desse ou daquele ritual que nos ajuda a definir as emoções?

Quantas pessoas choram em casamentos, ou gritam de frustração, ou jogam a cabeça para trás quando riem, ou tocam o rosto de seus parceiros ao beijá-los porque algo dentro delas as compele a fazer essas coisas? E quantas simplesmente acham que é algo que elas devem fazer?

Ela se virou e olhou para o relógio ao lado da cama. Quando você começa a ter esse tipo de pensamento, isso quer dizer que o problema já está superado, pensou. Sem desculpas.

Vamos, levante-se.

Enquanto lavava o rosto, ela quase sorriu para si mesma no espelho, lembrando-se do drama da noite anterior. O choro catártico, a certeza de que ele não a queria nem agora nem nunca, a fraqueza nas pernas, a maneira como desabou na calçada cheia de autopiedade, o longo caminho até a cama, ainda com as roupas do corpo, a sensação de não haver qualquer motivo para existir um amanhã.

É estranho, pensou ela, como somos capazes de transformar uma coisa específica em algo que passa a guiar toda a nossa vida, e como nos convencemos de que, se não tivermos essa coisa, nada mais vai fazer sentido. E é ainda mais estranho como nos acostumamos rápido ao exato oposto.

Emily se apoiou na pia e se sentiu sufocada. Lágrimas encheram seus olhos, esperando o momento adequado para transbordar. Ela engoliu em seco e respirou fundo. Sim, sim, essa falta de ar foi real, essa parte do seu cérebro ainda pensava; não há nenhum ritual depressivo aqui.

Ela não tinha planejado as coisas daquele jeito. Nem imaginava que uma situação assim fosse possível. Uma situação na qual, dentro de si mesma, ela realmente desistia de Guy. E, veja só, era o que estava acontecendo. Ela estava num território desconhecido, onde a cor do ar era meio diferente, e a luz viajava a uma velocidade diferente. Seu coração batia num ritmo estranho. E Guy não era mais dela, de jeito nenhum.

Não, não, não era para acontecer assim.

Ela tinha planejado seu sucesso. Tinha feito planos para que tudo acontecesse como devia acontecer.

Não apenas na noite anterior, mas de forma geral. Sua vida deveria se desenrolar de outra forma, não deveria?

O que, de fato, fazia com que ela se sentisse sufocada agora? A ideia de que estava mesmo desistindo de tudo ou a mudança de planos que tinha sido imposta a uma pessoa tão controladora como ela?

Talvez fumar um maço de cigarros e contemplar os telhados dos prédios não fosse uma ideia tão ruim. Ela se olhou no espelho. E, de repente, foi tomada por uma urgência de comprar um balde de tinta preta e cobrir as paredes do quarto ao lado. Apagar aquela patética tentativa de juntar os dois, destruir tudo, qualquer indício de que aquilo um dia acontecera, livrar-se até da capacidade de sonhar.

Lavar o rosto não era o suficiente. Ela precisava lavar tudo.

Quando saiu do chuveiro enrolada numa toalha, um pouco mais preparada para encarar o resto do dia, Emily notou o envelope perto da porta.

Quase sem pensar, foi direto para o quarto se vestir e se dar mais alguns minutos antes de voltar ao mundo real, no qual havia “coisas reais” para ela fazer.

Receber um novo envelope agora só poderia significar uma coisa: seu contador tinha começado a escrever poemas.

Era meio estranho, pois ela não havia feito nada especial nas últimas vinte e quatro horas. Talvez algum reflexo de suas ações

tivesse enfim chegado até ele.

Emily sabia que essa era uma técnica reconhecida de criação de coincidências. Nessa abordagem, uma série de pequenos eventos em frequências variáveis não tem por objetivo culminar num ponto no qual a mudança enfim ocorre. Em vez disso, esses eventos criam um processo subconsciente contínuo, resultando num impacto silencioso e quase imperceptível.

Essa forma de coincidência era considerada melhor e mais elegante que a maioria das outras, e era mais utilizada por criadores de nível três. Eric se orgulhava das vezes que conseguira gerar coincidências desse tipo. “Indetectáveis”, como ele as chamava, como se fossem criadas por meio de uma linha telefônica privada e segura. Era muito difícil para um cliente entender como dezenas – ou até mesmo centenas – de eventos tinham, pouco a pouco, mudado sua vida.

Mas esse com certeza não era o estilo de Emily. Pelo menos, não ainda.

Talvez ela devesse tomar um tempo para analisar tudo o que tinha feito, assim poderia utilizar essa técnica com mais frequência no futuro.

Ela tentou não pensar na terrível coincidência da noite anterior.

Seus esquemas ainda estavam nas paredes ao redor, círculos e linhas e pequenas listas sobre soldadinhos de brinquedo, alpinistas, biscoitos da sorte... Tentou não olhar para eles. No fim das contas, aqui está o que aconteceu: uma coincidência na qual ela tinha trabalhado por longos meses se mostrou apenas

uma tentativa patética de se aproximar de um cara que não gostava dela, enquanto uma coincidência da qual tinha desistido simplesmente acontecera sozinha sem que ela notasse.

Era hora de abrir o novo envelope.

Emily se sentou na cama e espalhou as páginas que vieram no envelope, tentando decidir o que fazer a seguir. Era disso que ela precisava agora, uma nova missão para ajudá-la a voltar ao mundo real; um turbilhão de atividades para fazê-la esquecer todos os momentos e lugares nos quais o rosto de Guy estava impresso.

Dessa vez, parecia ser uma missão simples de sincronização temporal.

Alguém deveria sofrer um ataque cardíaco e ela precisava fazer com que um médico estivesse por perto. Se isso fosse tudo, poderia ter sido um exercício qualquer do curso. Mas existiam, é claro, as complicações todas que separavam a teoria da prática.

O infarto tinha de acontecer enquanto ele estivesse num voo; o destino não era relevante, diziam as instruções. O médico deveria estar no mesmo avião. Obviamente, nenhum dos clientes tinha viagens planejadas num futuro próximo, muito menos para o momento em que o ataque estava programado para acontecer.

Emily tinha de providenciar uma viagem de avião para os dois. E, como se isso não fosse suficiente, ainda havia um agravante: o médico tinha medo de voar. Ela poderia escolher outro médico? Emily sabia a resposta antes de virar a página: é

claro que não.

Não ia ser fácil.

Por que especificamente num avião?

Eric diria que tinha a ver apenas com o efeito dramático. Se questionado, ele diria que o objetivo dessa coincidência não era salvar alguém de um ataque cardíaco. Há consequências, e há consequências das consequências – as mudanças na consciência. Tudo provavelmente teria sido planejado para outro passageiro, que deveria se sentir impactado ao testemunhar as tentativas de ressuscitação. Era como Eric argumentaria, mesmo que não tivesse nenhuma evidência.

Eric tinha teorias para tudo. Por que fazer um esforço enorme para que um amigo que uma pessoa não vê há quinze anos entre num restaurante no momento em que ela fala sobre ele? E por que criar coincidências que na verdade não têm nenhum efeito a não ser provocar uma sensação de estranhamento? Eric tinha contado a eles sobre suas teorias numa noite durante o curso, depois de cinco vodcas.

— Vamos supor — disse ele, gesticulando com entusiasmo exagerado — que todas as pessoas do mundo fiquem em pé lado a lado, numa longa fila, como se estivessem sobre uma escala. Na extremidade esquerda, estão todas as pessoas que acreditam mesmo que tudo é mera coincidência; que as coisas não têm um sentido por trás; que não há razão pra procurar respostas ou questionar isso; que a vida é o resultado do lançamento de dados cósmicos que, na realidade, não foram lançados por ninguém.

Pra essas pessoas, as coisas são como são e ponto final. E do outro lado estão todos os que têm certeza de que há uma razão pra tudo, pra tudo mesmo; que há alguém ou alguma coisa que organiza tudo e que nada acontece por acaso, nem mesmo os gases que estão me incomodando agora.

“Nos dois extremos estão as pessoas mais felizes do mundo. Dos dois lados. Sabem por quê? Porque elas não questionam o motivo de nada. Nunca. De jeito nenhum. Elas não precisam questionar, pois ou acreditam que não há resposta ou que alguém é responsável pela resposta e que esse entendimento não cabe a elas. Mas essas pessoas não representam nem um milésimo da população. A maioria das pessoas está em algum lugar no meio da escala. E essas pessoas não estão paradas. Elas vão e vêm, sempre em movimento. Elas se movem numa direção por um algum tempo, depois pra outra. Elas até acham que estão firmes em determinada posição, mas de vez em quando, apesar de tudo, tentam encontrar motivos e não conseguem entender que só serão felizes mesmo se deixarem esses questionamentos de lado.

“Essa é a razão pela qual as coincidências sem sentido são necessárias. Cada vez que alguém encontra uma coincidência desse tipo, essa pessoa se move um pouco na escala. Pra um lado ou pro outro. E esse movimento pode ser desagradável, como uma unha arranhando um quadro negro, ou prazeroso, como a carícia de um bebê. É por isso que nós criamos essas coincidências. Pra fazer as pessoas se moverem na escala, porque esse movimento dentro da escala, de qualquer escala, é chamado de vida. É assim que as coisas são. O importante é

continuar se movendo. Mas, agora, passem essas azeitonas pra cá e vejam como consigo acertar um caroço naquela garota do outro lado do bar. Bem na cabeça.”

Emily agora estava imersa em cálculos. Era a primeira vez que recebia uma missão com dois núcleos e dois clientes, sem ser uma correspondência amorosa. Seriam necessárias duas trilhas de coincidências para causar mudanças nas consciências de cada um. Uma reunião de negócios ou um encontro de família para um, e talvez uma conferência médica importante para o outro. E Emily teria de dar um jeito na fobia do médico. Tinha que haver uma saída.

Ela espalhou a papelada pela cama. Um relatório descrevendo a situação, um relatório contendo detalhes sobre o “paciente”, outro sobre o médico, uma descrição das restrições (que, na realidade, não trazia nada de especial: eles podiam até se sentar perto no avião, mas, por alguma razão, não podiam usar sapatos da mesma marca), algumas informações sobre a região e sobre acontecimentos esperados para aquele período...

Seu coração acelerou um pouco quando ela encontrou outra folha dentro do envelope.

Não que ela não a tivesse visto antes, mas Emily se surpreendeu com a ideia que passou por sua cabeça quando seus olhos pararam sobre a página. Por um segundo, um segundo muito rápido, aquilo pareceu muito importante para ela.

Todos os envelopes incluíam, ao final, depois dos relatórios e das descrições, um formulário de demissão.

Os dados pessoais do criador de coincidências, algumas perguntas genéricas sobre as razões do pedido de demissão e um espaço para a assinatura. Uma oportunidade de renúncia, a qualquer momento.

Geralmente, ela nem tirava essa página do envelope. Ninguém tirava. Ser um criador de coincidências – e era isso que ela era, essa era a sua essência agora – não era um trabalho qualquer, aquele não era um cargo ao qual se podia renunciar. O fato de ninguém saber o que acontecia depois da demissão também contribuía para a relutância generalizada em assinar o formulário. Que eles soubessem, apenas dois criadores de coincidências tinham assinado e abandonado o trabalho por vontade própria. Emily não fazia ideia do que tinha acontecido com eles depois disso. De seu ponto de vista, demitir-se nunca tinha sido uma opção.

Até aquele momento, pensou. Olhou mais uma vez para a página no canto de sua cama e descobriu que a ideia de se demitir estivera incubada em sua cabeça por algum tempo. E agora, naquele exato momento, tinha amadurecido o suficiente para se fazer notar.

Ela empurrou o formulário para fora da cama com o pé.

Tinha um ataque cardíaco para planejar.

A alguns quarteirões dali, uma pessoa comum andava pela calçada.

Essa era apenas uma de suas muitas habilidades – ser comum.

Fazia tempo que ele tinha entendido o poder embutido nessa habilidade. Num mundo onde tanta gente corria atrás do próprio rabo para parecer diferente e extraordinário, era necessária uma habilidade rara para se misturar à multidão e ser apenas comum. Acima de tudo, era necessária uma força de vontade monumental, pois comum era tudo o que ele realmente não era.

Por outro lado, ele não gostava muito de desenvolver aquela habilidade. Adorava estar no centro das atenções, no topo da pirâmide, ser a atração da festa.

Ele era uma pessoa pitoresca. Ou pelo menos achava que era. Para pessoas singulares como ele, era mais difícil fingir ser comum. Ele tinha tantos afazeres extraordinários pelo mundo afora...

Mas, naquele momento, ele era apenas um cara comum e andava pelas ruas sem atrair a atenção de quem quer que fosse.

Se alguém que cruzou com ele na rua fosse, mais tarde, questionado: “Você notou um homem alto passando por ali nessa ou naquela hora?”, seria muito provável que a pessoa desse de ombros e respondesse: “Não, não. Não sei do que você está falando”.

Se a pergunta fosse: “Algum homem ficou aqui encostado nesse poste por um bom tempo, como se estivesse esperando alguma coisa?”, a resposta provavelmente seria: “Eu não presto atenção em todas as pessoas que ficam encostadas nos postes”. E se o questionamento continuasse: “Mas ele esteve bem ali, por uma hora inteira, olhando o tempo todo para aquela janela”,

ainda assim a resposta seria alguma coisa como: “Você pode me deixar em paz? Eu não vi coisa alguma”.

Parecer comum era algo muito parecido com ser invisível.

O homem ainda estava na esquina. Com a paciência de um monge, ele se recostou no poste e deu mais uma olhada para a janela de Emily. Ele não ia precisar esperar muito mais tempo.

Timing – era outra de suas habilidades importantes.

A luz do sol estava quase chegando à parede oposta.

Emily não conseguiu ficar nem cinco minutos sem olhar de novo para o canto da página que aparecia debaixo da cama. Um pequeno pedaço de papel, muito mais tentador do que tinha imaginado. Ela devia ter jogado a folha no lixo em vez de apenas jogá-la no chão. Aquele pedacinho de papel continuava a encará-la.

Na verdade, por que não?, pensou ela. Sacudiu a cabeça para mandar para longe aqueles pensamentos e tentou voltar seu foco em sua próxima missão. Não que tenha funcionado. Como um novato num curso de meditação, ela descobriu que era incapaz de manter o controle sobre seus pensamentos. De novo e de novo, sentia-se tentada a pensar sobre o formulário de demissão. De novo e de novo, era tomada pela sensação de que ali estava uma chance de mudar sua vida. De novo e de novo, passava por sua mente a ideia de que não tinha mais nenhuma razão para continuar ali.

O que você quer de verdade?, Emily se perguntou. Continuar a se arrastar pela vida entre coincidências criadas para desconhecidos enquanto a pessoa que você ama fica por aí procurando por algo que nunca vai tentar encontrar em você? Por quanto tempo era possível se sentir despedaçada daquela maneira? Sabendo de tudo e não podendo dizer nada? Dançando descalça sobre brasas e sorrindo como se não doesse?

Ali! Ali está sua oportunidade.

Ela se sentou na cama e olhou pela janela. Ela podia fazer muito mais do que isso. Podia dar as cartas novamente. Não tinha nada mais a ganhar como criadora de coincidências; então, por que não podia se deixar levar para um lugar onde não tivesse nada a perder?

De repente, Emily notou que estava chorando.

Da onde veio isso? Ela cobriu o rosto com as mãos, como uma garotinha envergonhada antes de um recital de piano.

Ela não queria mais aquilo tudo. Não queria os cálculos intermináveis, não queria a perseguição alucinada, não queria sentir a emoção ardente envolvendo seu coração como se fosse um cobertor em chamas.

Chega, chega, chega.

Ela podia admitir que estava exausta, não podia? E podia admitir que não acreditava mais em finais felizes, nem mesmo em garantias de que “tudo vai dar certo”, não era?

Não era?

Queria algo novo, queria algo limpo. Algo tranquilo. Estava

até disposta a voltar a fazer o que fazia antes. Talvez fosse isso o que acontecia quando alguém assinava o formulário. Quem sabe.

Talvez você esqueça.

Talvez você recomece.

Quem sabe?

Ela deveria ser forte e otimista, é claro. Mas agora só queria ser diferente daquilo que era. Totalmente diferente.

E, diante da escolha de se tornar “totalmente diferente” por meio de trabalho duro e persuasão interna – em uma longa e cansativa escalada para fora do poço, agarrada a paredes cheias de cicatrizes –, ou simplesmente assinando uma página de papel... ela podia admitir que desejava escolher o caminho mais fácil, não podia?

Ele deu uma volta, foi até o final da rua e voltou.

Não podia ficar tempo demais sob a janela dela. Aquilo pareceria suspeito.

Além disso, ainda faltava algum tempo, ele sabia.

Farejou o ar, esperando pelo momento adequado.

Sentiu vontade de comer um hambúrguer.

Mas isso ia ter de esperar.

Emily se sentou à mesa da cozinha e escreveu a carta mais importante de sua vida.

Se ela ia embora, tinha pelo menos que deixar uma explicação.

As lágrimas em seu rosto secaram enquanto, sentada ali, ela escrevia linha após linha nas páginas em branco. Quando acabou, pegou a folha com as mãos trêmulas e releu o que havia acabado de escrever. As coisas tinham de acontecer muito rápido, antes que mudasse de ideia ou que se sentisse otimista de novo. Pessoas meio deprimidas sempre temem que a esperança as pegue desprevenidas, e que todo aquele desespero seja desperdiçado. Ela dobrou as folhas da carta e as colocou dentro de um grande envelope branco.

Assim que fechou o envelope, sentiu sua mão se aquecendo. Antes que percebesse o que estava acontecendo, a carta se desfez em chamas. Emily soltou o envelope, assustada. As páginas viraram cinzas antes mesmo de tocarem o chão.

Na verdade, ela sabia que isso ia acontecer, não sabia?

Há segredos que não devem ser revelados, segredos que o mundo não permite que sejam descobertos, porque isso iria contra as regras. Emily nunca poderia encerrar esse assunto. Outra boa razão para ir embora.

Mais determinada que nunca, ela correu para o quarto e pegou o formulário do chão.

Voltando à sala, começou a preencher todos os campos. Agora estava sendo espontânea, certo?

Ela estava tomando uma decisão por impulso, uma decisão rápida e irresponsável. Que maravilha! Estava sendo espontânea, e isso queria dizer que estava sendo autêntica, certo? Que estava viva de novo, certo?

Ela preencheu o formulário com rapidez. De repente, sentiu que podia controlar seus pensamentos. Todos eles estavam concentrados em terminar aquilo depressa e nunca mais olhar para trás. Emily teve um quarto de segundo para mudar de ideia antes de colocar sua assinatura no pé da página, mas saltou sobre esse quarto de segundo sem hesitar e assinou.

Tinha chegado a hora.

Estava acontecendo.

Era como se ouvisse o alarme suave do forno avisando que o bolo estava assado. Ele devia ser preciso agora. Começou a se mover em direção à casa, sentindo a pequena haste de ferro em seu bolso.

Arrombar fechaduras, outra habilidade importante. Para falar a verdade, nem tanto. Talvez fosse mais uma técnica bem desenvolvida.

No instante em que ergueu a caneta do papel, a sensação de urgência desapareceu da mente de Emily.

Ela se recostou, relaxada, e permitiu que toda a tensão de seu corpo se dissolvesse, assim como o formulário, que aos poucos foi desaparecendo bem na frente de seus olhos, até sumir no ar. Ela respirou fundo uma vez, duas, e então abriu os olhos, aterrorizada.

O que foi que eu fiz?

Ela tentou se levantar do sofá, só para descobrir que suas

pernas não tinham forças para sustentá-la.

Naquele exato momento, depois que sua ânsia de auto-destruição já tinha cumprido seu papel e abandonado seu corpo, depois de oficialmente deixar de ser uma criadora de coincidências, ela conseguiu ter um panorama de tudo o que havia acabado de acontecer. Essa foi a decisão mais importante de minha vida, pensou, e foi assim que eu a tomei?

Sua respiração ficou difícil. Era como se o ar estivesse mais denso. Não é isso que eu desejo de verdade, disse para si mesma. Não era eu. Agora, uma comandante desesperada gritava para os pilotos que já não podiam mais ouvi-la: “Abortar missão! Abortar missão!”.

Emily queria correr para apagar sua assinatura, mas a página nem estava mais lá, e não restava nada da criadora de coincidências que ela fora, exceto a capacidade de olhar para o panorama geral e, de repente, enxergar todas as linhas que a haviam levado até aquele ponto, que a haviam levado a cair no abismo. Não, não, não, não podia ser.

Um leve ruído vindo da porta chamou sua atenção, e quando a porta se abriu e ela viu aquele vulto parado na soleira com um sorriso de pesar no rosto, lembrou-se da pergunta que tinha atormentado seus pensamentos durante os primeiros dias do curso, uma pergunta que nunca ousara enunciar em voz alta.

Antes que seu corpo afundasse sem vida no sofá, antes de fechar os olhos, ela se perguntou se tudo aquilo teria acontecido se tivesse se atrevido a fazer a pergunta que lhe ocorrera durante o

curso: “Existem criadores de coincidências para os criadores de coincidências?”.

Do livro-texto do curso Livre Escolha, Limites e Regras Gerais:

Parte III (Limites Humanos):

Em seu livro *Incluindo o também*, Muriel Fabrik descreveu os seis erros básicos que a maioria das pessoas comete quando precisa fazer uma escolha. Seu método se tornou a principal referência dos criadores de coincidências para mapear os erros que seus clientes poderiam cometer.

Abstenção. O erro mais comum, de acordo com Fabrik, consiste simplesmente na não escolha. Neste caso, o cliente não se permite assumir um risco ou se aproveitar de uma oportunidade, preferindo que a “vida” decida por ele. Esse erro deriva do fato de que fazer qualquer escolha também significa eliminar todas as demais alternativas. O “cliente omissor” só enxerga a eliminação das alternativas, e não a escolha. Diante disso, adota uma postura passiva. Escolher não fazer nada, explicou Fabrik, também é uma escolha, é só uma escolha ruim. (Para pesquisas adicionais sobre o problema da abstenção, ver o livro de Cohen, *Por que complicar? – como criar coincidências para clientes covardes*).

Medo. Fabrik argumentou, entre outras coisas, que a alternativa correta, em geral, é também a mais assustadora. Isso não acontece porque ela é sempre a alternativa mais perigosa, mas sim porque é necessário um pouco mais de coragem para escolhê-la. A maioria dos clientes prefere um longo processo de ponderação, ao final do qual acabam sempre ficando com a alternativa que escolheriam desde o princípio: a alternativa menos assustadora ou uma

com a qual eles estejam familiarizados e que não exija mudanças em suas crenças ou padrões de pensamento já consolidados.

Autoengano. Alguns clientes entendem que a alternativa correta é de fato a mais assustadora. E, para fugir desse medo, criam um mecanismo complexo de autoengano que os leva tanto a temer a alternativa errada quanto a escolhê-la. (Essa decisão geralmente coincide com a escolha de não fazer nada; ver o primeiro parágrafo.) Na literatura técnica, esse erro também é conhecido como Coragem Deslocada ou C.D.

Arrependimento. O cliente repensa sua decisão inúmeras vezes e reexamina as opções até que nenhuma alternativa atinja o objetivo desejado e todas pareçam alternativas erradas. Uma das primeiras regras do método de Michaelson para Criação de Coincidências Áureas deriva deste erro: “Não permita que o cliente volte e repense suas decisões, em especial se ele for um idiota de nível B ou superior”.

Excesso de opções. Muitos clientes tentam dar a si mesmos o maior número possível de alternativas para terem certeza que estão de fato “escolhendo” alguma coisa. Criadores de coincidências por vezes também se deixam enganar, imaginando que as escolhas são melhores e mais significativas se o número de possibilidades for maior. Na verdade, como argumentou Fabrik, após certo ponto, a multiplicidade de possibilidades prejudica nossa capacidade de realizar uma boa escolha e não nos ajuda em absolutamente nada, terminando por aumentar a probabilidade de aparecimento de um dos quatro erros mencionados acima.

Originalidade. Clientes que sofrem de falta de autoconfiança e excesso de ansiedade tendem a escolher uma alternativa específica apenas porque ela parece ser original ou extraordinária. Os dados coletados por Fabrik indicam que mais de oitenta por cento das escolhas feitas com o objetivo explícito de serem extraordinárias são, no final das contas, classificadas como “banais, estúpidas e desastrosas”.

Ao criar uma coincidência, lembre-se: apesar de ser proibido ao profissional influenciar o livre-arbítrio do cliente, ele pode se antecipar aos erros possíveis ou, então, usar os erros de escolha comuns para guiar a coincidência na direção correta.



Michael se afundou em sua cadeira de diretor e tentou ler o mesmo parágrafo pela terceira vez. Estava em seu confortável escritório no trigésimo quinto andar de um prédio comercial, inalando o aroma de carvalho da mobília e cercado de pinturas a óleo feitas por artistas holandeses do século XVII; no entanto, não conseguia focar no trabalho.

Havia dias assim.

Ele tivera momentos demais como esse desde aquele dia frio. Jogou o documento que lia sobre a mesa, levantou-se e, virando-se para a grande janela logo atrás dele, olhou para a cidade.

No início, tentou lutar contra os dias assim. Tentou entender o que fazia com que ele se sentisse tão mal consigo mesmo, o que o distraía tanto. Aquele sonho recorrente à noite? O fato de que sua esposa, mais uma vez, não se preocupara em virar para sua direção na cama antes de ele se levantar pela manhã e sair de casa? Um carrinho de bebê com o qual ele cruzara no caminho para o trabalho?

Michael pensou que, se pudesse identificar o que havia atrapalhado seu equilíbrio naquele dia, conseguiria varrer aquele

mal-estar permanente e voltar a ser o executivo eficiente, esperto e carismático que esperavam que ele fosse.

Com o passar do tempo, aprendera a aceitar o fato que haveria dias assim.

Dias nos quais ele se levantaria de manhã e sentiria um buraco no coração, o buraco negro que engolira aquele fantasma que um dia fora sua esposa e o otimismo que um dia o acompanhara quando acordavam juntos.

Uma batida discreta na porta.

Ela se entreabriu e a secretária apareceu.

— Michael? — perguntou ela.

Ele se virou, voltando a assumir o papel de chefe sorridente.

— Sim, Vicky.

Michael pedia às secretárias que o chamassem pelo primeiro nome. Instruía todos os empregados a fazerem isso.

— Tem umas coisas aqui que preciso que você assine — disse Vicky.

— Sem problemas.

Ele atravessou a sala. Ela fechou a porta atrás de si e lhe entregou alguns papéis. Michael os examinou, distraído.

A cada vez, a sensação era mais forte. Naquele momento, ele teve a impressão de que eles estavam parados mais perto que o normal.

Michael assinou um dos papéis e passou para o próximo, fingindo que o que estava escrito ali realmente demandava atenção minuciosa. A fragrância dela encheu suas narinas.

Michael estava dolorosamente consciente da distância entre eles, do ângulo em que estavam, com seu ombro direito perto do ombro esquerdo dela, do cabelo comprido e loiro – que naquele dia, para a alegria dele, ela havia decidido não prender –, os olhos verdes, os lábios, o modo como a blusa dela delineava seu corpo...

Ele sempre fora um homem cheio de autocontrole, mas quanta solidão uma pessoa pode suportar?

Passou para a página seguinte, a última. A respiração dela estava pesada. Ele percebeu. Tinha certeza de que não sentia tudo aquilo sozinho.

Ele podia se mexer um pouco, para que seu braço esbarrasse no dela, ou podia esticar a mão e acariciar suas costas. Não haveria nada de vulgar nisso. Seria maravilhoso, ele sabia.

Essa mulher.

Ele estava tão sozinho.

Michael sabia, apenas sabia, que bastava um simples movimento seu e Vicky seria sua. Sentia isso havia um bom tempo pelo modo como ela se movia em torno dele, pelo modo como ela o olhava. O que ele não daria para...

Devolveu os papéis. Quando ela os pegou de sua mão, seus dedos quase se tocaram.

— Isso é tudo? — perguntou.

— Sim — disse ela.

Ficaram ali parados, encarando-se.

Perto. Perto demais. Muito perto para que fosse coincidência. Michael olhou nos olhos dela e sentiu que ela retribuía o olhar. E que tinha de partir dele a iniciativa. Tudo o que precisava fazer

era se inclinar um pouco...

Quatro segundos se passaram. Quatro segundos de uma troca de olhares entre um homem e uma mulher nunca eram apenas quatro segundos. Ele se virou, voltando para sua mesa.

— Excelente — disse, como se nada tivesse acontecido.

— Ótimo, obrigada. — Vicky aceitou a farsa. — Até mais.

Ela saiu da sala.

Michael respirou fundo e sentiu como o esforço para fazer a coisa certa quase o havia destruído dessa vez. Afundou na cadeira, virou-se na direção da janela e esfregou os olhos, que ardiam. Bem, pelo jeito era mesmo um dia assim.



Guy viu a secretária saindo um pouco ruborizada do escritório de seu cliente.

Saber que ela não conseguia vê-lo era meio embaraçoso. Ele se sentia como um *voyeur* da pior espécie. Desde que havia deixado de ser um amigo imaginário, a sensação de ter alguém olhando na direção dele, mas sem enxergá-lo, havia se tornado estranha para Guy. E, nesse momento, ele ficou surpreso com a força desse sentimento.

Pierre tinha deixado bem claro o que esperava dele. Era quase uma missão militar. Entre, execute e saia.

Guy era só uma pequena engrenagem no mundo complexo de coincidências que Pierre estava criando com o propósito de fazer

Michael morrer na hora marcada, e aquilo precisava acontecer ainda naquele dia, dentro de algumas horas.

— Você estará aqui quando eu voltar? — perguntou ele a Pierre.

— Não — disse Pierre. — Tenho uns recados urgentes pra dar. A gente se vê em algumas horas.

Guy estava sozinho agora, do lado de fora do escritório do homem que um dia havia sido a criança Michael. De todas as crianças do mundo, tinha de ser ele.

Mas, às vezes, você apenas precisa seguir em frente.

Ele tentou lembrar como era exatamente o personagem que assumia quando estava com Michael. A cor da roupa, o olhar.

Respirou fundo e, como costumava fazer anos antes, entrou na sala pela porta fechada.



Michael sabia por que dias assim andavam tão recorrentes.

Eles aconteciam porque Mika e ele agora viviam como colegas de quarto, não mais como um casal de verdade. Pior, ficavam juntos como colegas de quarto apenas porque o contrato de aluguel ainda estava em vigor.

A mulher que ele amava mal lhe dirigia a palavra. Parecia um fantasma, desde o acidente. Ia ao pilates de dia, sentava-se para ver TV à noite, dava as costas para ele e chorava baixinho de madrugada.

O luto, ele descobriu, podia ser bem repetitivo.

Ele a tinha conhecido quando ainda era um jovem empreendedor cheio de ambição, quando ainda ia a conferências para ver as palestras, e não para ser visto. Era uma época em que se sentia motivado por ideias, e não indiferente a conquistas.

Um amigo em comum (e naquela época ele quase podia ter certeza de quem era seu amigo de verdade) apresentou-o à mulher com os olhos mais sorridentes que ele já tinha visto, e Michael pensou que seria boa ideia passar algum tempo com ela.

Duas semanas depois do primeiro encontro, ele sabia que ela era a mulher com quem passaria a vida. Antes dela, ele sempre ria de pessoas que faziam esse tipo de declaração. Só mais tarde percebeu que não havia outro modo de explicar a sensação.

Estavam na casa dela. Conversavam sobre onde iriam naquela noite e descobriram que, no fundo de seus corações, ambos estavam cansados dos mesmos lugares e das mesmas pessoas e opiniões. Compartilhavam um segredo: estavam ambos de saco cheio do que o resto do mundo chamava de “diversão”. Depois de terem experimentado todas as diferentes combinações de café, todos os restaurantes e teatros e todas as boates, de repente eles se deram conta de que o que queriam mesmo era ficar a sós.

Michael teve certeza de que a relação deles acabaria naquela noite. Não estava habituado a uma relação na qual faltasse uma

troca contínua de conteúdo inteligente, uma troca que funcionava com a vida social como pano de fundo. Se não tinham planos de sair ou marcar um programa com amigos, em que se basearia a relação deles? Era assim que ele agia com as mulheres: ele as conquistava com inteligência, interesses em comum e boas opções de diversão, mas não com franqueza. Como num clube de luta, a primeira regra num relacionamento era não falar sobre o relacionamento. O fundamental era ficar longe da banalidade; sempre oferecer entusiasmo ou surpresa, evitando rotina, silêncios e conversas sobre o tempo.

Agora que haviam concluído que não tinham aonde ir nem vontade de sair, Michael teve medo de que um silêncio avassalador invadisse a relação, e a monotonia da rotina destruísse o clima envolvente e excitante entre eles.

E então, quando se sentaram juntos na sala de estar dela, cercados pelas enormes coleções de livros velhos e discos de vinil, ele notou pela primeira vez, ouvindo o vizinho cantarolar do outro lado da parede, que estavam, involuntariamente, sincronizando suas respirações em silêncio. Descobriu, com isso, um tipo diferente de conexão. Não dizia mais respeito apenas a diversão. Era algo que ia além. Mais lento, menos exigente, mais consistente. Ao que parecia, você não poderia ter certeza de que amava uma pessoa até ficar sentado ao lado dela em silêncio.

Alheia a esses pensamentos, Mika se levantou e foi até a estante. Voltou ao sofá e chamou-o para se sentar ao lado dela.

— Venha aqui ouvir uma coisa bonita — disse ela, abrindo o livro numa página dobrada.

Eles passaram a noite ali: ela lendo com voz gentil e melodiosa, e Michael ouvindo até o silêncio entre cada palavra. Quando o dia amanheceu, ele teve certeza de que aquela era a mulher de sua vida.

A partir de então, uma ou duas vezes por semana, enquanto o sentimento que tinham um pelo outro só crescia, e quando não estavam nem perto de se cansarem daquele amor, eles liam um para o outro à noite.

Ele lia Gaiman e Safran Foer para ela, ela lia Hugo e Camus para ele; ele a divertia com Pratchett, ela o embalava com Hemingway; ele a acariciava com Coben, ela o surpreendia com Twain.

Todos eram seus hóspedes. A ação, o drama, o familiar e o obscuro. Até Dr. Seuss. Todos faziam parte do diálogo apaixonado que eles tinham criado, longe dos olhos do mundo, durante as longas noites de leitura.

Na manhã do terceiro dia de dezembro tudo mudou.

Michael via aquele dia como o ponto fulcral de sua vida, o pico na curva gaussiana dos acontecimentos com os quais sua alma fora construída. Até aquele ponto, a vida fora apenas uma curva ascendente, mas, dali em diante, tudo começou a desmoronar.

Mika já era sua esposa fazia quase dois anos.

A mulher de sua vida saiu de casa naquela manhã pronta para outro dia de trabalho como professora de matemática. Ligou o carro, e aquele leve torcer do punho disparou o cronômetro para

o fim da história deles.

A única mulher que conseguia fazê-lo gargalhar sem que ele se sentisse envergonhado deu a partida, com Ella Fitzgerald tocando ao fundo. O ar-condicionado estava no modo ventilação. A mulher com a qual ele pretendia ter filhos cantarolou sozinha, como sempre fazia – ela era do tipo que cantarolava –, desviando o olhar para o retrovisor de tempos em tempos. Quando ele recebeu a ligação naquela manhã, não percebeu quão profundo seria o fosso de suas vidas depois que ela, a única “ela” que ele jamais tivera na vida, olhou para o espelho na hora errada e atropelou um menino de três anos.

Ele nunca entendeu bem o que aconteceu.

Como uma criança de três anos chega ao meio da rua sem ninguém perceber? E por quê? E onde estavam seus péssimos e lamentáveis pais?

Como uma vela que se apaga com o ventilador, Mika foi extinta naquele dia.

Quando ela voltou para casa, mesmo antes do longo julgamento e das noites insones, do choro infindável e do ódio de si mesma, ele foi incapaz de penetrar na nova armadura que ela vestia. Ele não conseguia uma forma de parar aqueles gritos nos quais ela tentava explicar que não queria não queria e não queria mais nada da vida porque não merecia não merecia e não merecia nada, e o primeiro terapeuta e o segundo terapeuta e o

terceiro terapeuta e o conselheiro matrimonial e os comprimidos e os vômitos todas as vezes que ela entrava num carro e o diário cheio de pequenas cartas que ela escreveu, tomada por um furor, depois devastada em lágrimas desesperadas atrás da casa numa noite fria e difícil, e as costas geladas e as discussões cheias de farpas nas quais eles tentavam se atingir bem onde sabiam que machucava e a repugnância dela por tudo o que já havia feito e todo o otimismo que um dia fora parte dela. Mesmo depois de todas essas coisas, já na primeira noite em que ela voltou para casa, ele sentiu que havia um grosso tecido negro envolvendo o coração dela, sufocando-o para sempre.

Michael tentou todos os tipos de remédios.

Levou-a para uma curta viagem de férias e imaginou que talvez ali eles se abrissem e falariam um pouco sobre o que aconteceu; ela choraria e ele a confortaria, então eles se abraçariam e conversariam um pouco mais para, enfim, conseguirem mudar de assunto e sair para uma breve caminhada pela manhã, quando ele diria algo bobo que finalmente a faria rir, permitindo que se iniciasse um lento e belo processo de cura emocional quando voltassem para casa.

Ele a provocava de propósito, e fantasiava sobre como voltaria para casa mais tarde e cairia teatralmente de joelhos aos pés dela e pediria perdão, e então Mika lançaria a ele aquele olhar sábio uma vez mais, e se penduraria em seu pescoço e lhe diria o quanto precisava dele, e ele então a apoiaria, a levantaria em seus braços e a curaria apenas com beijos, nada além de

beijos.

Michael evitou contato com Mika por dias inteiros, imaginando que em algum momento ela ligaria para ele pedindo para conversar, e então ele cederia e ambos chorariam ao telefone e ele a faria se lembrar dos silêncios que ambos haviam esquecido e lhe mostraria que era possível voltar atrás e que ela merecia sim receber todo o amor que ele tinha por ela.

Mas tudo isso não passou de imaginação.

Eles, na realidade, passaram três dias em silêncio num chalé, e as pequenas discussões se tornaram brigas monstruosas, fazendo com que qualquer coisa que ele dissesse, mesmo que sem intenção, rasgasse outro pedacinho da alma dela. E ela nunca telefonou a Michael para que ele pudesse dizer que ela merecia o amor.

O sentimento de rendição que o vinha dominando não era algo que ele tivesse imaginado um dia. Nunca pensou que atingiria o ponto de passar uma hora a mais no escritório depois de terminar o trabalho só para não precisar voltar para casa, para a trincheira que ela estava cavando em torno dele.

Michael jamais acreditara que se colocaria numa situação profissional tão moralmente questionável só para se sentir um pouco vivo, para experimentar um pouco da urgência da autodestruição; afinal, por que ela podia ser a única a enlouquecer? E se alguém, naquele três de dezembro, tivesse

dito a ele que ia se sentir tão solitário e frustrado e insatisfeito e bravo a ponto de estar a um suspiro de distância de ter um caso com a secretária, o maior lugar-comum que se podia imaginar, Michael teria demitido a pessoa no mesmo instante, pelo descaramento e pela estupidez.

No entanto, lá estava ele, certo de que da próxima vez aconteceria.

— Ah, merda — ele se ouviu dizendo, e apertou seus olhos vermelhos com os dedos e olhou de novo, pela janela, para a cidade.

— Sim, entendo o que quer dizer — Michael ouviu a voz atrás de si e virou-se no mesmo instante.

Quando viu o vulto sentado ali, contente, junto de sua mesa, precisou de alguns segundos para entender quem era. E, quando entendeu, ficou claro para ele que aquele era um dia particularmente ruim.

Em algum momento, antes de ser definido por seu cartão de visitas, antes de ter no bolso dinheiro o suficiente para comprar sua autoconfiança, Michael era um garoto baixinho que não entendia direito a dinâmica das relações entre as pessoas com menos de dez anos.

Ele vagava sozinho no pátio da escola durante o recreio, imaginando como as outras crianças se comunicavam entre si de maneira tão natural. Ficava assustado e se fechava num casulo

sempre que precisava conduzir uma conversa, brincar em grupo ou falar para uma turma de crianças pequenas. Não tinha certeza de como os outros o viam, e estava certo que o julgavam e o examinavam a cada sílaba.

Ele era uma personificação precoce daqueles que preferiam não agir para evitar erros, e considerava toda atividade interpessoal uma queda de risco razoável.

Só mais tarde, parado na frente da turma durante uma apresentação catastrófica sobre a vida das baleias, que tinha preparado como lição de casa, foi que ele sentiu a grande excitação de falar em público. Algo dentro dele se quebrou e foi reconstruído, e uma semana depois ele participava de um jogo de futebol no pátio, no qual fez um gol e se revelou para todo mundo. Foi simples assim.

Mas, até aquele momento, ele teve seus soldadinhos, teve o parque ao lado de casa, no qual observava a vida dos insetos e conduzia pequenos e sujos experimentos científicos sobre o resignado mundo natural ao redor, e teve John Mediano.

John Mediano era seu amigo imaginário.

Ele não era tão alto quanto o tio de Michael, então não era o Grande John. Nem tão baixo quanto Sasha, a menor criança da sala, de modo que também não era o Pequeno John. Ele era John Mediano. No começo, John Mediano ficava com Michael mais durante o inverno, quando o garoto não podia sair para ir ao parque. Eles se sentavam no quarto dele e passavam o tempo juntos. Às vezes, Michael falava com ele e lhe contava sobre a

escola e sobre o que não tinha feito naquele dia, e John dizia coisas muito sábias, ou ao menos elas soavam assim ao garoto. As palavras de John reforçavam as decisões de Michael e lhe ofereciam a possibilidade de mudança. Michael se deitava na cama e tentava entender o que, exatamente, ele queria dizer. Às vezes, ele imaginava John de novo só para lhe perguntar o real sentido daquilo que havia falado, e John voltava a dar uma explicação que podia ser interpretada de todas as maneiras possíveis.

Mas, de modo geral, ou eles brincavam juntos com os soldadinhos, ou Michael contava coisas sobre o mundo para John, ou o garoto brincava com os soldados sozinho e John se sentava ao lado para fazer com que ele não se sentisse tão só.

Mais tarde, quando o clima permitia, eles saíam, iam ao parque, e Michael corria e se dedicava ao exame meticoloso da vida selvagem escondida ali. De vez em quando, ele chamava John e lhe mostrava uma nova descoberta. John assentia com um sorriso e, às vezes, ia dar uma olhada, mas em geral ficava sentado no banco, observando Michael e impedindo que ele se afastasse muito. Ele precisava mesmo ficar ali, porque usava um terno bonito e não podia se sujar no parque.

De vez em quando, ele dizia coisas como:

— Você não precisa sempre tomar decisões. Pode só sentir e se deixar levar pelo que acontece, daí vai saber qual a escolha certa. Viver é uma coisa que se faz agora, não depois.

O significado daquilo não era muito claro, para dizer o mínimo. Michael se sentia um pouco mais confortável com outras falas, como:

— As grandes coisas do mundo, a maior parte delas, não aconteceram porque alguém foi muito sábio, corajoso ou talentoso, mas porque alguém não desistiu.

E havia sempre aquela hora chata em que não podiam sair para brincar porque a mãe de Michael não permitia por algum motivo. Ele brincava sozinho com os soldadinhos e John Mediano ficava ali, olhando para fora pela janela. Em certo ponto, Michael erguia os olhos e tentava entender o que diabos John Mediano estava fazendo. Ele ficava lá, quase imóvel, e Michael se sentia impelido a perguntar:

— Está tudo bem?

E John respondia:

— Algum dia, no futuro, alguém vai te contar todo tipo de história sobre o que é o amor. Não acredite no que disserem. O amor não é um estouro, não é feito de explosões e efeitos especiais. Não há fogos de artifício no céu nem um avião puxando uma faixa enorme. Ele se derrama devagar por baixo da sua pele, em silêncio, sem que você perceba, como um óleo. Você só sente um tipo de calor, e um dia acorda e descobre que, debaixo da sua pele, você está envolvido por outra pessoa.

— Isso significa que tudo está bem ou não? — perguntou Michael.

Então, sim. Era assim que ele era, John Mediano. Mas, em geral, ele dizia as coisas de forma mais clara. E, de repente, ele era apenas o adulto responsável que desaparecera depois do primeiro gol que Michael marcou na vida.

E agora, John Mediano, ainda usando um terno, que já não parecia mais tão impressionante como anos antes, estava à mesa com as pernas cruzadas e sorria para ele o mesmo sorriso conte-me-tudo-não-me-esconda-nada.

Michael se voltou de novo para a janela e se convenceu de que aquilo não estava acontecendo.

— Estou aqui por um motivo, sabe? — disse John Mediano.
— Pelo jeito, você precisa de mim de novo.

Não vou responder a ele, pensou Michael. Será que era assim ter um colapso nervoso? Pessoas que você imaginou aos oito ou nove anos voltavam para você quando adulto? Era hora de começar a tomar remédios?

— Você não está louco — disse John. — Só precisa de alguém pra conversar. Foi sempre assim que você me chamou.

— Não preciso conversar com você — falou Michael.

— Ah, você respondeu, já é um progresso — disse John. Ele se levantou e parou perto de Michael, olhando para o cenário além da janela com ele. — O que está acontecendo, Michael? Vejo que progredimos na vida.

— Não está acontecendo nada.

— Você parece preocupado.

— Estou falando com um amigo imaginário de infância, um homem com um corte de cabelo militar vestindo um terno de segunda mão. Isso não é normal.

— É claro que é normal — disse John. — As pessoas fazem isso o tempo todo.

— Não, não fazem.

— Tá, talvez não comigo, mas as pessoas conversam um pouco sozinhas o tempo todo. Você ficaria surpreso de ver como isso é comum. Às vezes só mentalmente, às vezes em voz alta. E isso acontece com pessoas de todas as idades. Pessoas que precisam de ajuda falam sozinhas com muita frequência.

— Eu não preciso de ajuda.

— Tem certeza?

Michael não respondeu. Na rua, lá embaixo, o tráfego de pequenos carros era contínuo e repetitivo.

— Você não está bravo — disse John. — Não está desesperado, nem mesmo está sozinho de verdade. Você só está com saudade... é só isso.

Ele parou e esperou que suas palavras fossem assimiladas.

— Você sente saudade da mulher que conheceu um dia e que não encontra mais quando volta pra casa. Por um lado, teme que ela tenha partido pra sempre, mas, por outro, não consegue se mudar e deixá-la pra trás porque algo em você ainda espera que ela vá voltar.

— Você está falando bobagem — disse Michael.

— Mas — John o ignorou e continuou —, a cada vez, você tenta trazê-la de volta de uma vez só. Você acha que precisa restaurar o antigo amor, a antiga compreensão, sua antiga Mika. Não funciona assim. Ela será uma nova Mika. Maravilhosa e amada, mas nova, com camadas adicionais. E um novo amor nunca é criado de uma vez só. Isso você já sabe. Ele acontece aos

poucos, um passo depois do outro.

— Não estou mais na idade de começar as coisas do zero.

— É claro que está. E deve. Você vai reconstruir algo familiar, mas precisa de paciência. E precisa se acalmar.

— Estou cansado. Já é tarde demais pra nós, John.

— Não, é claro que não.

— É, sim, caramba.

Eles ficaram lá mais alguns segundos, em silêncio, e então John disse:

— Pra mim, o amor é uma emoção difícil de quantificar. Difícil de medir. Nós o sentimos tão raramente e somos levados por ele de forma tão completa que nunca conseguimos definir pra nós mesmos o quanto queremos e precisamos amar algo. E tudo bem, há coisas no mundo que não devem ser medidas. A saudade, por outro lado, é uma emoção mais clara. De acordo com a quantidade de desejo, a gente pode saber quanta falta faz uma pessoa que não está mais perto. Você tem sorte, Michael. Está experimentando a saudade quando ainda tem a chance de restaurar o amor. A maior parte das pessoas começa a sentir saudade só quando já é tarde demais. E você, você ainda pode olhar das profundezas do poço em que está agora e entender o quão alto pode subir se apenas se der a chance de fazer isso. Contanto que ela não esteja morta, Michael, você pode redescobrir como amá-la e como ser amado por ela. “Tarde demais” é uma expressão que pertence a outro tipo de acontecimento.

“Para a maior parte das pessoas, a saudade é a única prova, uma prova que chega tarde demais, de que se amou de verdade.

Mas você ainda pode reagir. Não é tarde demais pra você, Michael.”

Quando Michael se virou para olhá-lo, John Mediano já tinha sumido.



Alberto Brown decidiu matar seu alvo depois da sessão de cinema.

Era uma comédia de ação, do tipo que ele gostava. Já havia assistido ao filme duas vezes. Era irreal o suficiente para ainda ser agradável. Faltavam mais ou menos três horas para o homem sair do prédio. O alvo, então, viraria à esquerda e andaria exatamente vinte e seis metros até chegar à entrada da garagem. Alberto teria vinte e seis metros para matá-lo. Ele ficou pensando como isso aconteceria desta vez.

Até onde ele sabia, não havia obras em andamento no edifício. Então, a ideia de um martelo caindo do vigésimo andar não parecia plausível. Outro cenário que descartou foi o de um carro perdendo o controle e invadindo a calçada. Por todo o percurso havia obstáculos que inviabilizariam um acidente desse tipo. Seu alvo também aparentava estar em forma, então um infarto fulminante não parecia coerente. Talvez um assalto que desse errado?

Ele tinha um pequeno bloco de notas amarelo no qual documentava todas as formas pelas quais seus alvos tinham deixado o mundo. Acidentes estranhos, ataques súbitos – parecia que já tinha visto de tudo. Tentava encontrar alguma espécie de padrão; isso não podia acontecer por mera sorte. Por

outro lado, talvez ele fosse um sujeito sortudo, ou o completo oposto disso. Talvez fosse as duas coisas.

Bom, de todo modo, em breve ele saberia como isso iria acontecer. Muito em breve. O filme estava começando. Se fosse para o local do crime logo depois que a sessão terminasse, chegaria lá uma hora antes do momento previsto para o ataque. Esse intervalo lhe pareceu razoável.

Alberto comprou um ingresso.



John Mediano estava no banheiro ao final do corredor, examinando-se no espelho. Aos poucos, o reflexo mudou do rosto alongado e duro, de alguém que apenas uma pessoa no mundo podia ver, para o rosto mais suave de um criador de coincidências comum.

Os olhos desse criador de coincidências estavam úmidos. Bastava piscar e uma lágrima corria o risco de escorrer.

Será que ele tinha acreditado? Será que as pessoas acreditavam em tudo o que seus amigos imaginários diziam?

Naquele tempo, Cassandra achava que era bem assim. “A confiança e o amor andam juntos”, esse era o discurso padrão dela sobre esse assunto.

Ela fechou os olhos e perguntou:

— Você está pronto?

— Sim — disse ele.

Cassandra estava em pé na frente dele, de costas, mas, quando refez a pergunta para se certificar da resposta, ele pôde ouvir que ela ainda sorria.

— Sim, estou pronto — respondeu ele mais uma vez. — Não entendo como você faz. Não sei se consigo. Nem mesmo com você.

— A confiança e o amor andam juntos — disse ela. — Esses dois sentimentos somam suas forças, andam de mãos dadas, sempre foi assim.

Guy estendeu os braços para a frente, um pouco nervoso.

— É uma sensação interessante — disse ela —, o instante anterior. Eu nunca estive numa situação de confiar completamente em alguém.

— Só se deixe cair pra trás — disse ele. — Eu seguro você.

— Nunca tive motivo pra confiar em alguém. Os outros é que acreditavam em mim. Eles é que precisavam de mim, não eu deles. E, de repente, agora vejo que existe alguém em quem posso confiar, alguém que não vai me ferir.

— Hum — disse ele. — Acho que você está levando isso pro lado errado. Estamos falando de confiança aqui; eu nunca machucaria você. Pensamento positivo, tá bom?

— Sim, sim, eu sei. Mas, na verdade, é isso que dá força à confiança, não é? O fato de você poder, sim, me machucar?

— Sim... sim... talvez. Ele riu.

— É maravilhoso.

— Maravilhoso?

— Não me admira que as pessoas façam isso de verdade. Você não pode ter uma ligação real com alguém que não pode machucar você. E é aí que está a beleza de tudo. Nunca, na minha vida toda, permiti que alguém assumisse essa posição. Isso me faz sentir... de verdade...

— De verdade o quê?

— Humana — disse ela, abrindo os braços e caindo para trás.

Ele lavou o rosto, deixando que a água fria o trouxesse de volta à realidade, como se estivesse acordando. O espelho na frente dele refletia a imagem de um homem confuso, com água pingando do queixo.

Tentou explicar a si mesmo o que sentia. Era como tentar segurar um peixe assustado e escorregadio nas mãos.

Talvez seja isso o que se sente depois de trair alguém.

Depois de ter traído a confiança de alguém que acreditou que você estaria ali nos momentos difíceis, para dizer algo que o ajudasse, quando, na verdade, você tinha apenas embrulhado suas intenções desprezíveis em lindas frases de efeito. Alguém que sempre achou que poderia contar com você, e talvez tenha podido um dia, mas agora você usava a aquela confiança cega para alcançar seus próprios objetivos. E esse alguém nunca teria conhecimento disso.

Por um milésimo de segundo, pareceu a Guy que ele também sentia uma ponta de alívio. Alívio por não ter sido pior. Alívio por ter conseguido cumprir sua missão asquerosa sem precisar dizer algo em que não acreditasse, como “o poder da mudança” ou coisas do tipo. Afinal, ele realmente via a saudade como uma medida do amor. Ele acreditava que não era tarde demais para usar a entrega como terapia. Não que isso fosse fazer diferença. Aquele menino, ou melhor, aquele homem que um dia fora um menino não estaria vivo ao final daquele dia e não poderia utilizar aqueles conselhos. Mas ao menos ele, Guy, não tinha sido inteiramente falso. Então não era um completo traidor. Foi capaz de ser um amigo, ainda que pela última vez.

E talvez, lá no fundo, houvesse um pouco de felicidade nele. Porque tinha sido capaz de doar algo de si para alguém. Algo que era seu de verdade.

Ele já estava fazendo muito tempo imerso nesse trabalho: citando os pensamentos daqueles que o imaginavam, sem nunca expressar suas verdadeiras opiniões ou criando coincidências sem se importar com o que acreditava ser certo ou errado.

E, então, tinha finalmente sido capaz de estar ao lado de alguém e, de forma verdadeira e inacreditável, ajudar essa pessoa, recorrendo a ideias que eram só dele, percepções que tinha formulado sozinho, pensamentos que o outro nunca tinha alcançado.

Ele olhou para a imagem no espelho e pela primeira vez não se sentiu olhando para o reflexo de outra pessoa.

Que bom seria se fosse assim tão fácil dar conselhos a si mesmo.

Você não precisa ser um reflexo tão complacente.

Com ninguém. Nem mesmo com Pierre.

Ele tinha aceitado muitas coisas como incontestáveis, como decretos sem razão de ser. Tudo o que precisava fazer era encontrar Pierre e persuadi-lo a não levar Michael a morrer naquele dia.

Algo novo pulsou dentro dele. Talvez fosse responsabilidade. Talvez fosse o que tinha lhe faltado durante todo aquele tempo.

E Guy se sentiu vivo, assim como se sentia quando estava com Cassandra.



— Voar — disse ela.

— É isso mesmo? — perguntou ele. — Só voar?

— Pra começar — disse Cassandra, dando de ombros, como que pedindo desculpas. — Talvez daqui a um tempo eu pense em outro desejo.

— Sério? Se você pudesse se imaginar, se pudesse se criar como desejasse, só escolheria voar?

— Criar a mim mesma como eu quisesse? — Cassandra riu.
— Só criar a mim mesma já era o bastante pra mim. Sabe quantas personagens já interpretei nesse trabalho? E todas foram lindas e incríveis, acredite. Ninguém me imagina feia ou estúpida. Natalie, por exemplo, faz um trabalho excelente comigo. Amo esse cabelo. Mas é o cabelo que ela imagina pra mim, não o meu de verdade. Claro, é divertido pra mim ser tão maravilhosa e autoconfiante como ela quer que eu seja. Mas agora tenho você, e por isso quero, acima de tudo, ser eu mesma. Então, sim, se pudesse me imaginar, eu faria exatamente isso. Imaginaria a mim, não outra pessoa. Mas ainda assim gostaria de voar. Voar bem alto, pra um lugar onde pudesse me mover com o vento e escapar de todos os que me julgam.

— Certo, isso seria legal — disse Guy —, eu admito.

— E você? — perguntou ela. — Se você pudesse se imaginar, qual seria o seu maior desejo?

— Hum — disse ele. — Não acho que exista algo específico que eu queira imaginar, pra dizer a verdade.

— Um minuto atrás você zombou de mim por...

— Eu sei, eu sei. É só que...

— E você vive falando sobre como está cansado de fazer as coisas que os outros imaginam você fazendo, e que adoraria fazer as coisas por você mesmo.

— É. — Ele coçou a cabeça, envergonhado.

— E então, o que você quer fazer?

— Eu... eu não sei...

De repente, ele olhou em volta e ficou desconfortável.

— Onde está o Michael? — perguntou.

— O quê? — disse Cassandra.

— Michael, onde está o Michael? — Ele se levantou e olhou em volta, um pouco tenso.

— Ele saiu — Cassandra respondeu baixinho.

— Não, não — disse ele. — Não pode ser. Ele tem que estar por aqui. Bom, se eu ainda estou aqui...

— Não. — Cassandra evitou olhar nos olhos dele. — Eu o vi. Ele apanhou os soldadinhos e foi pra casa.

— Então ele deve estar me olhando da janela ou algo assim.

— Não acho que esteja.

John Mediano ergueu os olhos na direção do edifício. A janela do quarto de Michael estava fechada.

— Ele está sentado em casa e me imaginando aqui? — ponderou ele, em voz alta.

— Acho difícil de acreditar.

— Como é possível que eu ainda esteja aqui se ele não está mais me imaginando?

Cassandra cruzou os braços e olhou para o lado.

— Pode ser... é... bem, pelo jeito, sou eu que estou imaginando você aqui.

Ele se virou para ela, surpreso.

— Você?

— Sim.

— Não sabia que era possível...

— Nem eu... — disse Cassandra. — Mas eu o vi saindo e, como não queria que você desaparecesse pra mim, comecei a imaginar que você continuava sentado comigo. — Ele não falava nada, e, diante do silêncio, Cassandra achou que pudesse ter ficado bravo. — Não o obriguei a fazer nada, juro! — alegou ela. — Nada. Só imaginei uma presença, não um comportamento. Tudo o que você fez foi por conta própria. De verdade. De verdade.

Ele se moveu de volta na direção do banco e se sentou perto dela.

— Certo — disse ele. — Obrigado.

Eles ficaram sentados por alguns momentos sem dizer nada.

— Está tudo bem, não é? — perguntou Cassandra, ansiosa.

— Está tudo ótimo — disse ele.

O sol havia começado sua lenta descida no céu.

Um cachorro abandonado passou na frente deles, determinado e concentrado na busca por alguma coisa que exalava um odor desconhecido.

— Não sabia mesmo que a gente podia imaginar um ao outro — disse ele.

— Pensando bem, por que a gente não seria capaz disso? — perguntou ela.

Ela brincou um pouco com a renda em seu colarinho, e pareceu que estava tentando decidir se dizia algo.

— O quê? — perguntou ele.

Cassandra se inclinou na direção de Natalie, a garota que a imaginava e que estava entretida brincando perto deles o tempo todo.

— Natalie? Docinho?

Natalie ergueu a cabeça.

— Está ficando tarde — disse Cassandra. — Acho que você deveria ir pra casa.

— Está bem — disse Natalie. — Você vem comigo?

— Não — Cassandra sorriu para ela. — Vou ficar e descansar aqui um pouco, tudo bem? Nós nos encontraremos aqui amanhã.

— Combinado. — A menina se levantou e, distraída, limpou os joelhos sujos. — Tchau, Cassie.

— Tchau, querida — disse Cassandra.

A garota saiu e Cassandra se virou para ele.

— Tente me imaginar — disse ela.

— Eu não...

— Vamos, tente. Mantenha-me aqui.

— Mas como?

— Por favor. — Ela começou a desaparecer e, com sua imagem já oscilante, continuou: — Não quero que estejamos limitados ao tempo. Tente me imaginar.

Ele sentiu o coração disparar.

O que significava, na verdade, imaginá-la?

Quem é ela? O que é ela?

— Mas não quero determinar o que você seja — sussurrou ele, fechando os olhos.

— Apenas me mantenha aqui. — Ele a ouviu como se ela já estivesse longe. — Você não quer que eu fique?

— Quero — disse ele.

Não pode ser só a aparência, o cheiro ou o toque dela. Esses são detalhes. Tem de haver algo mais. Guy se lembrou do sentimento que a presença dela despertava nele...

E então ele a imaginou.

Os dois sentados sozinhos no banco.

O céu acima deles riscado de vermelho e púrpura.

Sua Cassandra ao seu lado, lágrimas nos cantos de seus olhos sorridentes.

— Não o comportamento — ele disse a ela. — Só a presença. Como você disse mais cedo. Eu só te imaginei aqui. Faça tudo o que quiser.

Ela assentiu e sorriu.

Seu cabelo comprido flutuou ao seu redor e ela riu.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

— Você imaginou que meu cabelo está voando? — perguntou ela, com um sorriso. — Não há vento algum aqui...

— Ei — disse ele —, é a primeira vez que imagino. Não tenho tanta experiência nisso ainda.

— Eu também não — disse ela —, mas nem por isso estou aqui ajustando sua barba ou mudando a cor de seus olhos.

— O que tem de errado com a cor dos meus olhos?

Ela riu.

— Nada. É perfeita. São olhos ótimos.

Guy balançou a cabeça.

— Não faz sentido nenhum. Estou imaginando você me imaginando você imaginando...

— Eu consigo entender. É um círculo — disse ela. — Acostume-se à ideia.

— Mas não tem lógica — insistiu ele.

— E desde quando a lógica está ligada ao amor? — perguntou ela baixinho.

— Ligada ao quê? — Ele foi apanhado de surpresa.

— O que houve? Eu disse a palavra proibida? — perguntou ela, com um sorriso. — É assim que é com todo mundo, né? Um círculo de imaginação fechado assim...

Eles se imaginaram, tomando cuidado para não exagerar.

Aquele era realmente um pequeno círculo fechado, pensou ele consigo mesmo. O mundo poderia desaparecer, todas as pessoas nele poderiam parar de imaginar e toda a realidade – a verdadeira realidade – poderia apodrecer e quebrar e se dissolver e virar nada, mas os dois permaneceriam ali, mantendo um ao outro desse modo, enquanto o resto já não mais existia.

— Você quer voar? — perguntou ele.

— Sim — disse ela.

— Devo imaginar você com asas?

— Não, só me imagine planando no ar. Já é o suficiente.

Ela então começou a flutuar, e no mesmo instante ele começou a flutuar atrás dela.

— Ei!

— Fique perto — disse ela.

Eles subiram alto, planando lado a lado, sem tirar os olhos um do outro.

— Só não pare de me imaginar agora — disse ele baixinho.

— Não me deixe.

— Eu não vou parar — sussurrou Cassandra. — Não se preocupe.

Eles ultrapassaram o limite dos topos das árvores e começaram a subir cada vez mais alto, para um lugar no qual

nenhuma sombra bloqueava as cores do pôr do sol.

— Você também — sussurrou Cassandra, com os olhos arregalados. — Não pare. Não me deixe.

— Nunca — disse ele.

De Figuras-chave no Desenvolvimento da Profissão de Criador de Coincidências (Leitura obrigatória: H. J. Baum)

Hubert Jerome Baum é considerado por muitos o maior criador de coincidências de todos os tempos.

No início de sua carreira, Baum era um tecedor de sonhos certificado, e durante o tempo em que esteve nessa posição recebeu três prêmios por conta de sua originalidade e seu profissionalismo em construir sonhos. Durante esse período, ainda se destacou como uma das pessoas mais jovens na área, mas, independentemente da pouca idade, nos registros do arquivo de seu departamento é possível encontrar ao menos cinquenta e cinco referências a sonhos de altíssimo nível de complexidade e refinamento e ao menos cento e setenta referências a sonhos que deixaram um efeito positivo nas vidas de seus sonhadores.

Aproximadamente dois anos antes de se aposentar do cargo de tecedor de sonhos, Baum ganhou o prestigiado Prêmio Doson na categoria “uso de sonhos para a cura de traumas”, tornando-se o mais jovem profissional a ganhar esse prêmio.

Depois desse período, Baum se mudou para o departamento especial de projeção de associações, onde atuou por alguns anos. Numa das biografias escritas a seu respeito, *Baum: derrubando o primeiro dominó*, ele declara que sentiu forte urgência de se dedicar a uma atividade na qual não ficasse confinado a um escritório.

Quando Baum começou seu trabalho como criador de coincidências, o campo havia crescido muito pouco desde seu início. Os criadores de coincidências, naquela época, dedicavam-se a organizar, principalmente,

coincidências de terceiro nível, mas ainda assim não passavam de mencionadores de clichês ou criadores de coincidências muito “gritantes” devido a sua improbabilidade.

Tirando vantagem de sua extensa experiência na tecelagem de sonhos, e com a ajuda do conhecimento que acumulara no departamento especial de projeção de associações, Baum criou uma abordagem nova, complexa e mais elegante para a criação de coincidências. Sob seu ponto de vista, as coincidências também são um tipo de tecelagem, e Baum começou a definir um número de passos organizacionais que revolucionaram a ciência da criação de coincidências.

Durante seu serviço – que, de acordo com muitas fontes, ainda está em vigor – Baum foi responsável por muitas das mais complexas e impressionantes coincidências da história, como o bolor no laboratório de Alexander Fleming e a descoberta da penicilina, a organização da descoberta do eletromagnetismo, a descoberta dos raios X e a estruturação de uma janela de tempo na qual uma tempestade foi cessada, permitindo a invasão da Normandia. Baum também foi responsável por outras coincidências históricas importantes e complexas, muitas das quais ainda não foram classificadas, sendo que algumas, ao que tudo indica, nunca serão reveladas.

Baum é considerado um mestre em dois campos principais: mudanças relacionadas a e/ou que usam o clima – o que demanda pesquisa considerável e alto grau de precisão – e uso de múltiplas identidades na estrutura das coincidências. Os disfarces e identidades de que ele gostava em particular incluíam um maquinista alto com sotaque impreciso, um velho jardineiro e um cabeleireiro imponente que se chamava Claris.

Baum faz raras aparições em público com sua verdadeira identidade, e foi recentemente visto na cerimônia de formatura de um curso de criadores de coincidências na Espanha. Sua localização atual é desconhecida, bem como

seu status enquanto um criador de coincidências. Não se sabe ao certo se ainda está em atividade.



Pierre revisou mentalmente os detalhes dos acontecimentos daquele dia.

Metade de seu plano já havia sido executada. Ele precisava chegar logo ao ponto de ônibus, pois tinha de participar de uma discussão na qual precisava ficar muito irritado.

Ficar irritado era sempre uma tarefa difícil para ele. Antes de qualquer coisa, precisava se colocar no estado de espírito certo, ele alertou a si mesmo.

Ele não estava com a aparência de Pierre, é claro. Estava baixinho e careca, com um andar claudicante e uma barba malfeita e suada.

Durante os três meses anteriores, enquanto andava por aquela estação de rádio, não conversava muito com as pessoas. Depois de algum tempo, todos apenas supuseram que ali era o lugar dele e passaram a ignorá-lo, como se ele fosse uma mancha de sujeira no para-brisa do carro, pequena demais para justificar uma lavagem. Ele se tornara familiar a todos, embora ninguém fizesse ideia de quem fosse.

Aquela era outra prova de que a quantidade de atenção que uma pessoa atrai é sempre inversamente proporcional ao

número de pessoas em determinada área. A estação era grande o suficiente e seus corredores longos o bastante para que o nível de atenção que ele atraía ficasse exatamente abaixo do limite que o próprio Pierre tinha definido: o nível no qual ninguém se sentiria disposto a iniciar uma conversa com ele, embora todos estivessem acostumados a vê-lo por ali.

Ele foi saindo devagar da estação de rádio.

Como esperava, ninguém o notou. Sobre a mesa, do lado de fora do lugar que, por alguma razão, ainda chamavam de “biblioteca de discos”, havia pilhas de CDs, arrumadas conforme a ordem dos programas daquele dia.

A secretária na entrada, o diretor da biblioteca de discos, o apresentador que andava com um baseado na mão só para parecer moderno – nenhum deles estava por perto no momento em que Pierre passou por ali e trocou dois CDs de lugar.

Era muito simples. O apresentador pensaria que estava colocando determinada música para tocar, mas, quando notasse o erro, seria tarde demais para procurar o CD certo. Ele iria resmungar alguma coisa sobre uma pequena falha técnica, aceitar a situação e deixar a música rolar. Algumas vezes você nem precisava fumar um baseado para pensar um pouco mais devagar.

No fim das contas, ele tocaria a música escolhida por Pierre.

Essa era a primeira lição no Curso de Criação de Coincidências: manipulação musical.

E era simples assim, o básico do básico.

Pierre sorriu.



Emily se sentou na plataforma branca e esperou um trem.

Era o que parecia.

Com certeza, aquele lugar parecia uma plataforma de trens, embora fosse branca demais. Os trilhos logo abaixo, não muito longe à sua frente, eram inconfundíveis. Então, ao que tudo indicava, ela esperava um trem. A mala a seus pés era outra pista importante. Não que ela a tivesse preparado ou algo do tipo.

Além do mais, ela também não se lembrava de ter se dirigido até a estação de trem. Num momento estava em seu apartamento, assinando a demissão, cheia de vida, e agora estava ali, numa estação, aparentemente morta.

Ela não se sentia totalmente morta. Sentia o ar frio entrando em seu peito pelo nariz, sentia seu peso pressionando o banco, e sentia até um pouco de fome. Mas, de certa forma, estava morta, e isso ela tinha muito claro. E era um pensamento que a deixava nervosa. Ainda que não tivesse ideia do que ia acontecer, sentia que o pior já havia passado, então não havia nada com o que se preocupar. Era um tipo estranho de curiosidade, faltava até mesmo um pouquinho de medo das coisas que estavam por vir.

Ela olhou em volta, tentando se localizar no espaço. A plataforma se alongava ao infinito para os dois lados. Branca e impecável, sem nenhum outro banco além do dela. À sua frente, a plataforma terminava num degrau, e abaixo dele havia dois trilhos de trem pretos instalados no chão. Além deles, havia um gramado verde, que balançava sob a leve brisa e que continuava até onde sua vista alcançava. Pequenas árvores, também brancas, enchiam o horizonte formando uma linha em zigue-zague.

À sua direita, um pouco mais atrás, Emily notou uma coluna alta e quadrada com um alto-falante no topo. Sim, tudo indicava que um trem deveria chegar em breve. Ela se virou um pouco mais e viu uma pequena cabine atrás da coluna. Também era branca, é claro, e tinha uma pequena janela. Acima da janela havia uma placa com letras cinza-claro que dizia “Informações”.

Informações?

Há informações aqui?

Ela se levantou do banco, lutando um pouco contra o impulso de levar a mala consigo, e essa sensação fez com que ela se lembrasse de sua vida anterior. Ninguém tentaria roubar a mala dela ali. E mesmo que tentassem, que diferença isso faria?

Aproximou-se devagar do guichê, tentando se preparar para o que pudesse acontecer. Atrás da janela havia uma mulherzinha

usando uma camisa de algodão azul bem vivo. As rugas do sorriso criavam caminhos calmos por seu rosto e as pontas do cabelo curto e preto roçavam a dobra na lateral de seu pescoço. Ela parecia um desenho que poderia facilmente colaborar para a definição da palavra “amistosa” num dicionário ilustrado.

A mulherzinha ergueu os olhos e encarou Emily com um sorriso.

— Qual a sensação que essa placa desperta em você? — perguntou ela. — Oito letras, a terceira é um R.

Emily olhou para ela um pouco confusa.

— Perdão?

A mulher mostrou a Emily do que estava falando. Eram palavras cruzadas resolvidas pela metade.

— Oito letras — repetiu ela. — Não pode ser perplexidade porque tem letras demais.

— Surpresa — disse Emily.

— Isso! Está certo! — A mulher se alegrou e escreveu a palavra rapidamente. — Isso também resolve a número dois na horizontal, obrigada pelo A no final.

— O que é a dois na horizontal? — perguntou Emily.

— Uma sucessão de acasos sem lógica aparente — disse a mulher. — Quatro letras.

Emily pensou um pouco.

— E qual a resposta? — perguntou ela, por fim.

— Vida — disse a mulher.

— Vida?

— O quê, você acha que não é? — A mulher franziu as

sobrancelhas. — Bem, encaixa. Na seis horizontal eu tenho um I.

— E qual a dica?

A mulher examinou a página à sua frente.

— Aqui está: O nome da jovem esperando na estação — disse ela. — Emily, certo?

— C... erto — respondeu Emily.

— Encaixa direitinho — disse a mulher. Ela dobrou as palavras cruzadas e colocou o jornal de lado. — Então, como posso ajudá-la? — perguntou.

— Hum... — disse Emily, hesitante. — Na verdade não quero nada específico. Quero dizer, sinto necessidade de um pouco de informação, mas não tenho informações iniciais suficientes para sequer saber o que perguntar.

— Você também quer que eu forneça as perguntas? — perguntou a mulher.

— Não, eu só...

— Não, não, está bem. Sem problema. Tente “Estou morta?”, por exemplo.

— E-eu... estou... estou morta?

— Sim! — disse a mulher, com uma expressão de felicidade.

— Mas não de verdade. É um tipo de morte. Muito bom, você faz perguntas excelentes. A próxima pode ser “Quando o trem virá?”, que tal?

— Eu não pensei em perguntar isso, eu...

— Bem, vamos lá, repita comigo: Quando...

— Quando...

— O trem virá?

— Ok, quando o trem virá?

— Quando você quiser. — A mulher apontou um dedo para Emily e disse: — Agora tente fazer uma pergunta sozinha.

— O que você quis dizer quando disse “mas não de verdade”?

— Ah, uma pergunta excelente.

— Obrigada.

— Você está progredindo muito bem.

— Obrigada.

— ...

— ...

— ...

— E a resposta?

— Ah, sim, é claro — disse a mulher. — Já ia me esquecendo de responder. Você não está morta de verdade porque, vamos ser francas, só pessoas morrem. E você, como eu poderia dizer isso, não era exatamente um ser humano. Isso é, talvez você até fosse, mas tinha um status um pouquinho diferente.

— Eu era uma criadora de coincidências.

— A-há. Isso mesmo. E agora está a caminho do seu próximo papel. Isso aqui é como uma sala de espera.

— Uma sala de espera?

— Algo do tipo.

— Por que se parece com uma estação de trem, então? — perguntou Emily.

— Como eu poderia saber? — A mulher das informações deu de ombros. — Essa foi a maneira como você escolheu viver isso. Cada pessoa escolhe passar por essa experiência de um jeito diferente.

— E você...?

- Eu sou só alguém que você está criando na sua cabeça.
- Estou imaginando você?
- Não. Está criando. Não sou imaginária, eu existo. Você apenas escolheu me ver desse jeito. Por sinal, obrigada. Adorei esse corte de cabelo.
- Ah, não tem de quê.
- Mas, a propósito, por que você usou tanto branco? — perguntou a mulherzinha.
- Não sei — disse Emily. — Até poucos segundos atrás eu não tinha consciência de que estava criando isso tudo.
- Não que não seja bonito. É tudo muito limpo.
- Obrigada.
- Ah, não tem de quê.

Emily examinou a estação de novo, buscando pistas das coisas que estavam por vir.

- Então, o que vai acontecer agora?
- Assim como qualquer criador de coincidências — disse a mulher das informações com um sorriso —, você está aqui esperando por um feitiço. Quando estiver pronta, o trem vai chegar e levá-la até sua próxima estação.
- Que é?
- A vida — disse a mulher.
- A vida?
- Isso, a vida. A coisa toda de verdade. O melhor trabalho de todos. Vida normal e completa, com tudo incluso: livre-arbítrio, emoções conflitantes, memórias, esquecimento, sucesso,

decepções... tudo o que tem direito.

— Eu... eu serei parte da raça dos homens? Simples assim?

— Ou das mulheres, pra ser mais exata.

— E eu vou ter pais?

— Dois, para ser precisa.

— No mundo real e comum?

— Definitivamente, minha querida.

Emily inspirou fundo e permitiu que a compreensão a dominasse.

— Você tem que entender — disse a mulher — que talvez tenha morrido como criadora de coincidências, mas, como uma pessoa de verdade, ainda tem de nascer. Então, pode-se dizer que você está temporariamente morta, mas essa informação não é muito precisa, e eu não posso lhe dar informações errôneas ou imprecisas.

— É isso o que acontece com todos os que assinam o formulário de demissão? — perguntou Emily.

— É mais correto dizer que isso acontece a todo criador de coincidências que se aposenta. Voluntariamente, a pedido de alguém, involuntariamente — disse a mulher.

— Involuntariamente?

— Há outros modos de morrer, além de assinar um formulário, sabe?

— E, quando eu for uma pessoa, vou lembrar que um dia fui uma criadora de coincidências?

— É proibido — disse a mulher. — É pra isso que serve a mala.

Emily olhou para trás, para a mala vermelha que continuava

ao lado do banco em que estava sentada.

— A mala?

— Sim. A mala contém todas as suas memórias. Quando você entrar no trem, eles a levarão para o compartimento de bagagens.

— E...

— E ela se perderá, é claro. É isso que acontece com as bagagens. Elas não devem chegar ao mesmo destino que o passageiro. Quando chegam é porque aconteceu algum incidente. Pelo menos é assim que funciona aqui.

Emily se virou e voltou para o banco. Por alguma razão, a distância na volta da cabine de informações pareceu maior do que a distância da ida. Ela se sentou e apanhou a mala, colocando-a em seu colo. Era mais leve do que ela imaginava. Colocou as mãos em ambas as travas e as apertou. Ouviu um clique duplo e a tampa empurrou suas mãos para cima. Olhou por um momento para a fileira de árvores brancas no horizonte e depois abriu a mala.

Lá estava sua primeira coincidência.

Lá estava aquele beijo, que nunca pôde esquecer, apesar de sempre ter achado que deveria se lembrar dele com mais detalhes. Estava um pouco gasto nas bordas pelo excesso de uso em seus sonhos. Lá estava aquela vez que começara a chover durante uma aula de história da criação de coincidências na era moderna e Emily mal podia esperar para sair dali e sentir o cheiro de chuva.

E lá estava também aquele cheiro, colocado sob o sabor do sorvete de limão e baunilha. E lá estavam todas as xícaras de café que ela já havia tomado, em ordem, da mais fraca e menos significativa àquela que ela, sem querer, havia preparado com duas colheres cheias de café, o que fez com que ficasse acordada até as quatro da manhã.

Lá estavam os sonhos que ela havia sonhado. Dobrados, meio úmidos, como se Emily ainda não tivesse acordado. Estavam todos empilhados, os piores na parte de baixo, engolidos pela escuridão nas profundezas da mala, os maravilhosos e malucos brilhando no topo.

Incrível. Como é que tudo aquilo coubera numa mala tão pequena? A sensação de grama sob seus pés, o gosto amargo da falha, seus sapatos favoritos, o nome da garçonete que sempre servia Guy, Eric e ela na cafeteria que eles costumavam frequentar, suas mágoas, agudas e brilhantes, seus “quase”, seus sucessos, os pequenos *insights* que lhe ocorriam tarde da noite um pouco antes de dormir (mas dos quais não conseguia se lembrar na manhã seguinte), as vinte regras que o General havia insistido para que decorassem, os olhos responsavelmente belos de Guy quando ele ficava absorto, o barulho que faziam as luzes de neon, o medo paralisante que a dominou logo depois de ter assinado sua demissão.

E lá estava a carta, também. A carta que escrevera a Guy um momento antes de desistir. A carta que ela quis deixar para trás antes de descobrir que era impossível. Lá estava ela, na íntegra, sem nenhum pedacinho queimado e dentro de um grande envelope branco.

Emily respirou brevemente algumas vezes, pegou o envelope nas mãos e fechou a mala com um clique.

Depois disso, correu até a cabine de informações. A mulherzinha ergueu a caneta no ar e manteve o olhar fixo nas palavras cruzadas à sua frente.

— Como se sente agora? — perguntou ela. — Seis letras.

— Pronta — disse Emily.

— Hum... pode ser — disse a mulher. — Vou conferir agora se isso se encaixa com a quatorze na horizontal. — Ela levantou os olhos de novo. — Sim, como posso ajudá-la, querida?

— Todos os criadores de coincidências que vão pra... bem, pra vida, todos eles passam por esse lugar? — perguntou Emily, com a voz trêmula.

— Sim, sim, acho que sim — disse a mulher. — Mas isso não acontece com muita frequência. Não há muitos de vocês, na verdade, e vocês não estão muito ansiosos pra morrer, mas no final sempre passam por aqui.

— Você poderia me fazer um favor?

— É pra isso que estou aqui — Um pequeno sorriso.

— Você poderia entregar isso pra alguém? — Emily entregou o envelope a ela.

A mulher o pegou e o examinou. De alguma maneira, Emily sabia que a mulher sabia exatamente o que havia dentro dele.

— Você encontrou uma maneira de contornar as regras, não é? — perguntou a mulher.

— Mais ou menos isso — disse Emily. — Preciso que você entregue essa carta à pessoa quando ela passar por aqui. Ele tem mais ou menos essa altura, e...

— Eu sei do que você está falando — disse a mulher. — Ou melhor, de quem está falando.

— Sabe?

— É claro. Você está falando da quatorze na horizontal. “Aquele rapaz”. Isso encaixa exatamente com o “pronta” que você respondeu antes — disse a mulherzinha sorridente. Emily sentiu vontade de fugir, de sair correndo até o final da plataforma e voltar.

De longe, o apito de um trem que se aproximava podia ser ouvido.

— E esse — disse a mulher, com o sorriso se alargando — é um sinal de que você está realmente pronta.



O saguão do prédio estava cheio de gente. Guy se sentou num dos pequenos sofás, no canto, e ficou assistindo aos homens de terno andando para lá e para cá no espaço entre a porta de entrada e o elevador.

Ele ainda não estava em condições de sair e caminhar até o local onde devia encontrar Pierre. Mas uma olhada rápida para o grande relógio pendurado à sua frente mostrou que ele precisava se levantar e começar a se mover muito em breve. Guy se sentia tão cansado.

Sim, claro que assumir outra forma era cansativo, mas não era só isso. Seu eu mais profundo estava extremamente incomodado com todas aquelas ações tão avessas à essência de tudo aquilo que lhe havia sido ensinado.

Será que ele devia tentar convencer Pierre? Qual era sua justificativa? Que argumentos, exatamente, ele poderia apresentar? Baseado em quais dados defenderia uma teoria alternativa?

Nenhum dos executivos apressados cruzando o saguão atentou para o jovem melancólico afundado no sofá. E, para falar a verdade, por que deveriam prestar atenção nele?

Se Guy se aproximasse das portas automáticas na entrada agora, será que elas reagiriam a ele ou ele era tão insignificante e covarde que nem os sensores perceberiam que havia ali alguém a quem abrir a porta?

Talvez pudesse apenas ficar no sofá até que o sol fosse embora e Pierre se visse forçado a ir até ele para descobrir o que diabos acontecera e por qual motivo ele tinha arruinado todo o plano. E aquele poderia ser o fim de sua carreira. Bem, que fosse.

Quão cheio de energia Guy tinha estado em sua primeira missão. E mesmo antes disso, no exame final do curso. Abrindo caminho no meio da floresta, a passos rápidos, com olhar concentrado e os músculos das pernas gritando de dor, mas determinado a encontrar seu cliente antes que a Lua surgisse no céu. Era fácil quando você não compreendia as consequências.

Aquela havia sido uma missão ridícula, e, ainda assim, ele ainda não tinha entendido o que realmente fizera ali, mas pelo menos tinha conseguido se convencer que fora algo relevante.

E agora, quando estava envolvido em uma missão realmente importante, ele era incapaz de se mover. Era um fracasso.

Caminhou até a saída de emergência e abriu a porta.



Guy, hesitante, entreabriu a porta do escritório.

— Garoto, que parte do “pode entrar” não ficou clara pra você? — ele ouviu o General dizer, e logo abriu totalmente a

porta.

O General estava sentado à sua escrivaninha de madeira, com as sobancelhas erguidas, imaginando o que estava por vir. À sua frente, sobre a mesa, havia uma grande pasta marrom, um pedaço de papel cheio de anotações e um cachorro de plástico mexendo a cabeça para cima e para baixo. Guy ficou pensando se o General sempre batia na cabeça do cachorro antes de mandá-los entrar na sala.

— Entre — disse ele e, gesticulando, continuou: — Sente-se.

O escritório era espartano.

Uma janela quadrada projetava um quadrado iluminado sobre mesa de trabalho lisa e praticamente vazia, a qualquer hora do dia. Num canto repousava um grande globo que, sem dúvida, também servia como armário de bebidas. No canto oposto da sala havia um mancebo, mas nunca tinha nada pendurado ali. Do lado direito, uma estante. Ela estava vazia, exceto por um livro com capa amarela e branca e um pequeno vaso do qual saía uma única folha. Guy sempre se perguntava se a planta era natural ou de plástico.

Não havia retratos. Não havia um computador, é claro, nem mesmo um calendário.

Num canto da mesa, entretanto, do lado oposto ao cachorro que balançava a cabeça, havia um daqueles brinquedos de executivos. Guy se lembrava de que o nome daquilo era bolas cinéticas. Cinco bolas prateadas brilhantes, cada uma pendurada por dois fios, esperando que o patrão entediado levantasse e

soltasse uma delas, iniciando o movimento pendular e uniforme.

Guy se sentou diante do General e esperou.

O General pegou um pedaço de papel e murmurou alguma coisa consigo mesmo.

— E, então — perguntou, olhando para Guy —, como foi?

— Eu... — hesitou Guy — acho que foi bom. Não foi?

— Você é quem me diz.

— Sim, sim. Foi bom.

— O que foi bom?

— O curso.

— O curso?

— Você está perguntando sobre o curso, não é?

O General se recostou e olhou fixamente para Guy.

— Sabe o que eu gosto em você?

— Sim. Quer dizer, não — respondeu Guy, confuso.

— Do excelente equilíbrio entre a necessidade que você tem de receber aprovação exterior e sua habilidade de executar o mínimo possível pra obter essa aprovação.

— Não sei se entendi — disse Guy.

— Ah, não é de se esperar que você entenda tudo o que eu digo — disse o General. — Pelo menos não ainda.

— Hum. Tudo bem.

O General continuou balançando em sua cadeira e observando Guy.

— E as minhas notas? — perguntou Guy.

O General não respondeu. Ele parecia pensar em alguma outra coisa. Guy esperou. Antes de ele entrar na sala, Eric e Emily o haviam avisado para tomar cuidado, pois o General parecia estar de bom humor.

— Sim, as notas. — O General balançou a cabeça, saindo de seu devaneio, e olhou para a folha de papel à sua frente. — Péssimo em história, nada mal em qualquer assunto relacionado à teoria da manipulação humana, excelente em análise técnica de coincidências, e assim por diante. Não se preocupe. É bastante ridículo que você não conheça os personagens-chave da história dos criadores de coincidências, mas nós não trouxemos você até aqui pra ser reprovado no exame teórico. Nós sabemos selecionar pessoas. Eu também estou confiante de que você vai se sair bem no exame prático. Na verdade, tenho quase certeza que vocês três vão se sair bem.

— Fico feliz em saber disso — disse Guy.

O General se levantou e começou a andar em círculo pela sala, com as mãos no bolso.

— Há dois tipos de criadores de coincidências particularmente interessantes — disse ele —, e eles podem ser comparados a dois tipos de pessoas. Aquelas que conduzem sua vida e as que deixam a vida conduzi-las, as pessoas ativas e as passivas.

— Como?

— O criador de coincidências ativo pode ser brilhante, mas

ele também é perigoso. Ele sabe que tem controle sobre o mundo e sabe como usar as ferramentas. Ele gosta de se ver como um criador ou como um artista. Seu amigo Eric, por exemplo, é um criador de coincidências ativo. E algumas vezes isso pode ser irritante. Durante o curso, aquele moleque organizou pelos menos três encontros amorosos pra si mesmo, com a ajuda de coincidências não autorizadas; ele também teria ganhado na loteria se eu não o tivesse proibido de executar as últimas etapas de seu plano. Se Eric não fosse um gênio, teria sido expulso. Mas esse é o risco que se corre com criadores de coincidências ativos.

“Você, por outro lado, é tão passivo que dá gosto de ver. Você não se vê como um artista, mas sim como um funcionário. Você está tão acostumado a se deixar levar pela vida que acha o conceito das coincidências completamente natural. Você é o sonho de todo operador. Você recebe um envelope e cria uma coincidência, recebe outro envelope e cria outra coincidência. Tudo funciona como devia ser. Mas, por outro lado, é um pouco triste observar você muito de perto.”

Guy não estava prestando muita atenção ao que ele falava. Emily o havia avisado de que o General costumava ser sarcástico e tentava minar a confiança do aluno de forma exagerada e sofisticada antes de finalmente entregar sua última missão no curso.

— Ele me passou um sermão de quinze minutos sobre como a minha falta de confiança podia ser vista como algo positivo e como isso melhoraria minha tendência de buscar a perfeição — disse ela num tom ansioso. — Mais dois minutos e eu teria me levantado e saído dali. Ou chutado o joelho dele com toda a força.

Mas, passado algum tempo, ficou difícil ignorar o General.

Ele enfiou a cara bem na frente de Guy.

— Se você quiser progredir nessa profissão — disse ele —, se você quiser ser algo além de um entregador de pizzas de acontecimentos, precisa tentar se abster das abstenções. Talvez a vida passe a não ser assim tão fácil quanto você está acostumado, mas vai ser mais gratificante, entende?

— Entendo — disse Guy, tentando com todas as suas forças manter a posição e não afastar a cabeça para trás.

No fim, ele recebeu a pasta que continha sua última missão no curso. Enquanto Guy folheava o conteúdo, o General se aproximou do globo no canto da sala e estudou os continentes com atenção, como se os estivesse descobrindo pela primeira vez.

Guy olhou para o General.

— Diz aqui que devo...

— Sim.

— Mas na verdade...

— Correto.

— Só fazer uma borboleta bater as asas uma única vez.

O General soltou uma breve risada.

— Isso é o que acontece quando você não se dedica ao estudo de história com seriedade. Não menospreze essa missão. Fazer uma borboleta bater a asa uma única vez, definitivamente, não é uma tarefa simples.

— Entendo que pode ser um pouco complicado, mas...

— Elas são umas pequenas desgraçadas teimosas, essas borboletas. No passado, não entendiam sua importância, mas hoje em dia sabem exatamente qual seu valor, e é muito difícil persuadi-las a mover uma asa quando não estão dispostas a isso. Encontrar uma delas é a parte fácil. A persuasão é que vai ser complicada. E nós ainda nem discutimos o prazo.

— Então essa é a minha missão final do curso? Viajar pro Brasil, passear pela floresta, encontrar uma borboleta e persuadi-la a mover suas asas uma única vez? Isso é tão... tão... anos oitenta.

— Não são asas. É asa. Leia com atenção.

— Mas Eric recebeu a missão de organizar o encontro entre três pessoas que vão fundar uma nova cidade. Emily precisa fazer com que um cara de Praga invente um novo jogo de cartas...

— E isso foi o que você recebeu. Estude e execute. Nem tudo o que você faz precisa ser tão mirabolante quanto pousar na Lua. Ações pequenas e ordinárias também têm sua importância.

— Acho que...

— Bom, acho que nós terminamos — disse o General.

Ele levantou uma das bolinhas prateadas e a soltou, criando um movimento em arco. Na outra ponta, duas bolinhas pularam para cima.

— Isso não é impossível? — perguntou Guy, apontando para o brinquedo com certo ar de rebeldia.

— Esse é o princípio básico de tudo o que fazemos aqui, seu idiota. Apenas vá e faça o mesmo com uma borboleta — disse o General.

Guy pegou a pasta e se levantou para sair, seus olhos ainda incomodados com o movimento das bolinhas prateadas. Uma descia de um lado, duas subiam do outro.

— Às vezes as coisas funcionam assim — comentou o General.

— Entendo — disse Guy.

— Não, você não entende. Mas vai entender.



— Parece que você foi atropelado por um ônibus. Guy encarou Pierre.

— Não estou de bom humor — disse ele.

— Eu sei que você não está confortável com essa missão, mas às vezes precisamos fazer coisas assim. Você sabe disso.

— Mas não é justo. E não tenho certeza de que posso fazer isso.

Eles estavam num ponto de ônibus velho e afastado da cidade. Guy sentava num dos bancos quebrados, com as costas curvadas e os cotovelos apoiados nos joelhos. Pierre estava de pé na frente dele, com os braços cruzados.

— Ouça — disse ele. — Vai ser fácil. E não vou ficar aqui falando baboseiras pra que você se sinta motivado.

Pierre se afastou um pouco do ponto de ônibus e olhou para a curva que ficava mais adiante na estrada.

— Os fatos são simples. Michael, aparentemente uma pessoa que você quer muito bem, precisa morrer pra que a cadeia de mortes bem-sucedidas de Alberto Brown não seja quebrada. Essa cadeia de mortes tem de ser mantida pra que Alberto Brown alcance tamanha reputação durante os próximos quatro anos que se torne valioso aos olhos de uma das maiores famílias de mafiosos dos Estados Unidos. Essa reputação vai fazer de Alberto

uma figura tão legendária que, cinco anos depois, ele será escolhido como o chefe do grupo e vai iniciar uma fusão com três outras grandes famílias, formando o maior cartel criminoso dos últimos duzentos e cinquenta anos. Essa fusão vai permitir que Alberto crie laços e entre num negócio com diversas pequenas organizações terroristas. E então, alguns anos mais tarde, quando tudo estiver amadurecido, meu último passo será fazê-lo dividir o cartel em pedaços e dar um golpe fatal nas células terroristas associadas a ele, o que vai resultar em pelo menos trinta anos de paz, em vários pontos do planeta.

Ele se virou para Guy e concluiu:

— Precisamos matar um homem para dar continuidade ao ciclo de uma coincidência que abrange algo em torno de sessenta anos de história. E não vai ser nem mesmo algo direto.

— Pierre... — disse Guy.

— Não me venha com “Pierre” — disse ele, baixinho. — Tenho coisas a fazer. Tenho coisas pra preparar. Já deixei tudo organizado pra você. O motorista está cansado, preocupado e não vai ser capaz de manter o foco em nada. Você vai subir no ônibus. Vai se sentar na frente, perto dele. Vai esperar como um bom menino até chegar ao ponto certo e, então, vai chamá-lo pra perguntar alguma coisa na hora exata, pra que ele vire a cabeça por alguns instantes e atinja nosso cliente.

— Ele não é nosso cliente.

— Da nossa perspectiva, isso gira em torno dele, então, tecnicamente...

— Ele não é nosso cliente! — gritou Guy.

Um silêncio pairou sobre eles por alguns segundos.

— Você gritou comigo? — perguntou Pierre.

— Quando muito — disse Guy baixinho —, ele é meu cliente.

— Você gritou comigo?

— Fui eu que tive de garantir que ele não se sentisse tão sozinho. Fui eu que brinquei com ele e o convenci de que poderia realizar seus sonhos. Fui eu que o protegi quando ele corria por aí. Fui eu que tentei explicar pra ele que amigos vêm e vão, embora eu mesmo não tivesse certeza de um dia ter tido amigos. E agora sou eu que tenho que matá-lo.

Pierre ficou quieto por um instante, e depois perguntou de novo, num tom frio:

— Você, seu idiota raquítico, você gritou comigo?

— Tem de haver outra saída. — Guy ergueu a cabeça. — E acho que você está tentando evitá-la de propósito.

Pierre se virou na direção dele.

— Você vai me ouvir agora — disse ele, os olhos vermelhos de raiva —, e vai me ouvir muito bem. Enquanto você está ocupado organizando pra que dois estudantes malucos trombem num corredor, eu organizo o nascimento de presidentes. Enquanto você coloca uma estúpida música pop no rádio pra criar o fundo musical pra um romance estúpido, eu organizo o nascimento daqueles que vão assassinar os presidentes cujos nascimentos eu mesmo preparei.

“Você não é nada, é um ninguém. É só um funcionário de baixo escalão com tendência a falar muita besteira. Você acha que está mudando e organizando as coisas no mundo, mas tudo

o que faz é executar piadas existenciais sem o menor sentido. E, enquanto faz tudo isso, você mesmo está vagando por aí sem objetivo nenhum além de seu próximo envelope de merda. Você fez alguém decidir ir pra Austrália em uma jornada de autodescoberta, então acha que é capaz de ver o panorama completo? Você não é capaz de desenhar as três coisas e meia que constituem sua própria vida em sua parede.

“Olhe para si mesmo. Você é uma peça de dominó esperando que alguém o derrube. Esse é todo o seu impacto no mundo. Você é um alvo parado. Além daquela sua heroica operação de resgate, houve alguma coisa, só uma, que você tenha feito na vida que tenha vindo de um impulso verdadeiramente seu, e não porque alguém lhe disse para fazê-la?”

Guy tentou manter a compostura e encarou o chão com uma raiva contida.

— Eu amei — disse ele, baixinho. Pierre se engasgou.

— Você amou? *Você amou?* Aquela sua amiga imaginária? Desde quando imaginar é o mesmo que amar?

Pierre balançou a cabeça, incrédulo, e continuou:

— O amor exige mudança. O amor exige trabalho. O amor não é um doce que você ganha por ter sido um bom menino e então merece algo que o faça se sentir bem. Amar é um trabalho duro. O mais difícil do mundo. Que esforço você investiu de verdade em sua amiga imaginária? Você assumiu um personagem que lhe agradava e o banhou com bastante doçura até se convencer que estava “amando”. Os preguiçosos não amam.

Pierre estava furioso agora. Simplesmente não conseguia se conter.

— Ah, caramba, eu sabia que deveria ter desistido de você. Eu sabia. Essa era uma missão de piedade, pra mim. Você não acha que eu poderia ter organizado essa morte num parque abandonado? Ou num acidente de elevador? Acha mesmo que preciso de você vestido como um maldito amigo imaginário pra persuadi-lo a sair do prédio e atravessar a rua na hora certa? Pra alguém que organiza metades de acidentes e se chama de criador de coincidências, me parece um pouco esnobe, não? Você tem feito as mesmas coisas por tempo demais, demora horas e horas pra organizar uma dorzinha de estômago numa garota de cinco anos. Sim, sim, sei tudo sobre você. Revisei suas missões. Essa deveria ser a missão que impulsionaria seu avanço e que o forçaria a tomar uma decisão corajosa. Você acha que o mundo pode ser mudado com flores? Não, não, meu querido. As flores ainda não mudaram o mundo. Os espinhos, talvez. Os rifles, com certeza. As bombas mudaram o mundo e continuarão a fazê-lo, pode acreditar em mim. Mas não as flores. E, se você quiser começar a mudar as coisas no mundo, coisas relevantes, deveria parar com essa supersensibilidade emocional.

— Eu gosto de mudar as pequenas coisas — disse Guy, baixinho.

— Então fique aqui, em seu quadradinho protegido. Organize encontros de casais que se divorciarão depois de cinco anos, faça as pessoas entenderem seus “sonhos” só pra descobrirem, dez anos depois, que elas não têm como realizá-los e que abdicaram de tudo o que tinham por nada. Rascunhe esquemas nas paredes até o fim de seus dias. Até que assine a demissão, amargo e cheio de frustrações. Assim como fez sua amiga.

Guy ergueu os olhos, em choque.

— O quê?

— Emily — disse Pierre com um sorriso satisfeito. — Pelo jeito, ela também não era forte o suficiente.

O rosto de Guy ficou branco.

Emily assinou a demissão. Que diabos ela estava pensando?

Ele tentou se concentrar em seus pensamentos, mas descobriu que a voz de escárnio de Pierre ainda penetrava em sua mente.

— Você acha que ela realmente percebeu que estava fazendo o serviço pesado pra outros criadores de coincidências? Organizando as peças para que criadores de coincidências de verdade pudessem jogar? Talvez. Talvez ela estivesse apenas cansada. Isso acontece quando você sente que seu papel é insignificante.

Pierre se virou na direção da rua. Um pequeno ponto apareceu no horizonte.

— O ônibus está se aproximando, queridinho. Você ainda tem tempo de desenvolver um alicerce. Ainda pode sentir o gostinho de como é gerar uma verdadeira mudança no mundo. Ou então pode ficar aqui, dizendo a si mesmo o quanto é ético, e continuar construindo uma carreira tão relevante quanto uma casca de banana na calçada, que no fim das contas pode fazer alguém escorregar e cair, você sabe, né?

Guy ouviu o motor do ônibus.

O ar quente no ponto de ônibus pesava em torno deles. Pierre ainda estava de pé, ereto, encarando a rua. Guy continuava sentado, praticamente jogado no banco quebrado.

— Como você ousa? — disse Guy, finalmente.

— Perdão? — Pierre ergueu uma sobrancelha.

— Quando foi que isso aconteceu com você, hein? — perguntou Guy, levantando a voz sobre o barulho do ônibus que se aproximava. — Quando foi que você atingiu o nível de arrogância que o fez perder sua sanidade e pensar que é tão especial que pode decidir pela morte de alguém apenas porque serve aos seus propósitos?

— Ouça, agora...

— Não, você é quem vai me ouvir! — gritou Guy. — Você é um criador de coincidências pra assuntos presidenciais e revolucionários, mas não é capaz de arrumar uma saída pra essa situação sem uma morte desnecessária? Não, não. Não acredito nisso. Eu sei que você pode! Poderia organizar muito mais do que isso. Mas não seria dramático o bastante, certo? Isso não lhe daria o formigamento que faz com que se sinta tão vivo e poderoso! Esses pedaços de realidade que eu mudo, senhor, são vidas de pessoas. Em que estágio, exatamente, você se esqueceu disso? Em que ponto começou a tratar tudo como um grande jogo no qual você precisava acumular pontos?

— Calma aí. Não foi isso que eu quis dizer quando falei em “desenvolver um alicerce” — disse Pierre, friamente.

— Cale a boca! — berrou Guy. — Prefiro continuar pequeno e insignificante pra sempre em vez de perder minha alma pra

encarar o mundo da forma como você encara. *Você* escolhe como cria suas coincidências. É *você* quem escolhe. Elas não acontecem por conta própria. E agora eu estou escolhendo como criar minhas coincidências, e elas não vão incluir a execução de ninguém.

— Acalme-se...

— Você me escute! Por toda a minha existência eu venho acatando ordens. Todo esse tempo, enquanto fico correndo por aí como louco, organizando e preparando e criando coincidências, tenho sido, na verdade, passivo. Como amigo imaginário, fui passivo porque tinha de ser. Era proibido de expressar minha opinião ou de mudar alguma coisa que fosse contrária aos sentimentos daquele que me imaginava. Um dia, eu me rebeleí, ousei enfrentar meu cliente e fui punido com anos de não existência.

“E então tive a oportunidade de ser ativo, de alterar as coisas, de mudá-las pra o que sinto ser o lugar certo. Mas, em vez disso, eu me tornei um escravo daqueles envelopes. Virei parte do sistema, apenas porque aquilo era confortável e prazeroso e me dava uma sensação de pertencimento. Do meu primeiro envelope até hoje, tudo o que enxergava ali eram missões que precisavam ser cumpridas. Avancei pelo caminho seguro pra ser como você, alguém tão absorto na vaidade pelo desempenho excelente que não vê as almas daqueles que são afetados pelas suas criações. Mas agora chega.”

O ônibus estava a trinta ou trinta e cinco metros de distância. Eles já podiam sentir seu cheiro.

— Eu não vou embarcar — disse Guy. — Você pode fazer isso

sozinho.

— Você vai subir, sim — disse Pierre. — Não há outra opção. Com o devido respeito ao seu discurso ousado, nós temos uma missão a cumprir.

— E com todo o respeito ao *seu* discurso ousado — disse Guy —, você sabe muito bem onde pode enfiar essa missão.

O ônibus parou perto deles.

A porta abriu.

— Duas coisas — disse Pierre, colocando o pé no primeiro degrau —, eu farei isso agora, mas você, meu amigo, você não vai mais criar sequer uma coincidência que envolva seres humanos. Eu vou garantir pessoalmente que você seja designado pra criação de encontros românticos entre répteis e insetos pelo resto da vida.

“Em segundo lugar, diante de toda essa merda sobre você estar cheio de ser passivo, talvez deva considerar o fato de que sua pequena rebelião está baseada em *não* fazer coisa nenhuma. E isso não me soa muito ativo, se quer saber. Como sempre, mesmo quando se rebela, escolhe a alternativa mais fácil.”

A porta se fechou atrás dele com um denso sopro de ar e o ônibus começou a se afastar até sumir de vista.

Guy ficou sentado ali por quase um minuto, e o sol escaldante iluminou as nuvens de poeira que giravam em torno dele.

E então ele se levantou e começou a correr.



Sim, ele podia ter lidado melhor com aquilo.

Os prédios e as casas passavam rapidamente por ele pelas janelas do ônibus.

Ele não devia ter ficado tão alterado. E devia ter seguido o plano original, evitando qualquer imprevisto. Mas pelo menos não havia passado dos limites que estabelecera para si. Estava tudo bem, as coisas ainda andavam conforme o plano.

Ele se sentia desconfortável com as coisas que dissera. Guy não merecia ouvir aquilo. No fim, ele era um cara legal.

Sim, ele tinha se deixado levar.

O ônibus chegou ao centro da cidade. A missão estava prestes a acontecer.

O que tinha sido aquilo sobre “organizar o nascimento de presidentes”? Que bola fora. Não existe nada como “organizar o nascimento de presidentes”. As pessoas trilham caminhos que as fazem se tornar presidentes depois de nascer, não antes disso. Isso ficava claro na quarta regra do livre-arbítrio. Perguntavam sobre isso nas provas do curso. Se Guy percebesse o erro, poderia

arruinar tudo. Depois de todos esses anos, ele ainda cometia erros de principiantes. “Nascimento de presidentes”, por favor, de onde ele tirou isso?

De todo modo, ele só podia esperar que não houvesse mais nenhuma perturbação e que todos os cálculos estivessem corretos.

Afinal, aquele tinha sido apenas um pequeno tropeço. Todo esse arrependimento era desnecessário.

Eis o cruzamento.

Em alguns instantes, o ônibus precisaria virar à direita.

Lá estava ele, sem suspeitar de nada. E agora, naquele exato instante, Pierre precisava se inclinar para a frente e...

— Ei, você não devia ter parado naquele ponto ali atrás? O motorista do ônibus virou a cabeça em sua direção:

— O quê?

Mas Pierre já não olhava mais para o motorista. Olhava para a pessoa que tinha acabado de aparecer na frente do ônibus. Ele viu as mãos do homem acenando, e, por um instante, antes do impacto, seus olhos se encontraram.

Ele não conseguiu deixar de pensar:

— Missão cumprida.

Da carta difundida entre os alunos do Curso de Criadores de Coincidências no intuito de encorajar a iniciativa

Para todos os alunos do curso:

Como vocês sabem, dentro de cerca de um mês vocês vão completar seus estudos e dar início a seu período como aprendizes de criação de coincidências.

Por favor, fiquem atentos!!!

Ao longo dos anos, uma tradição deplorável se estabeleceu: os formandos do Curso de Criadores de Coincidências criaram algo a que chamaram de Coincidências de Formatura (C.F.s).

As consequências de uma coincidência “divertida”, “agradável” ou “inteligente” executada sem supervisão profissional e sem aprovação prévia podem ser severas!!!^[2]

Todas as atividades de criação de coincidências não auto-rizadas são estritamente proibidas, por mais engraçadas que possam parecer.

Um aluno que criar uma C.F. corre o risco de ser reprovado e expulso do curso!!! Vocês foram avisados!!! Vamos todos terminar o curso de forma segura e tranquila!!!



O quarto estava meio gelado quando Alberto entrou.

Ele sempre ligava o ar-condicionado antes de sair. Achava importante voltar a um quarto com a temperatura agradável. Mas naquele momento não estava prestando atenção naquilo.

Ele não se deitou na cama nem olhou pela janela, assim como não se sentou na sacada com um copo de uísque e gelo. Tudo o que fez foi começar a se preparar, perguntando-se se estava satisfeito ou aterrorizado. Um matador de aluguel não deveria ficar aterrorizado. Ele aparentemente estava satisfeito.

Alberto viu seu alvo deixando o prédio. Era um homem alto, vestia um terno azul-marinho e andava a passos rápidos e precisos, com as mãos enfiadas nos bolsos. Mais um alvo. No fim das contas ele era apenas isso, mais um alvo. Mas, então, três surpresas aconteceram.

A primeira surpresa foi que seu alvo de repente se virou e começou a atravessar a rua, decidido.

Ele esperava que o alvo fosse em direção ao estacionamento. Mas descobriu, pela primeira vez, que os alvos têm vida própria

e que podem, sim, decidir atravessar a rua caso algo interessante do outro lado lhes chame a atenção.

Ele acompanhou o homem de terno com a mira de sua arma, tentando calcular a melhor hora de atirar nele antes que chegasse à outra calçada e ficasse fora de seu alcance.

A segunda surpresa foi que o homem parou no meio da rua. Por um momento, ele pareceu pretender voltar. Alberto não tinha ideia do que poderia distrair alguém a ponto de fazê-lo parar do nada no meio da rua. Um segundo depois, entendeu.

Vai ser um acidente, pensou ele. Excelente. A coisa toda levou pouco mais de um segundo. Seu alvo hesitou por um instante, olhou para trás e parou por um breve momento, o que foi o suficiente para Alberto mirar em seu peito, prender a respiração, trocar o rifle para o modo de tiro único, colocar o dedo no gatilho e...

E então veio a terceira surpresa.

Um curto guinchar de freios e um táxi parou bem na frente de seu alvo. O motorista, irritadiço, colocou a cabeça para fora da janela e gritou. O homem de terno levantou as mãos, num gesto de desculpas, e continuou a andar devagar até o outro lado da rua, saindo do alcance da arma.

O dedo de Alberto ainda estava no gatilho, e ele se sentiu sufocar.

Nada, absolutamente nada aconteceu. E ele sabia que aquele era o momento em que deveria acontecer. Sentiu aquele formigamento, o forte desejo misturado a um senso de

confiança, a respiração pesada que havia marcado esses momentos para ele no passado.

O momento chegou e passou, mas nada aconteceu.

Se ele não se controlasse agora e matasse o alvo nos dois segundos e meio que restavam, o homem não morreria de nenhuma outra forma.

Tudo se movia em câmera lenta.

O alvo andava distraído, e Alberto o perseguiu até tê-lo novamente na mira.

Ele entendia claramente que agora precisava de fato matar uma pessoa. E não apenas esperar que o sujeito morresse sozinho. Alberto tinha de matá-lo.

Ele posicionou o alvo bem na mira de seu rifle.

O dedo estava no gatilho, ele decidido a atirar. O comando que seu cérebro enviou ao dedo correu por sua nuca, percorreu suas escápulas, moveu-se pelo ombro, escorregou por seu braço e finalmente atingiu o dedo, e então...

E então o dedo, como que num ato de rebeldia, se recusou a executar o comando.

E o alvo desapareceu de vista.

Alberto Brown não era capaz de matar um ser humano, na verdade.

Depois que se acomodou no avião e a pista começou a passar pela janela a seu lado, Alberto percebeu que não estava nem

satisfeito nem aterrorizado. Sentia-se apenas tomado por um grande alívio. Tinha resistido a um teste de verdade. Uma escolha simples, depois da qual o matador mais discreto e eficiente do hemisfério norte se tornou um simples homem com um hamster. Apenas um homem.

Um homem que agora se esconderia, que agora teria de mudar de identidade, e que talvez fosse incapaz de ficar no mesmo lugar por muito tempo; um homem que largou um rifle carregado num telhado de prédio porque estava tão cheio de frustração e medo e alegria que comprou uma passagem de avião para o primeiro lugar que viu no quadro de partidas do aeroporto.

Mas apenas um homem.



A porta se fechou delicadamente atrás de Michael, como se ele tomasse cuidado para não acordar alguém, ainda que soubesse que ela – a única pessoa da casa –, mesmo deitada na cama, provavelmente não dormia.

Era tarde. Michael não tinha ido direto do escritório para casa.

Depois de ter atravessado a rua até uma loja na outra calçada e feito uma pequena compra, percebeu algo diferente. O ar do lado de fora estava gelado, e a primeira lufada que sentiu depois de sair da loja foi como a primeira respiração de um bebê. Ele

ficou surpreso. Era como se só agora lembrasse como era respirar, como se tivesse morrido e retornado à vida. Balançou a cabeça, olhou para a pequena sacola na mão e imaginou, quase em voz alta, como podia ter pensado que aquilo mudaria algo.

Em silêncio, pendurou sua pasta do lado de dentro da porta e colocou as chaves sobre a mesa do hall de entrada. Levou uma das mãos ao pescoço para afrouxar a gravata, mas se deu conta de que já havia feito aquilo mais cedo, quando permitira que suas pernas e seus pensamentos o levassem pelas ruas. Michael caminhara por horas, perguntando-se que diabos estava fazendo e por que ele achava que seria bem-sucedido daquela vez, ao contrário de todas as vezes em que havia falhado.

A luz da cozinha ainda estava acesa, e ele entrou e se serviu de um copo de água gelada. Tirou os sapatos rapidamente e, tranquilo, sentiu a temperatura fria do chão que lhe chegou aos pés através das meias. Ficou de pé na cozinha por alguns minutos, bebendo a água em pequenos goles, parando a cada segundo e respirando um pouco. Ficou surpreso por descobrir que estava animado de novo.

Menos de uma hora antes, parecia um caso perdido. Voltara ao estacionamento do escritório depois da caminhada, a sacola da compra insuportavelmente pesada em sua mão, cheia até a borda com expectativas exageradas. Abriu o porta-malas do carro e a jogou lá dentro, quase com desprezo. Praguejou contra sua ingenuidade, xingou John Mediano pela ilusão que plantara nele e amaldiçoou o mundo.

Enquanto dirigia para casa, sentiu como se estivesse voltando a si. O sentimento opressivo, ao qual estava tão acostumado que já encarava como natural, voltara. Essa é sua vida, esse é quem você é, lide com isso. O livro jogado no porta-malas era só mais uma tentativa de amar, mas dessa vez ele a deixaria apenas no plano das ideias. Aquilo era perda de tempo. Tanto dele quanto dela.

Ficou preso no congestionamento de sempre e inalou o cheiro familiar do ar-condicionado.

No rádio, o locutor gaguejou algo sobre “uma leve confusão...” e uma música começou a tocar.

Michael terminou de tomar a água e colocou o copo na pia.

Eles devem ter achado que eu era maluco, ele pensou, e se permitiu sorrir. Como não achariam?

O que mais as pessoas poderiam pensar ao ver, no meio da rua, um homem alto de terno abrir a porta do carro, descer e começar a dançar sozinho, ao som da música no rádio, e ainda por cima com lágrimas nos olhos? O que aquelas pessoas saberiam sobre músicas que traziam à tona grandes lembranças? Qual era a chance de adivinharem como era o olhar de Mika no momento em que aquela música tocara e ela dissera:

— Você vai dançar comigo agora, e não aceito um não como resposta!

No fim, o que as pessoas viram foi um homem dançando no meio da rua, o carro vibrando com o volume dos alto-falantes e ele girando como um idiota, simplesmente porque imaginava

que era assim que deveria ter dançado lá atrás, porque isso a faria rir. Como as pessoas poderiam entender?

Não buzinaaram, não abriram as janelas, nem mesmo gritaram. Ou talvez tenham feito tudo isso, mas e daí? Ele não estava ali de verdade. Ele apenas dançou, e todas aquelas camadas de desespero que colocara em torno de si nos últimos anos, todas elas racharam e se desprenderam dele como um manto de barro seco. De olhos fechados, Michael esqueceu qualquer pensamento lógico. Quando a música acabou ele parou de dançar, entrou de volta no carro, fechou a porta e desligou o rádio. Também impediu em sua mente a entrada de qualquer ideia iniciada com as palavras: “Mas é impossível...”.

E, ao final do caminho, mesmo depois que seus batimentos se acalmaram, e ele também, o livro no porta-malas se tornou, mais uma vez, algo pulsante e verdadeiro. Ele fez questão de não enxugar as lágrimas. Permitiu que elas secassem naturalmente, deixando um rastro claro, uma cicatriz da batalha que provava a participação dele na guerra por sua alma, a prova de que se saíra vitorioso de ao menos um embate.

Devagar, Michael subiu as escadas e entrou em silêncio no quarto.

Ela estava deitada lá, virada de costas para ele.

Ele não queria chegar com expectativas.

Não estava lá para consertá-la, mudá-la ou libertá-la.

Era ele quem precisava de uma mudança. O trabalho de Michael seria consigo mesmo.

Percebera isso no momento em que a música começara a tocar.

Sentou-se na cama, com as costas apoiadas na parede e o livro nas mãos.

— Você nunca leu esse? — lembrava-se de ter perguntado a ela.

Ela encolhera os ombros na época.

— Eu me sinto culpada por isso. Sempre prometi que ia ler, sempre soube que devia, mas, por alguma estranha coincidência, jamais consegui pôr minhas mãos nele.

— A gente precisa ler algum dia.

— Precisa — assentiu ela na hora.

Talvez ela estivesse dormindo agora, talvez não.

Talvez ela ouvisse, talvez não.

Não importava. Michael não esperava milagres ou mudanças dramáticas. Preparou-se para dar pequenos passos. Abriu o livro.

— Aqui é Edward Bear, descendo agora, tum, tum, tum, no fundo de sua cabeça, atrás de Christopher Robin — começou a ler em voz alta.

Ele continuaria a ler até o fim, ou até adormecer.

Viu que a respiração dela se alterou um pouquinho. Sabia que ela estava ouvindo. No momento em que terminou de ler o livro, os primeiros raios de luz entravam no quarto, transformando as partículas de poeira em pequenas estrelas que se moviam lentamente. Michael colocou o livro na mesa de cabeceira e se permitiu dormir por uma hora ou duas. Meses depois, ele se lembraria de que, naquele momento, ainda que ela estivesse adormecida e seu rosto ainda estivesse sombrio, ela estava virada na direção dele.



Durante os primeiros cem metros, ainda sentia apenas raiva. Depois vieram os cem metros de medo, e então uma sensação de urgência. Agora, ele estava apenas correndo para fazer a coisa certa.

Guy seguia pelas ruas, seu peito enchendo e esvaziando num ritmo rápido, seus passos longos e velozes, e seu cérebro calculando rotas.

Ele conhecia a cidade, conhecia muito bem. Não precisava mais desenhar coisas na parede. Via a cidade inteira em sua mente, de cima, a maneira complexa como o tráfego fluía, as pessoas apressadas pelas ruas, o modo como a cidade respirava. Era como se alguém, de repente, tivesse ajustado de leve as lentes e, veja só, tudo tinha ficado nítido e claro.

Fazia tempo que ele conhecia essa cidade. Mas agora tinha descoberto que podia fazer todos os cálculos de cabeça. Não precisava de um bloco de notas, de uma parede, de nada. Podia correr pela rua sabendo quando cada pedestre ia surgir à sua frente e para onde cada um deles se moveria. Podia ver a rota que o ônibus faria, calcular as chances de ele parar em cada ponto, prever a velocidade exata com que se chocaria contra o

corpo indeciso de Michael. Ele não se encontrava mais no nível dois. Estava certo disso. Ele via a imagem da cidade inteira.

E se via como parte dela, parte da equação.

Tinha sido um observador por muito tempo.

Um observador que intervinha e navegava, que examinava e verificava, media e movia coisas um centímetro para a direita ou meio centímetro para a esquerda, mas sempre apenas no papel de observador. Um pequeno e disciplinado soldado que movia montanhas usando o poder de um eixo que nunca era ele quem preparava.

Como uma xícara de café que cai de uma mesa, ele era apenas um instrumento que nunca olhava para os lados, porque tinha medo de formular a própria opinião. Tinha medo de ser uma pessoa que às vezes pisava no freio, parava no acostamento e se perguntava: “Quem sabe?”.

E ia parar o ônibus. Sozinho, ia criar uma nova coincidência. Uma coincidência melhor e mais correta. Ele não seria um açougueiro, seria um cirurgião. Porque até agora, enquanto achava que estava criando coincidências, tinha sido apenas um único elo da corrente.

A raiva reacendeu e ardeu mais uma vez quando ele lembrou o desdém nos olhos de Pierre um instante antes de entrar no ônibus. Mas o desgraçado estava certo. Guy sempre escolhia o papel passivo. Mesmo quando assumia um papel ativo, não era

para executar as próprias ideias. Suas ações enchiam o mundo à sua volta de energia, mas *ele* era passivo.

Então agora estava agindo.

E dessa vez tinha ainda menos a perder.

Algo parecido com isso tinha acontecido antes com ele, apenas uma vez.

Guy se lembrava. Ele era o amigo imaginário de um prisioneiro desesperado, confinado numa solitária estreita e sufocante. Ele se sentava ao lado do cliente na cela escura e ficava em silêncio a maior parte do tempo. Vez ou outra, cantarolando uma música qualquer. Ele o observava comendo calado a comida que tinha cheiro de estragada; via-o deitado no canto da cela, tremendo de frio; via-o ajoelhado no meio do próprio vômito, tentando recuperar a sanidade. Mas ele não podia fazer nada que a pessoa que o imaginava não quisesse. De vez em quando, um rato entrava na cela, farejava aqui e ali e desaparecia de novo, então Guy sentia o prisioneiro parando de imaginá-lo a fim de voltar toda a sua atenção e seu amor para o rato. Algumas vezes, dava para ouvir a buzina de um carro distante. Noutras, era o chamado rouco de um pássaro. Cada uma dessas coisas era o suficiente para fazer seu imaginador abandoná-lo e se agarrar desesperadamente ao que existia lá fora.

— Acho que eu o estou perdendo — Guy disse a Cassandra na

última conversa que tiveram. — Acho que ele vai desistir.

— Como você sabe? — perguntou ela.

— Ele não me imagina mais cantarolando. Ele me imagina só por hábito. Não me quer mais lá. É como se eu, de qualquer forma, estivesse ali e ele apenas aceitasse a minha presença. A vez seguinte que o prisioneiro o imaginou foi pouco antes de sua morte.

Ele tinha cortado o tecido que cobria seu colchão imundo e preparado um laço forte. Guy apareceu na frente dele e o viu trepado na privada no canto da cela, a corda já enrolada no pescoço.

— Já chega — disse o prisioneiro. — Não aguento mais. Vou me encontrar com ela. Pelo menos lá, junto dela, não estarei sozinho.

E Guy deveria dizer:

— Vá em paz, ela está esperando.

Era isso o que deveria dizer.

Foi o que o prisioneiro o imaginou dizendo.

Mas ele disse:

— Não. — E viu os olhos do prisioneiro se arregalando de espanto.

Tinha apenas alguns segundos para agir antes que o prisioneiro achasse que estava louco e que o medo apagasse seu amigo imaginário. Guy deu um salto, agarrou o laço e o puxou para fora da cabeça de seu cliente. E, um momento antes da mente do prisioneiro rejeitá-lo por instinto, um momento antes

de desaparecer por completo, Guy ainda conseguiu sussurrar:

— Ainda há muitas coisas que fazem a vida valer a pena. — E então sumiu.

Ele não se lembrava de ter passado por um julgamento ou recebido uma advertência, mas acabou sendo privado da existência por anos. Nem sabia ao certo quantos.

Quando voltou a seu papel de amigo imaginário, o menino que o tinha imaginado sentado no banco perto de Cassandra já tinha crescido. E ele nunca mais a viu. Nem sequer tivera tempo de avisá-la que ia partir. Quase não teve tempo de pensar nela sentada no parque com sua menina, dia após dia, descobrindo que ele nunca mais apareceria. Tinha medo de pensar na possibilidade de outro amigo imaginário tê-lo substituído.

Aquela tinha sido a única vez em toda a sua existência que Guy agira de forma ousada, que fora ativo. Era mesmo uma surpresa que, como criador de coincidências, nunca tivesse se arriscado a ser mais do que um instrumento?

Guy virou rapidamente à direita.

Ali estava ele de volta.

Ele, não sua representação física, não o seu emprego, não suas ações impensadas. Ele. Ele estava de volta.

Ia fazer o ônibus parar bem ali, após a curva seguinte, três quarteirões antes de o imenso veículo se chocar contra Michael. Ia estragar todo o cuidadoso cronograma de Pierre e organizar

outra coincidência para devolver Alberto ao lugar desejado, sem matar ninguém desnecessariamente. Ele podia fazer isso.

Em sua mente, ele viu o lugar onde o ônibus deveria estar. Ele tinha que percorrer uma rota um pouco mais longa que a de Guy. Mas Guy conhecia de cabeça todos os caminhos que os ônibus da cidade faziam, e aquele, em específico, tinha uma rota bastante longa.

Ele chegou ao local percebendo, de repente, como estava fora de forma – aquela corrida o havia pegado desprevenido. Ele então pulou na frente do ônibus, que tinha chegado ali bem no momento planejado. Guy acenou e tentou gritar “Pare!”, mas descobriu que seu fôlego estava tão curto que seu grito quase não podia ser ouvido.

O ônibus não diminuiu a velocidade, e, quando Guy olhou para o motorista, percebeu que ele nem sequer olhava para a frente. O condutor tinha virado para trás, para falar com alguém que perguntara algo exatamente um segundo antes.

E, então, uma sensação de terror tomou conta das entranhas de Guy quando ele reconheceu aquele alguém: o homem que não olhou de volta para o motorista, que não tinha feito a pergunta esperando receber uma resposta, mas que estava olhando para a frente, para Guy, direto em seus olhos, enquanto o ônibus seguia em frente e esmagava seu corpo.



Os voos piscavam no painel eletrônico.

Três deles estavam marcados para partir em alguns minutos, mas, por mais que tentasse, ele não conseguia entender o que estava escrito ali nem quais eram os destinos apontados.

Guy se sentou num banco de metal no centro do aeroporto. Tinha certeza de que havia outras pessoas ali. Afinal, tinha ouvido uma comoção e visto vultos passando a seu lado. Ainda assim, algo dentro dele lhe dizia que eram apenas parte do cenário, e que, na verdade, ele estava sozinho.

Em todas as vezes que imaginara a morte, nunca tinha visto um *duty-free*, mas a realidade parecia ser diferente.

Do outro lado, na outra ponta do saguão, ele viu uma fileira de balcões de *check-in*. Apenas um deles estava ocupado. Um atendente gordinho e calvo, com a cabeça brilhando um pouco sob as luzes de neon, sentava-se ali, mastigando um lápis, entretido com algo que parecia ser palavras cruzadas ou um Sudoku. Nenhum dos vultos à sua volta, carregando o que ele só podia descrever como um conceito de mala, chegava perto do balcão de *check-in*. O atendente gordinho estava ali totalmente concentrado no que quer que estivesse fazendo.

Guy examinou o próprio corpo. Não, ele não parecia estar machucado. Parecia intacto. Ao que tudo indicava, seu corpo esmagado por um ônibus havia ficado para trás, largado no meio rua. Será que ele deveria se sentir tão indiferente a respeito disso?

E por que raios um aeroporto?

Aquilo era estranho. Ele sempre pensara que, depois de tudo acabar, as questões existenciais seriam resolvidas; nunca imaginara que novas perguntas lhe seriam entregues. Mas, no final das contas, a vida era cheia de surpresas. E a morte também. Uma mala pequena e marrom estava pousada aos seus pés. Ele a ergueu e examinou seu peso, ficando surpreso ao descobrir que não era constante; ela variava entre pesada e leve. Ele a colocou sobre os joelhos e a abriu.

Lá dentro estava toda a sua vida.

De algum modo, a mala continha muito mais do que Guy pensara que poderia conter. Sem entender exatamente como, ele percebeu que mexia nela com os braços enfiados até quase os ombros. Há um problema de física aqui, pensou, mas, na verdade, que diferença isso fazia... Ele remexeu o conteúdo da mala e tirou de lá objetos, cartas, fotos, e passou a revê-los com certa rapidez.

O rosto da primeira criança que o imaginara, o gosto de seu *cheesecake* favorito, a primeira vez em que ele dormira de verdade, o momento em que descobrira que realmente tinha opiniões, a risada curta e irritante de Eric, o som que as folhas

faziam quando se partiam sob seus pés, a dor aguda quando se torcia um músculo, o rosto de John Mediano espiando-o do espelho e se transformando novamente em seu próprio rosto, a risada de Cassandra.

Remexeu um pouco mais fundo na mala. Se sua vida inteira estava arrumada ali, então aquele momento tinha de estar lá também. Onde estava ele?

Finalmente encontrou-o em um canto, colocado sob sua primeira corrida matinal. Uma memória circular e brilhante. Ele a ergueu na luz e olhou através dela.

Inverno, nevasca, frio de rachar; ele estava de pé na beirada de uma encosta deserta e aterrorizante, no meio de um deserto de gelo. Não era possível ver um palmo adiante do nariz. As pontas de seus dedos tinham perdido a sensibilidade, os sapatos não eram suficientes para isolar o frio. Atrás dele, podia ouvir e ver as silhuetas pretas de lobos rosnando para eles dois. Cassandra estava a um passo ou dois de distância, mas ele não conseguia vê-la com clareza. A encosta começou a perder sua estabilidade e ele a ouviu dizer:

— Ok, estou pronta pra voltar.

Eles imaginavam um ao outro e estavam de novo no parque. E ela dizia essa frase.

Guy virou a memória um pouco na direção da luz para senti-la por completo e com mais clareza.

— Então o que eles dizem parece ser verdade. Quando a pessoa certa está ao seu lado, você tem uma sensação de pertencimento, onde quer que esteja.

Guy ficou ali sentado por mais um tempo, vasculhando as memórias que tinham moldado sua existência, até que de repente percebeu algo estranho em torno dele. Quando ergueu os olhos, descobriu o motivo. Estava mesmo sozinho. Um completo silêncio tomava conta do aeroporto vazio, e a única coisa que se movia era a cabeça do atendente sentado no outro extremo.

Colocou de volta tudo o que havia tirado da mala e a fechou. Havia chegado o momento de descobrir o que estava acontecendo.

— Só um momento — disse o atendente quando Guy parou à sua frente, segurando a mala entre as pernas.

O homem continuou a mastigar o lápis até erguer os olhos para Guy.

— Talvez você possa me ajudar — disse o atendente. — O que devo dar a você? Oito letras. Começa com E.

— Ahn? — perguntou Guy.

— Eu deveria lhe dar algo para adivinhar. — O atendente coçou a cabeça. — Mas não sou bom em lembrar coisas antes que a hora delas chegue. Esse negócio de planejar com antecedência não funciona bem quando você é só uma imaginação. É difícil pensar além do “agora” — disse ele.

— Você é só uma imaginação? — perguntou Guy.

— Claro — disse o atendente. — Você não acha de verdade que a morte é um aeroporto, acha? Eu sou algo que você está criando neste exato momento.

— Sério? — perguntou Guy, observando-o com o canto dos olhos.

— Sim, sério. Todos vocês me lançam esse olhar. E todas as vezes tenho que explicar isso de novo — disse o atendente.

— Temo que essa seja a primeira vez que eu morro — falou Guy. — Você ainda não me explicou nada.

— Não, não pra você — disse o atendente. — Mas pra todos que passam por aqui. E você não está morto de verdade.

— Não?

— Não. Pelo menos até você embarcar no voo. Mas oficialmente não está morto.

— Será que tudo nesse mundo tem um procedimento? — ponderou Guy em voz alta.

— Quando você fala assim, parece algo ruim — disse o atendente. E acrescentou: — Ah, sim, envelope.

— O quê? — perguntou Guy.

— Oito letras, começando por E. Envelope. Encontrei a palavra — disse o atendente, pegando um grande envelope branco. — Aparentemente, esse é o momento em que devo entregar isso a você.

Guy apanhou o envelope das mãos dele.

— Isso é o manual da morte ou algo do tipo? — perguntou

ele.

— Não, não — disse o atendente. — Alguém que passou por aqui um tempo atrás deixou isso pra você.

Guy inclinou a cabeça, surpreso.

— Pra mim?

— Sim — respondeu o atendente, sorrindo, com o lápis ainda na boca. — Pode sentar aqui pra ler, se quiser. E depois vamos apanhar sua mala e levar você até o avião.

— Essa mala... — começou Guy.

— Contém todas as suas memórias — interrompeu o atendente.

— Vou levá-las comigo? — perguntou Guy.

— Não exatamente — disse o atendente. — Você precisa deixar comigo, é claro.

— E então?

— E então vamos perdê-la.

— Perdê-la?

— Sim.

— Você quer dizer que vão perdê-la de propósito?

— É claro que não! Nós vamos perdê-la sem querer. Mas isso sempre acontece. Faz parte do processo.

— Que processo?

— O processo pra começar a ser vivo. Guy estava um pouco confuso.

— Achei que você tinha dito que eu morreria quando embarcasse no avião.

— É, mas mais tarde você vai desembarcar dele — disse o atendente, como se constatasse o óbvio.

— E...?

— Quando embarcar no avião, acaba sua vida como criador de coincidências, mas, quando desembarcar dele, começa sua vida como uma pessoa.

— Uma pessoa? — perguntou Guy, tenso.

— Isso, uma pessoa — respondeu o atendente.

— Você quer dizer uma pessoa de verdade, um ser humano, um mortal, um cliente de coincidências... É isso mesmo?

— Sim, sim — disse o atendente, ainda bastante paciente.

— Todos os criadores de coincidências passam por esse aeroporto e nascem como humanos?

— Agora você está entrando em detalhes mais técnicos — explicou o atendente, coçando as costas. — No geral, a resposta é não e sim.

— E isso significa...?

— Que nem todos os criadores de coincidências passam por um aeroporto. Cada um escolhe a maneira como quer experimentar isso. Mas, sim, o próximo estágio depois de ser um criador de coincidências é ser uma pessoa.

— E depois de ser uma pessoa? — perguntou Guy.

— Ah, aí você já está querendo demais — disse o atendente.

— Não tenho a menor ideia.

— Certo. — De repente, Guy se encheu de uma esperança renovada. — Então só devo deixar minha mala com você e embarcar no avião.

— O envelope... — lembrou o atendente. — Talvez você

deva ler primeiro o que está aí dentro.

— Posso ler no avião — disse Guy.

— Negativo — disse o atendente —, você não pode levar nada pro voo. Precisa colocar o envelope dentro da mala, junto do resto das suas memórias, pra que ele também se perca.

— Mas eu acabei de receber — argumentou Guy. — Isso não é bem uma memória da minha vida.

— Da perspectiva do procedimento, é — disse o atendente.

— Você pode se sentar ali e ler. O avião não vai decolar sem você, não se preocupe.

— Ok — falou Guy, virando-se de costas para o homem.

— E, se por acaso conseguir descobrir o que pode ser sinônimo de “o gosto na boca”, com seis letras, me conta — disse o atendente, atrás dele.

Guy retornou a seu lugar e colocou a mala a seus pés. De repente, foi tomado por um grande sentimento de calma. Ser um humano. Ele definitivamente estava contente com isso. Poderia, sem problemas, abrir mão de sua coleção de memórias por algo como aquilo.

Leria os procedimentos contidos no envelope, colocaria a cabeça no lugar, talvez bebesse alguma coisa – pois, se podia criar um aeroporto em sua imaginação, certamente podia criar uma máquina de refrigerantes – e seguiria para a nova vida. Vida número três. No fim das contas, as coisas pareciam estar melhorando, certo? E dessa vez ele faria escolhas melhores.

Não havia selo ou endereço no envelope branco. Tudo o que estava escrito era seu nome, em letras pequenas.

Quando ele o abriu e tirou dali um monte de páginas, ficou

surpreso ao descobrir que conhecia aquela letra. Quando começou a ler, sentiu seu coração afundar.



Querido Guy,

Bem, por onde eu começo?

Aparentemente, há dois tipos de pessoas no mundo.

O primeiro tipo apenas vive a vida, concentrando sua atenção no momento presente e no que fazer com ele. Quando o amor aparece na vida dessas pessoas, elas sorriem para ele, permitem que ele entre, mas não se deixam ser escravizadas pelo sentimento. São pessoas que poderiam viver bem sem o amor, mas ficam contentes por ele ter aparecido.

Já o segundo tipo, o meu tipo, passa a vida sentindo saudade de alguém que ainda não encontrou. São pessoas que estão o tempo todo esperando pelo momento em que alguém vai entrar pela porta e fazer essa saudade desaparecer. Nós procuramos encontrar sentido em qualquer pequeno gesto. Uma batida na porta, um estranho que passa por nós, o sorriso de um garçom – tudo é um sinal, todas são opções a serem verificadas. Talvez, quem sabe um dia, alguém apareça em nossa vida e caia bem dentro do buraco que existe em nosso coração, e se encaixe ali como a peça que faltava no quebra-cabeça.

Naquele dia no parque, logo no início do curso, ainda que tivéssemos acabado de nos encontrar, bastou você dizer que vinha de uma carreira como amigo imaginário para que os alarmes comessem a soar dentro da minha cabeça. Precisei de mais duas semanas, algumas perguntas, alguns esclarecimentos, e logo tudo ficou evidente. Suas histórias sobre o passado, as palavras que você usava, tudo se encaixava perfeitamente. E, quando você mencionou Cassandra pela primeira vez, eu encontrei a peça que faltava.

E eu... eu tinha de ficar calada.

Por muito tempo eu me perguntei em que momento exato descobri que estava apaixonada por você. Qual foi o ponto decisivo que gerou toda essa mudança? Num instante você simplesmente gosta de uma pessoa, mas no instante seguinte ela passa a ser o centro de seu universo.

É como capturar o momento em que você adormece. Você deita na cama e tenta ficar acordado, mas não muito acordado, só para tentar perceber o ponto no qual cruza a linha para dentro de um sonho, mas daí descobre, tarde demais, que já está sonhando.

Não tenho a menor ideia de por que nem de quando isso aconteceu.

Mas pelo menos agora sei que as coisas não vão se encaixar. Agora sei que você está parado do lado de fora da minha porta e nunca vai entrar, sei que existe uma cerca invisível de espinhos entre nós, entre meu amor atual por você e seu amor imaginário.

Sei que há coisas que simplesmente não têm de acontecer. Eu devia ter aprendido isso antes.

Ok, estou me enrolando toda. Vamos começar pelo começo.

Minha primeira lembrança é de estar sentada num sofá macio com uma menina de oito anos apoiando a cabeça em meu ombro, esperando que eu acariciasse seu cabelo. Eu tinha um nome diferente, uma aparência diferente, mas já era completamente eu. E daquele momento em diante, acariciei o cabelo dela todos os dias por muito tempo.

Acariciei o cabelo dela quando começou a ficar ralo. Quando desapareceu por completo, acariciei sua cabeça careca. Quando ela recuperou a saúde e o cabelo começou a nascer de novo, acariciei seus maravilhosos cabelinhos espetados. E, por fim, quando ela não precisava mais de meus carinhos, desapareci de sua vida.

Você conhece essa sensação.

Sim, eu também era uma amiga imaginária.

E no início, bem no comecinho, eu também amava cada momento.

Existe uma diferença entre amigos imaginários e amigas imaginárias, pelo que vi. De nós, mulheres, exige-se mais ternura, generosidade e compreensão. Eu amava esse modo delicado de entrega, a forma como eu conseguia curar feridas que ninguém mais conseguia.

Primeiro acompanhava meninos e meninas, da mesma forma que você. Eu os fortalecia e os apoiava, dizendo as palavras

certas. Depois, para minha surpresa, começou uma fase meio diferente.

Com o passar dos anos, eu me vi sendo imaginada com uma frequência cada vez maior por adolescentes e por homens adultos. Eles não queriam que eu apenas acariciasse sua cabeça. Eles queriam mais. Alguns procuravam calor humano, outros buscavam uma sensação de poder, outros queriam momentos amorosos e outros queriam coisas anormais e horríveis. Todos eles tinham fracassado em obter essas coisas na vida real, e por conta disso eles me imaginavam.

Ao longo do tempo, eu fui me sentindo mais e mais usada. Eu me agarrava às crianças que me queriam como amiga, e me resignava com os adolescentes que exercitavam seu primeiro amor comigo, mas ansiava para que os momentos em que eu era uma fantasia passassem rápido.

Veja bem, quando comecei tudo isso, eu tinha grandes planos. Eu planejava mobilizar todas as minhas forças para gerar mudanças e apoiar aqueles que precisassem de mim. Mas com o tempo descobri que a maioria deles nem mesmo me queria. Eles me imaginavam apenas para dar vida à boneca de plástico que colocavam em torno de mim, à máscara que enfiavam em meu rosto.

Mudanças? Apoio? Apenas seja linda e nos deixe imaginar você como quisermos. Mas ninguém queria me imaginar como realmente sou, e eu não entendia o motivo disso. Será que eu não era o bastante?

Quando você é imaginada dessa maneira, compreende que o mundo funciona de um modo diferente. Ele funciona sob o

sistema “eu preciso ter sempre mais” e não sob o sistema “isso é exatamente o que eu preciso”. O que eu tinha a oferecer ninguém queria.

Mesmo os mais gentis e solitários homens do mundo não me imaginavam como um ser humano, mas apenas como uma coisa qualquer que os ajudava a seguir em frente. A maioria deles sequer me chamava pelo nome. Eles apenas me colocavam no papel de uma modelo que tinham visto nas revistas. Alguns deles me davam nomes bregas tirados de filmes aos quais tinham assistido. Só as crianças é que às vezes permitiam que eu me apresentasse e me chamavam pelo meu nome.

E quando eram gentis a esse ponto, eu me apresentava como Cassandra.

Eles nunca me amaram, aqueles homens.

Cobiçaram meu corpo, talvez. E me desejaram, sem dú-vida. Precisaram de mim, com certeza. Mas era só isso. É impossível amar alguém que faz e diz tudo o que você quer, que responde a cada um de seus pensamentos ocultos. Eu era só uma extensão deles próprios. E que tipo de amor é esse? O amor deriva do atrito entre duas pessoas. Como fósforos, como patins no gelo, como estrelas cadentes que arranham o céu, nós precisamos do atrito para que alguma coisa aconteça em nossa vida.

Tentei achar brechas nas regras. Pequenas falhas que me permitissem tornar meu trabalho menos superficial, ser mais do que uma amiga imaginária, ser mais do que uma boneca de olhar vazio. Estudei todas as regras e todos os regulamentos relacionados ao mundo dos amigos imaginários. Descobri, por exemplo, que é aceitável dizer ou fazer coisas que não sejam diretamente imaginadas, desde que não sejam completamente contrárias aos desejos do meu imaginador. E também descobri que, sob determinadas condições bem específicas, eu poderia terminar uma sessão de imaginação como eu quisesse e não como o meu imaginador queria. Mas e daí? Quase nunca era possível para mim dizer “não” e desaparecer.

Encontrei regras secundárias que pareciam irrelevantes, como a de que todo amigo imaginário pode submeter uma requisição para se tornar amigo permanente de um imaginador específico, tornando-se assim um amigo imaginário exclusivo. Mas eu não tinha ninguém a quem pedir isso.

E aí encontrei você.

Um amigo imaginário que brilhava como um diamante numa pilha de trapos.

E quais eram as chances daquilo acontecer?

Eu lembro que, depois de nosso primeiro encontro, depois que você foi embora, eu fiquei lá no parque por quase quinze minutos, inquieta, com a minha pequena e fofa Natalie me imaginando distraída e sentada ao meu lado.

Alguém com quem eu podia conversar, alguém que podia

entender o que eu sentia, alguém para quem eu podia contar coisas, em quem podia confiar, que pertencia ao mesmo pequeno grupo que o meu e com quem compartilhava uma linguagem comum. Nem em meus sonhos mais cheios de esperança pensei que encontraria outro amigo imaginário, alguém que também podia ser meu amigo.

E no fim, como você bem sabe, nós não éramos apenas amigos, éramos muito mais que isso.

Como isso aconteceu? O que me conquistou? Não tenho a menor ideia.

Os momentos vulneráveis nos quais você erguia uma sobancelha antes de dizer algo de que não estava seguro; o fato de você ser muito firme, por um lado, e fazer tanto esforço para que gostassem de você, por outro; seu aroma, elusivo e despretensioso; o modo como você falava das crianças que imaginavam você; sua paixão em achar significado em tudo que encontrava.

Seu sorriso incomum, um pouco tímido, mas ainda assim envolvente.

E sua risada.

O modo como seu corpo todo despertava quando você começava a rir de alguma coisa que eu tinha dito, como se só naquele momento você estivesse começando a viver, e tudo até então tivesse sido apenas um ensaio. Um pequeno e involuntário salto que se transformava numa tosse envergonhada e que então virava uma tentativa frustrada de se manter sério, que, por fim,

se tornava um doce trovão interno que estourava ali dentro, transformando você numa criança bem na frente dos meus olhos. Como eu amo aquela risada.

Com aquela risada, você se entranhou em mim sem nem perceber.

E talvez tenha sido a maneira como você limpou uma gaveta em seu coração e entregou-a todinha para mim.

O fato de que alguém deu um passinho atrás para me dar confiança e permitir que eu visse que estava ao meu lado, e me dizer, mesmo que sem palavras: venha, eu esvaziei um lugar para você aqui dentro, para quem você verdadeiramente é, ponha o que quiser aqui. E, de repente, eu não estava mais em território conhecido, não estava mais sozinha. Não havia mais uma boneca de plástico, não havia máscara brilhante. Cada vez que nos encontrávamos, eu tinha certeza de que seria a última.

Minha imaginadora, Natalie, quase não falava mais comigo, e eu sentia que o fim de nosso tempo juntas estava próximo. Se você soubesse como eu me esforçava para convencê-la a ir ao parque de novo no dia seguinte, ou no outro.

E a cada vez que íamos até aquele banco e eu via que você estava lá, eu me enchia de paixão e timidez ao mesmo tempo. Eu nunca pensei que fosse possível combinar tais opostos, mas foi o que fiz. Que idiota.

Quando começamos a imaginar um ao outro, ficou claro. Eu estava vivendo na terra do amor.

Eu nunca estive tão certa do que estava fazendo como quando enviei a requisição para tornar você meu único imaginador. É isso que indica que se está apaixonado? Quando você escolhe alguém e não simplesmente aceita aquilo que lhe foi oferecido? Quando você muda algo dentro de você por esse alguém? Talvez.

Era muito simples: num momento estávamos sentados no banco conversando, e no momento seguinte, quando você desaparecia no meio de uma gargalhada, respondendo ao chamado de outro imaginador, ficava claro que eu não queria mais ninguém na minha vida, só você. E só havia uma forma de garantir isso.

Eu fiz a requisição, ela foi aprovada e, daquele ponto em diante, Natalie não me imaginava mais. Só você me imaginava.

Ali eu renasci. Por um período breve e feliz. Eu explodia de alegria quando você escolhia me imaginar sentada ao seu lado, sem me usar, sem me colocar palavras na boca, sem me obrigar a fazer nada exceto ser eu mesma, apenas esperando para ver como eu me materializaria para você. Quantos amigos imaginários podem dizer que já foram imaginados com tal liberdade?

Mas como foi curto esse período. Quando você quebrou as regras e disse ao seu imaginador algo que era proibido dizer, você desapareceu da minha vida. Nós dois esperamos um pelo outro, os dois num estado de não existência. Ninguém imaginava você,

ninguém me imaginava. O tempo parou. Mas quando você voltou, você não acreditou que eu tinha esperado por você. Não me imaginou mais. Você desistiu de mim. Tão rápido. Meu querido preguiçoso.

Eu sei disso agora, depois de ouvir aqui e ali pedaços da sua história. Mas naquele momento eu só sabia que, de repente, estava sentada num banco de praça, meu tempo como amiga imaginária havia terminado, e estava, então, prestes a assumir um novo papel.

Você pode imaginar como eu me senti. Pensar ter perdido tudo e se dispor a abrir um novo caminho, e então encontrar alguém, um instante depois, dizendo que havia sido um amigo imaginário.

No momento em que você disse aquilo, tentei gritar com todas as letras que eu também havia tido esse papel, mas não consegui. As palavras ficaram presas na minha garganta, finas como poeira, e não entendi a razão.

Só depois as coisas começaram a fazer sentido para mim. O raio tinha caído duas vezes no mesmo lugar. Você era a mesma pessoa pela qual eu já tinha sido capturada. No primeiro dia do curso, a coincidência da minha vida aconteceu, mas eu não podia fazer nada a respeito.

Bem, como você havia sido em algum momento meu imaginador oficial, era proibido para mim revelar a você minha verdadeira identidade. Foi tão frustrante, descobrir pouco a pouco quem você era, escutar você contar histórias que eu já conhecia, ouvir você falar sobre sua Cassandra, fugir de suas perguntas sobre o meu passado.

Apaixonar-me por você mais uma vez, e ser magoada por você.

Eu investiguei. Mandeí um pedido oficial. Pedi uma permissão especial para revelar a você quem eu era.

Mandeí a requisição três vezes. Passei noites em claro preenchendo longos formulários, tentando explicar como aquilo era despropositado. O General me entregava as respostas em pequenos envelopes brancos. Aquelas foram as únicas vezes em que o vi expressar alguma emoção.

— Sinto muito — dizia ele.

Eles me negaram a permissão, claro. Oficialmente, eu era alguém que você imaginou, mas você não era considerado alguém que eu tinha imaginado. E ponto-final, não havia discussão.

Mas também tentei outros métodos. Eu realmente acreditei que tudo ia se ajeitar. Tínhamos nos conectado antes. Você já tinha me amado. Você poderia me amar de novo, certo?

Afinal, nós já havíamos construído uma relação, um tijolo de confiança após outro. Isso deveria acontecer conosco mais uma vez. Isso me parecia tão natural.

Mas acontece que não havia nada natural ali. E eu entendo isso agora. Quando deixei você me imaginar, roubei de você – e de mim mesma – qualquer possibilidade de nós ficarmos juntos na realidade. Porque você não estava mais me procurando. Você

não estava mais procurando o amor. Você estava apenas preso a suas memórias, construindo castelos no ar com a parte de mim que já não existia mais.

E, de fato, se eu tivesse me levantado um dia e dito “eu sou Cassandra” – eu não podia fazer isso, mas vamos supor que pudesse –, isso teria mudado o que você sentia por mim? E mesmo se mudasse, não significaria que o próprio sentimento não seria nada além de uma autossugestão derivada da lembrança de quem eu havia sido um dia?

Onde *eu* estava no meio disso tudo?

Mas você tinha me amado uma vez – eu, eu, eu. Por que eu não era mais suficiente? Porque eu não era imaginária? Porque você tinha se tornado alguém que quer sempre mais e nada nunca é suficiente, como tudo aquilo de que um dia eu havia fugido? Porque eu era real? Porque eu estava lá o tempo todo, e não surgia na sua vida só nos momentos adequados?

Como isso aconteceu?

Você era a porta pela qual eu tinha fugido. Um amigo imaginário como eu, que entendia o vazio e a tentação de ser outra pessoa o tempo todo.

E então, quando me tornei real, você simplesmente não me queria mais?

Como eu deveria me sentir?

Eu digo como. Passei a acreditar que tudo entre nós não havia passado de uma mentira. E que agora, assim como naquela época, o meu eu verdadeiro não merece ser amado.

Ontem à noite eu entendi tudo. Finalmente.

Você não está aqui. Você não está comigo.

Você está apaixonado por uma mulher imaginária, e nunca vai se permitir desistir dela por alguém que exista de verdade, ainda que as duas sejam a mesma pessoa.

Até hoje, eu sonhava com você quase todas as noites.

Eu me encontrava em algum lugar desconhecido, em pé, imóvel, sentindo você ao meu lado, no meio do deserto ou em uma nuvem, dentro de um túnel ou em milhares de outros lugares. Eu sempre sentia e sabia que você estava ao meu lado. E todas as vezes, eu me virava para você, devagar, com grande dificuldade, como se houvesse uma multidão tentando me impedir, e finalmente via que você ainda estava lá, de costas para mim.

Mas, quando eu tentava chamar seu nome, você desaparecia.

Era assim no sonho e, no final das contas, foi assim na vida também.

Na noite passada eu não sonhei com você. Agora você está livre.

Estou partindo para meu próximo papel, independentemente do que for.

E desejo a você muita felicidade com suas lembranças e sua imaginação. E espero que algum dia alguém consiga quebrar o feitiço que você jogou em si mesmo. Para seu próprio bem.

Ainda sentindo a mesma coisa,

Sua,

Para sempre,

E talvez nunca mais,

Emily



Eric se sentou na beirada da cama em que Guy estava deitado.

Ele não teria de esperar mais muito tempo. Imaginou que local de transição Guy teria escolhido. Uma estação de trem, uma estação de ônibus? Já tinha ouvido falar de alguns ex-criadores de coincidências que haviam feito a transição num cinema. Era muito difícil prever essas coisas.

O aparelho ao lado da cama monitorava os batimentos cardíacos de Guy, e Eric o observava com atenção. Ele se concentrava na linha trêmula do pequeno monitor e, em silêncio, começou a contagem regressiva até o último batimento cardíaco.

Aquele era um aparelho incrível, quase poético. Uma única linha com uma simples declaração: se não houvesse altos e baixos, você não estaria mais vivo.

Eric se deu conta de que era bem mais confortável quando havia esses equipamentos por perto. Com Emily, havia sido muito mais difícil determinar o exato instante em que seu coração parou de bater. Mas, naquele caso, o apito suave fazia metade do serviço para ele. Pobre Emily, como ficara assustada ao vê-lo na porta, um segundo depois de cair no chão, um segundo antes de

ele se lançar sobre ela e esticar a mão na direção de seu coração.

— Os médicos não sabem que você vai morrer — sussurrou ele para Guy. — Ainda não descobriram seus ferimentos internos. É nisso que dá examinar um paciente depois de trinta e seis horas sem dormir.

Guy não se mexeu.

— Sabe, sempre fico surpreso ao ver como isso é fácil — disse Eric. — É só uma questão de tempo e paciência, depende de quão disposto você está. As pessoas estão muito acostumadas a olhar pra causa e efeito como algo imediato. No momento em que você dá um salto mental pra um mundo no qual eles podem ser expandidos por longos períodos de tempo, fica muito mais fácil entendê-los.

Os equipamentos continuavam a apitar, como se concordassem com o que ele dizia.

— Foi bom conhecê-lo — disse Eric. — Queria que você soubesse que é um cara bem divertido quando quer.

Ele ficou em silêncio por um momento e ponderou.

— Era um cara bem divertido quando queria ser — ele se corrigiu.

Inclinou-se um pouco para a frente, acomodando-se com mais conforto na poltrona. Seus cotovelos estavam apoiados nos joelhos, as pontas dos dedos pressionadas umas contra as outras.

— Quando descobrir. E se descobrir. Espero que não fique bravo. — Ele inclinou a cabeça e pensou. — Mas duvido muito

que isso vá acontecer, pra dizer a verdade. Mas, se fizer alguma diferença, queria dizer que gosto mesmo de você. Você foi um dos meus favoritos. Gosto daqueles que não têm muita confiança, mas que não têm consciência disso. Numa comparação grosseira, é como uma mulher bonita que não sabe que é bonita. Seu ponto cego sobre você o torna mais interessante.

Muito em breve, ele precisaria estar pronto para esticar a mão no momento certo.

— Falei pra enfermeira que sou seu irmão — disse ele. — Espero que não se importe. Não sei dizer como ela acreditou nisso, se não somos nem um pouquinho parecidos. Mas, no fim das contas, as pessoas veem em você aquilo que elas querem. Basta uma expressão preocupada e elas logo estão certas de que você é um membro da família mesmo que nem seja parecido fisicamente.

“Por outro lado, precisei mudar um pouco minha aparência por você. Você sabe o quanto detesto bigodes. Eles coçam e deixam o rosto feio. Sempre achei que o bigode foi inventado por alguém que esqueceu de barbear uma parte do rosto e não tinha espelho pra ter noção de quão horrível era aquilo. Mas, quando alguém escolhe um nome como Pierre para si mesmo, um bigode fino é quase uma obrigação moral, certo?”

Guy não respondeu.

— Faça uma boa viagem, amigo — disse Eric com carinho. — Independentemente da maneira que escolha pra viajar.

Os últimos batimentos cardíacos apareceram no monitor e Eric esticou a mão.



Exatamente no mesmo lugar, mas a uma distância infinita dali, Guy dobrou a carta e soltou o corpo no banco, os braços caídos para a frente.

Ele ergueu os olhos e mais uma vez constatou que o aeroporto estava vazio. Além dele, só havia o atendente careca na outra ponta do saguão, que o encarava com curiosidade.

Olhou para baixo e viu a pequena mala esperando por ele, quase que com olhos cheios de esperança.

Se tinha alguma energia quando começou a ler a carta, não havia sobrado nada depois de terminá-la. Queria mandar tudo para o inferno.

Guy se levantou devagar, com o envelope e a carta dobrada numa das mãos e a mala na outra. Caminhou de volta ao balcão de *check-in*. Os olhos do atendente ainda estavam fixos nele.

A distância que antes atravessara tão rápido agora parecia infinita. Ele se movia devagar. Não se importava com nada. Quando finalmente chegou, colocou a mala no chão e disse:

— Gostaria de uma passagem, por favor — disse ele, com uma voz monótona.

Foi como se o atendente despertasse de um sono profundo.

— Maravilha. Sem problemas — disse ele. Ele olhou para a tela à sua frente e digitou alguma coisa rapidinho. — Você conseguiu pensar na minha pergunta? — perguntou ele, esperançoso.

— Que pergunta?

— O gosto na boca — disse o atendente, ainda digitando. — Seis letras.

— Não faço ideia, desculpe — respondeu Guy.

— Tudo bem — disse o atendente.

Ele continuou a digitar num ritmo muito rápido.

Guy pensou um pouco.

— Amargo.

O atendente lhe lançou um olhar enigmático antes de levantar as sobrancelhas, alegre.

— É isso! É isso! Encaixa perfeitamente no A que inicia a doze da vertical — disse ele. — Bom trabalho!

— Fico feliz em ajudar — disse Guy com ironia.

O atendente não percebeu o tom.

— Coloque a mala aqui na esteira, por favor — disse ele.

Guy fez o que o homem pediu.

— E também o envelope com a carta — acrescentou o atendente.

— Eu... eu gostaria de ficar com isso, se possível — pediu Guy.

O atendente balançou a cabeça, desolado.

— Isso é impossível, sinto muito.

— Isso é tudo que me resta da...

— Você não pode levar com você nenhuma lembrança de uma vida anterior — disse o homem. — Essa é a regra número dois. A número um é não urinar em lugares públicos, a número 2 é não levar lembranças de uma vida anterior.

Guy o encarou, frustrado.

— Hum, não sou bom de piadas, pelo jeito — disse o atendente. — Desculpe. — Ele apontou a mala. — Coloque todos os papéis aqui dentro.

Guy abriu a mala e olhou para dentro dela uma última vez.

Algumas memórias se aproximaram. Memórias de Cassandra e memórias de Emily amontoadas lado a lado, como parentes distantes que redescobriam um ao outro...

— Só tem uma coisinha que preciso conferir — disse Guy. Ele remexeu nas memórias que estavam se mesclando até que achou o que procurava. E então levantou-se com duas memórias, uma em cada mão. As risadas de Cassandra e de Emily.

Segurou-as contra a luz e as examinou, uma em cada mão, e as duas rolaram e brilharam em suas mãos, a luz passando através de cada uma delas e caindo sobre seu rosto. Eram exatamente a mesma. Como, como ele não havia percebido isso, como?

Colocou-as de volta na mala, e elas se aproximaram e se uniram.

Olhou algumas vezes para o envelope em sua mão sem conseguir dizer uma palavra. Olhou para o atendente, que mais uma vez sinalizou que deveria colocar a carta lá dentro.

Ele enfim se inclinou e pôs o envelope na mala, cobrindo algumas memórias de Emily e de Cassandra com ele, e depois fechou-a de novo.

— Não foi tão difícil assim, foi? — O atendente sorriu e lhe

entregou a passagem.

A esteira começou a se mover e a mala começou a se distanciar, até finalmente desaparecer na pequena abertura no final do terminal.

— E assim — disse Guy baixinho —, minha vida como criador de coincidências termina e minha vida como pessoa começa.

O atendente continuava digitando distraído em seu teclado.

— Bem, isso não é exatamente verdade — disse ele.

— Como assim? — perguntou Guy.

— Talvez nem todo criador de coincidências seja uma pessoa, mas certamente toda pessoa é também um criador de coincidências — disse o atendente. — Você não estudou isso no curso?

— Parece que não estudamos um monte de coisas no curso — disse Guy, sorrindo.

— Ah, um sorriso! — alegrou-se o atendente. — Pensei que ele nunca apareceria. — Ele sorriu de volta para Guy. — Você deve se dirigir ao portão um — disse ele, apontando. — Faça uma boa viagem.

— Obrigado.

Ele se virou e saiu, ainda sorrindo para si mesmo, mas não pela razão que o atendente pensava que ele sorria.

Sua mala estava a algum ponto do caminho de se perder, e

continha tudo o que havia acontecido em sua vida até agora, incluindo um longo envelope branco com seu nome escrito.

Mas a carta em si, a carta escrita por Emily, estava enfiada sob sua camisa, bem perto do coração.

“O trabalho é mais ou menos como o de um mágico: você garante que seu alvo esteja olhando para um lado, enquanto faz as coisas acontecerem no outro”.

Enquanto ele se inclinara para colocar o envelope dentro da mala – tomando cuidado para exibi-lo na frente do atendente –, também estava discretamente enfiando os papéis dobrados debaixo de sua camisa. Era provavelmente o movimento mais preciso, delicado e decisivo que jamais fizera em sua vida tão sem graça, e ele sentia como se todo o resto tivesse sido apenas uma preparação para esse momento. Quando se levantou mais uma vez e olhou para o atendente, percebeu que tivera sucesso. O atendente não havia reparado.

E assim, com as páginas da carta de Emily coladas em seu corpo e com um pequeno sorriso nos lábios, cujo significado pleno ainda não havia entendido, Guy caminhou decidido, com a passagem nas mãos, e entrou pelo portão um, animado por seu pequeno ato rebelde, o último de sua velha vida.

— Se um dia um grande piano branco cair sobre você enquanto estiver andando na rua e você perder a memória, há uma coisa que ainda é importante que se lembre — dizia o General. — Você pode esquecer seu nome, o nome das estrelas do sistema solar, os ingredientes da margarina, mas, por favor, lembre-se

disso. Há dois tipos de pessoas no mundo: aquelas que veem em todas as escolhas a possibilidade de ganhar alguma coisa e aquelas que veem em cada escolha a concessão que têm de fazer.

“As pessoas são livres e fazem escolhas o tempo todo. Escolhem de maneiras diferentes, têm medo de modos diferentes. Há pessoas que advertem a si mesmas que, se fizerem X, vai acontecer Y a elas, e há pessoas que explicam a si mesmas por que Y é uma boa razão para se abster de X. Isso é a mesma coisa, é claro, a mesma decisão, mas há sempre uma diferença entre checar as possibilidades e mapear os obstáculos. A coragem é, de fato, importante. Mas as pessoas não entendem o que exatamente constitui a coragem. Toda escolha envolve abrir mão de alguma coisa, e a coragem necessária para fazer esse sacrifício depende de quão intenso é seu desejo. Porque, no final, não se pode estar sempre certo em suas escolhas. De vez em quando você vai errar, e talvez não apenas de vez em quando.

“A diferença é simples: pessoas felizes olham suas vidas e veem uma série de escolhas. Pessoas infelizes veem apenas uma série de sacrifícios. Antes de cada atitude que tomam no processo de criação de uma coincidência, vocês devem confirmar com que tipo de pessoa estão trabalhando, se com as esperançosas ou as medrosas. Elas parecem similares, mas não são.”



Eric saiu do hospital e caminhou tranquilamente pela rua.

Lá em cima, um dos médicos declarara que Guy estava morto.

Eric conseguira o que precisava.

Em seu bolso, quente e pulsante, estava o último batimento do coração de Guy. Ele decidiu que tinha tempo para um café rápido antes chegar à faixa de pedestres.

E talvez um pedaço de bolo, também.

Decidiria quando chegasse lá.

Um pouquinho de espontaneidade, que tal?



Para todo começo existe um começo que o precedeu.

Essa é a primeira regra.

E isso significa que essa regra também tem uma regra que a precedeu, é claro. Mas essa é outra história.

Quando começa a vida?

No momento em que a cabeça do bebê emerge para o mundo?
Ou talvez quando seu corpo todo deixa o corpo da mãe?

Ou talvez seja ainda mais tarde, quando ele diz sua primeira palavra e se torna humano a seus próprios olhos?

Ou seria ainda muito mais cedo, no instante em que o espermatozoide e o óvulo se encontram e ficam conhecendo um ao outro?

Cada começo tem um começo que o precedeu. A vida é um contínuo, não um evento específico.

Mas há um ponto problemático nesse contexto.

A primeira batida do coração.

A primeira batida gera a segunda, e a segunda gera a terceira, mas o que gera a primeira batida do coração?

Ela ocorre em algum momento durante a quinta semana de gestação, dizem os médicos. Há diferentes e variadas explicações para a maneira como isso acontece, mas essas explicações não fazem muita diferença para as batidas do coração em si. Elas ainda precisam que alguma coisa as faça começar.

E assim, movidos pela lei que precede a primeira lei, outro tipo de gente vaga pelo mundo. Eles não são invisíveis como os amigos imaginários, mas também não existem da mesma forma que os criadores de coincidências. Eles são e não são vistos, existem, mas não existem, são igualmente imaginários e reais e eles andam entre nós.

Às vezes eles param perto de uma mulher grávida, estendem secreta e furtivamente uma das mãos e, no momento exato, seguram o pequeno e novo coração entre dois dedos e o apertam suavemente. E pronto.

Esses são os iniciadores.

Silenciosos, ocultos e muito cuidadosos (não existem muitas coisas mais frágeis no mundo do que o coração de um feto de cinco semanas), eles em geral se tornam os melhores profissionais de sua área quando e se decidem se tornar criadores de coincidências também.

Eric está parado na esquina. O sinal ficou vermelho por mais

cinco segundos antes de se render à passagem do tempo e se tornar verde, e as pessoas dos dois lados começaram a atravessar a rua.

Isso vai ser rápido, então preste atenção.

Ali está a mulher de olhos verdes. Ali está Eric.

Ele está andando devagar, concentrado. Ela está cruzando a rua no sentido contrário ao dele, com a postura ereta e perdida em seus pensamentos.

E então eles vão se aproximando.

Agora nós vamos fazer o mundo andar mais devagar. Preste atenção.

Ali, Eric está colocando a mão em seu bolso e retirando a última batida do coração de Guy.

Ele e a mulher estão cada vez mais próximos.

E agora eles estão exatamente lado a lado.

E ali está ele estendendo a mão para o lado e, sem que nem os pássaros notem, inserindo a batida no pequeno coração que vive dentro da mulher de olhos verdes. Não há necessidade de apertar. A última batida é inserida num movimento suave e se torna, então, uma primeira batida.

E agora eles estão se afastando.

Eric sorriu para si mesmo. Dessa vez foi ainda mais fácil do que com a última batida do coração de Emily, pensou. Ele também a tinha plantado num pequeno coração que ansiava por atividade.

É muito simples. É como andar de bicicleta: uma vez que você aprende, não esquece mais.

Uma vez um iniciador, sempre um iniciador, ele pensou consigo mesmo.

Do outro lado da rua, uma vida começava.

De Introdução às Coincidências - Parte I

Olhe para a linha do tempo.

Claro, é apenas uma ilusão. O tempo é um espaço multidimensional, não uma linha reta.

Mas, para nossos propósitos, olhe para a linha do tempo.

Preste atenção. Identifique como cada evento na linha é, ao mesmo tempo, causa e efeito. Tente localizar seu ponto de partida.

Você não terá sucesso, é claro.

Todo agora tem um antes.

Esse é, provavelmente, o problema principal – embora não o mais óbvio – que você encontrará como um criador de coincidências.

Portanto, antes de estudarmos teoria e prática, fórmulas e estatísticas, antes de começarmos a criar coincidências, vamos iniciar com o exercício mais simples de todos.

Olhe de novo para a linha do tempo.

Encontre o local correto, coloque um dedo sobre ele e simplesmente defina: “Este é o meu ponto de partida”.



Três horas antes de ticar uma missão como completa em seu bloco de anotações, o homem que uma vez se chamou Eric e que tinha deixado de se chamar Pierre fazia tempo sentou-se numa cafeteria e tomou seu cafezinho com uma lentidão proposital.

Ali também, como em todo o resto, o *timing* era tudo, mas ele tinha algum tempo sobrando, e, na verdade, podia até se permitir deixar as coisas acontecerem um pouco sozinhas. Esse era o poder da preparação precisa. Ele já tinha alimentado o pombo, sabotado um cano de esgoto e até organizado um peixe podre no prato do professor de estatística no dia anterior, só para ter certeza.

Ele estava sentado, com seu corpo comprido um pouco afastado da mesa, revisando os acontecimentos mentalmente mais uma vez, segurando a xicrinha de café com cuidado entre os dedos. Com o canto do olho, acompanhava o progresso do ponteiro dos segundos no grande relógio pendurado acima do caixa. Como sempre, nos momentos finais da implementação, ele gostava de repassar mentalmente o panorama geral, ainda que fosse apenas para confirmar que não havia nenhuma falha ali.

— Achava que ia ser mais fácil — disse ele a Baum quando eles se sentaram no mesmo café.

— Eu avisei — dissera Baum. — Há uma razão pela qual cinco criadores de coincidências trabalharam nessa missão sem conseguir completá-la. O objetivo não é fazê-los se encontrar, mas fazer isso de forma que a conexão perdure.

Eles sentaram e beberam cerveja juntos. Aquilo tinha acontecido na época em que ele era o assistente pessoal de Baum. Anos trabalhando ao lado de alguém que era considerado o maior criador de coincidências de todos os tempos o tinham ajudado a ver as coisas com muito mais clareza, quando resolveu finalmente seguir um caminho independente. Mas essa missão parecia muito complexa, beirando mesmo o impossível.

— As leis dos amigos imaginários no que se refere a esse assunto são muito estritas — disse Baum a ele. — Desde o começo não entendi por que você aceitou essa missão. Todo mundo sabe que não se deve organizar coincidências que incluam amigos imaginários. Isso complica demais as coisas.

— Eu achava que não havia problema em continuar sendo o amigo imaginário de alguém para sempre — disse ele.

— Correto — concordou Baum. — Mas, para isso, um deles precisa imaginar o outro. E isso não é exatamente “fazê-los ficar juntos”. A primeira regra do amor é que ele não pode existir apenas na imaginação de um dos parceiros.

— Eu sei. — Ele ainda se lembrava de seu longo suspiro. — Eu tenho de fazer com que eles se demitam.

— É impossível se demitir do cargo de amigo imaginário — observou Baum bruscamente. — Eles têm que ser demitidos, ou

precisa haver uma requisição de transferência oficial. E isso deve acontecer ao mesmo tempo, caso contrário você terá diferenças de idade muito grandes no próximo trabalho. E mesmo que faça com que eles sejam demitidos, quem sabe para qual trabalho serão transferidos? Esqueça. Apenas recuse a missão.

— Mas eu já comecei a colocar coisas em movimento.

— Apresente uma requisição de cancelamento retroativa.

— Eu não devolvo missões — disse ele. — Quando começo alguma coisa, vou até o fim.

Baum balançou a cabeça.

— Como quiser. Princípios são algo que eu realmente respeito.

— Então o que eu deveria fazer?

Baum pensou um pouco.

— É uma boa pergunta — disse, tomando outro gole de cerveja. — Eu sinceramente não tenho a menor ideia.

No momento em que Baum disse isso, ficou claro para Eric que ele precisava encontrar um jeito.

Ele resolveria um problema para o qual Baum não via solução. Ele ia – e precisava – encontrar uma solução.

Tinha de ser alguma coisa que não acontecesse apenas na imaginação e tinha de ser verdadeiro e natural. E ele não podia quebrar nenhuma regra. Saco – ele não suportava essa última regra.

Ele tinha ligado para Baum e dito:

— Preciso de sua ajuda com uma coisa.

E, naturalmente, Baum tinha respondido:

— Eu sei.

— Preciso organizar um Curso de Criadores de Coincidências.

Nós vamos pedir a transferência dos meus dois clientes.

— Sim, sim.

— O curso vai ser bem pequeno, só três pessoas.

— Eu disse que já sei.

— Você gosta de saber com antecedência o que as pessoas vão dizer, não é?

— Você não sabe o quanto.

E agora ele estava prestes a testemunhar o último acorde de uma sinfonia de coincidências.

Ou o acorde inicial, dependendo do ângulo pelo qual você olhasse.

Ele se levantou e avisou à garçonete que tinha deixado uma gorjeta, dobrada embaixo da xícara vazia. Quando saiu sob o sol forte, respirou fundo. Era hora de ir para o parque.



Assim que saiu de casa, ela sentiu que aquele seria um bom dia. Talvez fosse o modo como a luz iluminava a calçada, talvez fosse aquele novo e estranho aroma vindo da varanda de sua vizinha do primeiro andar, talvez fosse o fato de seu turno ter sido cancelado de novo e, por isso, tinha o dia todo para ficar sozinha. Fosse como fosse, aquele seria um bom dia.

Alguma coisa branca, semilíquida e indescritivelmente nojenta aterrissou no seu ombro direito, e ela olhou para cima para ver apenas o rastro de um pombo mal-educado e veloz, que agora tinha os intestinos vazios. Sem dizer uma palavra, ela voltou para trocar de roupa.

Quando saiu de casa de novo, desta vez usando um vestido vermelho com listras brancas, decidiu que o bom dia ia, na realidade, começar a-g-o-r-a.

— Seu livro ainda não chegou — disse a ela o vendedor da livraria.

Ele era um rapaz indiferente e cheio de espinhas, que jogava algum joguinho no celular enquanto, à sua volta, os tesouros do mundo aguardavam com paciência que ele largasse o aparelho e considerasse a hipótese de lê-los.

— E você tem ideia de quando vai chegar? — perguntou ela.
— Porque esses cupons de desconto só valem até amanhã.

— Ele não vai chegar até amanhã — respondeu ele. — Melhor você escolher algum outro. Tem uns lançamentos ali no canto, que ainda não arrumei nas estantes.

Ele apontou com a cabeça para uma pilha desarrumada num dos cantos da pequena loja e, no mesmo instante, voltou sua atenção para o celular. Prioridades.

Não era a primeira vez que acontecia, mas ela tinha um plano para situações como essa.

Era provável que alguém observando de fora visse uma estudante sonhadora cantarolando uma melodia desconhecida enquanto olhava as estantes de uma livraria. Da perspectiva dela, era uma loteria simples, na qual o livro vencedor seria aquele para o qual ela estivesse olhando no momento em que acabasse a canção.

Voltou ao vendedor e apresentou a ele o que o destino havia determinado.

Nunca tinha ouvido falar daquele poeta, e em geral só lia prosa, mas você não vai a lugares novos se trilha todos os dias o mesmo caminho, não é?

Na volta para o apartamento, quase caiu num bueiro aberto. Claro.

Ergueu os olhos do livro por um instante, antes que o

trabalhador com um capacete amarelo corresse até ela para impedi-la.

— Trabalhando... Perigoso — disse ele, ofegante. — Faça a volta. — Ele apontou para o parque.

— Por que vocês não colocam um aviso ou coisa parecida? — perguntou ela.

O trabalhador deu de ombros. Ele não parecia dominar muito bem o idioma.

— Perigoso — disse ele. — Faça a volta.

Algo naquele livro de poesias a tinha agarrado. Quase sem pensar, sentou-se num pequeno banco no parque, do outro lado do lago, à sombra de uma grande árvore. Continuou lendo e sentiu curiosidade de saber o que em cada uma das páginas havia se infiltrando nela. O texto parecia infantil e misterioso, o que a obrigava a parar de exigir respostas do mundo e se permitir experimentar a poesia num silêncio maravilhado.

Ela ergueu seus olhos do livro, fechou-os e sentiu que o vento estava mais uma vez soprando o perfume de um bom dia em sua direção. A copa da árvore acima dela farfalhava com suavidade. Ela abriu os olhos e deixou o mundo entrar.

O verde do parque, o brilho da água, as cores das bolas que um rapaz lançava pelo ar do outro lado do lago.

Aquele seria um bom dia.



O parque estava quase vazio àquela hora da manhã.

Ele vinha aqui às vezes, quando não conseguia mais ficar sentado na sala de aula, quando não conseguia mais suportar aquela falação sem fim. Com todo respeito pelo termo “estudante”, o espírito humano definitivamente não tinha sido projetado para ficar trancado numa sala de aula por tanto tempo. Ele precisava de um pouco de espaço.

Então, às vezes, ia para lá, quase sempre por causa das aulas de estatística e de outras disciplinas do tipo, correr um pouco em volta do lago, ver a grama crescer ou olhar o jardineiro que estava sempre por perto, e que o olhava com uma expressão divertida. Contemplava a vida e brincava de malabarista. Hoje, ele já estava fora do prédio antes do final da frase anunciando que o professor estava doente.

O jardineiro também estava lá naquele dia, do outro lado do parque, numa pequena colina, de joelhos num canteiro de rosas bem pequenininhas. Não muito longe dele estava sentado um homem de pernas longas, imerso em pensamentos, um bloco de notas aberto nas mãos.

Ele agora usava quatro bolas.

Tinha sido bem fácil aprender a técnica. A regra básica, ele se lembrava a cada vez, era não olhar para as mãos. “Você precisa acompanhar as bolas no ar e tentar não olhar pro modo como vai apanhá-las.”

Era estranho. Ele nunca havia praticado malabares antes, mas os movimentos fluíram quase que com naturalidade desde o princípio.

Ele ficou em pé perto do lago no centro do parque e começou a lançar as bolas no ar, tentando manter um ritmo constante, que permitiria continuar sustentando o movimento só com as mãos enquanto sua mente divagava para algum outro lugar.

Quando ele a viu olhando para ele do outro lado do lago, alguma coisa aconteceu.

Suas mãos pararam sozinhas, deixando as bolas caírem à sua volta, e o olhar dela – talvez curioso, talvez divertido – atravessou sua alma.

Ela estava sentada lá, as mãos sobre um livro, seu vestido vermelho e branco balançando com o vento no mesmo ritmo de seus cabelos vermelhos.

Estava acostumado a ter mulheres por perto. Estava acostumado a tentar agradá-las, a tentar fazer com que olhassem para ele ou a tentar impressioná-las com sua perspicácia, mas nenhuma delas o fazia sentir, digamos, como se ele se importasse de verdade. Era como um jogo. Ele não entendia o motivo, mas sempre tinha a impressão de que alguém estava sussurrando para ele que a hora ainda não havia

chegado.

Mas ali estava aquela mulher, do outro lado do lago, e ele sentiu algo começar a arder perto de seu coração.

Como uma chama pequena, mas forte; como outro coração batendo; como uma antiga carta de amor que tivesse acabado de chegar e estivesse agora queimando sob sua pele, uma linha após outra, graças aos olhos dela.

Ela colocou as mãos ao redor da boca e gritou para ele:

— Por que você parou? Estava muito bom.

Ele tentou recuperar a compostura e recolheu as bolas.

— O que você está lendo? — gritou para ela.

Ela levantou o livro para que ele visse.

— Chama-se *Humanidadeismo* — gritou ela. — De um cara chamado Eddie Levy.

— É sobre o quê? — gritou ele de volta.

— Bem, é de poesia... Acabei de começar... Mas eu estava distraída olhando você. Ainda não avancei muito.

— Espera aí — berrou ele, e começou a dar a volta no lago.



Numa pequena mala em algum lugar, várias memórias começaram a se agitar, como crianças se mexendo durante o sono.

Ele nunca se lembraria daquilo, mas não tinha sido fácil

achar aquela borboleta.

Ele se sentiu meio patético, voando todo o caminho até a floresta e vagando pela selva por uma semana até encontrar o lar da espécie correta. Ele tinha sido picado por mosquitos, quase fora comido por uma onça e teve de passar três dias conduzindo exaustivas negociações com a borboleta.

Apesar de ter terminado o curso com mérito depois dessa prova, ele sempre se perguntava se ela tinha mesmo sido necessária. O simples movimento de uma asa que deveria acontecer com precisão durante um segundo determinado – o que isso poderia causar de bom?

Ele estava familiarizado com a teoria por trás das pequenas ações com grandes repercussões, mas vamos ser honestos: a asa de uma borboleta não iria gerar a paz mundial ou uma revolução tecnológica. Um pouco de ar se move e, no máximo, lá no fim, mais um pouco de ar se move. Essa era a extensão das consequências, certo?

Por mas talentosa que essa borboleta fosse, nada adviria disso além de...



Uma brisa errante levantou o cabelo dela no momento em que ele terminou de dar a volta no lago, fazendo-o pensar que aquela devia ser a cena mais bonita que ele já tinha visto na vida.

Ela esperou por ele sentada, as mãos ainda pousadas sobre o

livro, e a mesma brisa trouxe até suas narinas um aroma quase familiar, que fez com que suas sobrancelhas se arqueassem um pouco, surpresas.

Palavras demais passavam pela cabeça dele naquele momento. As páginas perto de seu coração, sob sua pele, estavam quase pegando fogo de tanto calor.

— Oi — disse, por fim, aquele que não era mais Guy.

— Oi — disse aquela que não era mais Emily.

O homem alto na margem oposta do lago colocou uma pequena e decisiva marca em seu bloco de notas.

O jardineiro na colina acariciou uma pétala delicada com o dedo.

Os quatro sorriram, cada um por uma razão um pouco diferente.

- ¹ Teste psicológico em que imagens parecidas com borrões são exibidas e pede-se que a pessoa que as vê diga a que se assemelham. (N.T.)
- ² Coincidências aparentemente inofensivas, como duas atrizes de Hollywood irem a uma cerimônia de premiação com o mesmo vestido, falhas estranhas em transmissões televisivas ao vivo ou uma cafeteria lotada apenas com pessoas sofrendo de diarreia também podem ter repercussões de longo alcance. Toda organização irresponsável de coincidências tem o potencial de criar dificuldades para outros profissionais da área, que terão muito trabalho para atenuar o impacto cumulativo causado por essas atitudes irresponsáveis.